



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

JÚLIA MELLO SCHNORR

“ELA CHEGOU LÁ”:

Discurso meritocrático e táticas juvenis de apropriação do capital midiático nos estudos

BRASÍLIA-DF

2023

JÚLIA MELLO SCHNORR

“ELA CHEGOU LÁ”:

Discurso meritocrático e táticas juvenis de apropriação do capital midiático nos estudos

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Brasília como requisito parcial para obtenção do grau de doutora em Educação.

Orientação: Prof. Dr. Carlos Alberto Lopes de Sousa

BRASÍLIA-DF

2023

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

MM527? Mello Schnorr, Júlia
"Ela chegou lá: Discurso meritocrático e táticas juvenis
de apropriação do capital midiático nos estudos / Júlia
Mello Schnorr; orientador Carlos Alberto Lopes de Sousa. --
Brasília, 2023.
202 p.

Tese(Doutorado em Educação) -- Universidade de Brasília,
2023.

1. Capital Midiático. 2. Mídias. 3. Políticas
afirmativas. 4. Desigualdade Social. 5. Ideologia. I. Lopes
de Sousa, Carlos Alberto, orient. II. Título.

JÚLIA MELLO SCHNORR

“ELA CHEGOU LÁ”:

Discurso meritocrático e táticas juvenis de apropriação do capital midiático nos estudos

Tese aprovada em: 8 de dezembro de 2023.

Prof. Dr. Carlos Alberto Lopes de Sousa – Universidade de Brasília (UnB)
(Orientador)

Prof^a. Dr^a. Andrea Cristina Versuti (UnB)
(Examinadora)

Prof^a. Dr^a. Graciella Watanabe (UFABC)
(Examinadora)

Prof^a. Dr^a. Márcia Lopes Reis (UNESP)
(Examinadora)

Prof^a. Dr^a. Wivian Jany Weller (UnB)
(Examinadora suplente)

AGRADECIMENTOS

Madrecita, minha mãe coruja, minha rainha, à dona Margareth, meu maior agradecimento pela vida e pelo incentivo. Mãe solo, batalhadora, ensinou-me, desde tenra idade, que o estudo é minha maior herança e que mulheres, por serem minoria, precisam elaborar táticas para ocupar espaços na sociedade.

Agradeço a todas as mulheres que vieram antes de mim, na pesquisa e na ciência. Ocuparmos esse espaço é ser, na prática, resistência.

O impulso para estar aqui começou há muito, quando houve a trajetória escolar ascendente da minha família. No início dos anos 2000, meu irmão mais velho, Lucas, foi o primeiro da família a ingressar em uma instituição de educação superior pública. Além disso, fez mestrado, doutorado e pós-doutorado, algo inimaginável para grande parte dos meus familiares. Mostrou-me que essa seara era possível e modificou totalmente nossa trajetória: a dele, a minha e também a daqueles para os quais nos tornaremos influência e referência.

Agradeço à política de afastamento remunerado para estudos da Escola de Aperfeiçoamento dos Profissionais da Educação, fato que possibilitou que eu, professora de História da SEEDF desde 2014, pudesse me dedicar à tese.

Logo, eu não chegaria à defesa se não fosse o auxílio direto ou indireto de diversos sujeitos, a começar pela orientação cuidadosa do professor Carlos, a quem devo aprendizado teórico e metodológico, mas também humano, de ser e agir no mundo. Extensão dele, o Grupo de Pesquisa EducaSociologias foi meu mais terno enlace com minha vida na UnB.

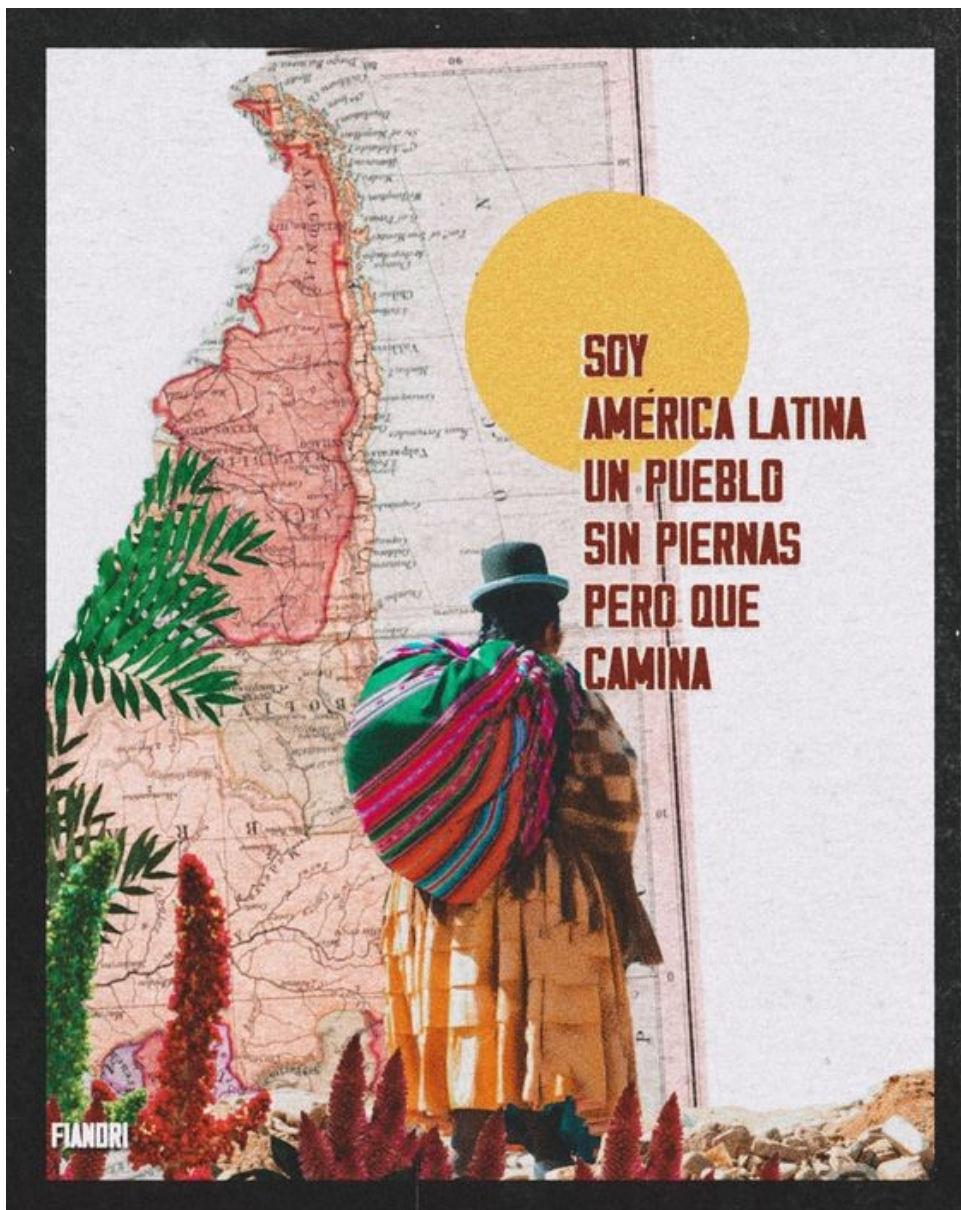
Agradeço à leitura atenciosa da banca avaliadora desde a qualificação, um espaço em que mulheres cientistas e professoras puderam contribuir para a melhora desta pesquisa.

Meus sinceros agradecimentos à estrutura da UnB, desde o Restaurante Universitário e seus deliciosos pratos vegetarianos, até o projeto Nado Livre, no Centro Olímpico. Estar na universidade vai além da sala de aula e da pesquisa e isso não pode passar despercebido.

Não poderia deixar de agradecer ao meu companheiro Joe, pai de Tônico e Teresa, e à toda boniteza do porvir da nossa família.

Também tive boas amigas leitoras que me auxiliaram com comentários e sugestões, além de solícitas e curiosas jovens que me acolheram e me auxiliaram com o processo das entrevistas.

Agradeço ao meu mais recente desafio, a maternidade, que é a coisa mais “tri legal” que fiz e a que, basicamente, revolucionou minha vida, inclusive meu modo de me relacionar com as jovens com as quais convivi por dois anos e com o conhecimento gerado pelas entrevistas. Não posso deixar de lembrar a rede de apoio que é a creche pública, gratuita e de qualidade. Sem ela, meu percurso como doutoranda e mãe seria imensamente desafiador, quiçá comprometido em qualidade e profundidade.



Fonte: Evellyn Fiandri – Instagram @fiandri

Dedico este trabalho àquelas que, resilientes e combativas, persistem.

RESUMO

A investigação trabalha a ampliação do capital cultural inserida na cultura digital e nas vivências escolares de jovens periféricas. Para isso, analisamos criticamente quais as condições de produção do discurso em uma leitura e releitura da mídia por jovens de escolas públicas do Distrito Federal, levando em consideração a apropriação do capital midiático. Tivemos como base teórica Bourdieu (2013), Setton (2005), Freire (1971), Martín-Barbero (2009), Hall (1980), Gramsci (2017), Certeau (1998) e Chartier (1998). Realizamos o acompanhamento de 13 jovens de distintas realidades do Distrito Federal e do Entorno por dois anos, de 2020 a 2022, com entrevistas semiestruturadas e assistências a reportagens. O acompanhamento ocorreu desde o último ano do Ensino Médio até os primeiros semestres na universidade. Fizemos a codificação e a decodificação de 10 matérias televisivas da mídia hegemônica a partir do modelo de Hall (1980). Os responsáveis, em especial a mãe, são aqueles que provêm uma determinada moratória da juventude durante o ensino médio, a fim de que as jovens possam dedicar integralmente aos estudos, apesar das limitações financeiras. Os valores familiares salientam o trabalho duro, a importância da força de vontade e da perseverança. Quando falam que as mães são guerreiras e batalhadoras, elas têm para si como devem se portar no mundo do trabalho. Por terem o professor como referência, as jovens frisam a importância de um profissional ativo e entendedor de sua responsabilidade social. Por isso, quando utilizam a mídia para se apropriarem de conteúdos acadêmicos, as jovens têm o professor como alicerce de confiança e direcionamento. Elas sentem necessidade de consumir bens midiáticos que as auxiliem a estudar para a universidade e se ambientar nos códigos necessários. Entendedoras da desigualdade social em que estão inseridas, algumas se apropriam de capital midiático como tática e o utilizam na luta simbólica. O método escolhido revela que a ideologia rege as práticas sociais das jovens ao analisarmos a colonização das subjetividades e constatarmos que diversos pensamentos das jovens, como a negação das cotas, em especial as raciais, e das próprias desigualdades sociais, alinham-se a leituras dominantes, logo hegemônicas. A importância da vivência universitária, o caráter da instituição de ensino – público ou privado – e a escolha dos cursos auxiliam a conformar leituras da mídia. As jovens que ingressaram via cotas em instituições federais tiveram mais leituras resistentes ou negociadas que dominantes. Como contribuição científica, frisamos a análise de um acompanhamento de dois anos, o que salienta as modificações tanto na leitura da mídia meritocrática como na relação com a apropriação do capital midiático, um capital cultural relacionado à cultura digital e que é utilizado como tática, ao evidenciar as subjetividades dos sujeitos.

Palavras-chave: Capital midiático; Mídias; Políticas afirmativas; Desigualdade social; Ideologia

ABSTRACT

This investigation develops the expansion of cultural capital inserted in digital culture and in the school experiences of peripheral juvenile between sixteen years old to twenty years old. We critically analyzed the conditions of discourse production in a reading and re-reading of the media by juvenile from public schools in the Distrito Federal, Brasília, taking into account the appropriation of media capital. Our theoretical basis is Bourdieu (2013), Setton (2005), Freire (1971), Martín-Barbero (2009), Hall (1980), Gramsci (2017), Certeau (1998) and Chartier (1998). Thus, we tracked 13 juvenile from different realities in the Distrito Federal, Brasília and surrounding areas for two years, from 2020 to 2022, with semi-structured interviews and assistance with reports. Tracking took place from the last year of high school to the first semesters at university. We encoded and decoded 10 television articles from the hegemonic media based on Hall's model. The guardians, especially mothers, are those who provide certain tracking during high school, so they can dedicate themselves fully into their studies, despite their financial limitations. Family values emphasize hard work, the importance of willpower, and perseverance. When they say their mother is a warrior and a fighter, they know how they should behave at World of Work. As well as they have the teacher as a reference, juvenile emphasize the importance of an active professional who understands their social responsibility. Therefore, when they use the media to acquire academic content, juvenile have the teacher as a foundation of trust and direction. The juvenile analyzed feel the need to consume media goods that help them study for university and adapt to the necessary codes. They understand the social inequality in which they are inserted and some juvenile appropriate media capital as a tactic and use this capital in the symbolic struggle. The chosen method reveals that ideology governs the social practices of juvenile by analyzing the colonization of subjectivities and noting that several juvenile's thoughts, such as the denial of quotas, especially racial ones, and social inequalities themselves, align with dominant readings, that is, hegemonic. The importance of the university experience, as well as the nature of the educational institution (public or private) and the choice of the major course help shape media readings. Juvenile who entered federal institutions through racial quotas had more resistance or negotiated readings than dominant ones. As a scientific contribution, we highlight in this work the analysis of a two-year follow-up, highlighting the changes both in the reading of meritocratic media and in the relationship with the appropriation of media capital, a cultural capital related to digital culture and which is used as a tactic, highlighting the subjectivities of these juvenile.

Keywords: Media capital; Media; Affirmative policies; Social inequality; Ideology

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Mapa da ampliação do capital cultural.....	35
Figura 2: Mapa dos locais onde as entrevistadas moram.....	37
Figura 3: América invertida (Torres Garcia, 1943).....	68
Figura 4: Jovem estuda para o Enem com tablets, caderno e livro didático.....	126
Figura 5: Jovem estuda de forma remota para o Enem 2020.....	127
Figura 6: Estudante de Medicina com paralisia cerebral.....	129
Figura 7: George optou por não utilizar ações afirmativas.....	134
Figura 8: George conseguiu bolsa em um preparatório.....	135
Figura 9: Estudante de Medicina relata rotina de estudos.....	134
Figura 10: Estudante de Medicina vendia doces para pagar o cursinho e auxiliar em casa...135	
Figura 11: O estudante mostra seu primeiro livro de Ciências da Saúde.....	138
Figura 12: No estúdio, jornalistas afirmam que a história de Lucas é motivacional.....	139
Figura 13: Estudante de escola pública estudava com afinco para as provas do PAS.....	140
Figura 14: Endrio ingressou em Medicina na UnB.....	141
Figura 15: Matéria dá enfoque ao desempenho dos estudantes aliado à dedicação da escola.....	142
Figura 16: Professor fala sobre o esforço coletivo.....	143
Figura 17: Estudantes relatam o esforço coletivo.....	144
Figura 18: Frame da propaganda do MEC Educação sobre estudos em tempo de pandemia: “A vida não pode parar”	151

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Levantamento de trabalhos da ANPEd.....	25
Quadro 2: Busca por periódicos.....	30
Quadro 3: Vivência das jovens da pesquisa.....	39
Quadro 4: Informações sobre os responsáveis das entrevistadas.....	41
Quadro 5: Proposta de medição do capital tecnológico.....	73
Quadro 6: Modelo de Codificação/Decodificação proposto por Hall (1973).....	118
Quadro 7: Relação das emissoras com peças analisadas.....	120
Quadro 8: Codificação das reportagens midiáticas.....	128
Quadro 9: Características das matérias assistidas pelas jovens entrevistadas.....	128
Quadro 10: Resumo das decodificações midiáticas.....	174

LISTA DE SIGLAS

ANPEd	Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação
CAFe	Comunidade Acadêmica Federada
Capes	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
Cepe	Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão
CEU	Centros de Artes e Esportes Unificados
CIL	Centro Interescolar de Línguas
Codeplan	Companhia de Planejamento do Distrito Federal
CPMI	Comissão Parlamentar Mista Investigativa
DF	Distrito Federal
DIEESE	Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos
Enem	Exame Nacional do Ensino Médio
Fies	Fundo de Financiamento Estudantil
GDF	Governo do Distrito Federal
GO	Goiás
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas
IFB	Instituto Federal de Brasília
Inep	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
PAS	Programa de Avaliação Seriada
PNADC	Pesquisa Nacional por Amostra de Dados Contínua
ProUni	Programa Universidade para Todos
PT	Partido dos Trabalhadores
SEEDF	Secretaria do Estado de Educação do Distrito Federal
Senarc	Secretaria Nacional de Renda de Cidadania
SiSU	Sistema de Seleção Unificada
STF	Supremo Tribunal Federal
SUS	Sistema Único de Saúde
UCB	Universidade Católica de Brasília
UDF	Centro Universitário do Distrito Federal
UFABC	Universidade Federal do ABC
UFES	Universidade Federal do Espírito Santo

UFJ	Universidade Federal de Jataí
UFMT	Universidade Federal de Mato Grosso
UFPB	Universidade Federal da Paraíba
UFTM	Universidade Federal do Triângulo Mineiro
UFU	Universidade Federal de Uberlândia
UnB	Universidade de Brasília
Unesco	Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura
Unesp	Universidade Estadual Paulista
Unip	Universidade Paulista
Uniplan	Centro Universitário Planalto do Distrito Federal
USB	Universal Serial Bus

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	14
PRIMEIRA PARTE – OUVINDO A ACADEMIA: O QUE DIZEM AS PESQUISAS.....	24
1.1 O QUE DIZEM AS PESQUISAS SOBRE LEI DE COTAS, CAPITAL CULTURAL E TECNOLOGIA.....	24
1.1.1 A busca na ANPEd.....	25
1.1.2 A busca por teses e dissertações.....	29
1.1.3 A busca por periódicos.....	31
SEGUNDA PARTE – QUEM SÃO ELAS: CARACTERIZAÇÃO FAMILIAR E ESCOLAR DAS JOVENS.....	36
2.1 ALGUMAS VIVÊNCIAS DAS JOVENS ENTREVISTADAS: VIDA ESCOLAR E FAMILIAR.....	36
2.2 A CONFORMAÇÃO DOS VALORES MORAIS E AS TRAJETÓRIAS FAMILIARES.....	44
TERCEIRA PARTE – APROPRIAÇÃO DO CAPITAL MUDIÁTICO COMO TÁTICA EM UMA SOCIEDADE DESIGUAL.....	64
3.1 EDUCAÇÃO E COMUNICAÇÃO: UMA VISÃO LATINO-AMERICANA.....	64
3.1.1 Capital midiático: apropriação e tática.....	69
3.1.1.1 Os usos da tática em uma sociedade desigual.....	82
3.1.1.1.1 Em tempos de pandemia, a meritocracia sai na frente.....	83
3.1.1.1.2 Na luta pela permanência, a consolidação da tática.....	93
QUARTA PARTE – MERITOCRACIA E IDEOLOGIA: A RECONSTRUÇÃO DO DISCURSO MUDIÁTICO.....	110
4.1 Codificação/Decodificação.....	112
4.1.1 Análise das matérias: aplicação do modelo Codificação/Decodificação.....	120
4.2 A DECODIFICAÇÃO E A RECONSTRUÇÃO DAS MENSAGENS MUDIÁTICAS...147	
4.2.1 “A vida não pode parar”: notícia sobre os estudos em tempos de pandemia.....	149
4.2.2 Jovens cotistas na Medicina da UnB.....	157
4.2.2.1 “Jovem do Sol Nascente é aprovado para Medicina na UnB”.....	157

4.2.2.2 “Conheça histórias de estudantes que superaram dificuldades e foram aprovados na UnB”	168
4.3 A TRAVESSIA DO PERCURSO: PENSAMENTOS ENTRE 2020 E 2022.....	173
CONCLUSÕES.....	175
REFERÊNCIAS.....	182
APÊNDICES.....	191
APÊNDICE A: Quadro de coerência do projeto.....	191
APÊNDICE B: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	193
APÊNDICE C: Roteiro de entrevista semiestruturada (2020).....	194
APÊNDICE D: Entrevista semiestruturada da reentrada em campo (2022).....	197
APÊNDICE E: QR Codes das matérias analisadas.....	199

INTRODUÇÃO

Muitas vezes você se vê esgotado e com vontade de desistir de tudo, mas sendo persistente você chega lá. É muito gratificante, entende? (David da Silva Nunes, 2016)¹.

O depoimento apresentado no início desta introdução tem relação com a construção do tema de pesquisa. O trecho é de uma entrevista dada por um estudante de escola pública e de cursinho pré-vestibular popular que ingressou no curso de Medicina da Universidade de Brasília (UnB). A fala “Você chega lá” é uma expressão utilizada para afirmar que, com esforço individual e persistência, barreiras são atravessadas e há a conquista de seus anseios, como o acesso a um curso reconhecido socialmente como privilegiado. Essa expressão reflete o pensamento meritocrático difundido em nossa sociedade, projetado, também, nas classes populares:

o posicionamento da mídia, ao divulgar matérias a respeito da aprovação dos alunos oriundos da escola pública, apresenta a imagem do aluno estudioso, dedicado, frequente às aulas, o gosto pela leitura, omitindo todo o contexto de desigualdade social e das razões da distinção social de certas escolas públicas em relação à aprovação dos seus estudantes na universidade pública (Lima; Lopes, 2020, p. 214).

Desde a implementação das ações afirmativas, as cotas² para estudantes de escola pública, de baixa renda, indígenas, pretos ou pardos vêm se consolidando como a principal forma de ingresso na educação superior pública para jovens que se enquadram em seus parâmetros. A UnB foi pioneira na política de ações afirmativas, criada em 2003, por meio da aprovação da reserva de vagas pelo Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (Cepe), inicialmente para pretos e pardos. É evidente, na literatura, que muitos cotistas são os

¹ Depoimento de estudante de Medicina da UnB proveniente de escola pública. *Correio Braziliense* do dia 13 de janeiro de 2016, em matéria intitulada “Jovem recusa bolsa e passa na UnB com ensino público e cursinho grátis”. Disponível em: <<http://g1.globo.com/distrito-federal/noticia/2016/01/jovem-recusa-bolsa-e-passa-na-unb-com-ensino-publico-e-cursinho-gratis.html>>. (Acesso em: 19/07/2021.)

² Existem diferentes cotas dentro das ações afirmativas. Na UnB, a Política de Ação Afirmativa reserva vagas para pretos e pardos, estudantes de escola pública, indígenas e pessoas de baixa renda.

primeiros da família a ingressar em uma universidade pública. As pesquisas de Lima e Lopes (2020) indicam que esse fato, inclusive, é chamariz das mensagens difundidas pela mídia acerca do ingresso dos cotistas.

Ao longo dos últimos 20 anos, as cotas se tornaram “porta de entrada” da faculdade para estudantes que ingressaram em diversos cursos, também os de alta seletividade social, embora, nesse caso, como trabalharei no estado do conhecimento, ainda tenham menor aporte. Essa inserção traz novas realidades para a vida acadêmica das instituições de nível superior no Brasil, um país excludente. As universidades, contrariando a composição social do país, são formadas historicamente por pessoas brancas, de classe média ou alta, que tiveram acesso privilegiado a um ensino focado no ingresso na educação superior e a benefícios cultivados desde tenra idade, como reflete Souza (2012) ao trazer a construção da autoconfiança, da disciplina e do tempo livre também para os estudos.

Em pesquisa realizada no período entre 1996 e 2016, Lima e Lopes (2020) observam que os cursos mais concorridos na UnB foram os de Medicina, Direito, Psicologia e Engenharia Civil. São os cursos que socialmente geram expectativas de rendimentos futuros acima da média e que, portanto, têm seleção concorrida, visto o grande número de interessados. São carreiras de difícil acesso, já que têm altas notas de corte, mas também com dificuldades na permanência, porque normalmente são cursos diurnos, o que exclui grande parte dos estudantes de baixa renda que necessitam aliar o trabalho aos estudos para auxiliar no sustento da casa, porque os auxílios fornecidos pelas instituições podem não ser suficientes e, normalmente, não são.

Em 2020, em um contexto de pandemia provocada pelo novo coronavírus, a covid-19, nós tivemos, como sociedade, um ano atípico. No caso de estudantes do 3º ano do ensino médio da rede pública que estavam se preparando para os processos seletivos, o ano teve desafios extras, como a falta de diálogo inicial entre o governo e o estudante, além do atraso no estabelecimento e na consolidação do ensino remoto. Somam-se a esses reveses as adversidades encontradas por parte dos estudantes da rede pública, como a pouca experiência dos professores com tecnologias que impulsionassem o ensino remoto, o pouco acesso à internet de banda larga, bem como a desmotivação e a pouca iniciativa e autonomia para os estudos. Forjando esses sentimentos, temos as próprias dificuldades econômicas e sanitárias impulsionadas por um governo negacionista e que relutou em fornecer auxílio aos menos privilegiados.

O cenário imposto pela pandemia da covid-19, inesperado quando do início da construção da tese, instigou-me a refletir sobre como essa conjuntura atípica e não vivenciada em várias gerações estaria atrelada à rotina de estudos dos estudantes. No entanto, não cabia à investigação entender como ocorriam os estudos em tempo de pandemia, já que essa seria uma modificação na própria intenção da investigação. Dessa forma, alinhei os objetivos específicos da pesquisa, que versarei em tópico específico, para que refletisse as questões da pesquisa inicial, bem como trouxesse elementos do panorama enfrentado por esses jovens diante da crise de saúde enfrentada no Brasil e no mundo, a partir de março de 2020.

A minha formação inicial em Jornalismo e o mestrado em Comunicação Midiática, além do trabalho no Ponto de Cultura TV OVO³, foram primordiais para que o projeto se estruturasse. Na TV OVO, desejávamos a formação audiovisual de jovens da rede pública de Santa Maria, no Rio Grande do Sul. No mestrado, estudei a percepção que jovens relacionados a movimentos sociais do campo tinham de notícias sobre ruralidades presentes no *Jornal Nacional*⁴. Essas experiências foram basilares para pensar criticamente o discurso midiático e o relacionamento dos sujeitos com a difusão da informação. A essa preocupação, soma-se outra recente, que é compreender os usos da tecnologia em um mundo desigual, quando os sujeitos utilizam a tática, na concepção certauneana, para benefício próprio.

Nesta tese, utilizo o conceito de mídia elaborado por Martín-Barbero (2009). Para o teórico colombiano, a mídia está relacionada à cultura, sendo aquela um dos espaços de manifestação da cultura. Por entender que as especificidades socioculturais são importantes, Martín-Barbero (2009) defende que, por vezes, as interpretações ocidentalizadas, ora estadunidenses, ora europeias, não dão conta de refletir sobre realidades latino-americanas. Logo, a mídia não é simplesmente um repasse asséptico de informações, mas onde a cultura se constrói e há produções de sentidos. Quando falamos do panorama latino-americano, com forte predomínio da oralidade e de visualidades diversas, a mídia desenvolve um grande papel ao trabalhar com as dinâmicas sociais.

³ A TV OVO tem mais 25 anos de atuação em Santa Maria, região central do Rio Grande do Sul. Ao longo de duas décadas, desenvolveram diversos projetos e oficinas em comunidades periféricas e escolas públicas. Realizaram, também, oficinas de formação, cineclube e núcleos de vídeo comunitário nos projetos Ponto de Cultura Espelho da Comunidade, em Santa Maria, e Pontão de Cultura FOCU em Pontos de Cultura do Rio Grande do Sul, de Santa Catarina e do Paraná. Para saber mais: <<https://tvovo.org/>>.

⁴ Minha trajetória acadêmica foi trabalhada em episódio do podcast *A hora do intervalo*. Disponível em: <<https://music.amazon.de/podcasts/a3ad3f60-bdf9-4610-bcc7-02f389269c42/episodes/c9a60cfe-8e7f-415f-91d7-73fe5498e6a8/r%C3%A1dio-eseba-hora-do-intervalo-8---conversa-com-a-professora-j%C3%Balia-mello-schnorr>>.

Quando passei a lecionar História na Secretaria de Educação do Distrito Federal (SEEDF), em 2014, a importância da leitura crítica da mídia não ficou esquecida. Em uma sociedade cada vez mais midiaticizada, entender a construção de notícias é primordial para realizar uma leitura consciente e sociológica do cotidiano. Ao final desta investigação, pretendo que a pesquisa incentive os professores a pensarem a utilização das mídias em sala de aula para além de seu caráter informativo. O mito da neutralidade na circulação midiática e a expressiva influência do campo econômico no campo jornalístico são questões que possibilitam debates e atividades em sala de aula.

No entanto, a investigação do doutoramento não tem como cerne a leitura crítica da mídia. Essa é uma associação importante, especialmente ao impulsionar o diálogo com as jovens a partir das matérias jornalísticas⁵, mas não é meu objetivo central. Assim, a mídia surge na investigação como fomentadora de um debate meu com as jovens, visto que o interesse está na compreensão de como estudantes de classes sociais não privilegiadas encontram táticas a partir da tecnologia para acumular capital cultural de forma ampla, com a utilização não só de ferramentas para o ensino, mas também de conteúdos disponibilizados na internet e do seu próprio conhecimento prévio sobre eles. Além disso, a mídia importa aqui, pois potencializa o debate com as jovens sobre questões inerentes ao mundo do acesso à educação superior, como a meritocracia e o esforço individual, uma falácia discursiva com base na ideologia neoliberal do *self-made man*⁶.

Pretendo, também, que a pesquisa incentive outros profissionais a investigarem a aquisição de capital midiático em uma sociedade desigual nas questões econômicas, mas especialmente no plano simbólico e de acesso a informações. Essas ideias, nascidas dos diálogos coordenados pelo Prof. Carlos Alberto Lopes de Sousa, também buscam dar continuidade às atividades do Grupo de Pesquisa EducaSociologias, que pensam sobre sujeitos, tecnologias e mídia, ao refletirem, conceituarem e pesquisarem sobre capital midiático, uma ampliação do conceito de capital cultural de Bourdieu.

A possibilidade de uma investigação nasce de questionamentos que atravessam a vida cotidiana dos pesquisadores, questões percebidas, também, em sua prática profissional. A partir da minha experiência como professora, o discurso da meritocracia presente em falas de diversos sujeitos, professores, responsáveis pelos jovens, os próprios jovens, políticos e a

⁵ Acompanhei 13 jovens, oito eram mulheres. Por isso, me referirei ao conjunto das entrevistadas no feminino. Quando me referir ao conjunto de jovens em geral, utilizarei o masculino.

⁶ Expressão utilizada para se referir à construção de sujeitos de sucesso apesar das dificuldades.

mídia, prendeu a minha atenção. Em um país tão desigual como o Brasil, falar em isonomia de oportunidades, logo, em esforço individual como norma balizadora de sucesso, é problemático. A meritocracia é a ênfase de que o sucesso ou o fracasso de um sujeito está relacionado ao seu próprio esforço, o quanto ele estudou e teve foco, e se desloca, assim, da realidade social na qual o sujeito se insere. Faria parcial sentido em uma sociedade em que todos os cidadãos tivessem oportunidades em várias questões estruturais, como saúde, educação e acesso aos bens culturais. No entanto, no Brasil, a meritocracia é utilizada para justificar a ascensão social de pobres, não com um caráter de exceção, mas como um caso de sucesso, consequência do esforço e do mérito individual. É, portanto, uma falácia discursiva.

Como dito, a implementação da Lei de Cotas trouxe um novo panorama no acesso à educação superior pública. Assim, jovens de escolas da rede pública ingressaram de forma substancial na educação superior. A mídia trabalha frequentemente em suas notícias o ingresso dos cotistas, especialmente os que logram sucesso em cursos de alta seletividade social, como Medicina e Direito. Muitas dessas notícias protagonizam o esforço e o mérito individual das jovens nos estudos, não deixando de citar o uso frequente das tecnologias para solucionar possíveis defasagens no conteúdo e na aquisição de códigos, relacionado ao capital cultural e à trajetória escolar dos estudantes.

Parto da ideia de que os sujeitos interpretam a mídia a partir de mediações diversas (Martín-Barbero, 2004; 2009), ao realizarem diferentes usos com as informações construídas nas notícias e se posicionando de forma dominante, negociada ou resistente (Hall, 2003). Assim, critico a teoria da agulha hipodérmica, elaborada por Harold Lasswell⁷, que afirma que os sujeitos acatam as notícias que, sem ruído ou interpretação, espalham-se pelas diversas mídias. As mensagens jornalísticas são, nesta pesquisa, o meio escolhido por mim para suscitar questionamentos e testar hipóteses. Busco entender, por meio da reconstrução midiática realizada por jovens da rede pública, como elas se posicionam sobre ideologias, como a meritocracia, e sobre a importância de valores morais, normalmente provenientes do convívio familiar, e da aquisição de códigos indispensáveis para se locomoverem na cultura escolar, especialmente com a apropriação do capital midiático.

⁷ A teoria da agulha hipodérmica foi elaborada por Harold Lasswell e publicada no livro *Propaganda techniques in World War*, editado pela MIT Press, em 1971. A teoria da comunicação, influenciada pelo funcionalismo positivista, tem como ideia principal que uma mensagem é assimilada de forma integral, em conteúdo e forma, por seus receptores.

A partir deste contexto⁸, pergunto: como as jovens de escolas públicas constroem e reconstróem seus discursos sobre o acesso de cotistas em cursos de alta seletividade social na universidade pública, diante do conteúdo apresentado pela mídia? O objetivo é pensar na multireferencialidade (Hall, 1973; 2003; Martín-Barbero, 2009) que a mensagem tem em um contexto de codificação midiática neoliberal e dominante e se essa jovem formula uma decodificação com orientação crítica e perspectiva emancipatória. Coloco as jovens, assim, em uma nova perspectiva, a da possibilidade de reconstruir o discurso midiático sobre questões que falam sobre si próprias, possíveis jovens cotistas que ingressam em cursos superiores.

O uso da tecnologia aparece na mídia como um dispositivo⁹, mas também como protagonista. Posso citar, como exemplo, a pandemia do coronavírus enfrentada a partir de 2020. No contexto de ensino remoto, o discurso da tecnologia como mediadora é fortalecido ainda mais. Espelho disso são as campanhas realizadas, à época, por escolas públicas do Governo do Distrito Federal (GDF) para angariar doações de smartphones, tablets e notebooks para seus estudantes, tidos como essenciais para a continuidade dos estudos. Por isso, é interessante pensar sobre a tecnologia digital ganhando destaque também em uma suposta defasagem conteudista de estudantes de escola pública na busca por apropriação do capital midiático. É necessário refletir sobre a busca por códigos essenciais para a vida escolar, como o uso de tecnologias para agregar conteúdos não apreendidos, e a valoração moral das atitudes das jovens, como a disciplina e a força de vontade individual. Como consequência, é imprescindível compreender como as jovens recebem as reportagens sobre a preparação de cotistas por meio do uso das tecnologias para “chegar lá”, visando especialmente a apropriação do capital midiático.

Enquanto a primeira questão orientadora tem foco na construção e reconstrução dos discursos da mídia sobre acesso de cotistas nas universidades públicas, a segunda tem foco na reflexão sobre o capital midiático. Tais tópicos são explicitados a seguir, quando apresento a hipótese.

⁸ O quadro de coerência, uma síntese do projeto, está no apêndice da tese. Nele, são apresentados, de forma sistematizada, o problema de pesquisa, a hipótese, o objetivo geral, os objetivos específicos e seus instrumentos de pesquisa, além da base teórico-metodológica que abordaremos com maior profundidade nas próximas seções. Também apresentei os níveis epistemológicos, ontológicos e gnosiológicos, além da cosmovisão da investigação.

⁹ É imprescindível salientar que não ocorre a conceituação do substantivo dispositivo e sua utilização se refere à utilização da tecnologia enquanto ferramenta.

Para trabalhar essas questões orientadoras, reflito sobre uma hipótese que aborda a meritocracia e a existência ou não de orientação crítica e emancipatória da leitura das jovens, no sentido de visualizar um projeto de sociedade socialmente referenciado e que dialogue com o fortalecimento de políticas públicas em uma sociedade desigual. Acredito, como hipótese, que as estudantes de escola pública entendem que o esforço individual leva ao sucesso escolar, em uma leitura alinhada ao discurso meritocrático e que vem ao encontro da ideia de que, ao aproveitar as oportunidades, mesmo em condições não ideais, alcança-se o êxito escolar. Há uma cumplicidade velada das jovens sobre esse discurso, que não é uma defesa explícita, e que se sobressai quando se reconstrói a notícia televisiva. Parte importante da leitura meritocrática provém de valores familiares relacionados à moralidade e que reforçam o trabalho duro, a força de vontade e a perseverança.

Outra parte da hipótese reflete sobre a maneira como as jovens usam a tecnologia como construção ou aprimoramento de um capital midiático, esse mesmo que reforça os valores moralizantes de mérito individual. Assim como a própria mídia evidencia o potencial da tecnologia para trabalhar o discurso de esforço, as jovens de escola pública, ao lerem essas notícias, concordam com a importância do uso da internet para angariar o sucesso escolar, sem grandes problematizações sociais, focando na releitura “batalhadora” que o jovem tem de adotar como postura para “chegar lá”.

Tenho como objetivo geral de investigação analisar criticamente quais as condições de produção do discurso em uma leitura e releitura da mídia realizadas por jovens de escolas públicas ao assistirem a reportagens televisivas que abordem o ingresso de cotistas na educação superior pública, levando em consideração a construção do capital midiático.

Especificamente, quero caracterizar a trajetória familiar e escolar das estudantes de ensino médio considerando as suas condições no campo social. Essa necessidade surge para evidenciar a relação da jovem e de sua família com a cultura letrada e com o próprio capital cultural em suas diversas formas. Entender a trajetória familiar e escolar também me permite compreender o pertencimento de classe social, não pelo viés econômico, mas, especialmente pela vivência de vida familiar e da própria jovem no meio social. Para isso, levantei informações por meio de entrevista semiestruturada, no esforço de abarcar distintas realidades no Distrito Federal, ao buscar não só estudantes do Plano Piloto¹⁰, mas também de

¹⁰ De acordo com dados da Pesquisa Distrital por Amostragem de Domicílio (Codeplan, 2018), o Plano Piloto congrega a Asa Norte, Asa Sul, Noroeste e outras regiões, como a Vila Planalto. Desses, há diferença substancial na remuneração dos locais, em especial quando compararmos a Vila Planalto, com média de renda entre 2 a 5 salários mínimos, com o Noroeste, onde a maioria dos moradores recebem entre 10 a 20 salários

São Sebastião (DF), Brazlândia (DF), Santa Maria (DF), Vicente Pires (DF), Itapoã (DF), Paranoá (DF) e Cidade Ocidental (GO).

Entendo, como apresentado previamente, que esta investigação não tem como foco analisar a mídia em si. No entanto, como o próprio produto midiático servirá para fomentar debates e suscitar opiniões nas jovens estudantes, futuras cotistas, foi necessário analisar mídias televisivas que abordaram o ingresso de cotistas em cursos de alto reconhecimento social e a busca de capital midiático para acesso à educação superior. Esse objetivo se alia a outro, que é analisar a importância que as jovens dão à utilização das tecnologias em um cenário de apropriação de capital midiático e também do cenário, proposto pela mídia, de suposta defasagem conteudista de estudantes da rede pública, que buscariam, por meio das tecnologias digitais, se apropriar de códigos necessários para seus estudos.

Devido à conjuntura de ensino remoto imposta pela pandemia de covid-19, e isso englobando outros pesquisadores do Grupo de Pesquisa EducaSociologias da UnB em suas próprias investigações, não é possível negar a importância que os estudos permeados pela tecnologia tomam nesse inesperado e forçado contexto. Como já dito, não quero me ater em como as jovens estudaram no ensino remoto, ou seja, quais tecnologias usaram, mas principalmente focar como se relacionaram com essas tecnologias. Importa a própria relação dessas estudantes com os conteúdos digitais e as táticas, no sentido de Certeau (1998), que elaboram para os seus estudos. Para isso, esta investigação estuda, inicialmente, como 13 jovens de distintas realidades socioeconômicas do Distrito Federal e Entorno¹¹ se relacionam com os conteúdos digitais, adquirem capital midiático e o quanto isso reforça ou não o discurso do mérito individual. Assim, como a própria metodologia da pesquisa induz, preciso entender previamente como a mídia televisiva codifica (Hall, 1973; 2003) a mensagem relacionada aos estudos em tempo de pandemia e, também, representa jovens cotistas no acesso à universidade, ou seja, qual o enfoque, os ângulos, recortes e as fontes escolhidos para a construção da notícia.

Para finalizar, tenho outros dois objetivos relacionados entre si. Um é identificar como é produzida pelos estudantes a construção e reconstrução de discursos sobre o acesso de cotistas à educação superior. Saliento que é nesse momento que consigo averiguar, por meio do resumo da matéria jornalística elaborado pela estudante e por sua reconstrução individual,

mínimos. No entanto, a composição de renda não difere quando comparamos a Asa Norte e a Asa Sul, visto que a maior parte da população recebe entre 5 a 10 salários mínimos. Disponível em:

<<https://www.codeplan.df.gov.br/wp-content/uploads/2019/03/Plano-Piloto-1.pdf>>. (Acesso em: 20/10/2021.)

¹¹ Entorno se refere a cidades goianas que mantêm forte relação com o Distrito Federal.

diversas relações de leitura da mídia, como leitura dominante, negociada ou resistente. O outro objetivo relacionado é analisar se há uma orientação crítica e perspectiva emancipatória na leitura da mídia ou se ocorre a manutenção da lógica dominante proposta pela mídia hegemônica. Para auxiliar nesses objetivos, utilizo conceitos epistemológicos que buscam a reflexão a partir do próprio cotidiano, como estranhamento e desnaturalização (Benedict, 1972; 2000).

Para trabalhar os objetivos específicos, utilizo como instrumentos de pesquisa a entrevista semiestruturada e a análise das notícias televisivas disponibilizadas em formato digital, especialmente na plataforma YouTube. Após a qualificação do projeto da tese, decidi retornar às jovens estudantes que já havia entrevistado em 2020. Logo, houve dois momentos, um remoto e outro presencial, para entrevistas. Os roteiros de entrevista, que se encontram no apêndice, foram construídos no grupo de pesquisa e levam em consideração o modelo de tipo de perguntas¹² elaborado por Triviños (1987). Primeiramente, em maio de 2020, houve uma entrada prévia ao campo, quando realizei uma assistência midiática e uma entrevista com a Rafaela, com a finalidade de aprimorar o roteiro. Posteriormente, a partir de junho daquele ano, alinhei o roteiro, retornei à entrevista com a mesma jovem e o estendi às outras 12 jovens.

As 13 primeiras entrevistas foram realizadas de forma individual e remota, com a utilização das plataformas Zoom e Google Meet, mas priorizando o Jitsi, por se tratar de uma organização de software livre. Para estudantes que tinham somente rede de dados no celular, utilizei chamada telefônica. As jovens, previamente à entrevista, assistiram à reportagem selecionada sobre os estudos em tempos de pandemia e que foi analisada na quarta fase da tese. A ideia era elaborar a codificação proposta pela mídia e a decodificação realizada pela jovem, para entender, assim, como ela, ao refletir sobre a mídia, pensa a sua realidade. Para isso, baseei-me livremente no modelo de Hall (1973), Codificação/Decodificação, readequado à investigação.

Após a qualificação, acatei a sugestão da banca para que retornássemos a campo para entrevistar as mesmas jovens de 2020, a fim de compreender as modificações trazidas com os novos ambientes profissionais e, em especial, universitários. Logo, foram realizadas 26 entrevistas, 13 em 2020 e 13 em 2022. De forma geral, as jovens foram acolhedoras à proposta de uma nova entrevista.

¹² Os exemplos abordados por Triviños (1987) são heurísticos, não são amarras para o pesquisador.

Inicialmente, o nome da tese era composto com o caractere @, *El@ chegou lá*. No entanto, para aprimorar a acessibilidade de textos digitais utilizados por pessoas com deficiência visual, como é o caso dos softwares leitores de tela, favorecer a leitura e respeitar a diversidade humana houve a modificação do título.

Esta tese está dividida em quatro partes. De antemão, é importante frisar que os referenciais teórico e metodológico serão contemplados ao longo dos capítulos e se integram ao desenvolvimento sequencial das ideias expostas no texto do projeto. A primeira traz uma apresentação do estado do conhecimento, com produções já desenvolvidas e relacionadas com a pesquisa. A segunda caracteriza as famílias e a vida escolar das jovens, ao refletir sobre a trajetória familiar e a importância das necessidades familiares na própria conformação de valores morais.

A terceira parte é a “espinha dorsal” da investigação e versa sobre capitais simbólicos, em especial sobre capital midiático, uma ampliação do conceito de capital cultural. Também é nesta seção que abordo os enlaces entre Educação e Comunicação, com a intenção de refletir sobre as convergências entre as temáticas no que se refere à pesquisa e, em especial, com uma visão latino-americana sobre a questão. Com o aparato apresentado previamente, ao refletir sobre capital midiático e o conceito de tática (Certeau, 1998; Martín-Barbero, 2009), abordarei os objetivos específicos das trajetórias familiares e escolares, bem como sobre a própria apropriação do capital midiático pelas jovens e as elaborações de táticas em seus modos de estudar.

A quarta parte da tese fala sobre meritocracia e ideologia. Nela, reflito sobre o modelo elaborado por Hall (1983; 2003), Codificação/Decodificação, para analisar as mídias e a sua própria recepção. É nesse espaço, também, que apresento a análise de 10 matérias televisivas, sendo que três foram assistidas junto às jovens. Nesta parte, apresentarei reflexões que visam compreender como as jovens, ao se tornarem protagonistas do discurso, reconstróem as matérias televisivas. Dessa forma, conseguirei entender se há crítica emancipatória na reconstrução do discurso midiático ou manutenção da lógica codificada pela mídia.

A última parte da tese é a conclusão, construída de forma reflexiva, em que aponto para questionamentos sobre o percurso da investigação e sugiro enlaces temáticos para futuras investigações.

PRIMEIRA PARTE – OUVINDO A ACADEMIA: O QUE DIZEM AS PESQUISAS

1.1 O QUE DIZEM AS PESQUISAS SOBRE LEI DE COTAS, CAPITAL CULTURAL E TECNOLOGIA

Compreender o que outros pesquisadores produziram na área é uma das premissas para construir ciência. Não podemos construir conhecimento acadêmico sem ter uma orientação. Por isso, há a necessidade de entender as pesquisas previamente realizadas para que sirvam como um mapa de atuação. Debruçar-se sobre uma temática e avançar a produção científica é, também, uma responsabilidade acadêmica. Romanowski e Ens (2006, p. 41) lembram que os trabalhos que compilam publicações são importantes para mapear as produções acadêmicas em um determinado campo e fazer com que se perceba “a evolução das pesquisas na área, bem como suas características e foco, além de identificar as lacunas ainda existentes”. Olhando para o que já foi pesquisado, podemos realizar investigações que partam genuinamente de escolhas conscientes de pesquisa que são, também, continuidades e, por vezes, descontinuidades com a produção. Entender o percurso das discussões sobre os conceitos e as abordagens teórico-metodológicas ao longo dos anos de produção científica é, assim, essencial.

Por isso, lancei o desafio de realizar um levantamento que abarcasse três frentes distintas: 1) anais de edições dos grupos de trabalho (GT) da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd), o GT-14, Sociologia da Educação, e o GT-16, Educação e Comunicação; 2) teses e dissertações de programas de pós-graduação em Educação; e 3) artigos de periódicos da área. A ideia era mapear a produção acadêmica que dialogasse com minha problemática de pesquisa e com a construção do objeto para atender às seguintes questões: a) como as pesquisas abordam o acesso de cotistas em cursos de universidades públicas, em especial os de alta seletividade social; b) como as pesquisas trabalham o capital cultural e se questionam e exemplificam a sua ampliação conceitual – capital midiático como recurso e linguagem; e c) como as pesquisas abordam o conceito das tecnologias, em especial relacionado ao acesso à educação superior.

1.1.1 A busca na ANPEd

Quadro 1: Levantamento de trabalhos da ANPEd

Grupos de Trabalho da ANPEd	Quantitativo de produções entre 2008 e 2021
GT 14 - Sociologia da Educação	145 trabalhos
GT 16 - Educação e Comunicação	126 trabalhos

Fonte: Elaborado pela autora

Inicialmente, busquei nos GT da ANPEd, nas produções de 2008 a 2021, trabalhos sobre as temáticas especificadas previamente em dois GT, o de Sociologia da Educação e de Educação e Comunicação. Foram encontrados mais de 270 trabalhos, sendo 145 trabalhos do GT de Sociologia e Educação e 126 produções no GT de Educação e Comunicação. A partir da leitura dos títulos e dos resumos, consegui reduzir o *corpus* para avaliação e estudo.

A análise da produção divulgada no GT-14 da ANPEd me leva a entender que, na maioria das reuniões da associação, existiram trabalhos que buscavam refletir sobre os capitais simbólicos de Pierre Bourdieu. Boa parte das produções tinham como tema o estudo do capital cultural de docentes e discentes. Foi recorrente, nos trabalhos selecionados, o uso do sociólogo francês para pensar sobre conceitos como campo, *habitus*, teoria da reprodução e capitais simbólicos. Certos artigos citam Bourdieu para trabalhar pontualmente algum aspecto da pesquisa, como explicar a desigualdade escolar e teorizar sobre juventude sem, contudo, explicitar sua teoria. Em todas as edições encontrei trabalhos que utilizam a visão teórica de Bourdieu, seja sobre capitais simbólicos, campo ou *habitus*. No entanto, não foram encontradas abordagens que refletissem sobre a ampliação desses conceitos, como a revisão do capital cultural à realidade da desigualdade escolar e social brasileira.

A maior parte dos trabalhos do GT-14 que dialoga com nossa temática versa sobre o acesso à educação superior e o sucesso escolar. Como exemplo, podemos citar o trabalho realizado por Bandeira (2010) sobre a produção da crença na escola, em que estudou o caso de uma escola técnica federal de São Paulo (SP). Como achados, Bandeira (2010) reflete como a pequena burguesia ascendente – utilizando suas palavras – é outsider no campo da cultura e não mantém um “amor puro” pela cultura, mas um “amor interesseiro”, que se relaciona aos sacrifícios passados pelos familiares e à projeção de inserção no jogo escolar.

As investigações que têm como temática a lei de cotas e ações afirmativas são raras, mesmo no GT-14, grupo de trabalho voltado às discussões sobre sociedade e educação. Chama a atenção o trabalho de Nogueira e Nonato (2017) que reflete se o Sistema de Seleção Unificada (SiSU) e a política de reserva de vagas rompem com a desigualdade escolar. Ao examinar questionários preenchidos por estudantes no momento da matrícula na educação superior pública e por meio da análise sociológica da escolha do curso, Nogueira e Nonato (2017, p. 16) afirmam que “o acesso aos cursos mais seletivos, mesmo com a reserva de vagas por meio de lei de cotas, continua bastante restrito para estudantes com perfil social e escolar menos favorável”.

No GT-16 da ANPEd, Educação e Comunicação, é perceptível que há lacunas de diálogo com nossa problemática de pesquisa. Os achados que mais se assemelham versam sobre capital tecnológico, lei de cotas na mídia e sobre como a educação aparece nos telejornais brasileiros. Como exemplo, cito o trabalho de Sales (2009) que aborda as representações midiáticas do jornal *O Globo*, nos anos 2000 a 2006, sobre ação afirmativa e universidade. A pesquisadora investigou editoriais e artigos de opinião sobre políticas de ação afirmativa para negros e estudantes de escola pública. Sales (2009) considera que o jornal majoritariamente é contrário às cotas raciais, pois, de acordo com *O Globo*, no Brasil, existe classismo e não racismo. Assim, a análise conclui que o jornal, pertencente à mídia hegemônica¹³, reivindica políticas universais na educação e não é favorável à lei de cotas, em especial a que reserva vagas raciais.

No GT-16, aparecem de forma substancial e frequente os aportes teóricos e conjunturais elaborados por Martín-Barbero, teórico colombiano que é importante para a nossa investigação. Assim, busquei entender a perspectiva de utilização barberiana no grupo. Os trabalhos citam Martín-Barbero para debater a comunicação e a cultura e, também, produções como a telenovela. É recorrente, ainda, o seu uso para refletir sobre os modos de ver e os diálogos entre professor e a cultura juvenil, uma intersecção entre educação e comunicação. Poucos trabalhos buscam o teórico para utilizar as mediações, conceito explanado no seu seminal e conhecido mapa noturno proposto na obra *Dos meios às mediações* (Martín-Barbero, 2009). Quando utilizam, fato raro, a mediação encontrada é a tecnicidade.

¹³ Mídia hegemônica refere-se aos conglomerados de comunicação que, endereçados pelo interesse neoliberal, comportam suas pautas para manutenção do *status quo*.

Nesse GT, busquei entender a forma como o conceito de tecnologia era utilizado, com atenção especial em como ele aparece relacionado ao acesso à educação superior. Em grande parte dos trabalhos, a tecnologia é sinônimo de ferramenta e suporte, está a serviço dos diversos objetivos da educação. Embora muitos trabalhos reflitam sobre o avanço tecnológico e seus impactos na escola, não são comuns as produções que entendem a tecnologia como linguagem.

Costa e Leiro (2008) trazem novamente Martín-Barbero para pontuar que as tecnologias audiovisuais têm envergadura econômica-cultural. A menção cabe para refletir que os sujeitos não são meros receptores alienados e que é “preciso compreender como os sujeitos produzem e reproduzem seu cotidiano, como usam os meios, o que abre brechas para pensar nas resistências que têm lugar no cotidiano” (Costa; Leiro, 2008, p. 4).

É o trabalho de Lara e Quartiero (2015) que mais se aproxima da nossa intenção de refletir sobre a ampliação do capital cultural. Os autores utilizam o conceito de capital tecnológico, que definem como uma “apropriação tecnológica, que envolve o acesso, os usos e as experiências de usos das tecnologias disponíveis e os saberes daí advindos, pela prática social” (Lara; Quartiero, 2015, p. 3). Para eles, o capital tecnológico faz parte do capital cultural, sendo um capital, pois ganha valor na sociedade atual, visto que os conhecimentos sobre os usos dos recursos tecnológicos são valorizados. Esse capital é uma apropriação, ou seja, os autores defendem que ela faz parte do repertório dos sujeitos, e é realizada por meio dos usos da tecnologia.

1.1.2 A busca por teses e dissertações

Ao pesquisar no Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) foram encontrados mais de 15 mil títulos, entre os anos de 2012 e 2021, com investigações sobre a lei de cotas em cursos de Pós-Graduação em Educação. Como foi localizado grande número de resultados, refinou-se a procura para “lei de cotas AND ensino superior”, o que totalizou, agora, 47 teses e dissertações. A escolha para leitura mais acurada se deu pela análise do título e do resumo.

Boa parte dos trabalhos versa sobre como as leis de cotas são oportunidades para estudantes de escola pública por serem, *a priori*, formuladas para grupos historicamente discriminados e classes desprivilegiadas economicamente. As investigações se dividem na análise do ingresso e da permanência dos cotistas. A seguir, relacionarei as principais temáticas de algumas teses e dissertações que trazem particularidades de cotistas em cursos de alto reconhecimento e prestígio social.

De acordo com as conclusões das produções científicas, há uma inserção ainda incipiente de classes desprivilegiadas em cursos de alto reconhecimento social. Por vezes, as jovens adequam seus sonhos à realidade concreta, como lembra Zago (2006), e isso passa pela escolha do que cursar na universidade. A pesquisa de mestrado de Agostinho (2015) nos revela que grande parte dos estudantes do curso de Enfermagem da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) pretendia, na verdade, ocupar vagas nos cursos de Medicina e Odontologia. Por não obterem boa nota, decidiram por sua segunda opção e se adequaram à realidade.

Quando logram sucesso no curso pretendido, a ocupação por cotas em cursos de prestígio social é incipiente. Costa (2017) reflete, em uma análise que mescla dados quantitativos e qualitativos, sobre como ocorreu a ocupação das vagas por cotistas na Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Seus achados publicizam que a democratização da educação superior pública se deu por carreiras consideradas de menor prestígio social, em especial do campo das Humanidades. Costa (2017) reconhece, no entanto, que a lei de cotas exerce um papel, embora inicial, na reconfiguração do perfil dos estudantes nos cursos de maior prestígio social, como Direito, Medicina e Engenharia Civil. Contudo, como assinala Santos (2014) ao refletir sobre a questão na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), as cotas raciais pouco adentraram nos cursos de prestígio social. Neles, mesmo levando em consideração o grupo de cotistas, negros são minorias ou simplesmente estão ausentes. Caso mais acentuado é encontrado no grupo de indígenas.

Crosara (2017) analisa, em um estudo de caso, quem são os cotistas do Direito na Universidade Federal de Uberlândia (UFU) que optaram pela ação afirmativa de estudante oriundo de escola pública, sem conotação de renda ou raça. Sua investigação conclui que a maior parte dos cotistas são oriundos de escolas públicas urbanas centrais, com pouca inserção dos jovens provenientes de escolas localizadas na periferia ou na zona rural. Dessa forma, “os alunos verdadeiramente excluídos do ensino superior não são incluídos pelas cotas

sociais do Curso de Direito” (Crosara, 2017, p. 259) e “somente por meio de uma implantação abrangente a democratização de acesso se operará de forma a efetivar a igualdade de oportunidade” (Crosara, 2017, p. 265).

A mudança que as cotas propõem é algo longitudinal. Nesse sentido, Jeronimo (2020), ao concluir sua tese documental, demonstra que, embora de forma relativa estudantes de camadas populares tenham acesso à formação em Direito, o mesmo não ocorre nas carreiras jurídicas. Essa inclusão excludente ocorre porque as disposições de classe e os capitais simbólicos são primordiais para a ascensão às carreiras jurídicas. Logo, quando ocorre o ingresso de sujeitos de classes desprivilegiadas economicamente nas carreiras jurídicas, “são excepcionalidades determinadas por fatores e oportunidades que os colocam à parte da grande maioria dos sujeitos de sua classe” (Jeronimo, 2020, p. 8).

Dessa forma, as pesquisas recentes sobre lei de cotas, em especial as que versam sobre o acesso de cotistas em cursos de alta seletividade social, entendem que não houve tempo hábil para efetivação da legislação com a intenção de modificação na desigualdade social e escolar. O ingresso de cotistas, sobretudo os de minorias étnicas e raciais, em cursos como Direito, Engenharias e Medicina, ainda está aquém da distribuição populacional do Brasil. Persistem desigualdades importantes dentro das próprias cotas das ações afirmativas, quando refletem, como Santos (2014), que as cotas sociais não são suficientes para combater o racismo ou que, como Crosara (2017), escolas públicas urbanas e centrais são majoritárias quando se analisa quem são os cotistas das universidades.

1.1.3 A busca por periódicos

Os artigos selecionados são revisados por pares e abarcam os anos de 2012 a 2021. Na busca no Portal de Periódicos da Capes, entrei na rede CAFe¹⁴ por meio da instituição da UnB. Centrei a pesquisa sobre capitais simbólicos e uma possível reflexão sobre o capital tecnológico, entre outras denominações, como informacional, digital e midiático. Para isso, ampliei a investigação para produções também internacionais que falassem sobre

¹⁴ Comunidade Acadêmica Federada.

essas temáticas, relacionando-as com o nome “Bourdieu”, com suas variáveis em inglês e espanhol.

Quadro 2: Busca por periódicos

Plataforma	Total de artigos	Descritores	Artigos selecionados
Periódicos Capes	11	“capital simbólico” and “capital tecnológico”	2
Periódicos Capes	18	“Bourdieu” and “capital tecnológico”	3
Periódicos Capes	21	“capital cultural” and “capital tecnológico”	2
Periódicos Capes	29	“capital informacional” “informational capital”	6
Periódicos Capes	46	“capital midiático” “media capital”	0
Periódicos Capes	43	“capital digital” “digital capital”	4

Fonte: Elaborado pela autora

O termo “capital midiático” em português não retornou resultado relacionado à Educação, por isso, trabalhei com os resultados em língua inglesa. Todavia, eles versam sobre o capital midiático no mundo organizacional ou audiovisual, não têm relação com educação e, tampouco, trazem colaborações afinadas à perspectiva da tese. De antemão, chamo a atenção para a polissemia dos termos, seja informacional, tecnológico ou digital. Há aproximações e distanciamentos entre eles, como busco apresentar na sequência.

Sobre “capital digital”, há uma gama de produções. O artigo do madrileno Gracia (2021) aborda as novas formas de distinção social baseadas no mundo tecnológico. Sua defesa é que a sociologia bourdieusiana pré-digital pode auxiliar na leitura da cultura digital, em especial com seus dispositivos de distinção social. Assim, o que ele chama de capital digital é “um mecanismo de seleção social que serve para separar claramente os insiders dos outsiders” (Gracia, 2021, p. 6, tradução livre) na inserção da tecnologia. Assim, o capital digital é uma distinção, tanto na dimensão técnica dos próprios conhecimentos de acesso, mas, em especial, na sua dimensão cultural, que está relacionada a conhecer códigos e a própria linguagem para inserção na cultura digital.

Gómez (2021), ao utilizar a teoria de Bourdieu, trabalha com o capital digital que, defende, é uma forma de capital que serve como conexão para outros capitais tradicionais. No entanto, “os resultados das pesquisas sugerem que, em vez de entender o capital digital como

uma nova forma de capital, nós devemos conceitualizá-lo como uma subforma do capital cultural, agora relacionado à informação, tecnologia e comunicação” (Gómez, 2021, p. 2.548). A ideia é entender como ocorre a conversão das três formas de capital, econômico, cultural e social, em capital digital e a própria reconversão do capital digital aos outros três capitais.

Gómez (2021) conclui que o capital econômico é o cerne da desigualdade de capital digital, visto que, primordialmente, aquele fornece apoio ao acesso do segundo. O capital digital pode ser convertido em capital econômico pelo caráter profissional, em capital cultural por meio do acesso ao conhecimento, e em capital social pelo fortalecimento de laços sociais. Já o capital cultural pode se transformar em capital digital por meio da socialização mediada pela tecnologia, enquanto o capital social se converte em capital digital por meio das próprias práticas sociais. O autor sugere avanço nas pesquisas para entender de forma mais acurada a conversão de capital digital em capital econômico.

Sobre “capital tecnológico”, Ramírez, Casillas e Méndez (2014) o relacionam à cultura digital e basicamente funciona quando os estudantes o utilizam em benefício para sua trajetória escolar. O capital tecnológico, “como qualquer capital, está desigualmente distribuído e a sua posse permite vantagens” (Ramírez; Casillas; Méndez, 2014, p. 26, tradução livre). Assim, o “capital tecnológico compreende o conjunto de saberes, *savoir faire* e saberes práticos usados no processo de aprendizagem” (Ramírez; Casillas; Méndez, 2014, p. 31, tradução livre). A ideia dos autores é que se faça a sua medição ao analisar os três estados do capital tecnológico dos jovens, baseados nos estados dos capitais simbólicos tradicionais de Bourdieu, capital cultural incorporado, objetivado e institucionalizado. Aliada à trajetória escolar e ao desempenho, essa medição adquire peso para auxiliar no êxito escolar dos sujeitos. As estruturas de saberes elencadas para a proposta de medição do capital tecnológico vão desde saber manipular arquivos em Universal Serial Bus (USB) e nuvens¹⁵, editar textos, bases de dados, imagens, vídeos, bem como criar conteúdos para redes sociais, sites e aplicativos e, também, usar grafias específicas para distintas plataformas.

O estudo de Riedner e Pischetola (2021) avança ao colocar em prática a operacionalidade do trabalho anterior, ao discutir o conceito de capital tecnológico como uma extensão do capital cultural que tem, também, os três estados desse capital. A operacionalização conceitual de capital tecnológico se dá, como explicitado, de forma

¹⁵ Arquivos dispostos em plataformas digitais.

incorporada, objetificada e institucionalizada. Quando incorporado, significa o “grau de domínio das tecnologias” (Riedner; Pischetola, 2021, p. 6). Se objetificado, “compreende uma variedade de recursos como computadores *desktops*, *notebooks*, *netbooks*, *tablets*, *smartphones*, *softwares*, pagamento de serviços de telefonia móvel, acesso à internet e etc.” (Riedner; Pischetola, 2021, p. 6). Quando institucionalizado, refere-se aos títulos e diplomas que conferem ao sujeito a sapiência do uso da tecnologia. As autoras acreditam que, por ser um capital bourdieusiano, o capital tecnológico está relacionado com as trajetórias dos sujeitos.

Marín (2021) reflete sobre o conceito de capital tecnológico em meio à pandemia da covid-19, em especial no cenário de desigualdades escolares aprofundadas pelo distinto acesso e fruição na internet. O autor discute que as formas de avolumar o capital tecnológico têm relação com o capital econômico e mostram assimetrias na posse e no manejo da tecnologia digital em um cenário de crescente uso, devido à crise sanitária.

Choi *et al.* (2021) afirmam que a presença crescente dos meios tecnológicos e comunicacionais em nossa vida confirma a necessidade das capacidades individuais para se relacionar com a informação proveniente da tecnologia. Para isso, realizou um estudo que analisa a influência do capital cultural e econômico na construção do capital tecnológico de sujeitos. Gênero, raça e educação persistem como recortes de diferenciação nessa apropriação. Para a análise, Choi *et al.* (2021) dividiram o conhecimento tecnológico em básico, intermediário e avançado. Quanto mais jovem o sujeito, mais conhecimento básico ele tem, independentemente de renda e educação. No entanto, quando se fala sobre conhecimento intermediário, a renda e a educação aumentam em importância. A interpretação dos achados leva a entender que o nível de educação, e não só o capital econômico isolado, é primordial para um nível avançado de capital tecnológico. Assim, os autores chegam à conclusão que capital cultural e capital econômico estão relacionados e se complementam (Choi *et al.*, 2021, p. 2.007).

Interessante entender que Setton (2005) utiliza “capital midiático”, como abordarei especificamente na terceira parte da tese, para se referir ao consumo midiático de jovens periféricos, em um sentido de luta simbólica. No entanto, de forma geral, o conceito de “capital informacional” é o mais utilizado e se relaciona, nas pesquisas encontradas, a informações e conhecimentos do funcionamento escolar. Mesmo sem estar na delimitação temporal, é interessante citar o trabalho de Brandão (2010), ao entender o conceito de

Bourdieu em novas operações. Ela, em sua pesquisa, mobiliza a ampliação do capital cultural, chamando-a de capital informacional para fazer menção à circulação de informações potencializada pelas mídias, mas entrelaçada a outros capitais simbólicos familiares.

Temos, recorrentemente, a utilização do conceito de “capital informacional” em outros sentidos, como o encontrado em Matos *et al.* (2017), que abordam a importância das práticas familiares sobre a proficiência em Língua Portuguesa e em Matemática no Ensino Fundamental. O estudo quantitativo abarcou 299 estudantes com 145 questões em um questionário com a intenção de mensurar práticas familiares, mas também a importância do capital informacional familiar. As discussões trazem teóricos como Bourdieu e, entre os resultados, entende-se que o nível socioeconômico da família impacta diretamente o capital cultural objetivado, além do capital informacional.

De forma geral, os autores entendem capital informacional como um recurso específico das famílias sobre informações acerca do funcionamento interno da instituição escolar, como quais seriam as melhores escolas e universidades da cidade, se há gratuidade na educação superior, o que é vestibular, Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) e Programa Universidade Para Todos (ProUni). No mesmo sentido, Santos (2015) compreende capital informacional como uma extensão do capital social, com a finalidade de angariar informações. Em sua pesquisa, entende que o capital informacional traz reflexões sobre diferenças entre instituições, nos quesitos de hierarquia da valoração e prestígio social. Assim, o capital informacional é importante para ajustar as estratégias e permitir a mobilidade ascendente por meio da educação superior.

No âmbito internacional, Drabowicz (2017) utiliza capital informacional entendendo que o conceito capta um âmbito maior de interações sociais do uso da internet, ao refletir que saber onde se consegue uma informação é tão importante quanto ter essa informação. Lessky, Feldmann e Nairz-Wirth (2021) compreendem o capital informacional como um recurso importante na inserção de universitários que são os primeiros de suas famílias a ingressarem na educação superior, e consideram o capital informacional como uma mescla entre o capital social e o capital cultural. Saliento que capital informacional, nessa perspectiva, se refere à inserção social no ambiente acadêmico, no sentido de se inteirar com seus pares do funcionamento da educação superior e não de se informar somente com os canais oficiais da instituição. Assim, ao entender o funcionamento da academia, mesmo sendo os primeiros de suas famílias a ingressarem nesse nível educacional, angariar capital

informação passa, também, por aprender a como se organizar para obter sucesso na graduação.

Já Sotskyi (2015), em um esforço para trabalhar na conceituação do capital informacional, contextualiza que a presença da internet não garante, por si, a inclusão no mundo das tecnologias de informação, o que seria um erro crasso por entender a internet a partir o determinismo tecnológico¹⁶. Aliado a Bourdieu, Sotskyi (2015) trabalha o capital informacional nos três estados tradicionais do capital cultural bourdieusiano, ao entender que um capital pode se converter em outro. O capital informacional, por exemplo, pode se converter no capital social ou econômico. Interessado em uma determinada medição do capital informacional, Sotskyi (2015) conclui que, com o aumento da circulação de informações, há impacto nos processos sociais, porém com limitações.

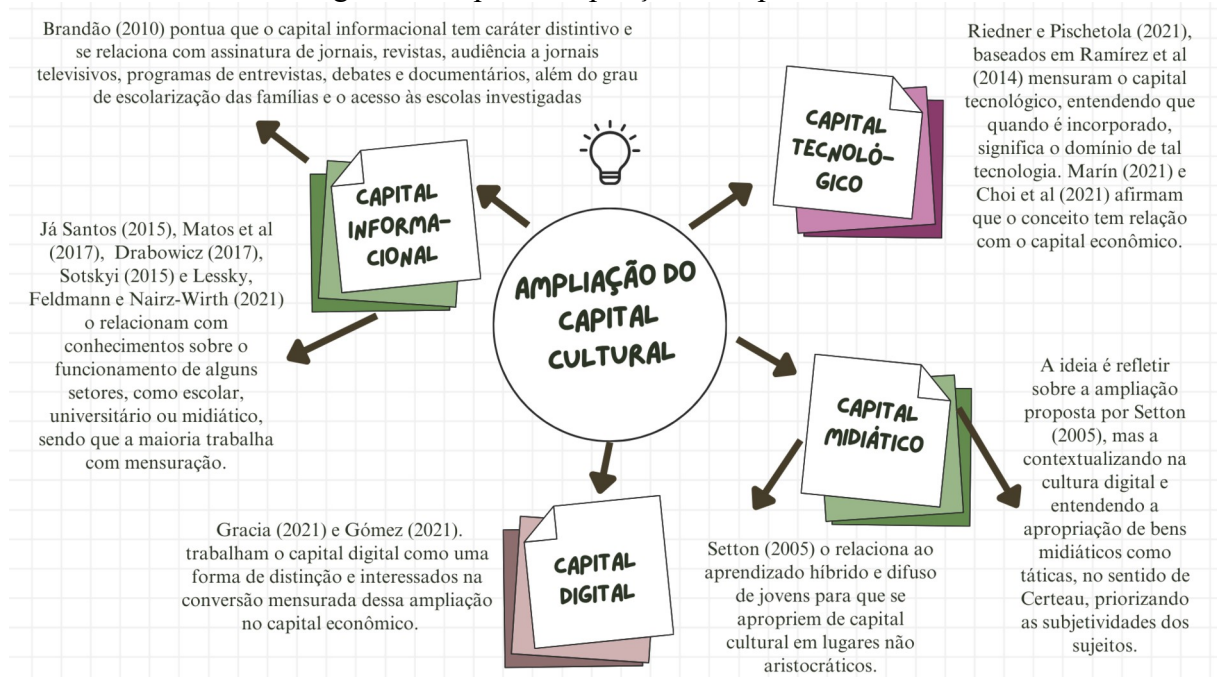
De antemão, deparei-me com a polissemia das ampliações do capital cultural, visto que é utilizado por Setton (2005) como capital midiático para se referir ao conhecimento híbrido e difuso, bastante permeado pelas mídias e operacionalizado por jovens periféricos para lograr sucesso escolar. Nesse sentido, essa concepção dialoga diretamente com minha investigação, pois nos interessa o uso das diversas mídias como tática. No entanto, a maior parte dos trabalhos (Santos, 2015; Matos *et al.*, 2017; Drabowicz, 2017; Lessky, Feldmann; Nairz-Wirth, 2021; Sotskyi, 2015) nomeia a ampliação desse capital como capital informacional, ao validar o seu sentido com informações e conhecimentos que possam ser utilizados pelos sujeitos para benefício próprio. Por consequência, distancio-me dessa significação, pois o conceito de Setton (2005) é mais específico e atende melhor às demandas da pesquisa, uma vez que beneficia a reflexão sobre as subjetividades dos sujeitos e valoriza o contexto social em que estão inseridos.

Assim, a busca por periódicos que explanem sobre a ampliação do capital cultural traz como resultado a polissemia da concepção. Trago, na sequência, um mapa que auxilia no percurso dessas diversas concepções. A maior parte dos autores entende que essa ampliação, independentemente da nomenclatura – tecnológico, midiático, digital ou informacional –, é, em si, um capital cultural que diferencia socialmente os sujeitos. Nesse sentido, alguns autores analisam o capital informacional, tecnológico e digital nos três estados do capital cultural (Sotskyi, 2015; Riedner; Pischetola, 2021; Ramírez; Casillas; Méndez, 2014),

¹⁶ Cabe salientar que o artigo de Sotskyi (2015) está disponível somente em língua ucraniana. Em um esforço de tradução, pois, pelo resumo em inglês, o trabalho me seria interessante, utilizei o tradutor fornecido pelo sistema Google. No entanto, ele apresentou falhas graves na tradução, então, optei pela tradução do ChatGPT, uma ferramenta de inteligência artificial generativa que, entre outras finalidades, traduz textos.

enquanto outros refletem sobre a reconversão do capital tecnológico em outros capitais (Gómez, 2021; Choi *et al.*, 2021; Marín, 2021). Quando analisam o capital tecnológico como linguagem, a literatura relaciona esse capital com a inserção dos sujeitos na cultura digital que, *a priori*, requer sapiência de códigos específicos.

Figura 1: Mapa da ampliação do capital cultural



Fonte: Elaborada pela autora

Com a vasta e complexa polissemia, é necessário enfatizar novamente que oriento minha pesquisa pela concepção de Setton (2005), a partir da compreensão de que ela enfatiza o uso das diversas mídias e não só a posse de determinados itens tecnológicos, o que permite a ação das subjetividades dos sujeitos. Além disso, ela abre espaço para trabalhar as desigualdades sociais e escolares por meio de uma luta simbólica e concretizada no consumo de diferentes mídias. Como inovação, entendo que o que a autora chama de capital midiático, ou seja, um sistema híbrido e difuso de obtenção de conhecimentos por meio de bens midiáticos, pode ser pensado a partir de conceitos como apropriação (Chartier, 1995) e tática (Certeau, 1998), como abordei de forma específica na terceira parte da tese.

SEGUNDA PARTE – QUEM SÃO ELAS: CARACTERIZAÇÃO FAMILIAR E ESCOLAR DAS JOVENS

2.1 ALGUMAS VIVÊNCIAS DAS JOVENS ENTREVISTADAS: VIDA ESCOLAR E FAMILIAR

As 13 jovens¹⁷, escolhidas pelo interesse e pela disponibilidade em participar da pesquisa remota¹⁸, eram estudantes do 3º ano do Ensino Médio no ano de 2020 e estavam, à época, contornando as incertezas da vida escolar no início da pandemia de covid-19, inclusive sobre a ausência de aulas – presenciais ou remotas – e a realização ou não do Enem. Para chegar às jovens, busquei auxílio de professores e ex-alunos. Utilizei, para publicizar a pesquisa, as redes sociais WhatsApp¹⁹ e Instagram²⁰, que foram fundamentais para localizar as entrevistadas ou pessoas que me auxiliassem a encontrá-las. Todas as jovens estudavam, em 2020, na rede pública do Distrito Federal.

As jovens que se disponibilizaram para a entrevista tinham, em 2020, entre 16 e 18 anos, o que não evidencia distorção idade/série, que ocorre quando estudantes têm dois anos ou mais em relação ao esperado para o ano escolar. De acordo com o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep)²¹, por volta de 25% dos estudantes do 3º ano do Ensino Médio apresenta distorção idade/série. O fato de não ocorrer distorção sinaliza que, apesar dos percalços nas trajetórias familiares e escolares, as jovens mantiveram frequência e rendimento escolar suficientes para avançarem de ano.

Embora parte das estudantes vivia distante da escola, como Augusto, que morava na Cidade Ocidental (GO)²² e estudava no Centro de Ensino Médio Setor Leste, na Asa Sul;

¹⁷ Cabe lembrar que decidi utilizar o gênero feminino para tratar do grupo de jovens, pois é composto por uma maioria de mulheres.

¹⁸ À época, pouco se sabia sobre os riscos da covid-19 a curto, médio e longo prazo e eu estava gestante de 4 para 5 meses, o que redobrava os cuidados com a transmissão do vírus.

¹⁹ Rede social de troca de mensagens de grande uso no Brasil.

²⁰ Rede social criada para compartilhar conteúdos imagéticos.

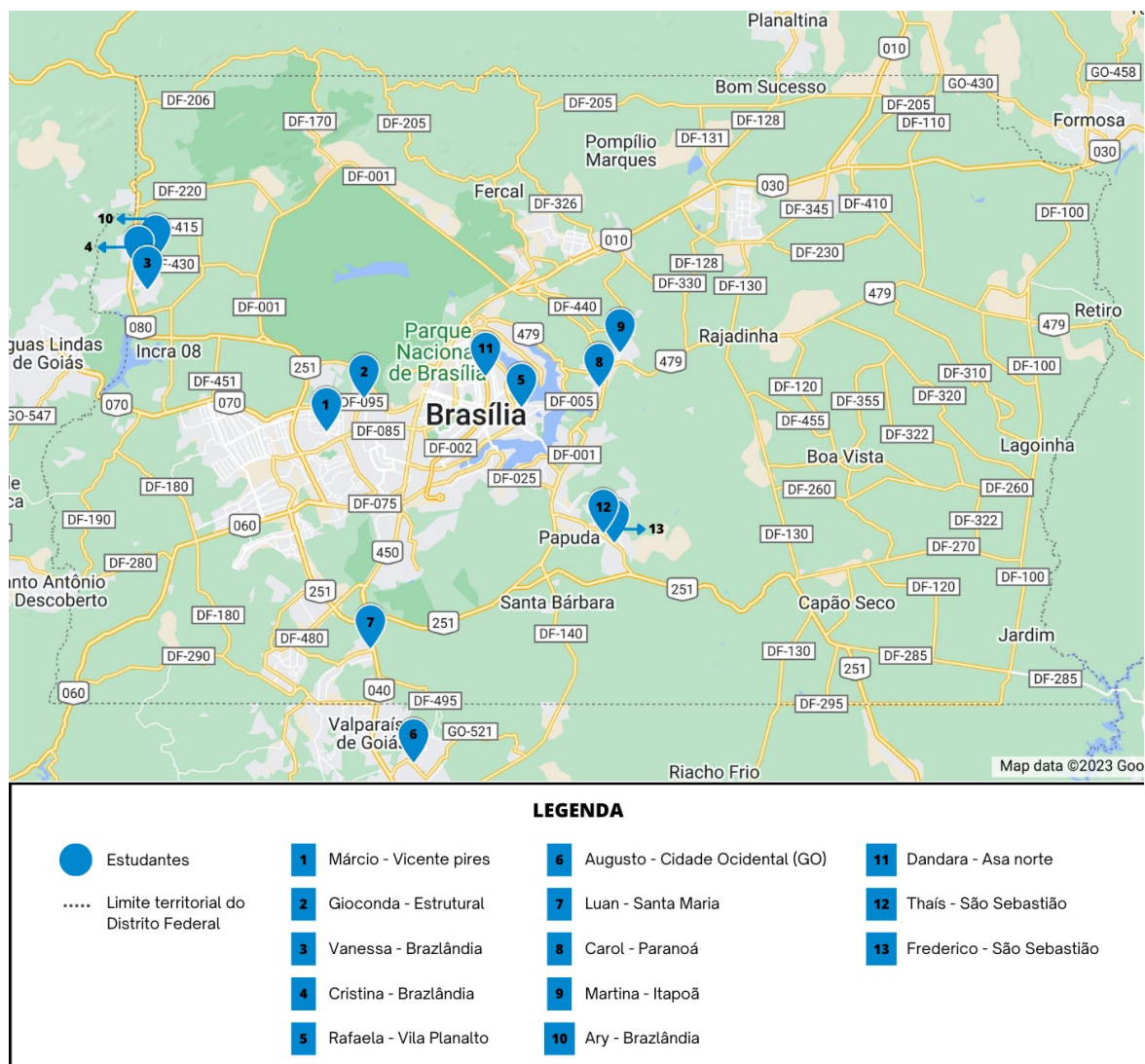
²¹ Dados do Censo da Educação Básica. Disponível em:

http://portal.inep.gov.br/artigo/-/asset_publisher/B4AQV9zFY7Bv/content/indicador-apresenta-distorcao-idade-serie-para-ensino-fundamental-e-medio/21206. (Acesso em: 22/09/2021.)

²² Município goiano que dista 50km de Brasília (DF).

Carol, que morava no Paranoá²³ (DF) e estudava na Asa Sul; e Martina, que morava no Itapoã²⁴ (DF) e estudava na Asa Norte, foi mais comum encontrar jovens que não ocupassem demasiado tempo de deslocamento entre sua casa e a escola, o que é um privilégio dado as grandes lonjuras da metrópole Brasília (DF). Quando ocorria, a escolha por uma instituição de ensino distante se justificava pela busca familiar por um ensino público tradicionalmente reconhecido como forte, em contraponto ao que acreditam ocorrer na comunidade em que residem.

Figura 2: Mapa dos locais onde as entrevistadas moram



Fonte: Elaborado para a pesquisa pelo entrevistado Ary, com base no Google Maps (2023)

²³ Região administrativa que dista 30km da Asa Sul.

²⁴ Região administrativa que dista 25km da Asa Norte, pertencida ao Paranoá (DF) e está emancipada.

As jovens moram em variadas regiões administrativas do Distrito Federal, consideradas pela Codeplan²⁵, em sua maioria, como de baixa renda. Um dos jovens morava, à época, no Entorno²⁶, no estado de Goiás. A proporção de população de baixa renda é mais acentuada em três regiões administrativas habitadas pelas estudantes: Paranoá (DF), Itapoã (DF) e Estrutural²⁷ (DF). Duas moradoras dessas regiões com menor poder aquisitivo apresentavam composições familiares incomuns para a idade, pois viviam somente com o irmão mais velho ou com o namorado, e eram responsáveis, desde cedo, pelo sustento material e pelo gerenciamento do lar.

Das jovens, somente três viviam em regiões administrativas de média alta renda – Vicente Pires²⁸ (DF) – ou alta renda – Plano Piloto²⁹ (DF). No entanto, apesar de não serem locais de baixa renda, a ocupação dos responsáveis – atendente de padaria e de hotel, diarista, trabalhador de construção civil e recepcionista – não possibilitava recursos para investimento em educação privada, o que justifica a manutenção de seus filhos em escolas públicas.

Como sou professora de História, a pesquisa atraiu a atenção de jovens que também gostariam de cursar essa graduação. Das quatro entrevistadas que pretendiam fazer faculdade de História à época da pesquisa, três estudam agora na UnB, salvo Marcio que não cursa nenhuma graduação e sequer tentou o ingresso. Não pretendi realizar um estudo longitudinal, porém, como houve acompanhamento por dois anos, é fundamental divulgar as informações. Das 13 jovens entrevistadas, sete estão cursando a graduação em instituições públicas, em especial a UnB. As jovens que pretendiam ingressar em cursos de alta seletividade social, como Direito e Psicologia, não lograram sucesso e hoje estão estudando ou trabalhando.

²⁵ Demografia em Foco. Perfil da população de baixa renda do Distrito Federal. Disponível em: <<https://www.codeplan.df.gov.br/wp-content/uploads/2018/02/Demografia-em-Foco-3-Perfil-da-População-de-Baixa-Renda-do-Distrito-Federal.pdf>>. (Acesso em: 21/09/2021.)

²⁶ A Região Integrada de Desenvolvimento do Distrito Federal e Entorno é uma região criada pela Lei n.º 94, de 1998.

²⁷ A formação da região administrativa conhecida como Estrutural tem sua origem relacionada aos coletores de materiais recicláveis que trabalhavam e viviam próximos ao antigo aterro sanitário do Distrito Federal, atualmente oficialmente desativado.

²⁸ Vicente Pires (DF) dista 13 km da região central de Brasília (DF).

²⁹ Vila Planalto pertence à região do Plano Piloto, embora tenha, historicamente, uma composição de renda acentuadamente menor do que na Asa Norte e na Asa Sul.

Quadro 3: Vivência das jovens da pesquisa

Nome fictício ³⁰	Local de residência	Local da escola	Idade (em 2020)	Mora com	Curso almejado	Ocupação (em 2021)
Marcio	Vicente Pires (DF)	Taguatinga ³¹ (DF)	17 anos	Mãe e irmã	História	Atendente de padaria
Gioconda	Estrutural (DF)	Estrutural (DF)	18 anos	Namorado	Psicologia ou Pedagogia	Estágio e Pedagogia (Centro Universitário Planalto do Distrito Federal – Uniplan)
Vanessa	Brazlândia ³² (DF)	Brazlândia (DF)	17 anos	Mãe, pai e irmão	Psicologia	Medicina Veterinária (Universidade Católica de Brasília – UCB)
Cristina	Brazlândia (DF)	Brazlândia (DF)	17 anos	Avó materna	História	História (UnB)
Rafaela	Vila Planalto (Plano Piloto, DF)	Asa Norte (Plano Piloto, DF)	16 anos	Mãe, pai e irmão	Engenharia Química	Estágio e Administração (UnB)
Augusto	Cidade Ocidental (GO)	Asa Sul (Plano Piloto, DF)	16 anos	Mãe, padrasto e irmã	Biologia ou Medicina Veterinária	Ciências Biológicas – Bacharelado (Universidade Federal de Jataí – UFJ)
Luan	Santa Maria ³³ (DF)	Santa Maria (DF)	18 anos	Mãe, pai, irmãs, sobrinhas e avó	Psicologia	Trabalho e Desenvolvimento e Sistemas (Instituto Federal de Brasília – IFB)
Carol	Paranoá (DF)	Asa Sul (Plano Piloto, DF)	17 anos	Mãe, pai e irmão	Psicologia	Estágio e Letras – Português/ Inglês (Centro Universitário do Distrito Federal – UDF)
Martina	Itapoã (DF)	Asa Norte (Plano Piloto, DF)	18 anos	Irmão	História	Estágio e História (UnB)
Ary	Brazlândia (DF)	Brazlândia (DF)	18 anos	Mãe, pai e irmãs	Publicidade e Propaganda	Estágio e Comunicação Organizacional (UnB)
Dandara	Asa Norte (Plano Piloto, DF)	Asa Norte (Plano Piloto, DF)	17 anos	Mãe e irmã	História	História (UnB)
Thaís	São Sebastião ³⁴ – zona rural (DF)	São Sebastião (DF)	17 anos	Mãe e irmão	Administração	Publicidade e Propaganda (UnB)
Frederico	São Sebastião (DF)	São Sebastião (DF)	17 anos	Mãe, cunhado e irmãs	Direito	Estágio e Fisioterapia (Universidade Paulista – Unip)

Fonte: Elaborado pela autora

³⁰ Saliento que os nomes utilizados são ficcionais, definidos por aleatoriedade, logo, há a manutenção do anonimato.

³¹ Taguatinga (DF) dista 21km da região central de Brasília (DF) e tem um Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) considerado alto.

³² Brazlândia (DF) dista 45km da região central de Brasília (DF) e é um destaque na agricultura.

³³ Santa Maria (DF) dista 26km da região central de Brasília (DF) e é uma região de média renda.

³⁴ São Sebastião (DF) dista, também, 26km da região central de Brasília (DF).

A ocupação dos responsáveis, salvo em algumas exceções, é de trabalhos subalternos que não geram grande disponibilidade financeira nem representam prolongamento de estudos. Essa limitação econômica traz as famílias para as ações do presente, no aqui e no agora, já que há insegurança sobre o futuro (Souza, 2017). As ocupações mais citadas foram pedreiro, dona de casa e empregada doméstica. Chama a atenção que quatro das jovens não têm contato com a figura paterna. De acordo com dados da Codeplan³⁵, as mulheres são as responsáveis pelo domicílio nas regiões administrativas de baixa renda no Distrito Federal, como Itapoã (DF), Paranoá (DF) e Estrutural (DF). Esses dados dialogam com os achados das entrevistas, pois, em sete dos 13 lares, a figura materna representa a totalidade ou parte principal da geração de renda familiar e suporte emocional e/ou a figura paterna está totalmente ausente. O esforço e a dedicação das mães são lembrados pelas jovens quando refletem sobre as virtudes que elas mantêm e que provêm, em grande medida, da influência familiar, como analiso no próximo tópico.

Também são as responsáveis mulheres as que estudam por mais anos, apesar de ser evidente, em suas trajetórias, a falta de oportunidades a longo prazo, visto que tiveram, sem grandes alternativas, de trabalhar para o sustento familiar. De forma geral, são as mulheres que prolongam seus anos de estudo e, quando interrompido, isso ocorre pelo nascimento dos filhos ou pela necessidade de trabalhar, em especial, quando a figura paterna – supostamente seu companheiro – não é presente na vida familiar. Chama a atenção a história da mãe de Dandara, que, vítima de trabalho infantil em um ambiente familiar de classe média alta em Brasília (DF), começou a cuidar da casa em que vivia por volta dos 10 anos, o que atravancou sua relação com a escola. Somente em 2022, adulta, ela retornou aos estudos, incentivada pelas duas filhas universitárias. O trabalho infantil priva crianças e adolescentes do contato escolar. Vítima desse sistema, a mãe de Dandara projetou nas duas filhas, atualmente estudantes de instituições superiores públicas, a “antecipação de um futuro que, na maioria das vezes, não poderá viver senão por procuração” (Bourdieu, 2013, p. 102).

³⁵ Dados levantados pela Codeplan no estudo “As mulheres no Distrito Federal: desigualdade, inserção no mercado de trabalho e cuidados com a casa e a família”. Disponível em: <<https://www.codeplan.df.gov.br/mulheres-sao-principais-responsaveis-por-domicilios-nas-ras-de-baixa-renda/>>. (Acesso em: 23/09/2021.)

Quadro 4: Informações sobre os responsáveis das entrevistadas

Nome fictício	Ocupação do pai	Ocupação da mãe	Grau de escolaridade do pai	Grau de escolaridade da mãe	Influência escolar	Influência de vida profissional
Marcio	Construção civil	Atendente de padaria	Fundamental completo	Ensino médio completo	Ninguém	Mãe
Gioconda	Não tem contato	Autônoma	Não tem contato	Ensino superior completo	Primos	Mãe
Vanessa	Comerciário	Dona de casa	Ensino superior completo	Ensino superior completo	Primo	Pai
Cristina	Não tem contato	Aposentada (avó)	Não tem contato	Ensino médio completo	Ninguém	Avó
Rafaela	Atendente de hotel	Recepcionista	Ensino médio completo	Ensino médio completo	Prima	Pai
Augusto	Profissional de tecnologia da informação	Dona de casa	Ensino superior completo	Ensino médio completo	Irmão	Avó
Luan	Construção civil	Empregada doméstica	Ensino fundamental incompleto	Ensino fundamental incompleto	Irmãs	Mãe
Carol	Treinador de futebol	Conselheira tutelar	Ensino médio completo	Ensino superior completo	Primo	Mãe
Martina	Autônomo de serviços de construção civil	Dona de casa	Ensino médio completo	Ensino médio incompleto	Primos	Mãe
Ary	Desempregado	Concursada nível médio	Ensino fundamental incompleto	Ensino médio completo	Irmã	Mãe
Dandara	Trabalhador da Terracap	Empregada doméstica	Ensino fundamental completo	Ensino fundamental incompleto	Irmã	Mãe
Thaís	Não tem contato	Diarista	Não tem contato	Ensino fundamental incompleto	Primo	Ninguém
Frederico	Não tem contato	Serviços gerais	Não tem contato	Ensino fundamental incompleto	Irmãs	Mãe

Fonte: Elaborado pela autora

Nove responsáveis interromperam os estudos no ensino fundamental, nove foram até o ensino médio e cinco concluíram uma graduação – nenhum em instituição pública. Apesar da geral baixa escolaridade, as jovens citam seus responsáveis como influências para a sua própria vida escolar e profissional, em especial a figura materna. Somente em três casos, as jovens relatam não terem ninguém como influência familiar nos estudos ou no trabalho. Marcio, por exemplo, cita que sua principal influência são os empreendedores, pois gosta de ouvir histórias que salientam trajetórias ascendentes e meritocráticas, que mostram de onde “saíram” e para “onde chegaram”³⁶. Souza (2012; 2017) lembra que essa identificação com os opressores é recorrente quando se divulga que as pessoas são “empresárias de si mesmas”, um eufemismo para a própria dominação, visto que “temos uma nova semântica social que tende a passar a imagem de que todos nós somos empresários e patrões de nós mesmos” (Souza, 2012, p. 363).

2.2 A CONFORMAÇÃO DOS VALORES MORAIS E AS TRAJETÓRIAS FAMILIARES

Não importa o que aconteça, a gente não pode se abalar (Augusto, 2020).

Há uma tradição de estudos sobre a relação entre família e os jovens estudantes, no quesito prolongamento de estudos e participação dos responsáveis na vida escolar (Zago, 2012). Por isso, é sabido que os jovens ajustam suas pretensões baseados na realidade objetiva em que vivem, quando, “além dos sonhos e das revoltas, cada um tende a viver ‘de acordo com sua condição’” (Bourdieu, 2013, p. 90-91). Partindo dessa ideia, interessei-me pela relação que existe entre os valores que são conformados pelas necessidades que as próprias famílias das jovens encontram em suas trajetórias, pensando em como as dificuldades econômicas poderiam reforçar o discurso resiliente e meritocrático que incide na relação das jovens com os estudos.

Quando primeiramente entrei em campo, estava no início da pandemia de covid-19 e o cenário apontava para a ênfase no mérito individual nos estudos para acesso à educação

³⁶ Abordarei essa questão na terceira parte da tese.

superior, visto que a maioria das escolas públicas ainda não tinha implementado de forma efetiva o ensino remoto. Assim, as iniciativas de estudo para ingressar em universidades passavam, principalmente, pela proatividade inventiva do estudante. Eram os primeiros meses da covid-19, doença que impossibilitou o funcionamento presencial das escolas públicas que, como nunca antes, precisaram construir ferramentas para que os mais de 400 mil estudantes³⁷, quase 80 mil do Ensino Médio, pudessem estudar de forma remota. À época das primeiras entrevistas, iniciadas em maio de 2020, essas ferramentas ainda não estavam habilitadas às jovens entrevistadas, não eram comuns postagens no Google Classroom³⁸ e, muito menos, aulas institucionalizadas por videoconferência.

As jovens que mantinham os estudos para o Enem e outros modais de acesso à educação superior, faziam-no por iniciativa e encorajamento próprios, ou de pais, amigos e alguns poucos professores que, mesmo sem responsabilidades institucionalizadas, se mantinham presentes. O cenário lembra Bourdieu (2013, p. 106), quando ele reflete que, em determinadas trajetórias de vida, “certo de que não deve sua posição a nada além de seu mérito, está convicto de que só se deve contar consigo próprio para obter salvação: cada um por si, cada um para si”. Sem cobranças escolares e permeadas por indefinições, as jovens que elaboraram uma rotina de estudos nesse cenário de desassistência governamental utilizavam, também, o discurso meritocrático para “sair na frente”.

A meritocracia entende que qualquer sujeito pode garantir seu próprio sucesso sem auxílio da sociedade. Assim, o mérito é construído como se fosse um privilégio herdado (Souza, 2017). A ideia, de forma geral, é invisibilizar as desigualdades sociais como se os pontos de partida fossem os mesmos e somente quem se esforçasse, logo merecesse, seria vencedor. Bourdieu (2007c, p. 241) frisa que a “inteligência”, o “talento” e o “dom” são “títulos de nobreza da sociedade burguesa” e que, junto à precocidade, fazem parte do artefato discursivo que transforma “privilégios sociais em privilégios naturais”. Souza (2017), leitor de Bourdieu, afirma que “inteligência”, por exemplo, faz parte de vários privilégios legitimados dentro de uma lógica de violência simbólica que versa que uns, com capital econômico, e outros, com capitais simbólicos, têm “talento inato”.

³⁷ De acordo com o Censo Escolar realizado em 2013. Disponível em: <http://www.codeplan.df.gov.br/wp-content/uploads/2018/03/Brasilia-2030-Algumas_considerações_sobre_a_Educação_Básica_no_DF.pdf>. (Acesso em: 17/04/2021.)

³⁸ Google Classroom foi a plataforma utilizada pela Secretaria de Educação do Distrito Federal para o contato com os alunos e a realização das aulas. Friso que houve a decisão para o uso de uma plataforma mercadológica para o ensino público, mesmo com o Moodle já sendo um sistema utilizado tanto no Centro de Aperfeiçoamento dos Profissionais da Educação (Eape), quanto por alguns professores previamente à pandemia, além de ser uma plataforma de ensino de software livre.

Essa temática ideológica está relacionada, também, a como se constroem as narrativas familiares sobre suas próprias trajetórias. Como lembra Souza (2012, p. 147), “a família batalhadora é a unidade econômica da classe, mas é a sua unidade moral”. Assim, familiares podem ser exemplos para estudantes que utilizam valores como determinação, persistência e resiliência, apesar do contexto desfavorável e das adversidades inerentes à desigualdade social e escolar, visto que essas virtudes morais dão direitos às famílias a acessar privilégios (Bourdieu, 2013).

A meritocracia é uma ideologia neoliberal incongruente ao pensar que vivemos em uma sociedade desigual. O neoliberalismo é uma doutrina que restringe a atuação do Estado na sociedade, ao focar em direitos de livre comércio e propriedade privada. Harvey (2008, p. 12) reflete que é uma prática que “propõe que o bem-estar humano pode ser melhor promovido liberando-se as liberdades e capacidades empreendedoras individuais”, e Rocha (2021) reforça que o Estado, nesse caso, serve como fomentador jurídico para que haja pleno e livre desenvolvimento do mercado.

Pela desigualdade em que vivemos, a visão do “dom” e do esforço pessoal, assim, não se sustenta, pois não se tomam como referência sujeitos de igualdade. As pistas levantadas por obras prévias à pandemia, como os livros do sociólogo Jessé Souza e as obras da professora Nadir Zago, afirmam a importância da influência familiar nos estudos de jovens. Assim, essas influências nos valores poderiam se estender, também, à concepção de meritocracia internalizada nas jovens. Souza (2012; 2017; 2018) reflete que o mérito individual nos estudos é um enredo amplamente utilizado em discursos, como na televisão e em histórias de vida. É esse discurso que ameniza as desigualdades escolar e social, ao colocar o sucesso ou o fracasso escolar como responsabilidade do próprio esforço do jovem (Souza, 2012).

Por meio da busca bibliográfica prévia à pesquisa, entendemos, com Souza (2012; 2016; 2017), a importância da família nos valores que influenciam a relação dos jovens com os estudos. Em núcleos familiares com pouca história de prolongamento da escolarização, a trajetória de trabalho duro toma uma influência ainda maior para essas jovens, já que seus responsáveis são “batalhadores”, enfrentaram os percalços e se esforçaram para dar a elas uma vida digna e oportunidades que eles mesmos não tiveram.

Como apresentei anteriormente, a maioria das jovens morava com os responsáveis em 2020, em especial com uma figura feminina – mãe ou avó –, sendo que essa mulher é referência em suas vidas, especialmente relacionada à sua labuta cotidiana. Em 2022, quando

retornei a realizar entrevistas com as mesmas jovens, esse cenário não havia mudado. Além da pouca diferença contextual na vida das jovens, visto que só se passaram dois anos, entendo que a referência feminina, de uma matriarca que orienta, é consolidada a ponto de se tornar influência por anos.

A referência feminina pode ser, inclusive, a principal influência profissional para jovens e, em casos mais raros, também escolar, mesmo que tenha uma ocupação de baixo prestígio ou poucos anos de estudo. É evidente, no entanto, que as jovens enxergam a baixa ou incompleta escolarização dos responsáveis:

não, minha mãe não fez faculdade. Ela teve que parar de estudar muito cedo para trabalhar. Acho que foi até a 4ª série do Ensino Fundamental. A minha avó tirou ela da escola, começou a trabalhar muito cedo como doméstica (Dandara, 2020).

Nenhum dos meus pais fez ensino superior. Na verdade, meu pai não acha que a escola seja importante, ele deixa muito claro com as atitudes dele (Marcio, 2020).

Em algumas vivências, pode ocorrer a inserção dos pais na educação superior de forma tardia, já adultos. Quando isso ocorre, as jovens não percebem o retorno financeiro da busca dos pais pela diplomação na educação superior, visto que esses estudos são realizados em instituições pouco consolidadas, alguns a distância e com má qualidade, e não têm relação com a profissão dos pais e a fonte de renda familiar. É o caso de Gioconda, moradora da Estrutural, que recebe um estímulo ambíguo de sua mãe, que fez recentemente um curso em uma faculdade privada de pouco prestígio, não conseguiu trabalhar na área e, dessa forma, os anos de estudo não contabilizaram o retorno financeiro esperado.

Preciso pontuar, também, que há pouco capital informacional na maioria das famílias (Matos *et al.*, 2017; Santos, 2015), no sentido de se referir aos conhecimentos e às informações sobre as melhores oportunidades de estudo, seja na escola ou na universidade, bem como ao próprio funcionamento escolar. Como lembra Souza (2017), é perceptível que a escolarização pouco fez pelos pais. Inclusive, quando demandada, a jovem não cita sua mãe como exemplo de vida escolar:

minha mãe fez Administração, pelo Fies³⁹, na Faculdade Evangélica. O que eu mais ouvi da minha mãe foi: “estuda, dedica o seu tempo agora, porque mais para frente você não vai conseguir. Tenha eu como exemplo, veja a minha experiência”. Ela terminou a faculdade com 37 anos, fez mais tarde porque conheceu meu pai e teve filhos. Hoje minha mãe vende sabão e desinfetante, não trabalha na área da faculdade (Gioconda, 2020).

Certamente, ter exemplos de trajetória ascendente impulsionada pela educação na própria família, ou seja, que a cada geração tenha maior prolongamento de estudos e com maior sucesso acadêmico, é uma vantagem imprescindível. Quando há alguém que já fez faculdade na família, mesmo que seja uma irmã ou prima que é graduanda na UnB, há maior capital informacional sobre o funcionamento acadêmico. Como lembra Souza (2017, p. 88-89), “a dificuldade na escola é muito maior pela falta de exemplos em casa”. Exatamente por isso, as influências escolares lembradas pelas jovens podem ser um primo ou uma prima, ou irmãs mais velhas, que lograram ingresso na educação superior pública por meio de ações afirmativas. Assim, as cotas, sejam elas de raça, baixa renda e, em especial, para estudantes de escola pública, são determinantes para o ingresso na educação superior pública, mas também servem de exemplo, ao angariarem capital informacional para os mais próximos na família:

ixi, aqui em casa? Exemplo de vida escolar para mim? Ninguém. [risos] Exemplo assim não tem, mas minha irmã está no caminho, porque ela tá na faculdade pública e no curso que queria, então alcançou o objetivo dela e ela foi a primeira da família a fazer faculdade pública. Ela passou pelo Enem em uma faculdade no Tocantins e conseguiu transferência para a UnB. Ela faz Serviço Social (Luan, 2020).

Exemplo de vida escolar eu tenho as minhas duas irmãs mais velhas. Elas estão em um nível muito massa, muito legal, de determinação, de onde elas chegaram pelo estudo. A minha irmã mais nova faz Pedagogia na UnB e ela participa de vários projetos. E a mais velha fez Letras – Espanhol na UnB e está fazendo mestrado em Linguística Aplicada (Ary, 2020).

O único familiar que tenho é o meu primo Gustavo. Ele concluiu o Ensino Médio, entrou na faculdade de Administração na UnB, se esforça e tudo e me auxilia muito na minha jornada, é meu exemplo (Thaís, 2020).

³⁹ O Fundo de Financiamento Estudantil (Fies) é um programa do Ministério da Educação (MEC) destinado à concessão de financiamento a estudantes regularmente matriculados em cursos superiores presenciais em instituições privadas.

No momento em que foram realizadas as entrevistas em 2020, não havia uma ação institucionalizada do governo do Distrito Federal que fornecesse, via instituição de ensino, atividades escolares para as jovens, desde aulas remotas a exercícios sobre os conteúdos. O ensino remoto institucionalizado não era uma alternativa. Dito isso, houve uma ênfase na meritocracia, ou seja, a determinação própria das jovens em se reinventar perante a adversidade e lograr sucesso. É evidente que jovens que tinham iniciativa, autonomia e incentivo familiar canalizado para os estudos conseguiram se organizar de forma mais adequada. Alguns, com certa possibilidade financeira, conseguiram pagar cursinhos online.

No entanto, percebemos um potencial inativo. Jovens com pouca folga financeira familiar, com incentivo dos familiares aos estudos, mas de forma vaga, sem orientação e com problemas de autonomia e iniciativa, esperaram da escola e do governo atitudes relacionadas à própria continuidade dos estudos. Enquanto esses últimos não determinavam o plano de ação escolar durante a pandemia, as jovens somente aguardavam, “dormindo às 5h da manhã” ou “fazendo cronograma capilar e vendo séries”. Gioconda chega a dizer que “você só deixa a vida ir do jeito que está”. Nesse cenário, aquelas com maior estrutura financeira e apoio familiar, como compra de notebooks, contrato de internet com maior velocidade, aquisição de cursinhos online e liberação de tarefas domésticas, conseguiram apresentar maior motivação naquele momento de incertezas ocasionado pela crise na saúde pública. Em cena, o capital informacional das famílias (Matos *et al.*, 2017; Santos, 2015).

No entanto, essas jovens foram a minoria. Além do sentimento de insegurança sobre a primeira pandemia enfrentada, outros dilemas, esses concretos e cotidianos, tornaram-se corriqueiros ou se acentuaram. A maioria das jovens alegou que a situação financeira familiar foi afetada pela covid-19 e os consequentes movimentos governamentais de fechamento do comércio. Por isso, muitas famílias buscaram o Auxílio Emergencial⁴⁰ implementado pelo Governo Federal e, de fato, conseguiram o benefício temporário. Para algumas famílias foi mais difícil, já que demandou um leque de documentos e de proximidade com as tecnologias digitais no smartphone. Assim, em alguns casos, o que impediu de conseguirem o benefício foi, também, a não familiaridade com a plataforma. Para outros, no entanto, o Auxílio Emergencial foi um alento automático, pois já faziam parte do Programa

⁴⁰ O Auxílio Emergencial, aprovado pelo Congresso Nacional e sancionado pela Presidência da República, de acordo com o Ministério da Cidadania, é um benefício para garantir uma renda mínima aos brasileiros em situação mais vulnerável durante a pandemia de covid-19, já que muitas atividades econômicas foram gravemente afetadas pela crise. Disponível em: <<https://www.gov.br/cidadania/pt-br/servicos/auxilio-emergencial>>. (Acesso em: 26/07/2021.)

Bolsa Família⁴¹. Em 2022, quando houve retorno às entrevistadas, a maioria afirmava que o cenário econômico desolador pelo qual as famílias passaram em 2020 começava a melhorar e que os valores familiares, como união, apoio mútuo e perseverança, foram fundamentais para lidar com as dificuldades.

A condição econômica das famílias na pandemia gerou mudanças significativas no cotidiano das entrevistadas. Raras jovens relatam que nada mudou a partir de 2020. Essa estabilidade só foi possível porque os familiares eram pensionistas ou concursados de nível técnico, já que a grande maioria precisou fazer alguma modificação no cotidiano, como parar de assinar a Netflix⁴² e o Spotify⁴³, mudar o plano de internet de banda larga ou, em piores situações, como nas famílias que já não tinham nenhuma das benesses tecnológicas, a solução foi diminuir a diversidade alimentar e escolher as contas que seriam pagas no mês. A redução salarial foi uma realidade presente em quase todas as casas das jovens e houve até responsáveis, desmotivados, que deixaram de procurar emprego, visto que se acentuou a dificuldade de encontrar um trabalho:

a pandemia afetou muito aqui em casa. Ainda no começo, meu pai estava com medo que despedissem ele, então acabou recebendo bem menos salário do que a gente esperava. A gente teve que economizar em muita coisa aqui em casa, porque eles continuaram com o salário reduzido e cada vez mais estavam despedindo pessoas no trabalho deles (Rafaela, 2020).

Afetou bastante, até a mim, porque não recebi o passe, descontou da minha bolsa. Nossa maior necessidade agora é comida mesmo (Frederico, 2020).

Meu pai parou, não procurou mais emprego, fez consertos em geral, trabalhava em obra, fazia bicos, mas não procurou mais (Martina, 2020).

Foi frequente a reflexão das jovens sobre como a família tentou se adaptar e passar por aquele contexto não só desfavorável, mas tenso, angustiante e que causou bastante instabilidade na saúde mental. Boa parte dos valores familiares lembrados por elas não diferem entre si. A maioria lembrou da união e de como um familiar auxiliou o outro, assim, “a qualidade do outro se tornou a minha qualidade”, como lembra Gioconda. O esforço, a

⁴¹ O Bolsa Família é um programa da Secretaria Nacional de Renda de Cidadania (Senarc), que contribui para o combate à pobreza e à desigualdade no Brasil. Ele foi criado em outubro de 2003 e possui três eixos principais: complemento da renda; acesso a direitos; e articulação com outras ações a fim de estimular o desenvolvimento das famílias. Disponível em: <<https://www.gov.br/cidadania/pt-br/acoes-e-programas/bolsa-familia>>. (Acesso em: 26/07/2021.)

⁴² Streaming de séries e filmes.

⁴³ Aplicação de podcasts, notícias e música.

determinação e a resiliência também foram lembrados como valores familiares influentes. Dandara citou que o esforço da mãe, empregada doméstica, foi o principal aprendizado, “porque tudo que a gente tem agora, o lugar em que moramos, o estilo de vida, foi minha mãe que correu atrás e conseguiu”. Com o esforço, a união foi certamente o valor familiar mais lembrado pelas jovens. Auxiliar um ao outro em momentos de dificuldade, como pedir a familiares que pagassem as contas da casa quando ocorresse desemprego, foi e é algo corriqueiro para boa parte das jovens.

Uma das características das famílias é trabalhar no mês para pagar as contas do próprio mês, sem muita folga financeira. Como já dito, não foi raro que, caso enfrentassem algum percalço, os familiares se auxiliassem. Assim, a família da jovem Rafaela, moradora da Vila Planalto, região central de Brasília (DF), que viu a redução salarial dos responsáveis no início da pandemia, fez os cortes necessários, mas manteve uma relativa boa internet. Esse esforço familiar teve como finalidade priorizar, também, os estudos da jovem. Uniram-se e fizeram outros sacrifícios para que ela não dependesse da inércia dos governos distrital e federal. Por isso, ela entendeu esse redirecionamento financeiro como um impulso para que também continuasse se dedicando, como um dever moral de dar algo em troca. Acabou internalizando, também, os valores de esforço e mérito vistos nos responsáveis para a sua própria vida estudantil.

Ter pais esforçados, que “se viram, correm atrás das coisas e tentam todas as oportunidades”, é importante para a vida de Martina. A jovem acredita que as necessidades da grande família – são oito filhos –, como comprar comida e pagar as contas domésticas, foram sanadas pelo Auxílio Emergencial. No entanto, outras necessidades, não imediatamente vitais, como os estudos dos irmãos mais novos, que só ficavam no celular e em frente à televisão, eram preocupantes. A jovem entendia que devia fazer diferente, não poderia ficar inerte.

Assim como os pais, que “se viram”, “correm atrás” e “tentam todas as oportunidades”, a estudante, mesmo sem apoio institucional da escola, estava estudando para o Programa de Avaliação Seriada⁴⁴ (PAS) e o Enem na época da entrevista, em 2020. Ela, que tinha somente 3,5 gigas disponíveis para estudar no smartphone, utilizava a internet de locais públicos para baixar as videoaulas que, posteriormente, acabava estudando. Com a pandemia e

⁴⁴ O Programa de Avaliação Seriada (PAS) é um processo seletivo da UnB, realizado ao longo dos três anos do ensino médio regular. Atualmente, a universidade destina metade das vagas em todos os seus cursos aos aprovados no programa e abre as portas da instituição para os estudantes do ensino médio de forma gradual e progressiva. Disponível em: <<https://www.cebraspe.org.br/pas-unb/>>. (Acesso em: 26/07/2021.)

o fechamento parcial dos comércios, encontrou dificuldades para manter a prática. Por essa razão, conversou com um vizinho e passou a utilizar internet banda larga emprestada. Conseguiu apostilas usadas e fez seleção para um cursinho gratuito. Ela, assim como seus pais, “se virou”, “correu atrás” e “tentou todas as oportunidades”.

Ao refletir sobre a influência dos valores familiares nas escolhas das jovens, devo pensar também sobre o quanto esses valores são fundados nas diversas necessidades pelas quais essas famílias, em especial os seus responsáveis, passaram. Quando elas falam que as mães são guerreiras, batalhadoras e esforçadas, elas têm para si a influência de como devem se portar no mundo do trabalho. As jovens têm o exemplo e reconhecimento do trabalho duro em casa. Absolutamente todas afirmaram que seus responsáveis, em especial a mãe, trabalham muito. Assim, sentem o peso do dever moral de retribuir.

Ficam evidentes duas percepções sobre o fato de os responsáveis trabalharem muito. Parte das jovens disse que deveria seguir o caminho resiliente dos responsáveis. Rafaela chegou a citar que queria chegar em casa cansada e encontrar alguém também cansado por ter trabalhado o dia todo. No entanto, esse cansaço é bem-vindo, pois demonstra desejo de trabalhar com o que a satisfaça e a possibilidade de construção de um futuro com maior estabilidade financeira, o sonho da maioria. Outra parte das jovens, ao verem os pais comentarem – por vezes, reclamarem – do cansaço, querem o oposto: trabalhar nem muito, nem pouco, mas “o suficiente”. Em alguns desses casos, as profissões dos pais eram de esforço braçal intenso, como pedreiro e serviços gerais de limpeza. O suficiente, lembram, seria para que conseguissem manter a casa, mas ter a folga financeira para que investissem em lazer e entretenimento.

Anos antes, Souza (2012) já pensava em uma nova classe trabalhadora, a que ele chamou de batalhadores, com jovens ingressando na educação superior por meio de políticas públicas e com famílias tendo oportunidades de microempreendedorismo, carteira assinada e de consumo de bens diversos. No entanto, o cenário econômico brasileiro se modificou e muitas das famílias que antes ascenderam socialmente por meio do consumo e da valorização do salário mínimo, no final de 2022 não estavam mais usufruindo da estabilidade daquela época, ainda mais por conta da pandemia, gerenciada por um governo neoliberal com tendências conservadoras, pela falta de políticas públicas direcionadas, agravamento econômico e carestia.

Consequência disso é que o Brasil retornou ao mapa da fome, fruto da recessão econômica e, de fato, ainda se mantém nesse mapa. Publicação do Departamento Intersindical

de Estatística e Estudos Socioeconômicos (DIEESE)⁴⁵ de maio de 2021 indica que a precarização do mercado de trabalho e o aumento do custo da alimentação básica foram acentuados na pandemia da covid-19, mas pioraram, em especial, após a reforma trabalhista, previdenciária e defesa do teto de gastos⁴⁶, quando mais brasileiros foram para a informalidade. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE), o rendimento mensal médio diminuiu nos últimos anos. No Centro-Oeste do país, a renda é menor do que em 2018, de acordo com dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Dados Contínua⁴⁷ (PNADC).

Para quem vive na materialidade cotidiana a desigualdade social que repercute de forma acentuada em momentos de instabilidade, a economia pesa ainda mais no bolso. Os valores familiares permanecem, alguns inclusive se solidificam nas dificuldades socioeconômicas, como pude presenciar com o aprofundamento da pandemia. A família é uma realidade concreta e serve como inspiração e influência moral (Souza, 2012). Uma das bases dessa estrutura familiar é o trabalho duro, a formação do companheirismo e a solidariedade familiar. Essas características, cultivadas desde tenra idade, geram uma dívida moral dos filhos com os pais. Com a análise das vivências das jovens, fica evidente que os responsáveis que passaram necessidades em outros momentos de sua vida, como instabilidade financeira, pobreza e pouco acesso aos aparelhos do Estado – como saúde, educação e previdência social –, ensinam aos filhos a importância da ética do trabalho duro e que, de fato, o futuro só depende deles.

Esse ensinamento ocorre por meio de conselhos e, também, de ensino prático, quando ocorre a incorporação afetiva “através de conselhos e da exemplaridade de uma disposição para o trabalho duro” (Souza, 2012, p. 146). Isso é perceptível na história de alguns jovens, como o estudante de São Sebastião (DF), Frederico. Sua mãe sempre trabalhou em diversas empresas como serviços gerais para criar, com ampla dificuldade, os oito filhos que seus relacionamentos geraram e que, a muito custo, cuidou sozinha. Como Frederico teve de lidar com as ausências da mãe desde tenra idade, ela ensinou o jovem a realizar as tarefas domésticas, como limpar e cozinhar, e ter autonomia para buscar as suas realizações. Hoje,

⁴⁵ Especial, 1º de maio. Disponível em:

<<https://www.dieese.org.br/outraspublicacoes/2021/especial1deMaio.html>>. (Acesso em: 1/12/2021.)

⁴⁶ A Emenda Constitucional do Teto dos Gastos Públicos foi implementada em 2016 e limita por 20 anos os gastos públicos em todos os três poderes, também na saúde e educação.

⁴⁷ Dados trimestrais do PNADC. Disponível em:

<https://ftp.ibge.gov.br/Trabalho_e_Rendimento/Pesquisa_Nacional_por_Amostra_de_Domicilios_continua/Trimestral/Comentarios_Sinteticos/2021_3_trimestre/pnadc_202103_trimestre_comentarios_sinteticos_Brasil_Grandes_Regioes_e_Unidades_da_Federacao.pdf>. (Acesso em: 01/12/2021.)

Frederico cursa Fisioterapia, pois alega que quer ajudar outras pessoas, mas também sua própria mãe, já que ela tem problemas de locomoção. Frederico estuda na faculdade, faz curso técnico e ainda trabalha. Sua rotina puxada é naturalizada, pois sabe que trabalhar duro é a única chance para modificar o cenário de sua vida, mas também de sua família, em especial a de sua mãe.

Luan, que mora em Santa Maria (DF), aprendeu com o pai os meandros da construção civil e a importância de um trabalho bem-feito. Sua mãe, empregada doméstica há várias décadas, ensinou que ele precisa ter autonomia, mas especialmente que necessita colaborar para a manutenção do lar:

não, nunca teve essa conversa, mas nunca precisou falar, porque desde o ensino médio eu já trabalho. Eu faço estágio no Ministério da Saúde. O dinheiro do estágio fica para mim, com ele eu saio, compro roupa, compro coisa da internet. E eu guardo dinheiro todo mês, mas ainda não sei o que fazer com o dinheiro guardado (Luan, 2020).

Luan nunca ouviu que precisava trabalhar, pois isso sempre foi subentendido. Outro exemplo é a moradora da Vila Planalto (DF). Rafaela, única filha mulher, foi ensinada a limpar a casa e a cozinhar, o que fez diariamente para os familiares e o irmão por anos. Mesmo que o irmão também tenha as mesmas responsabilidades escolares que ela, pois têm diferença de idade de somente um ano, é a ela que foram destinadas as lidas domésticas, um artefato construído socialmente e naturalizado em nossa sociedade patriarcal.

Provenientes de classes sociais menos privilegiadas economicamente, é recorrente a trajetória de trabalho dos responsáveis ser narrada por meio da “batalha” cotidiana. Isso visa lograr uma vida digna e que possibilite às filhas um futuro estável e com prolongação de anos de estudo, usufruindo da moratória da juventude: esse “prazo estendido a certa classe de jovens, que permite a eles aproveitar de menor exigência enquanto completam sua instrução escolar e conseguem sua maturidade social e econômica” (Margulis, 2001, p. 43).

Assim, encontrei algumas jovens da classe trabalhadora que não necessariamente tiveram de trabalhar desde cedo, mesmo por urgência na subsistência. Quando estagiaram, por exemplo, forneciam parte da remuneração para os responsáveis, mais por iniciativa própria do que por exigência dos responsáveis. Gastavam o dinheiro com o seu próprio lazer, como compra de aparelhos telefônicos, saída com os amigos e melhor acesso à internet. Somente

quando há a convergência de outros fatores, como no caso das jovens que vivem sem os responsáveis, que na minha pesquisa são duas – uma que mora com o irmão e outra com o namorado –, a remuneração é utilizada totalmente para o gerenciamento do lar. No entanto, é inegável que estagiar durante a realização do Ensino Médio toma tempo de estudo. E tempo é um privilégio de classe (Souza, 2012; 2017; 2018).

Esse período de permissividade social, sem grandes obrigações com o lar, é geralmente encontrado em classes socialmente favorecidas, como assinala Margulis (2001), por ser frequente prolongar os estudos e entrar na vida laboral tardiamente. As vivências das jovens me dizem que isso também é uma característica de famílias da classe trabalhadora que, ao realizarem um esforço para angariar fundos para a manutenção doméstica, não aplicam de forma rigorosa as cobranças sociais como fariam a um adulto. A moratória da juventude (Margulis, 2001) é, nessa pesquisa, encontrada em famílias que agora detêm maior estabilidade financeira, mesmo sendo parte da classe trabalhadora. Nesses casos, a norma burguesa de valorização dos estudos é exemplo para essas famílias. Por isso, em 2020, somente cinco jovens trabalhavam ou estagiavam. Já em 2022, quando estavam maiores de idade, esse número duplicou. Os estudos, em especial até ingressar na educação superior, se tornaram a prioridade das famílias. É o que Souza (2012) chama de estrutura familiar burguesa como princípio normatizador. Seus filhos, assim, foram temporariamente liberados para os estudos e pouco ou nada auxiliam na casa, financeiramente ou até em sua própria manutenção.

Dandara não teve como ignorar o esforço de sua mãe para que ela e a irmã pudessem usufruir de uma vida no Plano Piloto, região central de Brasília (DF), mesmo que sua mãe tivesse como profissão o emprego doméstico. Morar nesse local é um privilégio na questão de estrutura, segurança e tempo, em especial quando se pensa nas lonjuras de uma metrópole e na segregação de oportunidades que Brasília (DF) mantém desde seu berço. Esse privilégio é mantido com muito trabalho, já que os custos são bastante elevados, tanto na moradia, como na alimentação e nos serviços. Para possibilitar essa vivência às filhas, a mãe manteve dois empregos domésticos por muitos anos. De acordo com a filha, a mãe entende que criar as filhas no Plano Piloto daria mais tranquilidade a ela e mobilidade às duas. Por isso, morava com elas, em 2020, em um apartamento composto simplesmente por um quarto, banheiro e cozinha conjugada com sala.

Dessa forma, liberou as filhas de problemas de locomoção até a escola, bem como as inseriu em uma dinâmica de moradoras da região central de Brasília (DF). Embora a mãe

trabalhasse arduamente, nenhuma das duas filhas teve de conciliar estudo e trabalho enquanto não ingressassem em instituições públicas de educação superior. As jovens usufruíram de tempo livre para os estudos. A tática da mãe, baseada em esforço pessoal e contenção dos gastos domésticos, deu certo. A filha mais velha está cursando UnB, e Dandara, que pretendia cursar História, hoje é estudante desse curso na mesma instituição. Esse esforço foi recompensado quando, em 2022, a mãe parou de trabalhar e passou a ser sustentada pela filha mais velha. Quando perguntada se sua mãe fala sobre Dandara também trabalhar, agora em 2022, a jovem titubeia, mas depois declara que sofre uma pressão:

sim e não. Ela não fala diretamente sobre estágio, mas dá para perceber que ela quer sim. A minha irmã está trabalhando e sustentando a casa. Ela também faz UnB agora. Ela é educadora voluntária da Secretaria de Educação e também trabalha em eventos, nesses ela tem renda fixa. Minha irmã disse que, enquanto ela tiver renda fixa, minha mãe não precisa trabalhar mais. Ela era doméstica. Então agora minha mãe está estudando, fazendo cursos técnicos. Eu vou tentar ajustar meus horários e tentar achar algo para que não fique somente nas costas da minha irmã. Eu sou a responsável legal pela aposentadoria do meu pai, que se tornou incapaz por causa do alcoolismo e, com a pensão do trabalho que gerencio do meu pai, que é separado há muitos anos da minha mãe, 15% da pensão é para mim, 5% para minha mãe e esses 15% vai para uso da casa mesmo, fazer compras, emergências (Dandara, 2022).

Nesse cenário frequente de crescer em um lar formado por incertezas financeiras, a estabilidade proveniente de um concurso público em maior grau e da carteira assinada em menor grau, é certamente um anseio e uma real pretensão. Em algumas trajetórias, posso relacionar esse desejo a uma disposição incorporada para o trabalho duro. Assim, em alguns casos mais que em outros, fica evidente a virtude sendo construída na própria necessidade (Bourdieu, 2013). Perpassa isso o fato de que muitas jovens conformam suas expectativas individuais, os seus sonhos, às próprias possibilidades concretas do seu mundo real (Bourdieu, 2013). Assim, por mais que a jovem filha da empregada doméstica que pagava, com seu esforço em múltiplos trabalhos e “bicos”, um quarto e sala na Asa Norte, região central da capital federal, tenha bons resultados escolares, eles não são suficientes para ingressar em cursos de alta seletividade social. Assim, ela pondera os seus sonhos e adequa as suas metas para que, mesmo em um curso de baixo status social, como os de licenciatura, tenha a oportunidade de ingressar em uma universidade pública de referência nacional.

De fato, boa parte das jovens não auxiliava em casa, nem nas tarefas domésticas, nem com apoio financeiro, mesmo quando estagiam. Quando perguntei às jovens em 2020 se os pais conversavam sobre elas auxiliarem financeiramente em casa, as respostas convergiram para o fato de que eles preferiam a canalização dos esforços para os estudos e demais realizações pessoais:

na verdade, fui eu que trouxe essa conversa de estagiar pra ela. Mas logo ela disse que não (Dandara, 2020).

Não teve essa conversa sobre ajudar em casa. A gente já teve ideia de estágio, mas meu pai fala que eu preciso priorizar os estudos, mesmo que a gente esteja meio apertado (Augusto, 2020).

Na verdade, não teve essa conversa para ajudar em casa, mas sim para eu saber o valor das coisas. Não é uma prioridade. Eu nunca fiz estágio. Eu que decidi que queria só estudar mesmo (Carol, 2020).

A maior parte das jovens, em 2020, usufruía da moratória da juventude (Margulis, 2001), colaboravam com a gestão do lar eventualmente e com o que quisessem. Esse seria um investimento dos pais na prolongação dos estudos dos filhos? Zago (2012) lembra que o apoio e o incentivo familiar são primordiais para o sucesso escolar. Posso dizer que, assim como as classes mais abastadas, os pais apoiaram os estudos das filhas ao liberá-las de trabalhar, estagiar e até mesmo, em alguns casos, de realizar atividades domésticas. Dessa forma, a estrutura familiar burguesa se tornou o princípio normatizador, como afirma Souza (2012), também para famílias da classe trabalhadora.

Essas famílias, em que os responsáveis passaram necessidade, têm o trabalho braçal como atividade remunerada desde muitos anos e não tiveram oportunidade de estudo, ensinam às filhas a importância da ética do trabalho duro por meio de conselhos e exemplos. Luan lembra que os pais nunca precisaram falar com ele sobre ganhar seu próprio dinheiro. Ele, por iniciativa própria, buscou um estágio. No entanto, a maior parte dos pais destina às filhas tempo livre, mesmo que não direcionado com cursos de aprimoramento para os estudos. Assim, o trabalho duro não seria uma realidade para boa parte das jovens enquanto cursavam o ensino médio, a não ser o trabalho de estudar duro, que ressalta, dessa forma, o discurso meritocrático de esforço individual.

Embora ocorresse a valorização do tempo livre para cultivo próprio, assim como na classe média tradicional, percebo que ele não é canalizado, na maioria dos casos, para os estudos, formação mental e física, visto que há empecilhos financeiros e do baixo capital cultural. Exemplos de um investimento integral seriam a realização de cronogramas para estudos, controle do tempo nos aplicativos de redes sociais nos celulares, incentivo dos pais para leituras de livros e revistas, ou assistência direcionada de documentários, realização de atividades físicas e, possivelmente, trabalho psicológico com profissionais, com a finalidade de fomentar a autoconfiança e a resolução de conflitos. Assim, tem-se a estrutura familiar burguesa como exemplo, no entanto, há a barreira financeira, mas especialmente entraves relacionados ao capital cultural objetificado e institucionalizado (Bourdieu, 2013) e, também, de capital informacional, ou seja, de entender o funcionamento da cultura escolar e realizar incentivos mais concretos e direcionados.

Considero que as jovens entrevistadas têm nos responsáveis, em especial na figura materna, uma forte influência para a vida. “Eu quero ser igual a ela”, frase dita por Carol ao lembrar como a mãe é dedicada e esforçada no trabalho, mesmo passando por diversos percalços na vida, o que aponta para um compilado de vivências que corroboram a internalização de valores familiares sobre trabalho duro e mérito individual para o sucesso escolar. No cenário da pandemia da covid-19, esses valores foram acentuados devido ao contexto, na época, de uma escola que estava tentando ainda construir ferramentas para lidar com as aulas remotas. As jovens que “saíram na frente” beneficiaram-se do capital informacional da família, além de operarem privilégios construídos, como autonomia com os estudos e disciplina, o que reforça o discurso do mérito individual.

Na ausência de conhecimentos e informações sobre o funcionamento das universidades, ainda mais nos casos em que as jovens foram as primeiras de suas famílias a ingressarem na educação superior, elas tatearam o caminho quando se tornaram graduandas em 2021, desconhecedoras do funcionamento de uma instituição de educação superior. Percebo a óbvia diferença na trajetória de Ary, pois ele tem duas irmãs já formadas na UnB. Ele ingressou na instituição já sabendo o caminho a trilhar e, por isso, conseguiu seu primeiro estágio antes mesmo da regulamentação de sua matrícula no primeiro semestre.

A partir da vivência nas universidades, as jovens que foram as primeiras de suas famílias a estarem em um ambiente acadêmico, demoraram a se ambientar e manejar seus sonhos, agora entrelaçados com esse espaço. No entanto, é inegável que boa parte delas já

saibam que estão em uma instituição que oportuniza uma mudança de vida. Por isso, a maioria das jovens, quando projetam suas vidas a médio e a longo prazo, relatam que desejam trabalhar na área de formação do curso, como Martina, Cristina e Ary, que desejam ser professoras universitárias e realizar, além da graduação, mestrado e doutorado.

Outras desejam trabalhar na área de formação, porém no mercado, como Frederico, Dandara e Gioconda, e há aquelas que desejam empreender, no sentido de abrir empresas, como Rafaela, Vanessa e Augusto, porém também na área do curso. Em alguns casos, há a ênfase na importância de ter uma vida estável, que possibilite sair das adversidades financeiras pelas quais viveram desde a infância, com a possibilidade de viajar, comprar uma casa e um carro.

Os sonhos, contudo, não são individuais, pois é frequente que as jovens reflitam que suas conquistas irão projetar, também, mudanças nas vidas de familiares. Luan vai mais longe e lembra que seu maior sonho é aposentar sua mãe, que foi e é empregada doméstica e tem 47 anos. Ademais, ressaltam dois discursos: o do jovem que deseja trabalhar com pesquisas que tenham como temáticas contribuições das vivências que teve no mundo pobre e rural, como Ary, e o discurso daquele que, em um tom de realização individual e meritocrático, quer se tornar empresário.

Quero trabalhar com comunicação pública, rural e periferia (Ary, 2022).

Quero ter a minha empresa para eu falar: “daquele pó eu virei esse prédio!” (Rafaela, 2022).

Para muitas jovens, a finalização da educação básica resultou em uma pressão para que encontrassem um trabalho ou que fizessem estágios remunerados. Por isso, quando demandadas se os seus responsáveis haviam orientado ou não sobre a necessidade de realizarem estágios quando já estavam graduandas, percebe-se que essa cobrança aumentou, assim como a consciência das entrevistadas em colaborarem com o sustento da família. Das 13 jovens, em 2020, somente cinco estavam inseridas em estágios. Já em 2022, 10 trabalhavam ou estagiavam, o que gerou determinada renda para si e, também, para sua família. Somente duas jovens nunca estagiaram ou trabalharam, enquanto uma delas não estagia atualmente, porém já trabalhou. Das que trabalham ou estagiam, quatro realizam seus estágios na área de graduação,

e o restante mantém empregos esporádicos, os denominados freelances, ou trabalham fora da área:

eu sempre mexi com tudo, tinha ideia de como mexer no Photoshop, já tinha ideia de mexer no Canva, então consegui esse estágio ainda no primeiro semestre da faculdade. Não teve exatamente uma conversa direta dos meus pais sobre fazer estágio, mas é subentendido. A partir do momento em que você sai do Ensino Médio, é subentendido que você trabalhe, até porque não tem como não trabalhar, ainda mais com tudo encarecendo. Sem o estágio, eu teria menos lazer, não teria regalias – como comer um lanche na UnB. O dinheiro do meu estágio vai para os meus gastos, materiais para a universidade. Eu não peço nada para minha mãe e sempre que dá eu ajudo em casa com esse dinheiro (Ary, 2022).

Minha mãe espera que eu faça estágio, mas ela não precisa falar, eu sempre tive que ajudar. O dinheiro que eu recebo do estágio eu ajudo em casa de forma fixa, internet WiFi eu que pago e eu dou sempre dinheiro para ela e o que resta eu compro minhas coisas (Frederico, 2022).

A prioridade é estudar, mas consegui um estágio para pagar a faculdade, o dentista e o cartão de crédito, e para ajudar em casa também, mesmo me sentindo acolhida e amada, gosto de ajudar (Carol, 2022).

O dinheiro do estágio é utilizado para o lazer das jovens, mas também para gastos com o lar, como mostrei nos casos acima. Há, nesse sentido, uma noção de dever moral em colaborar com a manutenção da casa, especialmente quando há somente uma responsável – a mãe –, com o acréscimo de uma acentuada dificuldade financeira, como no caso de Gioconda, ou grande número de irmãos, como Martina e Frederico, já que ambos somam oito irmãos. Além disso, há outro tipo de reflexão, o de que a oportunidade de estudar na UnB é única, como lembra Thaís, que, ao operar um pensamento prospectivo, entende que deve aproveitar o momento e focar nos estudos, apesar de enfrentar, em casa, problemas básicos, como na aquisição de alimentos:

não, nunca ouvi sobre fazer estágio, mas eu não preciso ouvir, né? Se só o meu esposo trabalhasse seria muito difícil. Comigo trabalhando a gente consegue respirar, lanchar e até poupar um pouco, porque eu só compro o necessário. Não compramos mais sabão, fazemos sabão. Não compramos mais leite, nem café, Coca e acabamos comprando menos carne e mais verdura (Gioconda, 2022).

Pela questão financeira eu precisaria estar trabalhando todos os dias, não só em eventos, mas a UnB é o lugar que agora me daria mais oportunidades no futuro, então eu penso na frente, não no agora (Thaís, 2022).

O sentimento de colaboração para o lar e o incentivo da autonomia provêm, em especial, da construção das virtudes familiares, já trabalhada previamente. Os valores abordados pelas jovens que, por si, são construções duradouras e sólidas, mantêm-se os mesmos de 2020, basicamente união, apoio e força de vontade:

a minha família é unida, sabe se colocar no lugar do outro e acho que a gente consegue conversar e ter um diálogo. Minha família é muita esforçada, cada um é muito correria, meus pais, minhas irmãs, e isso me motiva a ser assim também (Ary, 2022).

Meu pai não teve ajuda familiar, ele conquistou tudo sozinho. Ele entrou no hotel como camareiro e hoje é gerente de recepção de quatro hotéis de uma rede. Minha avó não conseguiu dar estudo para o meu pai. Já as virtudes da minha família me influenciaram muito. Eu cresci sempre com apoio e com a importância da perseverança, e eu acabava levando isso para tudo [...] porque todos precisam de apoio, todos precisam acreditar (Rafaela, 2022).

Impossível deixar de frisar a ação resiliente a longo prazo das matriarcas, visto que as jovens lembram que as famílias, mas em especial elas, reforçam seus aspectos positivos e impulsionam suas próprias ações para que transformem suas realidades por meio da educação. Quando os genitores homens estavam ou estão ausentes física, financeira e emocionalmente, na maior parte dos casos, já que em sete lares a chefe da família é a genitora, as mulheres labutam e batalham para manter a si e a seus filhos. Por isso, Thaís, que carrega diversas amarguras de uma mãe que não aprendeu a demonstrar sentimentos, sabe que é por meio de seu estudo que não só sua vida irá mudar, mas também a de sua matriarca:

Pesquisadora: Qual a sensação de pagar contas de casa?

Thaís: Eu sinto que poderia auxiliar mais, mas gosto de pensar que estou ajudando e que estou ali por ela. Eu mesmo me cobro muito, porque minha mãe só vai mudar a vida dela através de mim. Minha terceira etapa do PAS foi desesperadora, eu sentia todo peso do que estava fazendo: “se eu não passar, eu não vou conseguir mudar de vida, nem ajudar minha mãe”. Eu falo direto para mim que a única pessoa que irá fazer eu sair dessa vida sou eu, se não a minha mãe também vai passar o resto da sua vida com essa vida de fazer diária na casa dos outros, ela já naturalizou isso, e eu só consigo isso se estiver no meio acadêmico, porque ela não tem força para nada além de dar conta de

dar comida para os filhos. Às vezes, ela é humilhada por pessoas que querem que ela trabalhe muito por pouco e ela sempre vai querer estar nesse meio, fazendo diária, porque é o que naturalizou fazer. Ela se acomodou, não procura estudo, mudar de vida. Ela sai para trabalhar, dorme, sai para trabalhar, dorme. Ela não faz nada para ela própria, ela não terminou o ensino fundamental, ela só trabalhou a vida inteira, inclusive grávida. Ela me contou que estava grávida de mim e quebrava coco lá no Piauí (Thaís, 2022).

São oito filhos e ela criou todos sozinha. Eu sou o mais novo da casa. Então é questão de convívio, de perceber as coisas como são, de perceber o que minha mãe precisa e dar valor ao esforço dela. Minha mãe é batalhadora, guerreira e esforçada. Não teve ajuda para criar oito filhos. Meu pai não ajudou em nada, só Deus mesmo. Minha mãe foi muito importante, um pilar. Ela sempre conversa comigo sobre eu focar nos meus estudos, ser uma pessoa obediente e esperta (Frederico, 2022).

A responsabilidade foi algo muito passado pela minha mãe, a autonomia para buscar o que a gente quer. Minha mãe sempre foi independente, ninguém dizia para ela fazer, ela corria atrás. Mesmo com oito filhos ela continuou correndo atrás. Então eu que me preocupo em fazer estágio, de estar recebendo meu dinheiro para fazer minhas coisas e não precisar pedir nada (Martina, 2022).

A reflexão de gênero é inerente à pesquisa, pois, além das matriarcas serem as mais lembradas como referências pessoais, são também as próprias jovens que sofrem com a estrutura impositiva do patriarcado que as fazem ser responsabilizadas, inclusive pelas mães, que estão também inseridas nessa mesma lógica ideológica, pelos cuidados com o lar e com os outros membros da família. Por vezes, essa nefasta construção social, de tão naturalizada, não é percebida pelas jovens que ainda entendem que recebem total apoio da família, sem compreenderem que a falta de divisão nas tarefas domésticas é uma sobrecarga:

sou muito independente e sigo atrás das minhas coisas. Então persistência é uma virtude familiar e também o apoio. Eles me apoiam e têm empatia comigo. Até semana passada, eu limpava tudo na casa e cozinhava, mas agora, com o retorno das aulas presenciais na UnB, não é mais possível. Eu era a principal responsável por essas coisas, então agora minha mãe falou que vai ensinar e cobrar meu pai e meu irmão a participarem mais. Acho que mulher amadurece mais cedo, por isso eu sabia cozinhar e limpar a casa, mas é complicado eu carregar tudo e ele só lavar a louça (Rafaela, 2022).

O caso de Rafaela revela a dura jornada de filhas que são responsáveis pela manutenção do lar, apesar de terem irmãos homens que também poderiam realizar essas atividades. A jovem, em 2020, não problematizava essa questão de forma alguma. Em 2022, ela diz que não fará mais as atividades, pois precisa estar presencialmente na UnB para aulas e

estágios. No entanto, fica a cargo da mãe, outra mulher, a tarefa de ensinar e cobrar os demais participantes da casa, esses homens, para que participem da manutenção do lar.

As questões relacionadas à saúde mental, após a pandemia, tornaram-se prioridade. Muitas jovens, ao refletirem sobre as necessidades pelas quais passaram, em 2022, se lembram de questões materiais e até alimentares, porém dão ênfase ao apoio psicológico profissional que elas ou seus familiares precisariam ter. Em um dos casos, a irmã de um jovem até mesmo tentou suicídio. Em outra, a própria jovem, em período de depressão, quis findar com sua vida:

Augusto: No meu núcleo familiar precisaria ter apoio psicológico que a gente não tem. Acho que, na pandemia, a gente começou a conversar mais sobre saúde mental, porque tivemos casos de pessoas depressivas na família. Minha mãe é depressiva, meus irmãos são depressivos e minha avó é bastante depressiva. A gente passou a cuidar mais um do outro e tenho primos e tios que pioraram muito na pandemia, ficaram desempregados, então um ajuda o outro. A família se mobilizou. Inicialmente, era questão de roupa: “preciso de roupa”. Depois, na pandemia, foi comida: “preciso de comida”. Então a família se ajudou.

Pesquisadora: Tua família está comentando sobre as questões financeiras?

Augusto: Muito. Pediram para reduzir a energia elétrica, comentaram que foram ao mercado e tiveram que escolher entre um produto ou outro, então só trouxeram um.

Pesquisadora: Você já escutou que tiveram que escolher um produto?

Augusto: Sim, e nem era questão de luxo, era algo do cotidiano.

Pesquisadora: Notou mudança na alimentação?

Augusto: Carne bovina não existe mais aqui em casa, é só frango. Muito gritante a diferença. Muito frango. Tivemos trocas de marcas aqui em casa, desde o amaciante até o produto de cabelo (Augusto, 2022).

Apoio psicológico também é uma necessidade. Minha família tem uma mente muito fechada, muito ignorante em alguns aspectos e acabam tendo comportamentos complicados, e também a questão religiosa piora isso, o fanatismo (Thaís, 2022).

Na minha família, apoio psicológico seria bom, meus pais precisam muito, mas nem querem também (Ary, 2022).

Eu sempre tive períodos com depressão, hoje os sentimentos estão melhores. Faço acompanhamento com psiquiatra e terapia também, tomo remédios (Vanessa, 2022).

Tratamento psicológico é uma necessidade, com certeza, porque eu vivi muita coisa que me deixou com traumas (Gioconda, 2022).

De acordo com o estudo *The state of the world's children 2021: on my mind: promoting, protecting and caring for children's mental health*⁴⁸ (Situação mundial da infância 2021: na minha mente: promovendo, protegendo e cuidando da saúde mental das crianças – tradução minha), antes da pandemia, muitos jovens já apresentavam fragilidades na saúde mental, como se sentir depressivo ou com pouco interesse para fazer as coisas. Logo, é certo dizer que o contexto em que os jovens vivem, assim como as próprias circunstâncias das vivências, afetam sua saúde mental. Após a pandemia, quando muito se viveu o luto e a preocupação consigo mesmo e com seus familiares, além do distanciamento e do isolamento social necessário para a contenção do contágio do vírus, houve maior debate sobre a importância da saúde mental. Considero importante o registro de que cinco das 13 jovens relatam ser uma necessidade individual ou familiar ter acompanhamento psicológico, e que mais de uma delas já foi diagnosticada com depressão ou teve um caso de tentativa de suicídio na família.

Muitas dessas jovens relatam a importância de valores familiares como união e força de vontade. Em determinado ponto, muitas internalizam os valores de mérito, de “correr atrás do seu”, ou seja, de esforço, para si, no mundo estudantil ou de trabalho. De todos os familiares, são as mães as que são mais lembradas – os pilares –, visto que, em sete lares das jovens, o genitor não é uma figura presente, nem física, financeira e muito menos emocionalmente. As responsáveis, no caso a mãe, são aquelas que provêm uma determinada moratória da juventude, em especial durante o ensino médio, a fim de que as jovens possam dedicar integralmente aos estudos, apesar das limitações financeiras. Ajustadas à realidade social, as jovens passam a sentir uma obrigação moral de estagiar ou trabalhar quando entram na universidade ou assumem a maioridade.

Assim, esta seção – a segunda parte da tese – caracterizou as trajetórias das jovens, em especial a familiar, considerando as condições do campo social em que estão inseridas. Além disso, trabalhei a conformação dos valores familiares das jovens pensando em como as dificuldades incentivam a união e também o esforço individual, dos pais – sobretudo das mães –, mas também das próprias jovens quando se relacionam com os estudos ou o mercado de trabalho. Nesse sentido, os valores familiares – ser esforçada, esperta e resiliente – fazem essas jovens também buscarem o seu melhor, inclusive subvertendo as funcionalidades dadas pelas estruturas e agindo nas brechas, como mostrarei na sequência.

⁴⁸ O estudo está disponível em inglês no site: <https://www.unicef.org/reports/state-worlds-children-2021?utm_source=referral&utm_medium=media&utm_campaign=sowc-web>. (Acesso em 28/08/2023.)

TERCEIRA PARTE – APROPRIAÇÃO DO CAPITAL MIDIÁTICO COMO TÁTICA EM UMA SOCIEDADE DESIGUAL

3.1 EDUCAÇÃO E COMUNICAÇÃO: UMA VISÃO LATINO-AMERICANA

O antropólogo chega à cidade a pé, o sociólogo de carro e pela pista principal, o comunicólogo chega de avião. Cada um registra o que pode, constrói uma visão diferente e, portanto, parcial. Há uma quarta perspectiva, a do historiador, que não se adquire entrando, mas saindo da cidade, partindo de seu centro antigo em direção aos seus limites contemporâneos. Mas o centro da cidade atual já não está no passado (Canclini, 2008, p. 21).

He dicho Escuela del Sur; porque en realidad, nuestro norte es el Sur. No debe haber norte, para nosotros, sino por oposición a nuestro Sur. Por eso ahora ponemos el mapa al revés, y entonces ya tenemos justa idea de nuestra posición, y no como quieren en el resto del mundo. La punta de América, desde ahora, prolongándose, señala insistentemente el Sur, nuestro norte (Torres García, 1941).

Quando escolhi fazer meu doutoramento em Educação após realizar o mestrado em Comunicação, pensei nas especificidades do novo campo que propunha trabalhar. Apesar das particularidades inerentes à área do conhecimento, há aproximações entre os campos porque ambos estudam as práticas sociais de sujeitos. Acredito ser importante iniciar a seção com um exercício reflexivo, com perguntas elaboradas por Gatti (2012, p. 14) sobre a pesquisa educacional: “de onde partimos? Com quais referentes? Para quem queremos falar? Por quê? Que tipo de dados nos apoiam? Como se originam? Como cuidamos da nossa linguagem e comunicação?”. Esses questionamentos me guiam ao longo desse trabalho.

A área investigativa da Educação dialoga historicamente com outros campos de pesquisa. Se, como lembra Canclini (2008), o comunicólogo chega de avião à cidade, o pesquisador em Educação mora e trabalha na cidade e, ao vivenciá-la, tem uma perspectiva própria. Partindo da necessidade de estudar as pontes entre as disciplinas sem, contudo, esquecer do rigor e da produção específica do campo educacional, a proposta foi dialogar com as interfaces da Educação e Comunicação para construir meu objeto de investigação.

Para tal, é importante voltar aos escritos de Paulo Freire e Martín-Barbero para entender de que comunicação estou falando. No sentido construído por Freire (1971), a comunicação ocorre quando os sujeitos dialogam e a essência humana se sobressai, não é uma mera transmissão de conhecimento. No sentido barberiano, importam os usos que os sujeitos fazem da comunicação, pois é ao dar significado que ocorre a apropriação. Martín-Barbero é leitor de Freire e, com ele, o colombiano entende que as mídias não significam comunicação de fato, pois a significação é o sujeito que elabora. Quando penso a construção do meu objeto, o diálogo entre essas duas concepções reflete a preocupação em entender como jovens periféricas se apropriam de bens midiáticos para seus estudos enquanto se entendem em um contexto de desigualdade social.

Ao colocar a apropriação do capital midiático como cerne para pensar o imbricamento entre Educação e Comunicação, o objetivo é avançar nas reflexões sobre a ampliação do capital cultural, conceito cunhado por Bourdieu, porém agora no contexto em que vivemos, o da cultura digital, em um espaço geográfico específico, o Brasil, país latino-americano. Os sujeitos da América Latina conheceram a cultura digital basicamente por meio dos dispositivos móveis, com internet insuficiente e ainda enfrentando diversas dificuldades no quesito de acesso ao capital cultural, aquele tradicional e aristocrático. Logo, entender como atuam os capitais simbólicos é uma necessidade proveniente das informações geradas pelas duas entradas em campo, em 2020 e em 2022. Fruto dessas vivências, sua ampliação é minha necessidade prática, oriunda de elementos abordados pelas jovens durante as entrevistas e, também, pelo contexto que nos localizamos como grupo de pesquisa.

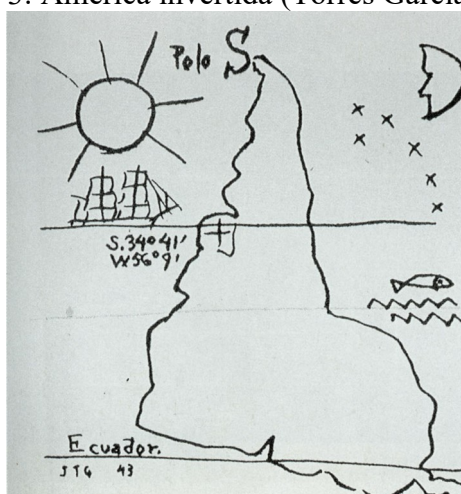
A ideia é agregar ao conceito de capital cultural visões sobre a realidade teórica, empírica e metodológica da América Latina no cenário da cultura digital. Com isso, pretendemos contribuir para o debate acadêmico sobre apropriações de capitais simbólicos na Educação, em especial no contexto de desigualdade social e luta simbólica. A intenção de

priorizar autores latino-americanos não se dá por preciosismo geográfico. Nós, educadoras e pesquisadoras, estamos social e historicamente localizadas.

Ribeiro (2010, p. 43) reflete que nós, latino-americanos, “somos produtos de um mesmo processo civilizatório”. Acredito que podemos, por meio da pesquisa, validar as experiências compartilhadas por antigas colônias ibéricas e as distintas formas de se reinventar protagonizadas por latino-americanos na vida cotidiana contemporânea. Viver em uma ex-colônia, apesar da suposta distância temporal, significa ter heranças, traços e marcas identitárias que são vivenciadas pelos sujeitos. A isso se soma a temporalidade que chegam até nós, periferia do mundo, para consumo de diversas tecnologias, como o celular e a internet de banda larga, e como elas são utilizadas e têm suas principais funcionalidades desvirtuadas.

Apesar dessa unidade de experiências, Ribeiro (2010, p. 24) entende que vivemos de forma isolada, pois nos voltamos mais “para fora, para os grandes centros econômicos mundiais, do que para dentro”. Essa ideia percorre não só preferências inocentes do cotidiano, como estilos musicais e a escolha do que vestir, mas também questões graúdas, como a formação teórica de pesquisadores. Essa visão única foi desconstruída por Freire e Martín-Barbero, cada um com suas preocupações específicas. Um criticou a realidade de que, no contexto do mutismo, fomos comunicados; e outro se entendeu como um “cartógrafo mestiço” e refletiu sobre o que as pessoas fazem com o que consomem. O cerne é o mesmo, a crítica de que os investigadores, muitas vezes, aplicam teorias elaboradas em centros de investigações estrangeiros sem a devida reflexão e adaptação à realidade vivida na América Latina.

Figura 3: América invertida (Torres Garcia, 1943)



Fonte: Wikipédia (2023)

É nesse sentido que cabe a reflexão do uruguaio Torres Garcia, em meados do século XX, quando propôs que devemos cambiar nosso mapa de pretensões, em uma geopolítica invertida e subversiva, como vemos na Figura 3, que realoca o nosso metafórico norte, aqui entendido como nossos anseios e objetivos, no sul geográfico e latino-americano. A consciência crítica provém exatamente de desnaturalizar os processos históricos (Martín-Barbero, 2014). Isso impulsiona nossas ações para questões emergentes de jovens que vivenciam as periferias de uma grande metrópole brasileira, como é Brasília (DF), atualmente com 3 milhões de habitantes⁴⁹. Como eles se apropriam do capital midiático em um cenário de profunda desigualdade social e educacional? Como o utilizam em ambientes universitários, um espaço de valorização da cultura aristocrática?

Nessa seção, refletirei sobre o percurso do conceito capital cultural, a começar com a obra geradora e inspiradora de Bourdieu e, posteriormente, ao trazer as contribuições de autores como os mexicanos Ramírez, Casillas e Méndez (2014) e a brasileira Setton (2005) para adentrar nas discussões de sua ampliação conceitual já no âmbito da América Latina. Defenderei, na sequência, a escolha do diálogo mais acentuado com a obra de Setton (2005) e construirei dissonâncias críticas com alguns autores. Baseio-me na teoria de Setton (2005), porém a insiro em um contexto de cultura digital, ampliação proporcionada pelo uso do celular e de uma internet móvel, sem deixar de elaborar reflexões sobre a subjetividade dos sujeitos.

A ideia, ao analisar as entrevistas com as jovens, é pensar o uso da tecnologia como linguagem, não idealmente neutra, mas declaradamente ideológica, e que pode somar ao caráter emancipatório da vida das jovens por meio do seu uso, ou seja, de sua apropriação (Chartier, 1995) como tática, com uma visão de Certeau (1998) e Martín-Barbero (2009). A isso chamo de capital midiático, como abordarei na sequência.

3.1.1 Capital midiático: apropriação e tática

É inegável a contribuição das obras de Pierre Bourdieu (2007a; 2007b; 2007c; 2007d; 2013) para pensar as disposições não materiais em uma sociedade desigual. Ao focar

⁴⁹ Estimativa populacional (IBGE, 2021). Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/df/brasilia.html>>. (Acesso em 14/03/2023.)

o contexto histórico de meados do século XX, entendemos que essas preocupações detêm um caráter inovador, visto que explicações como capacidade inata e dom circulavam sem grandes problematizações.

Certamente, entender o acesso e a permanência na educação superior passa, também, por dialogar com os capitais simbólicos e sua importância na vida de jovens da classe trabalhadora. Assim, é primordial entendermos as formas com que os capitais, em especial aqui o capital cultural, incidem nas práticas sociais dos sujeitos que vivenciam a sociedade desigual em sua materialidade, com regiões de vivência com insuficiente estrutura governamental para saúde, educação e lazer, e isso desde tenra idade, somados à violência urbana, de gênero e ao racismo.

As jovens da nossa pesquisa relatam difícil acesso ao acompanhamento de saúde básica, escolas da rede pública com distintas qualidades e oportunidades de acordo com sua localização, inexistentes locais de lazer público e, principalmente, as pesadas questões financeiras que limitam até mesmo o direito à cidade. É imprescindível ponderar que as desigualdades maculam as trajetórias também com limitações cotidianas que dificultam a vivência de Brasília (DF), inclusive de seu aporte cultural. Como lembra Calvino (2002, p. 59), “jamais se deve confundir uma cidade com o discurso que a descreve”. Conhecida por ter museus e centros culturais, a metrópole é majoritariamente desconhecida pelas jovens entrevistadas, que relatam terem frequentado museus em especial com passeios escolares e, de forma geral, desconhecem o que a cidade oferece, por falta de incentivo e, também, por problemas na integração e mobilidade urbana.

Planejada como uma cidade modelo, a utopia urbana que idealizou Brasília (DF) se desfez ao longo dos anos que se seguiram. Na década de 1960, quando de sua inauguração, já estavam presentes, como uma cidade dentro da outra, no sentido de Calvino (2002, p. 147) para sua cidade invisível Berenice, “apertadas, espremidas e inseparáveis”, a segregação socioespacial da capital brasileira. Sendo uma cidade com distâncias consideráveis e conectada ao centro composto pelas Asa Norte e Asa Sul, a apartação e o espraiamento atingem sua população de forma desigual. Quem mora fora do Plano Piloto, por exemplo, no Paranoá, precisa tomar duas conduções para chegar ao Espaço Cultural Renato Russo, localizado na Asa Sul. Hipoteticamente pensando que isso ocorreria no domingo, quando não há passe livre estudantil, são quatro passagens somente para uma única pessoa⁵⁰. Quando outras questões,

⁵⁰ À época da defesa, a passagem urbana de Brasília custava R\$ 3,80. Quatro passagens custavam R\$ 15,20 por pessoa.

essas emergenciais, contam na “balança”, é compreensível que muitas jovens optem por não colocar espaços culturais na programação semanal.

De forma consolidada, entendemos que a reflexão de Bourdieu repensa as ditas aptidões naturais e o dom para explicar o sucesso escolar. Afinal, quando negligenciamos o crédito das oportunidades que os sujeitos têm desde a primeira infância, o sucesso desses sujeitos só pode ser explicado pelo esforço e pela individualização dessas conquistas, como trabalhei na quarta parte da tese. A familiaridade com a cultura legitimada desde os primeiros anos é cultivada no espaço primário de socialização, no próprio lar, e ocorre a partir do desenrolar do cotidiano, de forma sutil e pretensamente natural. Aos mais desavisados, essa inculcação se torna invisível e abre brechas para explicações enraizadas em nossa sociedade, porém criticadas por Bourdieu e por mim, como o dom, a genialidade e a aptidão natural.

Perceber a quais estilos musicais ou produções audiovisuais os pais dedicam seu tempo, observar corriqueiramente o comportamento dos avós, inclusive gestual e postural, ouvir a irmã mais velha comentar sobre uma exposição que escolheu visitar durante o final de semana, ser convidado pelo tio para ir a uma peça de teatro e, depois, conversar sobre ela enquanto degustam culinária típica de algum país asiático, contemplar eventualmente uma obra de arte ao passar no corredor de sua casa ou outras obras na casa de conhecidos, escolher um livro na biblioteca dos pais, visitar centros culturais com a família, ouvir a mãe tocar Chopin⁵¹ ao piano, ter tempo, local apropriado e silêncio para desenvolver atividades como leitura e ócio são só alguns exemplos da construção dessa familiaridade com a cultura, que é sempre distintiva. Naturalizada, ela é tida como comum, alusiva e imperceptível, como se fizesse parte da conformação dos valores de determinadas famílias e de outras, erroneamente ditos por culpa e desinteresses próprios, não.

Com a reflexão de Bourdieu, entendemos que o capital cultural tem relação exatamente com heranças supostamente invisíveis, portanto simbólicas e imbricadas às trajetórias familiares, o que nos deixa atentos às desigualdades na vida escolar de estudantes de distintas classes sociais. À época, Bourdieu (2007a) dividiu o capital cultural em três estados: incorporado, objetificado e institucionalizado. Cabe pormenorizar brevemente essa divisão, amplamente trabalhada na literatura, pois ela é atualmente utilizada, com modificações, por pesquisadores que pensam a ampliação do conceito de capital cultural.

⁵¹ Frédéric Chopin é um pianista do século XIX, radicado na França e reconhecido como um dos maiores pianistas da história.

O primeiro estado do capital cultural, o incorporado, refere-se ao trabalho de assimilação, e é possível que o sujeito construa esse estado de forma furtiva e discreta, pois é cultivado por meio da socialização. O estado objetificado se revela pela posse de bens culturais, como livros e obras de arte, ou seja, itens relacionados à posse de bens simbólicos da cultura legítima. No entanto, não basta possuir tais objetos, como uma biblioteca com centenas de livros, pois sua posse não implica a operacionalização do capital cultural. Para que isso ocorra, deve-se operar o capital cultural incorporado, como a fruição dos livros da biblioteca da família. Por último, o capital institucionalizado se refere às certificações acadêmicas que frequentam um mercado de títulos, que serão reconhecidos ou não no mercado de trabalho ao valorizar alguns diplomas mais do que outros.

Nosso objetivo nessa seção é dialogar o capital cultural com os significados que nos trouxe o acompanhamento de dois anos de jovens periféricas, pensando em uma ampliação do conceito bourdieusiano e como ele age na cultural digital, em um contexto de profunda desigualdade social. É inegável que houve modificações contextuais após a elaboração conceitual de Bourdieu. Dos primeiros computadores à inteligência artificial, passando pela criação dos smartphones à internet, as últimas décadas impulsionaram a circulação informacional e, também, a dos bens culturais digitais. Necessário pontuar, como acréscimo, a utilização de tecnologias, em especial os telefones móveis, em um país com realidades tão díspares como o Brasil, e entender seu uso, também, como distinção social e espaço atuante de lutas simbólicas.

A revolução tecnológica caminhou paralelamente ao desenvolvimento da cultura digital, percebida como “conjunto de referências, técnicas, práticas, atitudes, modos de pensamento, representações sociais e valores que se desenvolvem em todo do ciberespaço e do uso massivo de computadores e dispositivos digitais portáteis” (Casillas; Ramírez, 2018, p. 318, tradução da autora). Logo, cultura digital “é um amplo espectro de produções, manifestações e mudanças que ocorrem por causa do computador, basicamente” (Almeida, 2009, p. 181). Do computador, mas não só.

Os dispositivos móveis são a forma como essa cultura se solidifica em nosso país e também em outros países latino-americanos, dadas as peculiaridades socioeconômicas da região. Nesse contexto, há uma robusta circulação de informações e, de certa forma, maior acesso a bens culturais como não havia antes. Todavia, é ilusório e irresponsável afirmar que ocorreu, de fato, uma democratização da cultura ou que a apropriação dos bens culturais se deu

de forma homogênea, em especial por vivermos em sociedades capitalistas neoliberais em que o conhecimento é, também, uma mercadoria. Ademais, não podemos afirmar genuinamente que as informações que circulam nos dispositivos móveis são plurais e representam a diversidade cultural e política de nosso país, visto que a mídia hegemônica – e tudo o que deriva dela e de seu discurso ideológico – ainda detém os modos mais enraizados de composição e circulação da informação.

O que ensejo frisar é que a consolidação da cultura digital é posterior à reflexão bourdieusiana, logo, é primordial que pensemos como o capital cultural opera nesse novo cenário intenso, difuso e fortemente midiático. Para isso, trago aqui apontamentos de diversos autores, com prioridade para discussões latino-americanas que contribuem, a seu modo, para essa reflexão. Antes de apresentar as distintas formas de abordar o capital cultural relacionado à tecnologia, é imprescindível explorar sua polissemia. Há diversos conceitos trabalhados, como capital midiático⁵² (Setton, 2005), capital tecnológico (Ramírez; Casillas; Méndez, 2014) e até mesmo capital digital (Gracia, 2021; Gómez, 2021). No entanto, todos os conceitos estão interessados na operação da tecnologia no contexto do capital cultural, ou seja, como um processo distintivo na sociedade⁵³.

A mais profícua das sugestões vem do México. Lá, foi criada uma proposta de medição do que é chamado de capital tecnológico (Ramírez; Casillas; Méndez, 2014) a partir dos três estados do capital cultural previamente apontados. A elaboração coloca o capital tecnológico como uma ampliação do capital cultural, que se beneficia dos estados tradicionais: incorporado, objetificado e institucionalizado. Logo, a medição, de acordo com os autores, leva em conta o novo cenário de transformações da produção e circulação dos saberes.

Ramírez, Casillas e Méndez (2014) entendem que os recursos tecnológicos são distribuídos na sociedade neoliberal de forma díspare, desde o próprio acesso aos dispositivos tecnológicos, como notebooks e smartphones, passando pela qualidade da conectividade, de dados ou com banda larga. Todavia, parte essencial dessa apropriação são as habilidades e competências necessárias para usufruto da tecnologia. Assim:

⁵² Importante frisar que Setton (2005) trabalha capital midiático em um sentido de ampliação diferente do elaborado por Matos *et al.* (2017). Embora os dois sejam baseados em Bourdieu, a primeira trabalha a partir de um sentido de usos da tecnologia como distinção e luta simbólica, e o segundo aborda o conhecimento da funcionalidade e das ritualidades da educação, como a escolha das melhores escolas e universidades.

⁵³ Relembro que trabalhei essa polissemia na primeira parte da tese.

o capital tecnológico, como qualquer outra espécie de capital, funciona como recurso que é investido e se exerce em determinadas relações sociais. Como qualquer capital, está desigualmente distribuído e sua posse traz vantagens nas competências desse campo. Uma nova divisão social se estabelece entre os que usam ou não as TICs, ou entre os que estão conectados e entre os desconectados da rede; divisão que reproduz e aprofunda as desigualdades sociais. Novos bens e recursos tecnológicos (aparelhos, dispositivos e possibilidades de manejo de informação) distinguem as pessoas (Ramírez; Casillas; Méndez, 2014, p. 26, tradução da autora).

Na sequência, Ramírez, Casillas e Méndez (2014) interpretam os três estados do capital cultural a partir do capital tecnológico. Para breve explicação, capital tecnológico incorporado, na interpretação de determinados autores, é o domínio e a assimilação dos códigos das tecnologias digitais; objetificado é a posse de tablets, computadores, notebooks, smartphones; e estado institucionalizado é a valorização de certificados e cursos relacionados a esse capital. No Quadro 5, a seguir, apresento a proposta da medição do capital tecnológico:

Quadro 5: Proposta de medição do capital tecnológico

	Formas ou expressões do capital tecnológico	Indicadores básicos para sua medição
Capital tecnológico	Capital tecnológico incorporado Grau de apropriação tecnológica Grau de afinidade com as TICs Socialização básica e secundária com as TICs	Manipulação de arquivos Administração de dispositivos Programas e sistemas de informação próprios da disciplina Criação e manipulação de conteúdo de texto e texto enriquecido Criação e manipulação de dados Criação e manipulação de conteúdo multimídia Comunicação, socialização e colaboração Cidadania digital Literacia digital Percepções, atitudes e valoração das TICs Antecedentes familiares, sociais e escolares Tempo de inculcação Grau de familiaridade
	Capital tecnológico objetivado	Equipamento disponível Conectividade Investimento em equipamento e serviços de TICs Investimento em aplicações, licenças de uso e acessórios
	Capital tecnológico institucionalizado	Cursos de capacitação, diplomas e certificados

Fonte: Elaboração pela autora a partir de Ramírez, Casillas e Méndez (2014)

A partir da elaboração dessa proposta, houve aplicação em diversos trabalhos no Brasil (Riedner; Pischetola, 2021), no próprio México (Salado; Velázquez; Ochoa, 2014; Marín, 2021) e no Equador (Ponce-Tituaña; Lucio-Paredes, 2021). A base dessas investigações é entender a operacionalização do capital tecnológico como uma extensão do capital cultural bourdieusiano. As contribuições consideram que pensar o uso da tecnologia na vida dos sujeitos é primordial, também, para a compreensão dos capitais simbólicos na era tecnológica. Entende-se que as abordagens derivadas dessa construção analisam a posse e o uso de determinadas tecnologias, porém não analisa questões específicas que nos interessam, como os usos que os sujeitos fazem da tecnologia, levando em consideração suas próprias subjetividades e as lutas simbólicas que ocorrem em uma sociedade em que a própria cultura tem caráter distintivo.

Ao analisar a proposta dessa determinada medição de um capital cultural ampliado, noto que Ramírez, Casillas e Méndez (2014) interpretam que manipular arquivos e administrar dispositivos são exemplos de incorporação do capital tecnológico, pois afirmam que tais usos fazem parte do capital cultural incorporado. É importante retomar o entendimento de Bourdieu (2007a) sobre a incorporação de um capital cultural. De acordo com ele, a incorporação ocorre por meio da inculcação e da dissimulação, como um trabalho do sujeito sobre si mesmo, e que acaba constituindo o *habitus*, mesmo que de forma imperceptível para os sujeitos. *Habitus* é um conceito caro à Bourdieu (2007a) e que tem relação com o conjunto de dispositivos, crenças e práticas que conformam o comportamento de um sujeito. Assim, o sociólogo francês diferencia incorporação de apropriação, pois relaciona esse último conceito à aquisição de recursos diversos, como conhecimento e práticas, que podem ser ou não ser internalizados, logo incorporados ou não à vida cotidiana do sujeito.

As colunas construídas pelos autores mexicanos (Quadro 5) apresentam indicadores para a medição do capital cultural. Nesse sentido, objetificam, por meio da composição e do volume de determinados indicadores, composições do capital cultural. A intenção é refletir se, nessa proposta, há espaço para as subjetividades do sujeito não contempladas por esses indicadores e que podem influenciar, sim, no capital cultural. De acordo com Bourdieu (2007a), os sujeitos têm subjetividades que os influenciam ao lidar com as estruturas, em especial por meio da internalização e da incorporação de crenças e normas. Há, também, a ideia da autoexclusão que muitos jovens podem apresentar ao ingressarem na universidade, em especial ao se questionarem sobre esse ambiente ser, de fato, seu espaço por direito.

No Brasil, há outras tentativas de avanço teórico a partir dos capitais simbólicos que também têm, como base, a tecnologia. No entanto, essas pesquisas não têm como pilar a pesquisa de Ramírez, Casillas e Méndez (2014). Nessa vertente, podemos citar trabalhos como o de Setton (2005) e Brandão (2010), ambos dialogando com a nossa temática de estudo: a importância da informação e da comunicação na vida de jovens. Diferentemente do estudo mexicano, as autoras não tentam fazer a medição do capital tecnológico, abrem fronteiras, cada uma a seu modo, para diferentes discussões sobre esses capitais, e trazem novos olhares e problemáticas. Em especial, a investigação de Setton (2005) tem o diferencial de trabalhar a partir da visão de desigualdade social, ao pesquisar a participação de jovens periféricos na luta simbólica pela cultura. Por isso, essa elaboração foi essencial para construir meu objeto.

Como demonstrei no estado do conhecimento, a tecnologia, essa “porta de entrada” para a circulação da informação, é percebida sobremaneira como ferramenta. Parte dessa visão é encabeçada por Ramírez, Casillas e Mendez (2014) e Brandão (2010). Ocorre da mesma forma nas matérias televisivas que analisarei no próximo capítulo, pois as tecnologias compõem os cenários, um notebook em cima da mesa de estudos, um celular sempre à mão, ou seja, um recurso que o jovem tem para alcançar seus objetivos escolares e acadêmicos. Assim, a tecnologia é vista como um dispositivo.

Setton (2005) e Brandão (2010) visam refletir a ampliação do capital cultural, porém com intencionalidades distintas. Esse conceito é relacionado com a circulação do bem simbólico por meio da tecnologia: a informação. Ao contrário de Setton (2005), Brandão (2010, p. 235) se debruçou no entendimento do capital informacional na elite carioca:

o acúmulo do capital informacional evidenciou-se pelos amplos recursos dos agentes que estudamos para assinatura de jornais, revistas, audiência a jornais televisivos, programas de entrevistas, debates e documentários, além do grau de escolarização das famílias e o acesso às escolas investigadas, consideradas entre as melhores do Rio de Janeiro.

Assim como ocorre nas investigações de Setton (2005), a cultura digital não está presente nas análises das entrevistas realizadas por Brandão (2010), visto que é uma questão contextual, já que são produções do início do século XX. Setton (2005) se dedicou à construção do capital cultural relacionado à informação a partir das vivências de jovens periféricos. Sua proposta é ampliar a interpretação do capital cultural, com a permanência de seu sentido de distinção social, visto que há grupos populares que buscam, em locais menos aristocráticos, aportes para a disputa simbólica. Dessa forma, haveria a procura de locais alternativos para aquisição de aprendizados reconhecidos como cultura legítima, dita universal, em uma aura falaciosa, pois representa a escolha da elite. No caso brasileiro, trata-se de uma elite do atraso (Souza, 2017), que não tem uma visão progressista, mas perpetuada na exclusão e forjada pelo colonialismo escravista.

As informações consumidas em momentos de lazer também foram relevantes para Setton (2005), pois se relacionam com o acúmulo de capital midiático. Como exemplos elencados à época, podemos citar o consumo de best-sellers⁵⁴, fascículos vendidos em bancas de jornais, revistas de segunda mão, a televisão e o rádio, mídias e outros bens culturais do

⁵⁴ Livros campeões de vendas provenientes de cultura não acadêmica e não especializada.

início dos anos 2000. Hoje, há uma gama de outros dispositivos e mídias que posso agregar, como mostrarei na sequência.

Assim, tanto a ideia de Brandão (2010) como a de Setton (2005) é refletir sobre o capital cultural ampliado a partir da análise de que a tecnologia é um recurso, uma ferramenta para uso dos sujeitos que tem como consequência a apropriação de capital cultural ampliado. Os bens simbólicos trabalhados por Setton (2005) e Brandão (2010) não abordam especificamente a cultura digital, exatamente por serem investigações datadas em outro contexto. Ainda não havia à época, por exemplo, a massificação do uso de smartphones e da conectividade via banda larga que impulsionaram a cultura digital em nosso país.

As reflexões que construo caminham em direção à ampliação do capital cultural levando em consideração a revolução possibilitada pela cultura digital. Quando cito revolução, não utilizo o substantivo em vão. Há uma revolução em curso, ora processual ora repentina, que facilita as interações entre sujeitos e as mídias tecnológicas, o que caracteriza uma nova forma de estar e ser no mundo, mas também uma nova forma de se apropriar (Chartier, 1995) do capital cultural como tática (Certeau, 1998).

Assim, a concepção de tecnologia e mídia que utilizo não as restringe somente a ferramentas, meros dispositivos neutros em uma perspectiva instrumental. Entendo a tecnologia e as mídias como meios que os sujeitos utilizam para se relacionarem com a cultura e a sociedade e se localizarem em seu processo de vivência. Logo, é importante para a socialização dos sujeitos, por isso o enfoque da tese é no uso das tecnologias e das mídias na vida contemporânea, e não somente nas possibilidades das ferramentas. Dessa forma, elas refletem linguagens relacionadas à prática social dos sujeitos, ou seja, à utilização dos dispositivos e dos significados deles na vida das entrevistadas. De fato, o uso social da tecnologia e das mídias importa mais do que a existência do dispositivo em si, porque, a depender do uso dado, as jovens operam apropriações relacionadas às suas vivências.

Proponho pensar a ampliação interpretativa do conceito de capital cultural a partir das reflexões já levantadas por Setton (2005) sobre capital midiático, porém com a preocupação de inseri-las na cultura digital e agregá-las aos conceitos de apropriação e tática. Em seu estudo, a pesquisadora da Educação investiga estudantes de baixa renda, com pequena herança de uma cultura escolar e que tiveram sucesso escolar inesperado em cursos de elite da Universidade de São Paulo (USP), como Medicina e Direito, em um contexto em que não eram adotadas as ações afirmativas. Sua principal hipótese é a de que esses estudantes se socializam

de forma híbrida e têm como base a cultura escolar, porém também a partir de um “sistema difuso de conhecimentos e informações veiculados pela mídia” (Setton, 2005, p. 77). Logo:

a leitura de jornais e revistas, a assistência interessada a uma programação televisiva informativa, a audiência a entrevistas com especialistas, ou viagens pela internet (entre outras possibilidades) podem servir também como estratégias de adquirir os bens da cultura e do conhecimento e de ter acesso a estes (Setton, 2005, p. 80).

Setton (2005) lembra que a aquisição do capital cultural se refere, como constrói Bourdieu (2007a), a visitas a museus, à assistência de concertos eruditos e, também, se expressa na forma de diplomas. No entanto, a pesquisadora entende, e nesse ponto está sua inovação, que, quando não há diplomas, quando não se frequenta “templos da cultura” (Setton, 2005, p. 80), a aquisição de capital cultural se dá em ações mais simples, como ao ler jornais, revistas e assistir intencionalmente a documentários, e, também, ao utilizar a internet para fins didáticos⁵⁵. Assim, Setton (2005) reforça práticas culturais relacionadas ao aprendizado, que mantêm a questão da distinção social, mas que sua apropriação ocorra em ambientes e ações não consagradas como legítimas, ou seja, em locais menos aristocráticos.

Sua argumentação se fundamenta na reflexão de que, ao elaborar o conceito de capital cultural e dividi-lo em três estados, corporificado, objetificado e institucionalizado, Bourdieu (2007a) “não desconsidera a existência dos grupos populares na disputa pela cultura legítima” (Setton, 2005, p. 81). O objetivo, de Setton (2005) e meu, é ampliar o que entendemos por capital cultural ao reforçar que o conceito está vivo e se modifica socialmente. Setton (2005), leitora de Bourdieu, entende que as elites determinam a cultura que será legitimada e as classes populares se inserem nessa luta simbólica de forma particular. Por isso, considera prudente observar os jovens periféricos em suas próprias singularidades e entender, a partir de suas vivências, os usos que fazem da apropriação cultural, seja no formato legítimo ou não.

Minha tese em específico visa entender esse processo de apropriação e disputa simbólica do capital cultural ampliado, que aqui chamo de midiático. O capital midiático tem como baluarte dois outros conceitos: apropriação e tática, os dois pensados com Chartier (1995) e Certeau (1998). Modifiquei a nomenclatura para capital midiático e não utilizei o adjetivo

⁵⁵ Quando Setton (2005) elaborou seu estudo, não havia a massificação da internet e a revolução da internet de dados móveis.

tecnológico ou informacional, pois entendo aquelas ampliações inseridas em outros contextos e com outras preocupações. A proposta não se refere somente à questão dos usos da tecnologia, como celular e computador, realizando uma medição. Tampouco é restrita à circulação das informações em nossa sociedade, pois importa fazer a reflexão sobre onde os sujeitos estão inseridos e como essas jovens, provenientes de famílias com trajetórias periféricas, utilizam as mídias para permanecer em ambientes com valorização da cultura determinada pelas elites. Entendo a ampliação conceitual de capital cultural relacionada de forma intrínseca com a consolidação das mídias na sociedade brasileira, pois elas estão inseridas na cultura digital e, são, assim, suas beneficiárias.

Certeau (1998), preocupado em entender a potencialidade do cotidiano nas práticas sociais, cunhou o conceito de tática. Diferentemente dos princípios da administração e do xadrez, que entendem tática como sinônimo de estratégica, no sentido de Certeau (1998), tática encontra-se dentro de uma relação de poder em que os mais fracos constroem maneiras de intervir e buscar seu próprio benefício. Fracos, devemos entender, refere-se aos que têm menos privilégios em suas trajetórias e vivem em condições de classe, de gênero e de raça, entre outras estruturas, que não foram construídas por eles mesmos. Nesse sentido, tática é uma atuação no campo do outro e aconteceria no cotidiano, que é o espaço do lar, no dia a dia.

O cotidiano é um espaço temporal e rotineiro normalmente compreendido como um momento acrítico, em que grandes questões – decisões e acontecimentos – ficariam negligenciadas. Assim, a vida cotidiana seria teoricamente um momento menor. Certeau (1998), todavia, entende o cotidiano como um espaço ritualístico em que os sujeitos podem se reinventar de forma criativa, a partir de uma visão do chão, ou seja, de sujeitos que vivenciam o cotidiano ao terem de lidar com decisões econômicas, políticas e urbanas tomadas por outros. Nesse sentido, Certeau (1998) entende que os sujeitos comuns não são sujeitos passivos, eles escolhem ter diferentes maneiras de usar e de fazer com normas e estruturas que lhe são impostas por aqueles que detêm os meios para tal. Assim, os usos e as apropriações são parte de um cotidiano entendido como não neutro e são provenientes do consumo.

O consumo, na minha base teórica, não é passivo ou relacionado ao ato de aquisição material, pois os usos sociais podem “falar e fala[m] nos setores populares de suas justas aspirações a uma vida mais digna” (Martín-Barbero, 2009, p. 291). Consumo é alinhado, então, às práticas cotidianas e inventivas de sujeitos (Certeau, 1998). O cotidiano é um espaço de materialização das desigualdades econômicas e dos desprivilégios sociais, no entanto, os

autores entendem, e assumo essa posição, de que o cotidiano e os usos sociais são locais de operação da criatividade resiliente.

Para Certeau (1998), há duas principais maneiras de se relacionar com a estrutura. Há aquele que tem o que se chama de próprio, ou seja, um lugar privilegiado de atuação. Por meio dele, define as regras e as normas, não só de seus pares, e sim de todos, inclusive daqueles que vivem em condições distintas, que não têm essas condições privilegiadas e têm poucas brechas de atuação. A ideia principal é que, com as estratégias, há uma perspectiva de estrutura, com a intenção de que as decisões sejam as mais inflexíveis ao longo do tempo.

E há a tática, que seria o “trabalho com sucata” (Certeau, 1998, p. 86), ou seja, o desvio criativo e resistente dos que precisam, apesar das adversidades, agir e se reinventar, por isso utilizam a bricolagem. Bricolagem é a execução de determinada ação por sujeitos não especializados. Lançar mão da tática é utilizar a bricolagem, pois é a forma de atuação daquele que não tem estratégia, justamente por não ter um próprio, logo, “não obedecem a lei do lugar” (Certeau, 1998, p. 92). Fazer uso das sucatas, metaforicamente, é agir nas possibilidades existentes em uma estrutura pretensamente dada, imutável, inflexível e que não foi escolhida por quem opera com a tática.

Por isso que estratégia não é sinônimo de tática, pois só tem estratégica quem produz, mapeia e impõe, o que pode ser desde bens culturais, mas especialmente privilégios financeiros e de estabilidade familiar que proporcionem um ambiente favorável para inculcação cultural. Quem adota a tática atua nas brechas que o poder impõe, golpe por golpe, por meio da astúcia, ao subverter a lógica social, pois utilizam, manipulam e alteram. Assim, ele “aproveita as ‘ocasiões’ e dela depende, sem base para estocar benefícios, aumentar a propriedade e prever benefícios” (Certeau, 1998, p. 100). É nessa questão que se evidencia a relação das táticas com os usos sociais e as apropriações. Como maneiras de fazer e um reemprego de algo, as táticas tiram vantagem em regulações já existentes.

Não é por acaso que Certeau (1998) utiliza a simbologia do mar batendo no rochedo para descrever a tática. Em uma frase, Certeau (1998, p. 97) lembra as “ondulações espumantes de um mar que se insinua entre os rochedos”, ao se referir ao funcionamento da tática. A estratégia é o pretensamente imutável e que não tem interesse em modificações, por isso é metaforicamente desenhada como uma rocha. Já as ondulações estão no lugar do outro, lugar que não pertence a elas e, em movimento, aproveitam das ocasiões, que se tornam táticas, pois subvertem por dentro, empregam de outra maneira, metaforizam a ordem dominante,

modificam sem deixar e, finalizando, são ações em que o fraco, quem utiliza das táticas, empreende.

Martín-Barbero (2009), como leitor de Certeau, pensa a questão da tática relacionada à cultura e à comunicação. Para ele, como vimos, os sujeitos não são passíveis ideologicamente e inertes às mensagens midiáticas. Assim, Martín-Barbero se aproxima da noção de tática de Certeau para refletir como o domínio da tecnologia, de sua técnica e de seu modo de uso, pode ser utilizado nas lutas simbólicas cotidianas em um contexto de desigualdade social. A sua defesa é a apropriação da técnica que deve ser realizada ao menos como tática, como lembra Martín-Barbero (2009, p. 259), no sentido de Certeau: “o modo de luta daquele que não pode se retirar para ‘seu’ lugar e assim se vê obrigado a lutar no terreno do adversário”.

Ao utilizar a experiência argelina na independência da França, Martín-Barbero (2009) reflete sobre a tática, pois o domínio da técnica levou a uma ação não neutra do uso da rádio, ao fazer com que ocorresse um campo de batalha, uns para que pudessem ouvir as informações transmitidas na rádio, outros para conseguirem transmitir informações e fazerem ser escutados. Dessa forma, argelinos agiram no campo do adversário ao serem astutos e subverterem a lógica estabelecida. Usar a tática é, assim, uma forma de apropriação, pois dialoga com os usos e as apropriações, questão importante para Chartier.

Chartier (1995) entende que não há uma única forma de leitura e geração de significados, assim, é importante considerar a apropriação que os sujeitos realizam, pois existe o texto de uma mídia, por exemplo, e existe o que os sujeitos fazem com esse texto, ou seja, o próprio uso e apropriação. A ideia central do conceito de apropriação é que há “um modo de utilizar objetos ou normas que circulam na sociedade, mas que são recebidos, compreendidos e manipulados de diversas maneiras” (Chartier, 1995, p. 184), o mesmo sentido elaborado por Martín-Barbero (2009) ao se referir ao que os sujeitos fazem com o que consomem na mídia. Logo, a apropriação está relacionada aos usos e às interpretações inseridos, sim, em uma estrutura de dominação simbólica, visto que são as classes dominantes que legitimam determinada cultura e práticas, e outras não. No entanto, as práticas sociais estão inseridas na criação de sentidos, logo Chartier (1995) defende que, nessa estrutura social de desigualdades sociais e de distintas leituras de textos, podem operar as táticas de Certeau (1998).

Chartier (1995) é um leitor de Certeau (1998) e entende que as táticas são operações daqueles que não têm lugar próprio, ou seja, são modos de fazer e maneiras de usar

algo dado, ao contrário das estratégias que são de outro funcionamento, pois “supõem a existência de lugares e instituições, produzem objetos, normas e modelos, acumulam e capitalizam” (Chartier, 1995, p. 185). Dessa forma, o que chamo de consumo é exatamente os diferentes modos de usar o que é imposto pela ordem dominante. Chartier (1995) reforça que o sujeito tem uma vontade inerente de atribuir sentido ao que consome e abrir a possibilidade de análise dessas interpretações e da recepção em si.

O que me proponho, de fato, é realizar uma desnaturalização dos processos rotineiros, aqueles que ocorrem no desenrolar da vida cotidiana. Como observa Freire (2001, p. 264) ao trabalhar a importância do desvelamento para dialogar com o objeto, “estudar é desocultar, é ganhar a compreensão mais exata do objeto, é perceber suas relações com outros objetos”. Quando trabalho com o desvelamento das práticas sociais, estou trazendo à tona algo que estava ideologicamente oculto. Logo, estou desocultando a teoria que se acha na prática (Freire, 2001). Assim, quando vejo jovens periféricas utilizando mídias para benefício próprio em uma sociedade desigual, tento desvelar essa realidade e analisar as práticas sociais desse processo, que é sócio-histórico.

Esse jogo no terreno do alheio nos faz atentar para os modos de estudar em uma sociedade desigual. Há a adoção da tática entre as jovens estudantes? Elas utilizam a sucata em benefício próprio? Como se apropriam e usam as tecnologias? Um dos objetivos específicos da pesquisa é analisar como as estudantes se relacionaram com os estudos em tempo de pandemia de covid-19. Como nosso estudo visou ao acompanhamento dessas jovens após dois anos, outro objetivo é entender como se valem da tecnologia especialmente no ambiente universitário. A ideia é refletir como isso ocorre pensando em aquisição de capitais simbólicos, sobretudo o midiático, por meio de um diálogo com o conceito de tática de Certeau (1998) e apropriação de Chartier (1995). Esse objetivo dialoga com outro, o terceiro, que visa analisar a importância que as jovens dão à utilização das tecnologias em um cenário de apropriação de capital midiático.

Nesse contexto, há novas experiências educativas e também da cultura escolar em uma sociedade permeada pela tecnologia, em especial aquelas relacionadas à imagem. Preciso estar atenta, com olhar disposto e crítico, visto que a tecnologia não é neutra, pois é construída e utilizada em uma sociedade desigual e com elaborações ideológicas, um exemplo de determinada cultura e de um “modelo global de organização de poder” (Martín-Barbero, 2009, p. 256). Assim, as tecnologias não são “meras ferramentas transparentes, [...] não se deixam

usar de qualquer modo” (Martín-Barbero, 2009, p. 256). Inseridas em uma sociedade desigual, as tecnologias podem ser utilizadas, todavia, com altivez na luta simbólica para a apropriação de capital cultural em ambientes e ações ditas não legítimas, como mostrarei a seguir.

3.1.1.1 Os usos da tática em uma sociedade desigual

Aqui, refletirei sobre a trajetória das jovens no que se refere à diversidade cultural na formação de repertórios das estudantes. A intenção é articular o uso das mídias provenientes de locais não aristocráticos e como eles auxiliam a consolidar interesses em bens culturais (Setton, 2005). Apresentaremos espaços em que as entrevistadas se apropriam de capital cultural, em especial o midiático, para evidenciar suas táticas e apropriações das mídias em um contexto de luta simbólica perante a desigualdade social.

Como forma de organização das análises, dividirei as discussões em duas vias concernentes aos dois momentos de interlocução com as jovens. O primeiro deles ocorreu durante a pandemia, em 2020, quando as jovens estavam no fim do seu ensino médio, e retém discussões provenientes do contexto da época, como estudos para os processos seletivos de ingresso à educação superior. Por se tratar de um momento específico e único, o da vivência de uma pandemia enquanto se é jovem, na finalização do ensino médio e lidando com a ansiedade da instabilidade dos estudos no distanciamento e isolamento social, as interpretações trazem reflexões específicas. O segundo momento se relaciona com minha reentrada em campo após a qualificação da pesquisa, e traz análises da luta simbólica pela permanência dessas jovens no ambiente universitário, visto que a maior parte delas era estudante de graduação em 2022.

3.1.1.1.1 Em tempos de pandemia, a meritocracia sai na frente

Retomando a hipótese, acredito que o uso das tecnologias digitais auxilia as jovens a desenvolverem o capital midiático em uma sociedade desigual e potencializa o discurso meritocrático ao mesmo tempo em que faz as jovens formularem táticas para lograr êxito nos estudos. Isso fica evidente ao entender os usos da cultura digital durante a pandemia, mas especialmente enquanto tentam permanecer no ambiente universitário.

Apesar de eu ter como interesse a apropriação da cultura digital, é impossível ignorar que as falas das jovens durante a pandemia sempre retomavam as experiências no ambiente escolar e nas vivências provenientes desse local, em especial por experienciar um momento mundial que forçou modificações individuais e institucionais em relação à educação e à tecnologia. Houve, dessa forma, a necessidade de abordar essas questões, pois causavam angústia e desconforto, sobretudo porque o contexto tradicional da educação era de poucos movimentos de descentralização da construção do conhecimento e, de fato, a busca por esse conhecimento ficou bastante atrelada à figura do professor. Logo, estar sem a escola, em uma época de preparo para exames e ingressos na educação superior, trouxe às jovens sentimentos inquietantes.

Nesse sentido, Martín-Barbero e Rey (2004) afirmam que o espaço escolar, para o estudante, é um local de puro eco, visto que o centro do saber está centralizado na leitura unívoca realizada pelo professor. Esse é um “modelo mecânico e unidirecional ao qual responde a leitura passiva que a escola fomenta” (Martín-Barbero; Rey, 2004, p. 57). As jovens, embora tecessem críticas gerais à escola, estavam inseridas na educação bancária (Freire, 2005), conteudista e centralizada na ação do professor. Assim, elas se referiam à escola de diferentes formas, em especial retomando como lidam – ou não – com sua ausência durante os primeiros momentos da pandemia.

Foi recorrente a sensação, entre elas, de desamparo intelectual, justamente porque a relação com o conhecimento perpassava genuinamente o contato direto com o professor. Não é exagero afirmar que a pandemia de covid-19 as deixou órfãs de sala de aula, pois todas as entrevistadas relataram sentimentos de ausência em relação à escola e sentiam falta de algo que lá vivenciaram, não só no importante sentido da socialização, mas também na representação da

relação do professor com o conhecimento. “Lá, eu sei que estou no caminho certo”, lembra uma das entrevistadas, tanto em relação ao direcionamento do professor, quanto pela confiabilidade e credibilidade do conteúdo trabalhado por ele. A maioria cita que o modelo presencial acaba sendo mais confortável, pois profissionais da Educação estão disponíveis para explicar, inclusive várias vezes e de diversas formas, com paciência e diálogo.

A socialização que parte da circulação dos conteúdos também foi lembrada, como a importância do debate em sala de aula e a possibilidade de tirar dúvidas com os colegas. Martina cita que aprende melhor quando questiona, em coletivo, determinado assunto, como em um debate na turma. Todavia, é a figura do professor a que mais gerou sentimentos concretos, pois ele é protagonista na aula presencial, lembrado especificamente quando se quer tirar dúvidas durante e após as explicações, mas não só.

Percebe-se, em determinadas falas das jovens, o entendimento de que o professor representa a relação concreta com o conteúdo e também o caráter humano da relação, por meio de seus exemplos de vida e de diálogos sobre outros assuntos, pois há o depoimento de um relacionamento que gera respeito e admiração entre estudante e professor. Esse dado chama a atenção quando entendemos que o vínculo entre eles, embora rodeado de situações geracionais e hierárquicas, pode existir mesmo dentro de um cenário em que há maior fluidez entre os textos e também entre os estudantes e a própria construção do saber (Canclini, 2008). Aprende-se em diversos locais, mas o professor ainda é uma grande referência. É por isso que a maioria das jovens entrevistadas, quando perguntadas via questionário se trocariam hipoteticamente o professor presencial para estudar com um robô, remotamente e disponível durante todos os dias, afirma preferir o professor. Cabe salientar que o questionário foi enviado às jovens em 2020, após as entrevistas semiestruturadas realizadas de forma remota, com o objetivo de verificar determinadas questões, como a valorização do professor:

o professor em si tem muito valor, todos os seus conhecimentos não só sobre a matéria, mas também como ser humano⁵⁶.

Não existe nada melhor do que estar em sala de aula e ter um professor para te orientar.

Eu gosto de frequentar a escola presencial porque é possível um maior debate, participação e conversação durante as aulas, além de poder tirar dúvidas de imediato.

⁵⁶ O questionário enviado às jovens após as entrevistas semiestruturadas é anônimo. Logo, não há como saber a autoria específica dessas três frases.

Quando o distanciamento e isolamento social foi decretado, muitas escolas privadas, em uma lógica mercadológica de atenção à necessidade urgente do cliente, já começaram a se estruturar para ofertar o ensino remoto e proporcionar a presença institucionalizada do professor para sanar dúvidas. Já as jovens de escola pública estavam em outro contexto, visto que as ações governamentais demoraram meses até formalizar o ensino remoto emergencial. Na pouquidade da presença do professor, as estudantes tiveram de formular ações para vivenciar esse momento e enfrentar a desigualdade escolar que já existia e estava em acelerada escalada. Nesse sentido, muitas jovens se apropriaram de capital midiático e buscaram, em locais diversos, não tradicionais e não aristocráticos, ou em ações difusas, muitas delas preconizadas pela mídia (Setton, 2005), conteúdos que pudessem ser utilizados em seus percursos como vestibulandas.

Como exemplos, posso citar que as jovens, quando sentiam dúvidas, assistiram a videoaulas no YouTube, leram sites diversos, tiveram contato com documentários informativos e navegaram nas redes sociais, o que agregou informações, inclusive educativas, que não teriam em outros locais. Ary, por exemplo, acredita que há um fluxo constante de informações e que esse grande contato que os jovens têm com esses locais acaba auxiliando de maneira indireta. Dito isso, fica evidente que a desigualdade social acentuada na pandemia gerou a necessidade urgente de táticas para se motivar com relação aos estudos e, ainda, algo mais primordial: ter o simples acesso aos conteúdos.

Por isso, não foi somente a presença do professor que foi lembrada pelas jovens. A estrutura escolar, com a ampliação do capital cultural proporcionada pela biblioteca e seu acervo literário são lembrados por diversas estudantes, sobretudo as menos privilegiadas economicamente. Rafaela chegou a dizer que os livros didáticos foram o que mais sentiu falta na escola durante a pandemia, pois não conseguiu retirá-los antes do distanciamento e do isolamento social. Essas jovens relacionam o livro didático à credibilidade do conteúdo desse material, que teve importância ressignificada enquanto houve o ensino remoto emergencial. A mesma Rafaela diz que não confiava em todo site que encontrava na internet e pedia frequentemente à sua então professora de Matemática, que era a única com quem mantinha contato antes da institucionalização do ensino remoto, para que explicasse se o site que ela queria estudar tinha credibilidade. Não por menos, quase todas as jovens entrevistadas afirmam

que não aceitariam se o governo resolvesse abolir o livro didático e fornecesse somente um tablet para estudos em casa.

De forma geral, o ensino presencial e a relação que as jovens estabelecem entre o conhecimento e seus professores oportunizavam a possibilidade de serem realmente plenas aprendizes. Errar e tirar dúvidas são partes fundamentais no aprendizado e o fechamento do espaço físico das escolas cerceou esse canal direto. Essa oportunidade ficou delimitada nos primeiros meses da pandemia, quando muitas jovens admitiram que gostaram menos de estudar do que quando estavam presencialmente na escola. Augusto sentia-se sufocado com tantas possibilidades de informação que a internet tinha, já que nem sabia por onde começar. O sentimento de que não aprendiam tão bem foi compartilhado por muitas jovens.

Um dos jovens relatou exatamente a dúvida como um privilégio assegurado pela escola e pelo contato com a figura do professor. A palavra escolhida pelo jovem para se referir ao aprendizado foi privilégio, que era ter o acompanhamento de um profissional qualificado para sanar suas dúvidas. Ao refletir sobre o significado do professor, entendemos que ele é protagonista, mas também humaniza o percurso, não no sentido simplista que afirma que o professor faz a mediação do conteúdo para o estudante, mas no significado da sua presença: o acesso, a relação direta e a confiança. Dessa forma, jovens com sinal de internet questionável e com ausência de ações escolares precisaram lidar com indefinições sobre o acesso aos conteúdos que seriam cobrados no vestibular. Ademais, tiveram de conviver com a existência frequente das dúvidas, quiçá naturalizando-as em seu próprio caminhar como estudantes, assim como as possíveis inseguranças que se acumulam nesse processo:

se tenho uma dúvida na escola, o professor tira na hora e esclarece, mas com aulas online ou gravadas tenho que mandar mensagem e esperar o professor responder, ou perco tempo, esperando a resposta, ou pulo para a próxima fase com dúvidas. Aos poucos vou me tornando um autodidata (Marcio, 2020).

Fico vendo videoaula até desistir (Rafaela, 2020).

O desamparo quase generalizado persistiu nos primeiros meses da pandemia. Por mais de dois meses após a suspensão das aulas, quando da realização das entrevistas em 2020, poucas foram as iniciativas dos professores e, quando ocorriam, eram sempre individuais, ou seja, algum professor que decidia gravar aulas e disponibilizar no YouTube ou outro que enviava slides para as jovens. Aparentemente, as escolas esperaram diretrizes dos governos

distrital e federal. Assim, algumas jovens também se colocaram nessa posição e esperaram conteúdos que não vieram e a atenção não dada para sanar as dúvidas. Por isso, quase a totalidade das entrevistadas relatou que a qualidade da ação do governo para as escolas em tempos de pandemia estava pior em relação à atenção prévia dada ao ensino presencial, devido à falta de escuta e diálogo.

A maioria das entrevistadas tinha expectativas sobre como a escola atenderia suas necessidades nesse momento específico, o último ano do ensino médio, mesmo após a declaração da pandemia. Essas expectativas de acompanhamento foram frustradas. No entanto, um dos jovens, Marcio, alega que não esperava nada do serviço público, inclusive de sua escola, nem antes e muito menos depois da pandemia de covid-19. O jovem achou prudente demarcar sua posição ideológica em um período sensível, uma pandemia, ao frisar que, redobrando o foco e a atenção, apesar da desigualdade escolar, é possível angariar sucesso no vestibular. Sua resposta defende a proposta neoliberal de encolhimento do Estado, dito ineficiente, e dialoga com ações exclusivamente individuais e explicações meritocráticas, como abordarei no próximo capítulo da tese.

Minha pesquisa visa entender a forma como as jovens se localizam em uma sociedade desigual e, ao se aproveitarem das brechas, subvertem determinadas funcionalidades para facilitar seu percurso como estudantes. Antes da pandemia, o professor já assumia o local de estratégia, no sentido de Certeau (1998), pois ele tem a autoridade de trabalhar o conteúdo e escolher a didática com a qual desenvolve esse conteúdo. Em um sentido tradicional, a aula está centrada na ação do professor, responsável por apresentar o currículo. Também faz parte da estratégia a instituição escolar e seu sistema de avaliações. Dessa forma, o professor e a escola detêm lugar próprio, têm estratégia, pois manipulam relações de poder e criam lugares teóricos (Certeau, 1998).

Quando o professor deixou de estar disponível de forma institucional nos primeiros meses de pandemia, as jovens que desejavam estudar precisaram elaborar táticas e algumas delas as realizaram no sentido de Certeau (1998). Essa lacuna de ação forçou jovens a procurarem locais para apropriação de capital midiático, mas também outros espaços de formação, como cursinhos online de baixo custo. Às jovens sem folgas financeiras, restou a elaboração de cronogramas que mesclaram mídias digitais com o livro didático ou a busca de alternativas para utilizar internet de banda larga, como pedir emprestado do vizinho, se deslocar

até grandes centros comerciais ou até mesmo na rodoviária do Plano Piloto para fazer downloads de vídeos e materiais de estudo.

No entanto, muitas jovens se anestesiaram com o cenário da pandemia e ficaram apáticas. Mills (1975) reflete sobre a miséria da inquietação vaga, conceito que se refere às questões tomadas como individuais, mas que estão relacionadas a uma preocupação coletiva ou generalizada, logo, estrutural. Assim, situações que são causadas por estruturas sociais, como a suspensão das aulas nas escolas públicas durante a pandemia de covid-19 e a falta de ação governamental, não movem os sujeitos para pressionar a modificação da realidade. Pelo contrário, há a anestesia e a prostração diante dos problemas sociais. Assim, muitas jovens e professores aguardaram as decisões governamentais. Aquelas sem condições financeiras para arcar com a possibilidade de estudar de forma remota em um preparatório e tampouco tiveram motivação para os estudos somente esperaram. No entanto, outras jovens aproveitaram a oportunidade para “sair na frente” ao buscarem soluções individuais para problemas coletivos. Nessa hora, o mérito foi apropriado com afinco.

A discrepância entre as realidades é perceptível quando as entrevistadas relataram suas rotinas de estudo durante a pandemia de covid-19. Enquanto algumas afirmaram que perderam o ritmo e não estavam estudando, pois tinham dificuldades para se motivar e também não tinham ferramentas, como acesso à internet e local adequado para estudos, outras, com alguma estabilidade financeira, seguiram diariamente as aulas dos cursinhos online. Em contraponto a essas duas realidades, há raros, porém interessantes casos, como o de Martina, Augusto e Frederico. Eles, sem grandes folgas financeiras, utilizaram a tática certeausiana, apesar de todas as adversidades enfrentadas, ao vincularem a vida de estudante ao mundo do trabalho enquanto há acentuadas instabilidades familiares.

Nesse sentido, percebe-se a aliança entre apropriação do capital midiático com a elaboração de táticas, ao desvirtuar finalidades e atuar astutamente. Na ausência da possibilidade de ter o privilégio da dúvida que utilizava em sala de aula, Augusto passou a pedir auxílio para sanar suas dúvidas em caixas de comentários de videoaulas que assistia no YouTube. Lá, recebeu a colaboração de profissionais, mas também de qualquer outro sujeito que pudesse auxiliar, uma característica colaborativa da cultura digital. Obviamente, posso questionar a qualidade da resposta obtida pelo jovem, porém foi o caminho trilhado por ele perante as diversas ausências que enfrentou. O jovem Frederico adequou seus estudos à

restrição da internet. Para isso, valorizou o livro didático e o consumo de sites, visto que não tinha dados suficientes para ver videoaulas diariamente.

Martina se organizou nesse mesmo sentido. Ela não tinha conexão de banda larga em casa e resolveu buscar alternativas, pois contava somente com poucos dados móveis mensais. Para dar continuidade aos estudos, visitou lugares com banda larga para acessar o YouTube e fazer download de materiais, muitos piratas, e conseguiu livros preparatórios usados, além de conquistar uma vaga em um cursinho popular gratuito. Casos como esses são de atuação na margem, de bricolagem, pois utilizaram uma estrutura que não é a deles para criar suas táticas, dada a realidade em uma sociedade desigual.

Eu ganhei livros usados de um cursinho e estou estudando por eles. Tem os textos e as questões de vestibulares, mas eu só tenho os livros de Humanas. E estou estudando por um cursinho online de baixo custo, o Descomplica⁵⁷, mas não pago, eu estava fazendo o cursinho Galt Vestibulares⁵⁸ e eles têm uma oferta com o Descomplica de um bônus de 100%, então a gente não paga. Quando eu tenho dados, eu estudo pelo cursinho online e, quando acaba, eu parto para os livros didáticos (Martina, 2020).

Assisto videoaula, faço simulados, fiz inscrição pelo Facebook em um simulado gratuito para o Enem. Antes da pandemia, eu não tinha muitas dificuldades no entendimento, porque eu podia recorrer aos professores para troca de informações e soluções de dúvidas, então estudava na internet e, se tivesse dúvida, falava com os profes na escola. Na pandemia, eu tentei ir atrás de explicações e, dependendo da dúvida, tento falar com quem posta videoaula na internet e que se dispõe a ajudar (Augusto, 2020).

Eu leio livro de Literatura pelo celular mesmo, ano passado eu li 14 livros no celular. Eu estava na escola e descobri que podia baixar e passei a ocupar meu tempo. Tenho 2 giga e pouco de dados no celular, duram umas três semanas. Então me programei de assistir videoaula, mas não todos os dias, só de vez em quando. Assisto hoje YouTube de Biologia, Química e Matemática, uma aula de cada matéria, mas amanhã já vejo outra coisa na internet, aí vou ler sites. Vídeo gasta muito os dados, se eu assistir muito acabam meus dados todos. Então site eu vejo o Brasil Escola, vejo esse site quase todos os dias e estudo de segunda a sábado e livro didático eu uso para revisar (Frederico, 2020).

Como lembra Canclini (2008, p. 307), “o significado final (nos novos recursos tecnológicos) depende dos usos que lhes atribuem diversos agentes”. A exposição da criatividade e força de vontade combativas não tem como finalidade romantizar as dificuldades

⁵⁷ Ambiente de aprendizagem virtual criado em 2011 e que conta com diversos planos, muitos deles com preços competitivos. Em junho de 2023, o preço do curso anual para o Enem estava R\$ 21,00.

⁵⁸ Cursinho popular gratuito de Brasília (DF) que, há muitos anos, atende à população de jovens do Distrito Federal sem condições financeiras de fazer cursos preparatórios.

e as adversidades, porque essa é exatamente minha crítica⁵⁹. Minha intenção é demonstrar o potencial de sujeitos que se localizam socialmente e se reinventam, ao canalizarem seus esforços na luta simbólica de forma astuta e perspicaz. Como atitude, desviam funcionalidades que, inicialmente, foram projetadas para determinado fim. Assim, dar uso imprevisto, mas pensado lance a lance, golpe a golpe, a determinadas possibilidades é exercer a tática. Martina, Frederico e Augusto trazem exemplos dessa ação, quando não têm contato com livros na biblioteca da escola, mas os obtêm por meio ilegal na internet, quando frequentam cursinhos preparatórios, mas gratuitos, e quando utilizam a internet de locais públicos para download de materiais escolares e encontram na característica colaborativa da cultura digital respostas para dúvidas escolares, como nas caixas de comentários de vídeos no YouTube.

É evidente a importância da cultura digital para os estudos, em especial dos vídeos realizados por diversos professores e disponibilizados de forma gratuita na plataforma YouTube. Canclini (2008) analisou os videoclipes de música como exemplos de novas formas mesclar imagem e som, visando determinado público. As videoaulas caminham nesse sentido, pois mesclam texto, imagem, edição e performance do professor para um público massivo, em uma obra que é fragmentada e com conteúdos descontínuos. As jovens utilizaram, durante a pandemia, vídeos para complementar o conteúdo que deveriam ver na escola, mas também para adiantar temáticas quando se preparavam para o ingresso na graduação.

Obviamente, esse uso ocorre com maior frequência com aquelas jovens que têm banda larga da internet, por isso, a importância que dão a uma boa internet e a caracterizarem como item essencial de qualquer jovem estudante, como lembra Rafaela ao refletir sobre os cortes de gastos que sua família teve de fazer na pandemia. Os que usam dados do celular veem menos vídeos e precisam estudar de outras formas. Frederico, como expliquei, queria ingressar em Direito e não podia ver vídeos diariamente, pois usava somente dados do telefone celular, então se dedicou à leitura de sites e do livro didático fornecido pela escola.

Os livros didáticos tornam-se um capital cultural objetificado, por vezes os únicos livros que as jovens têm em casa, além de outros exemplares religiosos. Frederico construiu sua solução a partir de planejamento estrito, pois acessou os vídeos de forma limitada, precisamente três vídeos a cada dois dias. Assim, apesar de quase todas as jovens entrevistadas afirmarem que utilizam com muita frequência a internet para estudar, é impossível deixar de

⁵⁹ Sobre essa questão, verificar a quarta parte da tese.

problematizar a qualidade da navegação que conseguem ter. Assim, ter uma internet limitada é um dos empecilhos que as jovens encontram ao lidar com tecnologias.

Há outros dois percalços relacionados ao aproveitamento do que encontram na internet para os estudos. O primeiro é a pouca familiaridade com a própria rede digital e o manuseio das ferramentas. Embora grande parte das jovens aprenda a “navegar navegando”, não é incomum encontrar aquelas que têm mais dificuldades. De fato, não há nativo digital. Thaís, inclusive, teve de pedir auxílio para realizar o login no Google Classroom, por exemplo, e participar das aulas remotas emergenciais:

eu não tenho curso de internet, então pouco sei mexer. Tenho dificuldade sim, por isso eu fico à mercê dos professores enviarem conteúdos (Thaís, 2020).

O outro aspecto levantado como uma barreira para aproveitar os estudos na internet é a própria compreensão do conteúdo e a resolução de dúvidas que faz parte dela. Os relatos sugerem que é incomum que elas compreendam o conteúdo do vídeo na primeira assistência e, para superar essa dificuldade, assistem várias vezes ao mesmo vídeo. Outras jovens partem para sites, livros ou, em último caso, desistem, o que ocorre com maior frequência nas matérias de Exatas. Em raros casos, buscam ajuda de colegas e familiares e, em muitos, lidam com as inconsistências em continuar o estudo de uma matéria apesar das dúvidas.

Para superar as dificuldades quando estudaram sozinhas pela internet de forma remota, as jovens organizaram resumos, fizeram exercícios, pesquisaram e tentaram redobrar o foco e a atenção. As entrevistadas citaram que a preferência era por videoaulas não tão curtas, que apresentassem explicações detalhadas, com exemplificações e resolução de exercícios, com enfoque em aulas dinâmicas, inovadoras e organizadas por tópicos. Parte dessa escolha é explicada pelo momento em que vivíamos, a pandemia da covid-19 e a impossibilidade temporária de explicações do professor em sala de aula. Contudo, sabemos que aulas concisas e editadas para que lacunas na explicação não fiquem evidentes e com animação do professor são as mais assistidas no YouTube (Silva, 2016), exatamente porque as jovens utilizam a internet como poupança de esforço (Sampaio, 2019).

Comumente, esse estudo nos meios digitais favorece o desempenho na escola, seja em questões para provas bimestrais, trabalhos, exames de redação ou aqueles para ingresso na educação superior, mas não só. Frederico encontrou, em uma palestra que frequentou, a

informação que caiu em uma das etapas do PAS/UnB que prestou, ou seja, um local alternativo forneceu informações que foram utilizadas nos estudos (Setton, 2005).

É imprescindível salientar que muitas jovens lidam com essas decisões de resiliência relatando sentimentos controversos, como a sensação desgastada de contínuo esforço ao buscar realizações pessoais e familiares. São sujeitos que se entendem inseridos em uma sociedade desigual e criam mecanismos de defesa em uma batalha simbólica por aquisição de capital cultural. No caso, as jovens se apropriam das diferentes tecnologias para lograrem sucesso no ingresso da educação superior, seu maior objetivo a curto prazo. Sem folgas financeiras ou consolidadas trajetórias de capitais simbólicos, essas jovens utilizam o espaço do inimigo em proveito próprio (Certeau, 1998). Para isso, buscam em locais não aristocráticos, em especial nos vários formatos da mídia, informações e conhecimentos relacionados à circulação de saberes (Setton, 2005), o que potencializa a apropriação de capital midiático, no sentido de que nos apropriamos ao construirmos o sentido do uso (Chartier, 1995).

De forma geral, embora tenha casos em que as jovens, no cotidiano, utilizem a tática para benefício próprio nos estudos, lançando mão da resiliência, da criatividade e das ações nas margens, essa ainda é uma atuação rara. O que encontrei em campo fala sobre diferenças para lidar com o conhecimento. Enquanto algumas jovens aguardavam as orientações dos professores da escola para, de fato, começarem o ano letivo, outras, com maior folga financeira, “saíram na frente”, fizeram cronogramas e contrataram cursinhos online. Alguns raros casos, esses que tinham condições financeiras limitadas e pouco acesso à internet, atuaram com bricolagem em proveito próprio. No entanto, ressalto que outras jovens, também com debilidades financeiras, não criaram mecanismos de atuação e agiram no que Mills (1975) chama de miséria da inquietação vaga.

Parodiando Canclini (2008), o professor e pesquisador em Educação chega de bicicleta na cidade. A partir da redução da velocidade, mas que ainda possibilita grande locomoção, tenta entender, na escola, como as jovens utilizam as tecnologias em seus estudos. Durante a pandemia, as jovens necessitaram se reinventar sem o auxílio direto do professor. Para angariar códigos e lutar por uma vaga na educação superior, as jovens se apropriaram da tecnologia e da cultura digital, além de pensarem em outras soluções, para se posicionarem na luta simbólica.

Assim, encontrar em produtos midiáticos diversas informações sobre o acesso à educação superior e outras temáticas que potencializam a fruição cultural são modos de usos

daqueles que, na ausência de um lugar de atuação privilegiado, utilizam o terreno alheio como trincheira para usufruto e dão golpes em espaços que não são seus (Certeau, 1998). Dessa forma, apropriam-se de ferramentas, mas em especial de uma linguagem da cultura digital, para correr atrás de seus sonhos, que normalmente não são só seus, mas também de seus familiares.

3.1.1.1.2 Na luta pela permanência, a consolidação da tática

Com a segunda rodada de entrevistas, em 2022, que analisarei na sequência, pude perceber o amadurecimento dessas jovens em relação à consciência das dificuldades socioeconômicas em que estavam inseridas e o quanto elas revelam os grandes índices de desigualdades no Brasil. Entrar em uma universidade, em especial na UnB, foi um choque de realidade para parte delas, pois tiveram contato com colegas de distintas trajetórias e com outra “bagagem cultural”, como lembra Martina⁶⁰. Augusto disse que, no início da faculdade, até se relacionava “com quem era mais abastado”, mas depois sentiu diferença nos problemas que esses colegas enfrentavam, pois os dele eram problemas básicos, como moradia, alimentação e transporte, diferentemente dos colegas privilegiados. Thaís contou que, em uma saída após a aula com todos os colegas, ouviu de um colega que sua mãe lia para ele um determinado livro quando ele era pequeno. A informação trouxe angústia momentânea, e ela percebeu as distintas trajetórias de vida que lidaria no ambiente universitário, pois lembra que sua mãe mal sabe ler e, conseqüentemente, jamais leu para ela um livro e muito menos deu a ela um exemplar.

Logo, ao entrarem na universidade, fazer comparações tornou-se inevitável e muitas jovens tiveram de lidar com a sensação de não terem tido oportunidades como as de seus colegas. Dessa forma, se, para acessar a educação superior por meio de exames de seleção, tiveram de lançar mão de criatividade resiliente, agora, já universitárias, a luta simbólica é por permanência e acesso aos códigos necessários para cursar uma graduação e ingressar em um estágio. É esse contexto, em que muitas jovens atuam lance a lance, golpe a golpe, que será abordado na subseção.

Certamente, o bloco de perguntas que deixou as entrevistadas mais à vontade e que permitiu distinta fluidez nas respostas ocorreu quando foram questionadas sobre a tecnologia em ações despreziosas e não somente relacionada ao seu uso nas tarefas acadêmicas. Parte dessa naturalidade nas respostas é explicada pela consolidação das mídias no cotidiano das

⁶⁰ A relação das jovens com a meritocracia no ambiente universitário foi trabalhada na quarta parte da tese.

jovens, visto que a tecnicidade midiática é bastante presente (Martín-Barbero, 2014) e utilizada em diferentes momentos do cotidiano (Setton, 2005). Outra parte é explicada pela pungente operação da própria cultura que, como frisa Martín-Barbero (2014), se refere a diversas manifestações culturais, como a cultura letrada, oral, audiovisual e digital. Assim, a cultura é construída e fruída em diferentes espaços e alguns deles têm grande entrada na vida das juventudes contemporâneas, como as novas visualidades – vídeos, muitos deles curtos⁶¹ – e novas oralidades – como podcasts⁶².

Como aprendi com Bourdieu (2007a), os sujeitos agregam cultura legítima a partir de consumo de livros clássicos, aprendizagem de línguas, idas a concertos musicais, frequência ao teatro ou ao museu e, principalmente, por meio das heranças naturalizadas pelo ensino familiar, com incentivo cultural dos próprios responsáveis. Apesar de muitas dessas atividades serem distantes das vivências de nossas entrevistadas, percebe-se que a busca pelo consumo cultural existe, mesmo não programada, de forma difusa, proveniente de mídias e com grande auxílio da oralidade e visualidade.

Como exemplo, temos o consumo de livros, um bem cultural legítimo. Em nossa pesquisa, o relacionamento das jovens com os livros existe com diferentes potências, desde uma que leu mais de 14 livros em um ano, até outra que tem dificuldade em manejar as leituras e lê pouco e somente quando incentivada pela igreja que frequenta. Contudo, mesmo que em diferentes graus, é inegável que as jovens leem, mas não só leem, visto que muitas consomem cultura e obtêm conhecimento de outras formas. A cultura digital proporciona, em acréscimo, um outro universo de aproveitamento, com distintas linguagens impulsionadas pela mídia. O livro, em contraponto, ainda é colocado no pedestal de canalizador cultural:

um amargo desencanto se traveste de profetismo para proclamar como dogma o mais radical dos dualismos: nos livros encontram-se o último resquício e baluarte do pensamento vivo, crítico, independente, diante da avalanche de futilidade, espetacularização e conformismo que constituiria a própria essência dos meios audiovisuais (Martín-Barbero, 2014, p. 45).

As jovens que acompanhei por dois anos socializam com a cultura escolar e com locais legitimados de cultura, porém também têm socializações difusas com bens culturais

⁶¹ À época da reentrada em campo, os vídeos curtos da aplicação TikTok eram muito consumidos pelos jovens.

⁶² Podcasts são produtos midiáticos herdeiros dos programas de rádio, porém agora remodelados e rerepresentados no modelo digital. Há uma infinidade de episódios de podcasts desde noticiários até análises de política internacional.

provenientes de diversas mídias (Setton, 2006). Esse desfrute mantém o papel distintivo dos capitais simbólicos, em um sentido de consumo em uma sociedade desigual e que valoriza determinados bens culturais, construídos como legítimos pelas classes dominantes. Todavia, entendo que as mídias não têm relação somente com a cultura letrada, pois podem ser bens culturais elaborados a partir de outras visualidades e oralidades (Martín-Barbero, 2014).

De modo geral, preciso ter a consciência crítica, como leitora de Freire (1989), de que ler o código da nossa língua portuguesa é precedido de se entender no mundo. Assim, lemos jornais e livros, representantes da cultura letrada, mas também outros textos midiáticos, como o telejornal e os videogames (Martín-Barbero, 2014) e, mais recentemente, podcasts, vídeos no YouTube e demais plataformas e aplicativos. Quando realizo a leitura de algum texto, seja ele apresentado como for, estou realizando essa leitura utilizando minha trajetória de vida como base e me colocando, como sujeito, nas relações sociais.

Martín-Barbero (2014, p. 17) nomeia Paulo Freire como o “primeiro aporte inovador da América Latina à teoria da comunicação”, justamente por Freire contribuir com a reflexão de nomear o próprio mundo e de falar sobre esse mundo. Assim, aprender a dizer o mundo que vivencia por meio de suas próprias experiências é uma visão freiriana que colabora com o pensamento de Martín-Barbero, que reflete também sobre os usos que os sujeitos fazem com as mídias que consomem. Interfaces contemporâneas e formas de construir e divulgar informações e ampliar conhecimentos, como do rádio ao podcast, do cinema tradicional às séries e aos documentários, essas oralidades secundárias (Martín-Barbero; Rey, 1999) dividem palco também com outras visualidades, como a navegação em plataformas digitais e as trocas e os encontros oriundos desse contexto.

Por meio de um consumo, que é cultural, porém tradicionalmente não legítimo, as jovens socializam-se com informações científicas, conhecimentos históricos e narrativas midiáticas sobre uma infinidade de assuntos. É perceptível que, em várias oportunidades, esse consumo não é programado, um exemplo do que Setton (2005) chama de sistema difuso, em que as jovens têm contato com uma variedade de mídias em seus cotidianos, sem organização ou até mesmo pretensão para que esses bens sejam utilizados como luta simbólica em uma sociedade desigual.

Nesse sentido, a cultura digital que contextualiza a produção e a circulação dessas mídias permite às jovens a apropriação diversa de conteúdos e códigos, apesar de serem em locais não aristocráticos, ou seja, não determinados pela elite como legítimos. A literatura é um

grande exemplo disso, pois há livros considerados mais legítimos que outros. É proeminente, entre as jovens, o consumo de livros de grande sucesso internacional, que normalmente estão na lista dos mais vendidos. Como exemplo de livros de grande tiragem levantados pelas jovens, temos sagas infantojuvenis, que são livros sequenciais e que trazem a necessidade de maior fôlego na leitura, dada a grande quantidade de páginas. Outros livros com vasta tiragem que estão presentes no cotidiano das entrevistadas, muito também pela presença e grande circulação de conteúdos em redes sociais, são os que abordam os dramas juvenis e outros referentes a crimes reais. Independentemente da temática, esses livros de grande tiragem familiarizam as jovens com a leitura (Setton, 2005) ao mesmo tempo em que as treinam para questões como concentração e aumento de vocabulário.

Cabe salientar, contudo, que livros clássicos, em especial os da literatura brasileira, comumente obrigatórios no processo escolar, como Machado de Assis, ocupam pouco espaço – mas ainda existem – na formação das jovens, seja com obras obtidas na biblioteca da escola, doadas ou compradas de segunda mão. O consumo de livros internacionais clássicos, esses raros, como *Orgulho e preconceito*, escrito por Jane Austen⁶³, ocorre em menor número. Poucos livros são comprados, alguns são emprestados e muitos têm como origem sites piratas⁶⁴.

Boa parte do que as jovens consomem provém de fontes piratas, um componente do seu dia a dia, em especial ao buscar o consumo de livros, filmes, séries e até aplicativos. Apesar de ferir a Lei de Direito Autoral (Lei n.º 9.610/1998), a pirataria é largamente utilizada no Brasil, em especial entre as juventudes, e tem como base e circulação os meios tecnológicos. Isso não ocorre desde hoje, obviamente, embora tenha sido amplamente impulsionado pelo dispositivo móvel, o celular. Já no final dos anos 1990, era comum que jovens encontrassem músicas piratas em sites. O mesmo aconteceu posteriormente com filmes e livros e hoje há uma variedade de mídias encontradas no mundo da pirataria.

Em contraponto, é urgente a necessidade de aprofundar e ampliar as políticas públicas de acesso e produção cultural, como os programas Ponto de Cultura, Fundos de Apoio à Cultura e os Centros de Artes e Esportes Unificados (CEU)⁶⁵, ambos com a intenção de promover a fruição cultural – desde sua produção à circulação – em espaços periféricos. Além disso, é importante a ampliação e divulgação de bibliotecas públicas em locais de fácil acesso

⁶³ Esse livro foi citado por duas jovens moradoras de Brazlândia.

⁶⁴ Pirata, cabe frisar, é a forma como as jovens se referem a locais na internet em que podem acessar conteúdos pagos, mas de forma gratuita e ilegal. A pirataria digital é amplamente utilizada para consumo de vídeos e livros.

⁶⁵ Ponto de Cultura e CEU são políticas públicas incentivadas ao longo dos governos do Partido dos Trabalhadores (PT), entre 2003 e 2016, que articularam governo federal e comunidades, a fim de implementar ações que promovessem o acesso à cultura.

via transporte público, além de outros sistemas de uso compartilhado e colaborativo entre as usuárias. Obviamente, a pirataria é imensamente favorecida pela desigualdade econômica que forja o Brasil, logo, de difícil combate normativo, por meio de leis, pois os sujeitos estão inseridos em contextos em que há necessidade, mesmo que construída socialmente, de ter contato com bens culturais legítimos, mas sobretudo os não aristocráticos, e a pirataria digital não só possibilita enormemente esse consumo, mas o potencializa, em especial via dispositivo móvel.

A pirataria faz parte do consumo juvenil e isso também as acompanha quando escolhem os livros a serem lidos pela facilidade com que os encontram. Por isso, acabam lendo mais livros com grande tiragem, os bestsellers, pois são mais fáceis de encontrar e estão inseridos em um esquema de publicidade mais efetivo. As jovens entrevistadas relatam a leitura de obras baseadas em fatos históricos, mas em romances voltados ao público leigo, certamente não acadêmico. Nesse caso, as grandes guerras mundiais parecem ter relevante entrada em suas vidas, não por meio de livros explicativos sobre batalhas e especificidades dos conflitos, mas a partir de obras que têm como protagonistas jovens e crianças, como em *O diário de Anne Frank* e *O menino do pijama listrado*. É evidente que boa parte dos livros de romances históricos lidos provém de visões do eixo norte global. Dessa maneira, não posso deixar de refletir sobre a opressão colonial que vivemos em toda América Latina, que vai trabalhando inclusive na consciência dos sujeitos que acabam por minorizar sua própria história (Martín-Barbero, 2014) e a de seus pares, quando priorizam o contato com a história de países do norte geográfico.

Quando citam leituras e outras mídias como forma de lazer, elas majoritariamente têm como formação epistemologias do norte, inseridas em um mercado editorial específico. Na universidade, a depender do curso escolhido pela jovem, há maior pluralidade no consumo, mas a base concreta continua a ser de histórias contadas por grandes centros de distribuição internacionais. No entanto, é injusto direcionar às jovens a culpa pelo baixo consumo de histórias com epistemologias do sul e não contadas por olhares outros, visto que a preferência por visões hegemônicas é construída ideologicamente em um sistema mais estrutural, que envolve financiamento e marketing.

Como frisa o autor colombiano, “aprisionados em uma história em que somente houve próceres e soldados, mas não povo, os dominados se verão incapazes de reconhecerem-se a si mesmos no processo histórico que fez deles primeiros escravos e depois dependentes”

(Martín-Barbero, 2014, p. 27). Após anos de uma história tradicional focada na relação brasileira com potências mercantis e que não priorizava sua própria história, o que oculta a participação de brasileiras e brasileiros inclusive em suas lutas emancipatórias e no processo de construção da cidadania, há o entendimento de que a nossa história, a dos colonizados, é desvalorizada e de segunda prioridade.

Esse fato se repete em outras nações latino-americanas, onde há a consolidação de processos de incomunicação (Martín-Barbero, 2014) e de mutismo (Freire, 2005), exatamente por vivenciarmos por séculos histórias de colonização na lógica mercantil. Logo, quando falo em desvendar nossa história, preciso ter o entendimento de que muitos aspectos precisam ser ainda pesquisados, e muitos deles do início, pois as histórias não estão sistematizadas, como a participação feminina e de personalidades indígenas e pretas. Nesse sentido, há a possibilidade de nos comunicarmos melhor com nossa memória e entendermos nela a participação dos povos indígenas e diaspóricos da África. Assim, temos a intenção de reconhecer a diversidade brasileira para além do discurso normativo⁶⁶ e, em especial, de entender que o esquecimento não é uma opção para se relacionar com nossa própria história, visto que a memória e seus desdobramentos são um dever do sujeito histórico.

Retornando aos usos dos bens midiáticos pelas jovens, é interessante ressaltar que, por vezes, a leitura de romances históricos ainda no ensino médio precedeu o momento em que as professoras trabalharam esses conteúdos em sala de aula. Logo, quando as jovens tiveram contato com essas informações, via professor, já havia conhecimento prévio, mesmo que básico e proveniente do campo literário, o que nos remete ao sistema difuso que Setton (2005) pensou ao elaborar a ampliação de capital cultural. Não é um conhecimento histórico que provém de livros da área, tampouco foi ensinado pelos pais ou na escola, mas tem como origem romances históricos de grande tiragem. Percebe-se, como já dito, que as jovens guiam suas leituras inspiradas em sucessos da cultura juvenil internacional e que muitas leituras foram adaptadas para produções cinematográficas, o que impulsiona seu consumo, mas, de forma geral, as jovens entrevistadas mantêm interesse na leitura:

Eu gosto de livro, comecei a gostar no ensino fundamental, comecei com Harry Potter e só foi indo (Ary, 2022).

⁶⁶ Há duas importantes legislações que versam sobre a diversidade no Brasil, a Lei n.º 10.639/2003 e a Lei n.º 11.645/2008.

Estou lendo bastante e assisto séries e vídeos. Os livros para distração eu compro em sebos (Martina, 2022).

Adoro ler e amo assistir documentários (Marcio, 2022).

Peguei livros na Biblioteca Nacional de Brasília, um livro sobre ficção científica (Luan, 2022).

Em 2019, eu li mais de 14 livros, muitos dele no celular. Continuo lendo livros de literatura, agora estou lendo uma história em quadrinhos (Frederico, 2022).

No caso, os livros de entretenimento são lidos em momentos de despretenso tempo livre, ao descansar. No entanto, as jovens relatam que entendem atualmente como descanso a navegação na internet, em especial as redes sociais, como já apontado por Sampaio (2019). Todavia, as jovens têm a percepção de que esse descanso não é isento de culpa e o adjetivam como procrastinação, ao se cobrarem ler para ocupar o tempo com bens midiáticos que consideram válidos. Essa questão chama a atenção pela repetição das falas, pois é muito comum que as jovens entendam a necessidade de serem sempre produtivas, ao trazerem para si e para o gerenciamento de suas vidas uma visão mercadológica e meritocrática. Cabanas e Illouz (2022) refletem sobre como o neoliberalismo se constrói como uma verdadeira filosofia social individualista a ser estendida para além do mercado e como ela é adotada em sociedades ocidentais para se referir à cobrança individual em ser otimista e produtiva, como se a felicidade fosse mais um produto da sociedade neoliberal.

Nesse contexto, além dos livros, o consumo de mídias audiovisuais é o mais recorrente no cotidiano das jovens, desde documentários sobre conhecimento geral a videoaulas para complementar ou adiantar estudos. Esse consumo midiático se dá basicamente pelo telefone celular, o que difere nosso público daquele pensado por Setton (2005). Apesar de lerem por esse dispositivo os livros que raramente compram na internet, mas comumente adquirem de forma ilegal, por meio da pirataria digital, é no consumo de vídeos que as jovens mais utilizam o celular, inclusive para formações específicas.

No entanto, não nos interessa basicamente qual nova plataforma as jovens utilizam ou qual é o inusitado aplicativo que está em auge entre elas, pois são parte da efemeridade. Os aplicativos utilizados hoje provavelmente serão obsoletos em poucos anos. O interessante é ter o entendimento de que há “um novo modo de relação entre os processos simbólicos – que constituem o cultural – e as formas de produção e distribuição e bens e serviços” (Martín-

Barbero, 2014, p. 79) e que essa nova relação as faz buscar conhecimentos por meios nem sempre ditos aristocráticos, como vemos nos depoimentos a seguir:

eu comecei francês na plataforma gratuita Cultive. Além disso, eu gosto de escutar podcasts, YouTube e pesquisar informações na internet (Cristina, 2020).

Eu costumo tocar. Canto, vejo série, leio alguma coisa, eu toco violão, ukulele e teclado. Eu aprendi a tocar instrumentos na internet. Acho mais fácil assim, pois vou no meu tempo. Eu olho no YouTube e também no Cifraclub, que já sei onde coloco o dedo (Vanessa, 2020).

As jovens utilizaram a cultura digital no ensino médio, como para aprender línguas em plataformas gratuitas e estudar músicas por meio de vídeos, mas isso ocorre de forma mais profunda e direcionada no ambiente universitário. Como exemplo, podemos citar o aprimoramento de conhecimentos de disciplinas específicas da universidade – ou até mesmo para revisar conteúdos da educação básica –, quanto para ter contato com bens simbólicos, como livros e filmes. É evidente que o conhecimento já não está centrado exclusivamente no livro e outras linguagens e tecnologias se apropriam de conteúdos, remixam⁶⁷ e divulgam na internet.

Esse descentramento do livro (Martín-Barbero, 2014) faz com que as jovens obtenham conhecimento e informação não somente pela leitura e tampouco de forma linear. É essencial entendermos que as jovens não estão em um limbo cultural, aculturadas, desinteressadas e resistentes a qualquer propensão de aproveitamento cultural, visto que a oralidade e suas vertentes midiáticas, como audiovisuais e novas oralidades, estão vivas e proporcionam bens culturais dos mais diversos:

por mais escandaloso que soe, é um fato cultural iniludível que as maiorias na América Latina estão se incorporando e apropriando-se da modernidade sem deixar sua cultura oral, isto é, não com o livro à mão, mas a partir de gêneros e narrativas, linguagens e conhecimentos da indústria e da experiência audiovisual (Martín-Barbero, 2014, p. 92).

O uso que as jovens fazem com seus dispositivos móveis com internet possibilitam conhecimentos e bens simbólicos aos quais, por desprivilégio financeiro e estrutural, teriam

⁶⁷ O remix faz parte da cultura digital ao entender que um bem cultural pode se tornar outro por meio da apropriação de um novo sujeito.

pouco ou nenhum acesso. As jovens relatam que não teriam contato com diversos filmes, séries, aplicativos e outros bens simbólicos da indústria cultural ou de mídias alternativas caso não fosse o usufruto que a internet proporciona – como já dito, muitas vezes via pirataria. Alguns desses conhecimentos são provenientes da cultura letrada, mas grande parte provém da valorização da cultura oral em nossa sociedade.

Todavia, apesar de que as jovens, em 2022, estivessem mais conectadas do que em 2020, não posso deixar de frisar que elas ainda mantêm problemas de conectividade e utilizam, em sua maioria, dados limitados e celular pré-pago. Num mar de escassez de dados móveis, a UnB e sua possibilidade de ampla conexão traz alento a diversas jovens que antes precisavam se reinventar para conseguirem banda larga. Adentrar no espaço físico da UnB traz conectividade pouco vivenciada por muitas delas. Frederico estuda em outra instituição e salienta que hoje, com WiFi, chega a assistir a vídeos ao vivo, fato impossível somente com dados. Além disso, o consumo midiático direcionado à apropriação cultural não pode ser romantizado sem alocá-lo no campo da materialidade, o das desigualdades sociais e, inclusive, da própria herança familiar dos diversos capitais. Afinal, apesar de toda importância das mídias de um sistema difuso de apropriação de capital cultural (Setton, 2005), não é possível negar os benefícios de uma trajetória familiar consolidada no meio acadêmico e com valorização do capital cultural no mercado escolar.

Nesse sentido, as jovens sabem da importância de buscar a maior variedade possível de formação complementar, na internet ou em locais formais. Ary, por exemplo, aprendeu via tutoriais no YouTube a trabalhar em softwares para edição de imagens, o que o auxiliou diretamente a conseguir um estágio já no primeiro semestre de Comunicação Organizacional. Thaís, igualmente da área da Comunicação, precisou utilizar um software proprietário⁶⁸ para a elaboração de uma campanha publicitária e, primeiro, teve de encontrar sua versão pirata e depois assistir a muitos tutoriais para entender o funcionamento do programa.

Ademais, o acesso a cursos de línguas é valorizado pelas jovens, já que o domínio de idiomas estrangeiros exerce importante distinção no mundo do trabalho, bem como na inclusão social. Ao dialogar com as entrevistadas sobre suas trajetórias escolares, percebi a consonância nas narrativas quando se referem ao interesse em estudar línguas estrangeiras. Por serem usuárias do sistema público de ensino, as jovens tinham como referência as

⁶⁸ Softwares com licença restrita a quem pagar pelo seu uso. Apesar da restrição, há ampla circulação de chaves de acesso falsificadas, bem como versões pirateadas desses softwares.

oportunidades ofertadas pelo governo local. Em Brasília (DF), estudantes a partir do 6º ano podem se matricular em Centros Interescolares de Línguas (CIL), com ampla oferta de cursos como inglês, espanhol, francês, alemão e japonês. O serviço é gratuito e vinculado à Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal.

Entender outro idioma além do nativo é essencial não só para a vida profissional ou para exames na educação básica e superior, mas também para permitir que estudantes conheçam culturas de outros países e que possam ousar sonhar, como ler um livro na língua original, entender as músicas que escutam e imaginar vivências no exterior. Frederico, que terminou o curso de espanhol no CIL, diz que seu sonho é conhecer a Argentina ou a Espanha; já Martina, que fez inglês e francês, quer viajar e conhecer diversos lugares. Das jovens entrevistadas, somente três relatam não ter experiência com o ensino extraescolar de línguas, e a maioria das que cursaram o fizeram no CIL, em especial inglês e espanhol. Duas jovens utilizaram plataformas ou aplicativos gratuitos no celular para aprender francês e inglês.

Minha hipótese⁶⁹, no que concerne a este capítulo, é a de que o uso de tecnologias digitais auxilia os jovens a desenvolverem o capital midiático. Acredito que isso fortalece o discurso meritocrático por “saírem na frente”, e isso realmente ocorre em parte da vida dos jovens. No entanto, em raros casos, essa sensação se mescla à crítica ao discurso meritocrático, ao mesmo tempo em que há uma atuação como tática, a arte do fraco que atua nas margens (Certeau, 1998). Assim, não se nega completamente a meritocracia, mas, entendedoras de sua realidade na sociedade desigual, as jovens potencializam táticas para angariar sucesso. Elas sabem que não tiveram as mesmas oportunidades que outras jovens e sentem a necessidade de construir alternativas e, muitas delas, encontram-se em golpes astutos e atuam em brechas encontradas no cotidiano.

Ao analisar o consumo cultural que vai além das demandas escolares na vida das nossas entrevistadas, entre os anos 2020 e 2022, percebe-se que as jovens universitárias, em especial as que estagiam ou trabalham enquanto estudam, consomem menos diversidade de bens culturais. Martina confessa que está com “ressaca literária”, pois não consegue ler nada além do que precisa para a universidade. As jovens alegam que falta tempo para ler livros por prazer e, também, quando decidem consumir algum bem cultural, preferem assistir a séries ou a outros vídeos pela rapidez e facilidade do produto imagético. Outra possibilidade citada é acompanhar episódios de podcasts, pois permitem a realização de outras atividades

⁶⁹ Cabe salientar que, no momento da qualificação, haviam duas hipóteses, sendo que a segunda havia sido remodelada. Hoje, contudo, na tese final, apresento uma só hipótese.

concomitantes. Percebe-se, mais uma vez, a importância de diversas visualidades e oralidades na preferência dos consumos.

No ambiente universitário, as jovens se deparam com outros novos códigos, distintos daqueles utilizados nos estudos do ensino básico. Por isso, é evidente que aquelas que estão cursando a educação superior elaborem táticas enquanto realizam sua ambientação no meio acadêmico. As táticas incluem, sobretudo, a linguagem da cultura digital. Inicialmente, o primeiro acesso das jovens com o mundo digital é a leitura de artigos e livros acadêmicos, alguns enviados digitalmente pelos professores e outros conseguidos de forma ilegal na internet, especialmente quando se trata de livros. Esse fato é frequentemente lembrado, pois não poderiam adquirir corretamente exemplares físicos ou digitais. Augusto confessa, envergonhado, que há somente um único livro de Histologia na biblioteca da universidade e que um usado custa R\$ 445,00. Como não poderia comprar, conseguiu a versão digital na internet, porém de forma ilegal.

No entanto, tática vai além desse exemplo de uso, pois baixar livros ilegais na internet, de tão corriqueiro, já se tornou culturalmente naturalizado. Tecer táticas refere-se sobretudo ao uso da tecnologia para que as jovens contextualizem conteúdos, conheçam vocabulários falados no meio universitário e se apropriem de capitais simbólicos no contexto de grande modificação que é o ingresso em universidades públicas porque são as primeiras da família – ou talvez a primeira – a ocuparem esse espaço. Dessa forma, as jovens manejam as linguagens da cultura digital para lidar com as adversidades, muitas delas provenientes de elementos valorizados na universidade e com os quais tinham pouco ou nenhum contato prévio:

como os professores gravaram aulas na pandemia, eu gosto de assistir, fazer anotações, ouvir de novo as aulas. Eu anoto tudo que eu não entendi, palavra por palavra e depois procuro no Google o significado. No início foram muitas palavras que eu tive que anotar, tipo persuasiva, eu não sabia o seu significado. E você vê pessoas falando muito bem na universidade, e a gente acaba se cobrando muito, de ser uma pessoa articulada e falar bem, porque a gente vê os outros usando palavras de outro mundo. Também vi vídeos do ensino médio na faculdade, um sobre ditadura militar que usei para um trabalho (Thaís, 2022).

Eu procuro vídeos na internet, porque não consigo pegar tudo que o professor fala. Não fico atenta, então pego o áudio da aula, porque tem aula e professor que eu não entendo nada. Então procuro na internet, no YouTube. Eu digito o nome da aula no YouTube e procuro por lá. Eu sentia muita vergonha de procurar vídeos do ensino médio estando já no ensino superior, mas não lembrava que já tinha visto (Carol, 2022).

Já usei muito vídeo do ensino médio na faculdade. Não sinto vergonha, porque é uma necessidade minha. O que eu vejo em sala de aula eu preciso ver em casa, então eu procuro sobre anatomia humana no YouTube, em um vídeo do ensino médio, porque assim eu reforço o conteúdo com os vídeos no YouTube. Meus colegas e eu compartilhamos muitos links de professores do ensino médio para reforçar o que a gente vê na universidade (Augusto, 2022).

Eu curso História, mas eu não sei tudo, então sempre procuro assistir aula na internet para complementar e escuto podcasts também. Eu não vi História do Brasil ainda, mas já estou vendo Brasil Colonial no YouTube, porque não sinto que tive uma boa base na escola (Cristina, 2022).

Aconteceu de eu assistir uma aula do ensino médio para a faculdade, como Biologia, porque eu não sabia de nada, não lembrava. Hoje na faculdade, com WiFi, eu pesquiso mais, assisto mais videoaula e inclusive assisto vídeos ao vivo e até mesmo palestras (Frederico, 2022).

Já aconteceu de eu precisar procurar no YouTube um vídeo do ensino médio sobre tecidos de animais, quando estudei sobre meiose e mitose e eu busquei no YouTube o que queria para lembrar. Todo mundo faz isso, eles trocam links no grupo da sala, a gente troca vídeos e explicações (Vanessa, 2022).

Esses tempos precisei de uma explicação sobre velocidade média. Eu não tive Física completa no ensino médio, então vejo vídeos do ensino médio e esse conteúdo me ajuda a me fortalecer. Meus colegas também fazem isso, fiquei espantada, porque eles são de escolas particulares, mas fazem sim. Na minha cabeça, particular era mais completo, mas eles me falavam que não estavam entendendo. Alub, Sigma⁷⁰, todos procurando vídeo do ensino médio (Rafaela, 2022).

Já assisti vídeos do ensino médio em História Antiga. Eu precisei buscar na internet as guerras médicas para entender o texto, nomes de guerras, gerais. Eu pensei: “eu não estou entendendo, mas não vou perguntar para o professor, porque sei que é um assunto do ensino médio”. Então, busquei no YouTube os vídeos para ter uma base e poder ler os textos da disciplina, porque era um conhecimento distante de mim. Então eu busquei os vídeos não no sentido de complementar, mas de dar uma base mesmo (Martina, 2022).

Como podemos apreciar nos depoimentos, as jovens, agora universitárias, compartilham arquivos e endereços de vídeos com as demais colegas e vice-versa, questão também encontrada em outros estudos (Lima, 2021). A ideia primordial é revisar os conteúdos vistos em sala de aula, mas também revisitar as memórias ou até mesmo conhecer conteúdos do ensino médio não vistos. Por entenderem que não há consolidação de assuntos tratados previamente na formação acadêmica, as jovens sentem a necessidade de assistirem a vídeos sobre algumas disciplinas vistas em outra etapa de ensino.

⁷⁰ Alub e Sigma são escolas particulares localizadas no Distrito Federal.

Por isso, Martina buscou uma aula sobre Grécia Antiga, Vanessa uma aula de mitose e meiose, Rafaela uma aula sobre velocidade média, e Thaís uma aula sobre ditadura civil-militar brasileira. Cabe salientar, assim como assinala Lima (2021) ao tratar sobre a sensação de baixa autoestima de jovens oriundos de escola pública, que as jovens buscaram esses conteúdos do ensino médio, pois se referem a essa etapa lembrando diversas fraquezas, como falta de professores, estrutura precária e ensino insuficiente. Contudo, como demonstram Vanessa e Rafaela, procurar vídeos do ensino médio para embasar ou complementar conhecimentos demandados na universidade é uma prática também de jovens oriundos de ambientes particulares de ensino.

Outra questão recorrente foi a utilização da internet para pesquisar o significado de palavras utilizadas pelos professores ou, também, por colegas na universidade. Percebo que tal necessidade é trabalhada de forma peculiar pelas estudantes. Enquanto Dandara mantém um pequeno caderno em que anota as palavras e os seus significados, assim como aprendeu com seu professor de Filosofia no ensino médio, Thaís procura imediatamente as palavras no dispositivo durante as aulas. Rafaela, distintamente, anota as palavras que desconhece no caderno e procura seus significados em casa, com melhor internet.

Ary mantém um grupo consigo mesmo no WhatsApp para escrever palavras e frases que não entendeu durante a aula para posterior pesquisa. Embora cada uma elabore de uma forma, entendo esse uso da tecnologia como uma evidente tática, no sentido de lidar com adversidades provenientes de distintas trajetórias de vida. É perceptível que o desconhecimento do vocabulário cause desconforto entre as jovens, pois questionam suas capacidades em ocupar uma vaga na universidade. Interessadas em se manter no novo espaço, buscam suas soluções. No entanto, é frequente o questionamento de estarem merecedoras da oportunidade.

A utilização da internet nos estudos aparece em nossas entrevistas com o sentido elaborado por Sampaio (2019), o de “poupança de esforço”. Por isso, Frederico diz que “ganha tempo” quando assiste a um vídeo sobre determinado livro, pois, em sua opinião, assistir ao vídeo não o capacita para o entendimento totalizante do livro, mas dada a realidade de alguém que estagia enquanto faz faculdade, afirma que é o que consegue fazer. Rafaela confessa que “pegava o nome do livro e jogava no YouTube”. Em nossa pesquisa, essa poupança de esforço se dá, em especial, por meio de vídeos no YouTube, embora outras formas também sejam citadas, como resumos dos textos obrigatórios:

também tem a questão de não dar conta de tudo na universidade, nas leituras. Quando não consigo, procuro resenha, porque é mais focado (Ary, 2022).

Eu vou no YouTube, pego o nome do livro da faculdade e jogo ele no YouTube (Rafaela, 2022).

Eu acabo ganhando tempo quando estudo na internet, eu não leio um livro, mas vejo na internet alguém explicando o livro (Frederico, 2022).

Vou ser bem sincero: às vezes, dá preguiça de ler o livro, então rola de encontrar um bom canal no YouTube que ele leu o livro e te explica o livro. É mais rápido e prático utilizar a internet. Eu tiro na internet uma dúvida específica, se eu fosse procurar no livro, eu gastaria muito mais tempo. Quando eu ouço, é mais fácil do que só ler. A transmissão do conhecimento, quando ela é materializada na fala e não na leitura, que eu acho muito mais subjetiva – não é todo mundo que tem a interpretação correta, na fala, a gente tem uma interpretação melhor. Normalmente, eu consigo focar mais escutando a explicação, escuto e entendo melhor. Por isso também procuro vídeos no YouTube (Augusto, 2022).

Augusto pontua que aprende melhor ao assistir alguém explicar as informações do que somente lendo um texto. É inegável a facilidade dos vídeos em uma época com valorização da imagem e de questões visuais. No entanto, preciso relacionar com a importantíssima tradição oral da América Latina, encontrada inicialmente no rádio e na televisão (Martín-Barbero, 2009), mas atualmente em suas heranças, com suas narrativas diversas, em podcasts e vídeos em plataformas digitais.

Com a análise crítica das entrevistas, pudemos perceber que as jovens utilizam a tecnologia em um ambiente novo e com códigos diversos que ainda não foram incorporados. No entanto, esse uso não é desinteressado. Entendedoras de que a universidade é um espaço com sujeitos de distintas trajetórias de vida, algumas delas bastante privilegiadas, elas se cobram para angariar capital simbólico para estar na luta pela permanência no espaço. Elas batalham na trincheira invisível ao se apropriarem da tecnologia como tática, por meio do capital midiático.

Para Freire (1971) e Martín-Barbero (2009), as tecnologias não “atingem” os sujeitos e são “transmitidas” de forma desinteressadas. Para Martín-Barbero (2009), há as mediações e a inventividade dos sujeitos. Para Freire (1971), há a leitura do mundo e da comunicação e cultura a partir da relação social. Os dois pensadores entendem que a transmissão das mensagens carrega a obviedade de não serem neutras, são, também, produções ideológicas. Assim, ambos valorizam a relação significativa e construtiva entre os sujeitos, em casa, na escola, no bairro. Muitas delas, no próprio cotidiano.

Todavia, não é somente na transmissão de informações que há ideologia, mas no uso das mídias também. A ampliação do capital cultural surge para entender a forma como essas jovens utilizam a tecnologia não só como uma ferramenta, visto que não nos interessa sua medição, como propõe Ramírez, Casillas e Méndez (2014). Por isso, vou além ao compreender o capital midiático como uma possibilidade inventiva do dia a dia de jovens periféricas no contexto da cultura digital e na massificação do celular com internet. Ao entenderem a desigualdade na qual estão inseridas e interessadas nessa trincheira simbólica, as jovens podem disputar espaços que não foram construídos para si, ao se apropriarem do capital midiático como tática, no sentido de Certeau (1998), e evidenciarem a importância das subjetividades dos sujeitos.

A partir das análises das entrevistas de 2020, mas potencialmente nas de 2022, a prática profissional do professor tem uma forte importância nos processos educativos. Em 2020, em um momento de pandemia, distanciamento e isolamento social, Augusto lembrava que estar em sala era ter a prerrogativa de sanar suas dúvidas, pois a presença do professor possibilitava que tivesse o “privilegio da dúvida”. Em 2022, o mesmo jovem, que agora cursa Biologia e busca vídeos do ensino médio para angariar conhecimentos não vistos ou não consolidados, tem como referência ainda mais forte o professor. O jovem sente necessidade de consumir bens midiáticos, como vídeos e podcasts, que o auxiliem a estudar para a universidade e se ambientar nos novos códigos necessários. Demandado como Augusto escolhe os vídeos ou os outros conteúdos midiáticos que consome e que têm relação com seu aprendizado na faculdade, o jovem admite que sua referência é o professor:

Pesquisadora: Desse tempo pra cá, alguma coisa mudou na forma como você estuda na internet?

Augusto: Antigamente eu usava a internet bem de forma rasa, a primeira página que eu encontrava na internet eu já lia, agora não. Eu preciso selecionar os sites para estudar e ter confiança do conteúdo. Eu preciso ser um estudante que não pode acreditar em tudo que tô lendo.

Pesquisadora: Como você sabe que um site dá pra confiar?

Augusto: Eu presto atenção se está batendo com o que aprendo na universidade, o meu parâmetro é meu professor em sala de aula, é ele que me guia (Augusto, 2022).

Também pela mesma razão, quando Rafaela busca na internet vídeos para complementar os conteúdos na universidade, ela dá prioridade às dicas dos próprios professores da UnB, pois eles, na própria ementa das disciplinas, fornecem os endereços de vídeos em que

eles confiam e indicam aos estudantes. Já Carol grava o áudio das aulas para que possa ouvir em casa:

Pesquisadora: Você tem procurado na internet aulas para complementar o que vê na universidade?

Rafaela: Tenho, especialmente em Cálculo I. Eu paguei professor. Eu parei porque não tenho tempo e eu acabei trancando essa disciplina, porque sabia que não ia conseguir. E tem as aulas na UnB. E eu procurava no YouTube e também na ementa do curso tem dicas de vídeos para vermos no YouTube, de professores aqui da UnB (Rafaela, 2022).

Pesquisadora: Você tem procurado na internet aulas para complementar o que vê na universidade?

Carol: Sim, porque não consigo pegar tudo que o professor fala e, às vezes, não estou na *vibe* boa de prestar atenção. Me sinto muito cansada à noite, porque acordo às 5h. Não fico atenta, eu geralmente pego áudio da aula, especialmente quando não prestei atenção na aula.

Pesquisadora: Desde que você ingressou na universidade, você mudou sua forma de estudar? Como você estuda hoje?

Carol: Quando eu gravo a aula do professor, eu anoto tudo que o professor fala e leio o que escrevi e faço um resumo do que ele falou, faço isso no caderno, depois passo a limpo, leio e releio. Faço exercícios e trabalhos. Eu estudo seguindo o que o professor fala, estudo no slide que o professor enviou (Carol, 2022).

É inegável que há um cenário de crescente disponibilidade de bens midiáticos diversos que auxiliam as jovens a se apropriarem de códigos e conteúdos bem quistos no Ensino Superior, que vão desde podcasts à inteligência artificial generativa. Embora as entrevistas não abordem de fato a presença dessa última ferramenta, é bastante provável pensar em uma jovem acessando o ChatGPT⁷¹ para sanar dúvidas ou para auxiliar na realização de trabalhos acadêmicos. No entanto, é impraticável o pensamento de que essa jovem irá conseguir se apropriar ou incorporar capital midiático sem que haja o direcionamento dos professores e, também, o auxílio que eles possam dar no discernimento necessário para o consumo das produções midiáticas.

Por terem o professor como referência, as jovens que acompanhei por dois anos sabem da importância de um profissional ativo, entendedor da responsabilidade social que lhe é atribuída, e que busca informações midiáticas para que possa auxiliar essas jovens em seus percursos educativos. Além disso, é com o auxílio da prática docente, do ensino-aprendizagem,

⁷¹ ChatGPT é uma ferramenta de inteligência artificial generativa, ou seja, que constrói textos demandados pelos usuários ao utilizar diversas bases de dados, inclusive as que ela mesmo mantém.

que as jovens irão transformar esse mar infinito de informações, muitas delas não confiáveis ou ideologicamente enviesadas, em conhecimento.

QUARTA PARTE – MERITOCRACIA E IDEOLOGIA: A RECONSTRUÇÃO DO DISCURSO MIDIÁTICO

Acho importante a compreensão da meritocracia enquanto a falácia que de fato é, principalmente por causa do seu poder de destruir subjetividades ao introjetar nas pessoas uma sensação de fracasso pesada e adoecedora que elas vão arrastar pela vida inteira, mas que na verdade não deveriam ter experimentado nem por um segundo sequer (Falero, 2020).

A lógica do *coach* foca no individual, em você empreender, investir em si mesmo, essas questões levam pro indivíduo, ele internaliza aquilo. Quem tá no Plano Piloto não sabe o que é o Sol Nascente (Martina, 2020).

Nesta seção, reflito sobre a construção da ideologia para questionar a promoção do mérito na sociedade neoliberal. A ideia é desnaturalizar o cotidiano, o dia a dia, em um exercício de reconstrução da mídia por parte das jovens que acompanhei ao longo da investigação. As entrevistadas foram questionadas como se relacionam com a mídia, os usos das diversas informações sobre acesso à educação superior e a maneira como isso perpassa as suas próprias trajetórias. A possibilidade de reconstrução do texto midiático coloca as estudantes em uma posição de protagonista⁷² dos discursos: questiona essas jovens sobre como elaborariam o discurso da mídia, caso fosse dada a elas essa oportunidade.

Nesta investigação, utilizo a concepção gramsciana de ideologia. O filósofo sardo nega o caráter negativo do conceito, aquele que interpreta a ideologia como um mascaramento da realidade, um falseamento de intenções das classes dominantes. Em avanço, compreende a ideologia por meio de uma concepção de mundo de que ela, a ideologia, influencia modificações na sociedade (Gramsci, 2017), logo, a ideologia orienta as formas de se relacionar e de viver, ou seja, rege as práticas sociais dos sujeitos.

⁷² Cabe salientar que não entendo a jovem protagonista na lógica capitalista, filantrópica, ou que, ao sobressair um indivíduo diante dos demais, coloca a jovem em um papel de empreendedora de si. Protagonista, nessa investigação, refere-se à jovem que entende que, na coletividade, ocorre a transformação social e, para isso, há a necessidade de um grau de organização conjunta com seus pares. Logo, protagonismo tem relação com uma leitura resistente da mídia hegemônica.

Construída de tal forma, é intrínseca a relação de ideologia com o conceito de hegemonia, que é o mecanismo que faz com que uma classe exerça poder sobre outras. Quando falo de uma classe dominante, que também é dirigente, é necessária a construção da hegemonia (Gramsci, 2017). Essa não exerce sua dominação por meio da coação, violência e legislações autoritárias, mas por meio do consentimento (Moraes, 2010). Nas concepções de ideologia e hegemonia em Gramsci (2017), a construção do consenso encontra espaço frutífero nos meios de comunicação. É nesse contexto que a ideologia dialoga com nossa ferramenta fomentadora de discursos com as jovens, a mídia.

Como leitor de Gramsci, Hall (1973) entende a mídia com o auxílio conceitual da ideologia e hegemonia. Em entrevista sobre o modelo adotado nesta pesquisa, Codificação/Decodificação, Hall (2003, p. 355) afirma que a principal controvérsia com a questão marxista de base e superestrutura era considerar a ideologia “como algo secundário, como algo não constitutivo, mas meramente constituído pelos processos socioeconômicos”. O teórico jamaicano alia-se a Gramsci (2017) ao refletir que a ideologia, nos grandes meios de comunicação, é a tentativa de fixar nas leituras dos sujeitos o significado construído pelo texto midiático em sua codificação.

No caso da midiática de casos de acesso à educação superior por jovens periféricos, esse discurso é genuinamente ideológico, como mostro na análise de 10 peças jornalísticas selecionadas ao longo dos primeiros anos da pesquisa. Em uma sociedade capitalista, especificamente neoliberal, diante da hipervalorização de cursos como Medicina e Direito, entrelaçado à realidade brasileira de poucas vagas na educação superior pública, o discurso do mérito é primordialmente o fio condutor da narrativa midiática. Esse discurso surge para explicar por que alguns estudantes logram sucesso em seus estudos e outros precisam buscar alternativas de sobrevivência, afastando-se, não raramente, da trajetória escolar. Assim, as relações de poder incidem na vida estudantil e têm, como base propulsora, uma ideologia nascida das explicações do capitalismo no século XX: a meritocracia, conceito melhor trabalhado na análise das mídias.

Nesse capítulo, apresento o modelo Codificação/Decodificação de Stuart Hall (1973; 1980; 2003) e específico como os 10 textos midiáticos analisados foram codificados, ou seja, construídos pela equipe jornalística em diversos aspectos, como escolha de fontes, ângulos e abordagens. Na sequência do capítulo, introduzirei elementos para discutir a decodificação das três matérias assistidas pelas jovens, em 2020 e em 2022, com sua posterior reconstrução

dos textos midiáticos. O exercício de reconstrução foi realizado pelas estudantes e ocorreu por meio do encorajamento para que elas utilizassem conceitos epistemológicos caros às Ciências Sociais, como desnaturalizar a vida cotidiana (Benedict, 1972; 2000) para possibilitar a reflexão sobre determinadas questões ditas naturais e, portanto, normalizadas em nossa sociedade.

4.1 Codificação/Decodificação

O modelo Codificação/Decodificação (Hall, 1973) é utilizado nesta investigação atrelado ao uso das mídias televisivas. Como já abordado, o objetivo do uso das reportagens é fomentar o debate e entrelaçar a assistência das matérias jornalísticas sobre ingresso de jovens cotistas na educação superior com a interação social das entrevistadas. Não é, portanto, uma investigação que se atém ao estudo da mídia e sua recepção, embora a mídia, aqui, seja basilar para incentivar os diálogos sobre a leitura do mundo das jovens.

Como dito, pensar o modelo de Codificação/Decodificação é também refletir sobre conceitos como poder, ideologia e hegemonia. Consequentemente, o modelo nos auxilia a refletir sobre como se consolidam informações relacionadas ao uso das tecnologias para estudo e sua relação com a meritocracia, capitais simbólicos e a trajetória familiar e escolar. Dito isso, entendo ser necessário realizar uma explicação minuciosa do modelo, trabalhar seus principais conceitos, possíveis brechas de atuação e correlação com outras metodologias⁷³. Após, apresentarei uma análise textual das 10 matérias jornalísticas selecionadas, em que especificarei a codificação apresentada pela mídia.

Não escolhemos a mídia televisiva ao acaso⁷⁴. Martín-Barbero e Rey (1999) refletem que a América Latina tem uma forte relação com a oralidade, que se traduz, na vida contemporânea, nos entrelaçados com a imagem, em especial a propulsão por vídeos. Com

⁷³ Como disse Hall (2003), o modelo não é fechado, logo pode – e deve – ser aprimorado. Inclusive, Hall (2003) admite que não pensou a sua estrutura como um modelo e espera que ele seja repensado e reaplicado em diversas realidades.

⁷⁴ Em 2022, houve duas tentativas para trabalhar com mídia impressa, uma com Rafaela e outra com Martina, porém as intervenções representaram quebra na expectativa e não trouxeram os resultados desejados, em especial no quesito espontaneidade e profundidade das análises das jovens.

uma mirada latino-americana, entendemos ser primordial pesquisar a televisão, pois, como lembram Martín-Barbero e Rey (1999, p. 34), essa profunda cumplicidade entre oralidade e visualidade tecnológica é uma “oralidade secundária”, que historicamente provém da rádio, do cinema e, agora, está na produção televisiva e nos recortes dessa utilizados nas diversas redes sociais.

A notícia televisiva é uma construção, “uma trama infinita de relações dialéticas”, como lembra Lage (2006, p. 24). Um texto televisivo abarca a construção da pauta, a apuração, que é a checagem dos fatos; a documentação, que é o agregado de informações; a priorização das fontes, que são os informantes; a história, que são as escolhas – não aleatórias, cabe pontuar – que formam a narrativa. Pena (2005) reflete que uma imagem vale, mas as palavras também. A narração em off, que são as ideias previamente organizadas enquanto outras imagens aparecem na notícia, e cada frase do jornalista está localizada culturalmente. Sendo uma construção, a abordagem e até mesmo o direcionamento da câmera e a entonação da voz do jornalista são direcionados por referenciais.

Apesar da linguagem televisiva ser simples, repetitiva e até mesmo superficial, essas diversas escolhas e outras, mais imagéticas, não são assessórias, pois contribuem para a consolidação de uma determinada construção da história. Dessa forma, uma narrativa meritocrática com nossa temática pode enfatizar apelos diretos e clichês, baseados na emoção, ao mostrarem os cômodos simples da residência, explorarem a provável falta de recursos materiais das famílias e realizarem entrevistas com as mães, por meio exclusivo de questionamentos que visam emocionar a matriarca, com riso ou choro. Pena (2005, p. 88) pondera que “a espetacularização da vida toma o lugar das tradicionais formas de entretenimento”. Logo, o enredo meritocrático torna-se um espetáculo que tem como enfoque as dificuldades pelas quais o jovem passou, não só dramatizando-as, mas as romantizando.

Para começar a abordar o modelo Codificação/Decodificação, é prudente frisar que Lima (2015) lembra que Stuart Hall é um esquecido nos estudos relacionados à mídia no Brasil. Conhecido por seu trabalho sobre etnicidade e multiculturalismo, o seu modelo, publicado no formato de ensaio, em 1973, com o nome de *Encoding and Decoding*, pouco foi abordado nos estudos midiáticos.

Lima (2015) reflete que o jamaicano pensa a mídia inserida na sociedade de relações de poder, influenciado por Gramsci. Elucidando o modelo Codificação/Decodificação, lembra que Hall “permitiu o argumento de que havia uma leitura dominante construída na e

pela mídia” (Lima, 2015, p. 115) e que, de fato, há possibilidades de múltiplas leituras realizadas pelos sujeitos que interagem com as notícias. Essas características foram inovadoras à época, pois Hall (1973) defendia que a mensagem midiática não se propagava de forma linear, seguindo a linha produtor/mensagem e receptor, mas em circuitos distintos de circulação. A mensagem, dessa forma, adquire a característica de um bem simbólico e faz parte de cinco etapas: produção, circulação, distribuição e consumo e, por fim, reprodução.

Nesse sentido, a codificação e a decodificação estariam inseridas em um complexo jogo de estruturas: estruturas de conhecimento, relações de produção e infraestrutura técnica. Assim, não há como pensar as mensagens midiáticas sem inseri-las no próprio sistema capitalista e em suas implicações ideológicas. Como um bem simbólico inserido nesse contexto, a mensagem jornalística visa ao lucro das empresas midiáticas. Atualmente, em um contexto de convergência tecnológica, em que mídias reverberam tanto na televisão como em mídias digitais disponibilizadas nos dispositivos móveis, seria possível pensar que há representatividade dos distintos discursos midiáticos. No entanto, como lembra Lima (2015), a estrutura econômica e legal do sistema dominante da mídia não mudou e há pouca real pluralidade de informações e abordagens nos grandes meios de comunicação. Quando a mídia contra-hegemônica⁷⁵ amplia outro discurso, há pouco alcance estrutural.

Isso nos remete ao contexto de elaboração do modelo de Hall (1973). Na época, os tradicionais modelos empíricos positivistas, como a pesquisa de efeitos de audiência, eram utilizados na tentativa de aferir o comportamento dos sujeitos perante os textos midiáticos. A comunicação era dita perfeita e a única falha estava a cargo do receptor que, por considerada “falta de inteligência” ou atenção, não captou a mensagem, que era vista equivocadamente como transparente. A proposta de Hall (1973) combate a comunicação dita perfeita, aquela em que o emissor elabora uma mensagem que o receptor pode ou não “entender”, a depender de suas habilidades. Nesse sentido, Hall (2003, p. 334) afirma que o seu modelo era polêmico, pois é:

contra uma noção particular de conteúdo, entendido como um sentido ou uma mensagem pré-formada e fixa, que pode ser analisada em termos de transmissão do emissor para o receptor. O artigo se posiciona contra uma unilinearidade implícita desse último modelo, seu fluxo unidirecional, isto é, o emissor origina a mensagem, a mensagem é, ela própria, bastante unidimensional, e o receptor a recebe.

⁷⁵ Mídia contra-hegemônica é aquela que, em sua prática, divulga as notícias com ângulos e abordagens que criticam o sistema capitalista.

Nas leituras hegemônicas, também chamadas dominantes ou preferenciais, há a naturalização dos códigos midiáticos (Hall, 1980) e, nesse caso, é específica a ação ideológica intencional das instituições de comunicação. No entanto, a leitura dominante não é a única. Para o modelo de Hall (1973; 1980; 2003), a mensagem pode ter decodificação dominante, negociada e opositiva. Dessa forma, por exemplo, uma notícia televisiva com codificação dominante pode ter uma leitura opositiva para um sujeito, mas para outro, ela pode ser negociada. Isso ocorre porque as mensagens são decodificadas levando em consideração mediações individuais, como valores familiares, apropriação de capitais simbólicos e vivências de classe social (Martín-Barbero, 2009).

Embora afirme que os sujeitos têm leituras multirreferenciais do texto, Hall (2003) nega que as audiências tenham o mesmo poder de quem controla os meios de comunicação. Há distintos espaços de poder e os canais de televisão, por exemplo, constroem significados do mundo para as audiências, pois têm os meios para tal, têm financiamentos diversos e o poder de escrever o texto midiático, ao escolherem fontes, ângulos e abordagens.

Hall (2003, p. 368) ainda lembra que “muitas pessoas lá fora não têm outra forma de conhecer o mundo a não ser através do significado que se comunica a elas”. Em um país latino-americano com tradição profunda da oralidade (Martín-Barbero, 2009), inegável importância imagética, em especial da televisão, somada à parca pluralidade jornalística e conseqüentemente pouca vazão da diversidade de opinião pública, os grandes meios de comunicação e suas produções televisivas são, ainda, o principal meio de obtenção de informação no cotidiano, mesmo que em forma de extratos e vídeos derivados e divulgados em redes sociais, ou seja, a reverberação dos grandes meios de comunicação.

Ademais, é necessário reforçar as nossas experiências históricas com colonizações que não encorajaram a formação cidadã e a emancipação, e também a presença de regimes autoritários, alguns escravocratas, além de outras ditaduras mantidas por civis e militares. Entrelaçado a esse duro processo, temos a nossa inexperiência democrática, permeada por golpes e tentativas autoritárias de tomada de poder. A última delas, bastante recente, data dos anos 2022 e 2023⁷⁶, quando aliados do presidente Bolsonaro (2019-2022) ocuparam quartéis militares em todo país, demandaram intervenção militar e elaboraram uma minuta de um

⁷⁶ Atualmente, há a atuação de uma Comissão Parlamentar Mista Investigativa (CPMI) para tratar dos acontecimentos do dia 8 de janeiro de 2023, quando milhares de apoiadores de Bolsonaro invadiram locais públicos da capital federal, como o Palácio do Planalto e o Congresso Nacional e o Supremo Tribunal Federal (STF).

suposto golpe, encontrado na casa do ex-ministro da Justiça do governo Bolsonaro, Anderson Torres.

Freire (2005) reflete que essas vivências têm relação com o mutismo da sociedade brasileira, de sujeitos que tiveram negada a comunicação e o diálogo e foram, de fato, comunicados. Outros falaram sobre eles e por eles. Acredito que o mutismo é mais acentuado quando trazemos recortes de raça e gênero. Carneiro (2003) afirma que as mulheres negras foram coisificadas durante o processo de conquista e dominação da violação colonial. Nos últimos anos, há uma mudança progressiva no cenário, impulsionado pelas lutas do movimento negro e pela elaboração de políticas públicas específicas para pessoas pretas e pardas.

No Quadro 6, a seguir, explico as três hipóteses escritas por Hall (1973) para as leituras multirreferenciais da mídia. A leitura dominante se refere à posição de preferência do texto, que ocorre quando o receptor possui a mesma leitura ideológica proposta pela produção televisiva. Como exemplo, podemos pensar na codificação de uma matéria elaborada por um jornalista de uma empresa de comunicação. Após análise textual da notícia audiovisual, percebemos que ela tem codificação hegemônica. Para ocorrer a leitura preferencial do jovem sobre essa notícia, ele precisa concordar com a codificação hegemônica proposta pela mídia. Logo, a leitura hegemônica é chamada também de dominante e preferencial, pois não discorda dos aspectos apresentados na notícia, como a abordagem e a visão construída sobre o fato. É certo frisar que ela é uma leitura pouco encontrada, visto que os sujeitos comumente leem a mídia a partir de mediações sociais e culturais, como capitais simbólicos, classe social e trajetória familiar, e discordam de alguns aspectos da notícia.

A segunda possibilidade de leitura é a de o sujeito decodificar a mensagem a partir de uma leitura globalmente contrária, por meio de um código de oposição, o que Hall (1980) chama de política de significação, essa que abarca a luta que ocorre dentro do próprio discurso. Isso acontece, por exemplo, quando o jovem se identifica com outro segmento social que não é o da codificação do texto, e também apresenta vivências e interesses distintos.

Para Hall (1973), a leitura de oposição ocorre quando o sujeito se torna autoconsciente e com esquemas de interpretação organizados. Moraes (2010, p. 68) lembra que, na mídia, “a meta precípua é esvaziar análises críticas e expressões de dissenso, evitando atritos entre as interpretações dos fatos [...] e seu entendimento por parte de indivíduos, grupos e classes”. Dessa forma, além da leitura opositiva ser uma decodificação pouco frequente, a própria codificação resistente em mídias hegemônicas é praticamente inexistente, exatamente

por sua relação comercial. Se houvesse codificação opositiva, haveria problemas para o setor publicitário da instituição de comunicação.

Refletindo sobre a leitura opositiva, podemos lembrar que, ao desnaturalizar o fato cotidiano, ao analisá-lo com o distanciamento necessário, trabalha-se com o senso crítico que se pergunta o porquê de algo acontecer (Benedict, 1972; 2000). A própria historicidade é um conceito que permite o exercício de compreender se algo sempre existiu e refletir sobre a permanência e a descontinuidade ao longo do processo histórico. Tenho consciência de que alguns cursos de graduação podem favorecer essa criticidade. O estranhamento das práticas sociais, por assim dizer, pode se relacionar como uma leitura resistente ou até mesmo negociada. Refletir criticamente sobre a naturalização é, também, revelar as ideologias que existem nos discursos. Assim, não realizar o exercício de estranhamento e desnaturalização alinha-se à leitura hegemônica/dominante, justamente por compreender as estruturas como já estabelecidas e normalizadas.

Por fim, há a leitura negociada, que não dialoga inteiramente com os produtores das notícias, mas não é totalmente opositiva. De acordo com Hall (2003, p. 350), as “leituras negociadas são provavelmente o que a maioria de nós faz, na maior parte do tempo”. Para Hall (1973), as leituras que os sujeitos realizam dependem das diversas trajetórias de vida. No contexto da nossa pesquisa, podemos relacionar essa leitura negociada, também, à aquisição e à consolidação dos diversos capitais simbólicos (Martín-Barbero, 2009), visto que Hall (2003, p. 378) defende que “as leituras que você faz surgem da família em que você foi criado, dos lugares em que trabalha, das instituições a que pertence, das suas outras práticas”. Essa leitura negociada pode ser relacionada aos aspectos de valores morais preconizados pelas famílias, bem como às influências religiosas.

Quadro 6: Modelo de Codificação/Decodificação proposto por Hall (1973)

Leitura multirreferencial	Definição da leitura e relação com poder, ideologia e hegemonia
Leitura hegemônica/dominante	O poder da mídia não é atravessado por outras questões individuais do receptor que poderiam influenciar na decodificação. De acordo com Hall (2003), a leitura preferencial é a tentativa de uniformizar e hegemônizar a audiência. Logo, está alinhada ideologicamente com o discurso midiático e busca o consenso de opiniões.
Leitura negociada	O leitor parcialmente aceita a codificação preferencial e modifica a leitura de acordo com sua própria posição social e vivências distintas. Dessa forma, há interferência de questões micro e locais que podem trazer contradições à decodificação. A leitura negociada não interfere na concordância com os principais aspectos da codificação.
Leitura opositiva/resistente	A posição social do leitor o coloca em uma leitura contrária à dominante, ou seja, à leitura preferencial da codificação. Assim, ele rejeita a leitura midiática como foi construída e apresentada. O sujeito entende o código preferencial da mensagem midiática e a ressignifica com referências alternativas, como classe social. Logo, o sujeito apresenta, nessa leitura, esquemas de interpretação organizados para refutar a mensagem midiática.

Fonte: Autoria própria

Dada a apresentação do modelo Codificação/Decodificação⁷⁷ de Stuart Hall (1973; 1980; 2003) e sua relação com a investigação, apresentarei, na próxima seção, a análise textual das notícias televisivas, já explicando suas codificações. Três dessas matérias foram apresentadas às jovens em nossa pesquisa para proporcionar a triangulação dos dados das entrevistas realizadas em 2020 e 2022, com a decodificação e a reconstrução midiática realizadas por elas.

4.1.1 Análise das matérias: aplicação do modelo Codificação/Decodificação

Ao elaborar uma notícia televisiva, o profissional da comunicação codifica o conteúdo a partir do campo jornalístico. Tratando-se de uma empresa com fins comerciais, oriundos de uma renda publicitária alargada a partir do alcance de suas notícias, o campo jornalístico está permeado pelo econômico. Sabe-se que a mídia tradicional, a que chamo de

⁷⁷ Como disse o próprio Hall (2003), o modelo de Codificação/Decodificação deve ser utilizado, porém livremente ampliado e complementado. Assim, há a proposição, por fim, de que as próprias entrevistadas reconstruam as matérias jornalísticas, com o objetivo de compreender os aspectos de oposição, negociação ou dominância dos discursos midiáticos e as demais mediações.

mídia hegemônica, como os grandes meios de comunicação, tem o poder relativo de pautar a agenda de discussões da nossa sociedade. Em relação às ações afirmativas e ao acesso à educação superior, isso não é diferente.

Após a divulgação das listas de aprovados, veículos midiáticos constroem matérias e reportagens sobre os novos acadêmicos de universidades públicas, quando buscam casos de sucesso para contar a história de jovens oriundos de classes subalternas que ingressaram em universidades federais, muitos deles ingressantes por ações afirmativas. Não raro, essas matérias trazem o jovem cotista como alguém que “chegou lá” e venceu as adversidades da vida.

Inicialmente, selecionei matérias jornalísticas que fomentassem o debate com as jovens e que tivessem como tema central o acesso de cotistas à educação superior em cursos de alta seletividade social. Com o novo contexto da pandemia de covid-19, a essas notícias foi somada outra abordagem, referente à rotina dos vestibulandos em tempos de pandemia. Nas duas temáticas, há o enfoque no uso das tecnologias digitais nos estudos, com status de solução para jovens da classe trabalhadora alcançarem o sucesso escolar.

A apresentação das matérias jornalísticas e sua codificação, levando em consideração a metodologia Codificação/Decodificação, de Hall (1973; 1980; 2003), será trabalhada a partir da concepção de que a própria análise da pesquisadora sobre o texto midiático codificado é uma decodificação. Como lembra Hall (2003, p. 373), não há verdadeira objetividade nesse processo, mas deve haver uma objetividade necessária, pois é um momento “da pesquisa onde se tenta suprimir ao máximo sua própria leitura para reconstruir o texto como um objetivo de pesquisa”. Assim, realizarei a análise textual e a posterior explicação da codificação de cada matéria jornalística.

A prioridade era encontrar audiovisuais jornalísticos disponíveis na internet de forma gratuita e sem cadastro obrigatório de usuários, o que facilitaria a assistência das jovens, em especial nos casos remotos que ocorreram na pandemia. Dessa forma, escolhemos peças jornalísticas da TV Globo Brasília, SBT Brasília, Record TV Brasília e TV Brasília, essa última afiliada à RedeTV, como vemos no Quadro 7. As narrativas comumente encontradas são construídas de forma hegemônica com o uso do fio condutor meritocrático e dramatização das dificuldades, por isso, não houve dificuldade em encontrar matérias sobre a temática tanto para análise quanto para a assistência das jovens.

Quadro 7: Relação das emissoras com peças analisadas

Nome da emissora de TV	Número de peças analisadas
TV Brasília (RedeTV)	4 matérias (Jornal Local)
TV Globo Brasília	3 matérias (DFTV e Globo Comunidade)
Record TV Brasília	2 matérias (DF Record)
SBT Brasília	1 matéria (SBT Brasília)

Fonte: Autoria própria

Os telejornais da Record TV Brasília e do SBT Brasília se constroem como alternativas tradicionais à TV Globo, que mantinha exclusividade nos maiores índices de audiência. Ressalto que, apesar de serem alternativas, ainda são parte da mídia hegemônica. Recentemente, o jornalismo daquelas emissoras foi ampliado, com notícias do Entorno do Distrito Federal ou reformulação dos telejornais locais. Essas modificações ampliaram as audiências da Record e SBT, no entanto, a maioria das entrevistadas ainda cita os jornais da TV Globo como referência familiar.

Há quatro peças jornalísticas da TV Globo Brasília em nossa lista. Um dos programas é o da Globo Comunidade, transmitido no domingo de manhã e que versa sobre temáticas de entretenimento, em especial sobre qualidade de vida. O outro programa da emissora é o mais tradicional da lista. O DFTV é um jornal local destinado a abordar, em dois momentos do dia, as notícias da região. Com consolidados índices de assistência, o DFTV é citado por muitas entrevistadas como aquele que seus familiares mais acompanham no cotidiano. Inclusive, mais de uma jovem relatou que tinha assistido exatamente a notícia analisada na entrevista quando foi transmitida pelo programa.

Guimarães (2006) afirma que a maioria das matérias produzidas por esse telejornal, o DFTV, se passa na região do Plano Piloto, algo em torno de 65% a 75% do total, e que as notícias sobre educação são pouco abordadas nas edições, menos de 10%. A própria Guimarães (2006) é, hoje, repórter do DFTV e trabalha para modificar esse cenário. No entanto, não há dados mais atualizados para que seja possível realizar a comparação. De forma geral, as notícias que contam trajetórias escolares de jovens mostram a periferia do Distrito Federal, como regiões administrativas de Ceilândia e Santa Maria, e trazem a característica do inusitado para a tela: um jovem pobre entrar em um curso de elite.

Por fim, temos a TV Brasília, filiada à RedeTV, e seu carro-chefe jornalístico, o Jornal Local. Com transmissão na televisão aberta e fechada, a TV Brasília foi criada ainda na década de 1960, pertence aos Diários Associados e tem relação próxima com o Correio

Brasiliense, sendo que seus vídeos são também hospedados no site Correio Web e divulgados na página do jornal, o veículo impresso mais tradicional da capital.

Todas as emissoras e seus telejornais locais analisados nesta investigação pertencem à mídia hegemônica, pois representam interesses mercadológicos e necessitam prestar contas aos patrocinadores e à equipe empresarial. Logo, essa mídia está relacionada ao poder econômico e sua produção, entendida também como uma mercadoria, circula de forma expressiva em nossa sociedade e atinge grandes índices de audiência. O discurso meritocrático é uma narrativa comum aos programas analisados, que utiliza essas narrativas para contar histórias de sucesso da classe trabalhadora.

Quem merece sucesso escolar? Quem merece estar nos bancos universitários públicos? O conceito da meritocracia, inicialmente utilizado na literatura distópica (Young, 1961), em uma ficção científica, passou a ser utilizado no senso comum para dividir a sociedade entre quem merece ou não. É notável, no entanto, que, mesmo quem se esforça e consegue os primeiros lugares em uma universidade pública, por vezes não logra a vaga, pois há número insuficiente de oportunidades para a alta demanda de vestibulandos. Assim, não “chegar lá” fala sobre o individualismo e o entendimento de que as coisas são como são, ou seja, naturalizadas, quando, de fato, elas são construídas socialmente.

No livro que originou o conceito de meritocracia, *The rise of meritocracy* (Young, 1961), há uma célebre frase que afirma que todos os inteligentes tiveram chance de ascender socialmente. A ideia do autor era analisar uma sociedade não baseada em favorecimentos oligárquicos, com sujeitos que ocupam vagas em cargos por alianças familiares. Young (1961) cunhou o termo meritocracia para se referir a um futuro, localizado no ano de 2033, em que sujeitos, sob as mesmas condições, tivessem possibilidade de acessar o mundo do trabalho via merecimento, por terem mais qualificações e credenciais. O livro, no entanto, é uma distopia política. A própria “inteligência” em si, como a entendemos, tem mais a ver com um leque de oportunidades, contextos favoráveis, pré-disposições e privilégios do que com termos como prodígio e sujeitos com algum dom.

Se compararmos um país em outro hemisfério que tem melhores índices escolares e de acúmulo de anos de estudo com o Brasil, essa diferença não tem relação com o clima quente, ou pelo fato de estar no hemisfério sul, ou ter uma majoritária população afrodescendente, como afirmavam – e incrivelmente ainda defendem – os darwinistas sociais e seus discípulos. A relação está na presença do Estado e no projeto de país pensado pelas classes

dirigentes. O processo colonizador, também civilizatório, racista e excludente, minou os direitos fundamentais dos sujeitos por séculos. Para finalizar, ao longo do nosso percurso histórico, o Estado apresentou políticas descontínuas, contraditórias ou ineficazes em relação à educação.

Young (1961), em sua distopia, afirma que somente quem merece pode gozar das melhores oportunidades de estudo, de viagens ao exterior e de boa formação profissional. Esse conceito distópico foi acatado na sociedade capitalista como se, de fato, a meritocracia existisse organicamente nas nossas vivências e nos benefícios logrados pelos sujeitos. O mérito está supostamente presente como parte fundadora de uma sociedade que não trabalha mais com os privilégios de berço, como em uma monarquia. Assim, naturalizam-se frases como “os que se esforçam chegam lá!”. No entanto, a livre utilização do conceito é controversa. No início do século XXI, Young (2001) escreveu que estava desapontado com o rumo que sua obra fictícia tomou, ao afirmar que a meritocracia foi acatada pelo senso comum, em especial nos Estados Unidos da América do Norte. Ele afirma que determinadas classes sociais têm diversas certificações estudantis e diplomas a seu dispor, o que desaprova a maioria da população e a destina a não lograr sucesso.

A meritocracia é, então, uma falácia discursiva, porque se refere a uma percepção hegemônica de grupos sociais que entendem a individualidade como fator decisivo na trajetória de sucesso dos sujeitos. Souza (2014; 2016), ao refletir sobre essa questão, defende que a meritocracia oculta as desigualdades sociais e naturaliza os diversos privilégios que beneficiam determinadas classes sociais. O poder de ação dos indivíduos é hipervalorizado e supostamente suficiente para atingir objetivos na vida.

Quando foco no sujeito, ele é responsável por seus fracassos e seus sucessos são oriundos do aproveitamento das oportunidades em sua trajetória. Contextualizações das trajetórias que levam em conta políticas públicas do Estado não são consideradas. Isso reverbera nas narrativas midiáticas construídas com o tema, como irei analisar na sequência.

Vou começar a análise pela notícia construída que cita a pandemia de covid-19. Não é possível, todavia, não contextualizar a política brasileira no espaço temporal analisado. Partimos do princípio de que, sob o governo Bolsonaro, tivemos o pior tratamento da pandemia, e, atualmente, há mais de 700 mil mortos devido à covid-19. Antunes (2022) pondera que o Brasil se tornou o “campeão” da tragédia mundial e que, somado ao mau

gerenciamento da pandemia por parte do governo Bolsonaro, houve empobrecimento e miserabilidade em nosso país, além da crescente uberização⁷⁸ do mundo do trabalho.

A meritocracia, obviamente, é um dos comportamentos impulsionados pela ascensão de Bolsonaro, considerado por Antunes (2022, p. 76) como o “Trump dos grotões”. Rocha *et al.* (2021, p. 13, tradução nossa) referem-se a Bolsonaro como “o presidente da extrema direita mais radical em nível mundial e que foi eleito democraticamente nas últimas décadas”. Ademais, a estratégia discursiva implementada durante seu governo localiza-se na retórica agressiva, cravejada de humor ácido, desinteressada pelos direitos humanos e que supostamente tem o objetivo de restaurar valores e costumes hipoteticamente inexistentes em nosso país.

O governo Bolsonaro reforçou que quem trabalha, paga seus impostos, não é “parasita do Estado”, é cidadão do bem. Logo, as políticas públicas seriam desnecessárias, completamente contrárias à ideologia neoliberal. É importante frisar, junto a Rocha *et al.* (2021, p. 128-129), que o neoliberalismo não se dá somente nas políticas do país, mas “numa dimensão mais profunda relacionada com a formação das subjetividades”. Nesse sentido, as profundas desigualdades existentes no Brasil seriam resolvidas parte pelo mercado e outra parte pelo esforço pessoal. Dado o contexto em que as matérias analisadas foram construídas, partirei para suas análises.

Há uma variedade de abordagens nas peças jornalísticas que relatam os estudos em tempos de pandemia. Algumas versam sobre alguns entraves que os estudantes poderiam encontrar no estudo remoto, especialmente a falta de dispositivos, tais como notebooks e smartphones. No entanto, há matérias em que o enfoque é como se esse momento fosse de reinvenção, uma espécie de *self-made man* versão estudante, a fim de continuar o ritmo de estudos, com o uso das tecnologias digitais, fazendo por si e com seu próprio esforço.

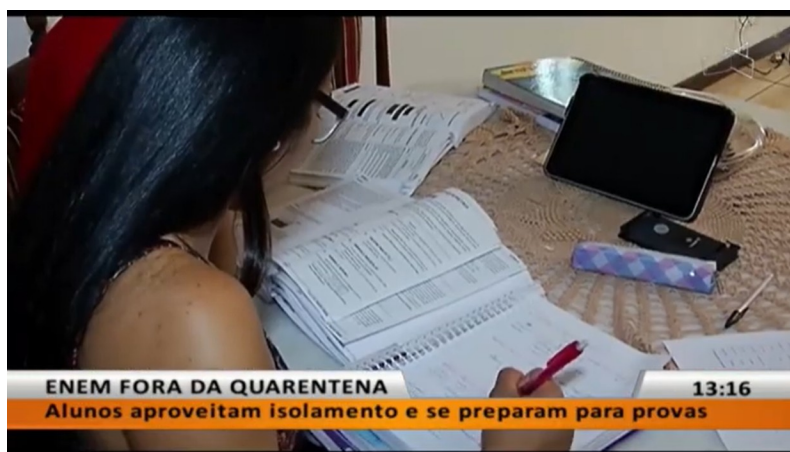
Esse é o caso da mensagem que escolhi trabalhar com as jovens, ainda em 2020, visto que a matéria veiculada pela TV Brasília em abril daquele ano, um mês após a suspensão das aulas presenciais no Distrito Federal, traz pouca ou nenhuma problematização social. Na notícia 1 (Quadro 8), intitulada “Alunos aproveitam isolamento e se preparam para provas”, a codificação é dominante/hegemônica. Nela, os depoimentos trazidos pelos próprios jovens falam sobre a necessidade de se adequar para continuarem seus estudos de forma remota.

⁷⁸ Novo modelo de trabalho flexível e que se destina aos sujeitos com menos privilégios e mais desprotegidos do Estado.

Antes de entender a codificação, é prudente avisar que a cobertura a que me refiro na sequência é, de tal forma, um texto sonoro e aparece fazendo a narrativa composta com uma imagem. Assim, a primeira entrevistada pincela que nem todos os estudantes têm acesso à internet, “só 70% dos estudantes têm acesso à internet”. Quando a estudante pondera a exclusão digital, no entanto, não há qualquer continuidade da problematização, como a que conectividade os jovens têm contato. Parte de sua fala é coberta por um jovem que, com cadernos em mãos, assiste atentamente a uma aula na televisão.

Após, aparece o programa de teleaulas do governo do Distrito Federal, Escola em Casa, ofertado inicialmente em canais da televisão aberta, e posteriormente abandonado. Na sequência, há o depoimento da jovem que afirma que esse é um período de adequação dos estudos. O momento que poderia trazer reflexão sobre o acesso ao mundo digital ou a dispositivos tecnológicos não acontece, pois logo já entra em cena a fala do então presidente do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), Alexandre Lopes. Em suas palavras, o Inep quer “tranquilizar os estudantes”, pois, sim, haveria Enem em 2020.

Figura 4: Jovem estuda para o Enem com tablets, caderno e livro didático



Fonte: Reportagem da TV Brasília divulgada no dia 27/04/2020
Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=4GEmW06fajE>>

Após, há a fala de uma estudante que recebe de forma online as atividades do cursinho presencial que frequentava antes da pandemia e que relata fazer simulados todos os finais de semana para testar os seus conhecimentos. A jornalista faz sua primeira aparição para afirmar que as telas ganharam protagonismo e substituíram o quadro, por isso alguns cursinhos se reinventaram e muitos ofereceram conteúdos gratuitos. O diretor de um deles conta que

agora investe em aulas online sem necessidade de pagamento, para dar oportunidade a jovens que antes não tinham condições por empecilhos financeiros.

Figura 5: Jovem estuda de forma remota para o Enem 2020



Fonte: Reportagem da TV Brasília divulgada no dia 27/04/2020
Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=4GEmW06fajE>>

Para cobrir a fala do presidente do cursinho, há a reaparição da imagem de um jovem que está em uma casa simples, sem pintura nas paredes. Cabe salientar que o jovem em questão é o único negro da matéria, não concede entrevista e sua imagem aparece quando o diretor do cursinho pré-vestibular frisa que muitos jovens não têm oportunidades financeiras de pagar por estudos, em uma associação entre pobreza e questão racial. Não se sabe qual a realidade do jovem, sua participação é meramente decorativa, o que reforça o discurso meritocrático da reportagem, pois afirma que, mesmo em épocas com dificuldades devido à pandemia agravadas por contextos de desigualdade escolar e social, os jovens devem se reinventar em busca do sucesso escolar. Para finalizar, a matéria traz dicas de um *coach*⁷⁹, profissão não regulamentada em nosso país, sobre organização de estudos: ter foco, mentalizar as conquistas futuras e lembrar de quando você atingiu um sonho e se sentiu corajoso.

A matéria é codificada por meio de uma estrutura dominante, pois relembra, inclusive citando fontes do Inep, que o Enem acontecerá e que, acima de tudo, esse processo ocorrer anualmente é um direito dos jovens. Em nenhum momento, há a ponderação de que o contexto favorecia o acirramento da desigualdade escolar. A reportagem afirma que os jovens precisam aproveitar o período do distanciamento e do isolamento social e adequar os seus estudos para o meio remoto. Dificuldades para a adequação não são evidenciadas e sequer

⁷⁹ Profissional não regulamentado que segue diversas técnicas que mesclam gestão de recursos humanos, administração e Psicologia para angariar resultados.

mencionadas. A matéria não problematiza questões estruturais da vida da maioria dos jovens, em especial os de escola pública e aqueles com dificuldades diversas, como a impossibilidade de pagar um cursinho pré-Enem.

A aparição decorativa do estudante negro quando citam que alguns jovens não tinham condições de pagar um curso preparatório, mas que agora podem acessar conteúdos gratuitos, reforça, também, a codificação dominante, pois não trabalha a pluralidade e diversidade, e deixa a cargo de quem assiste a matéria a tarefa de construir simbolicamente a sua história. De antemão, quem assiste à matéria entende que o jovem negro em questão é pobre, em um alinhamento entre raça e classe social. Da forma como é apresentada a matéria, a leitura imaginativa que temos de sua trajetória é de enfrentamento das dificuldades e de reforço meritocrático nos estudos. Afinal, de acordo com essa ideologia, quem quer e tem foco e meta alcança seus objetivos.

Quadro 8: Codificação das reportagens midiáticas

	Título	Links clicáveis⁸⁰	Codificação	Relação com o poder
Notícia 1	Alunos aproveitam isolamento e se preparam para provas	https://11nq.com/9uevH	Dominante/ Hegemônica	Reforço da ideologia neoliberal meritocrática.
Notícia 2	Medicina na UnB	https://11nq.com/RVmjt		Reforço da ideologia neoliberal meritocrática. Não nomeia ações afirmativas no acesso ao ensino superior. Romantização das dificuldades.
Notícia 3	Estudante de Ceilândia passa para medicina na UnB	https://11nq.com/rP2lL		Reforço da ideologia neoliberal meritocrática. Frisa que o estudante, mesmo que tenha direito, ingressou sem a utilização das cotas. Romantização das dificuldades.
Notícia 4	“Universidade existe para a gente também”, diz aluno da rede pública após 3º lugar em	https://11nk.dev/R7QTq		Reforço da ideologia neoliberal meritocrática. Frisa que o estudante, mesmo que tenha direito, ingressou sem a utilização

⁸⁰ No Apêndice E, há QR Codes que levam diretamente aos sites em que o leitor ou a leitora podem assistir às matérias analisadas.

	Medicina na UnB			das cotas. Romantização das dificuldades.
Notícia 5	Aluno vende doces para estudar e passa em Medicina na UnB	https://urx1.com/24M6D		Reforço da ideologia neoliberal meritocrática. Não nomeia ações afirmativas no acesso ao ensino superior. Romantização das dificuldades.
Notícia 6	Jovem do Sol Nascente é aprovado para Medicina na UnB	https://acesse.one/ky4iS		Apesar de nomear as ações afirmativas, não explica quais foram utilizadas pelo jovem. Reforço da ideologia neoliberal meritocrática. Romantização das dificuldades.
Notícia 7	Conheça histórias de estudantes que superaram dificuldades e foram aprovados na UnB	https://11nk.dev/tKBo2		Não nomeia ações afirmativas no acesso ao ensino superior. Reforço da ideologia neoliberal meritocrática.
Notícia 8	Alunos da rede pública são destaques na UnB	https://ury1.com/1eq0a		Não nomeia ações afirmativas no acesso ao ensino superior. Reforço do papel da escola.
Notícia 9	Alunos de escola em Ceilândia são aprovados em Universidades Públicas	https://ury1.com/17qc4		Não nomeia ações afirmativas no acesso ao ensino superior. Reforço do papel da escola.
Notícia 10	Com o PAS, 20 alunos de escola na Ceilândia passam na UnB	https://urx1.com/9E5ha		Não nomeia ações afirmativas no acesso ao ensino superior. Reforço do papel da escola.

Fonte: Autoria própria

Irei agora pormenorizar as matérias selecionadas que relatam o ingresso de jovens da classe trabalhadora em cursos de alta seletividade social. A seleção das notícias começou a ser realizada em setembro de 2019 e continuou nos períodos subsequentes, por meio do campo de busca “matéria cotistas na UnB”, “escola pública UnB” e outras possíveis combinações. No Quadro 8, constam a menção da tecnologia, a codificação da matéria e a relação com o poder,

que formam nossas categorias de análise, o que evidencia o silenciamento das políticas públicas, a romantização das dificuldades e o reforço da ideologia meritocrática. Friso que, das 10 matérias, os jovens assistiram a três: a notícia 1, em 2020; e as notícias 6 e 7, em 2022 (Quadro 9).

Quadro 9: Características das matérias assistidas pelas jovens entrevistadas

Título da matéria	Número da matéria de acordo com o Quadro 8	Ano de assistência	Nome do jovem protagonista e curso de ingresso na UnB	Codificação
Alunos aproveitam isolamento e se preparam para provas	1	2020	Não se aplica	Dominante/Hegemônica
Jovem do Sol Nascente é aprovado para Medicina na UnB	6	2022	Lucas (Medicina)	
Conheça histórias de estudantes que superaram dificuldades e foram aprovados na UnB	7	2022	Endrio e Maria Clara (Medicina)	

Fonte: Autoria própria

Dividimos as notícias em duas categorias, uma que especifica a narrativa de um único personagem e exemplifica sua labuta para ingressar na universidade; outra que congrega notícias que enfocam a importância das escolas públicas, visto o grande número de calouros na UnB. No entanto, na maior parte dos casos, as ações afirmativas não são citadas, embora o seu uso ficou comprovado pelos jovens Lucas, Endrio e Maria Clara⁸¹. As notícias costumam ressaltar o esforço e o mérito individual do estudante, agora acadêmico da UnB. Além disso, é abordada a utilização de tecnologias nos estudos, em uma suposta defasagem no conteúdo e também na aquisição de códigos específicos que o jovem não domina. Ademais, é necessário evidenciar que a tecnologia, como no caso de Endrio, aparece como protagonista de seu sucesso, com seu próprio esforço.

⁸¹ Conversei com os jovens que são personagens das matérias e o ingresso via ações afirmativas ficou comprovado por entrevista ou via site de lista de aprovados.

Ao refletir que o campo jornalístico está permeado pelos interesses econômicos, é compreensível entender o motivo que faz com que os meios de comunicação hegemônicos produzam notícias que não causem completa resistência e oposição nos leitores (Moraes, 2010). Caso houvesse grandes resistências, isso causaria possíveis problemas na audiência e em questões publicitárias. Dessa forma, há pouca abordagem que realize, de fato, grandes problematizações sociais.

Figura 6: Estudante de Medicina com paralisia cerebral



Fonte: Reportagem da TV Brasília divulgada em 06/03/2019
Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Fq-SaVVFIU>>

As matérias selecionadas trabalham especialmente o fato de o estudante conseguir superar as dificuldades, inclusive de saúde, para ocupar uma vaga na educação superior. Exemplo é a notícia 2, “Medicina na UnB”. Nela, aparece a estudante Rithiele (Figura 6), que nasceu com paralisia cerebral e frequentou hospitais durante anos. Aliás, essa questão de saúde é a primeira a ser apresentada, já na fala direta da jovem.

Sua casa é simples, com paredes sem pintura e, na legenda da imagem, há a afirmação de que a jovem superou a pobreza e até a paralisia cerebral. A jornalista frisa que as limitações cognitivas e motoras não impediram que ela conquistasse uma vaga em Medicina, o curso mais concorrido da UnB. Rithiele conta que as pessoas se surpreenderam quando ela disse que desejava ingressar em Medicina, pois não tinha bagagem escolar e estrutura, no sentido de privilégios econômicos. Nesse momento, a fala tem cobertura da imagem da viela sem estrutura em que a acadêmica morava na época.

Na segunda parte da notícia, a jornalista destaca que, além da deficiência, sinalizada pela própria jovem como algo que a atrapalhou em diferentes momentos nos estudos, precisou superar outra dificuldade: a falta de acompanhamento de professores e a exclusão digital, pois não tinha acesso à internet. Para ter acompanhamento tecnológico, ela se mudou para a casa do namorado a fim de utilizar um computador com acesso à banda larga. A jovem participou, também, das atividades de um curso preparatório comunitário, o Bora Vencer⁸².

A repórter mostra a casa onde Rithiele morava, na região de Sobradinho (DF), que informa que foi o local onde presenciou a mãe sofrer violência doméstica. A notícia segue a narrativa, agora ao entrevistar a mãe de Rithiele, que destaca, emocionada, a conquista da filha. A finalização ocorre com um depoimento da jovem sobre desigualdade, em que afirma que as diferenças sociais “desanimam muita gente a continuar nesse sonho, meio maluco para alguns, mas ver que hoje tudo é possível”. A fala abre oportunidade do início de uma reflexão sobre o abismo social brasileiro, pois afirma que há uma evidente desigualdade social no acesso à educação superior, porém abraça a proposta da matéria, reforça o individualismo e romantiza as dificuldades. Possivelmente, se esse não foi o enfoque da jovem ao conceder a entrevista, foi o objetivo na edição da matéria. Não há protagonismo das ações afirmativas na notícia, elas sequer são nomeadas, mesmo que tenham sido utilizadas pela jovem no ingresso na universidade.

A notícia 3, “Estudante de Ceilândia passa para medicina na UnB”, e a notícia 4, “‘Universidade existe para a gente também’, diz aluno da rede pública após 3º lugar em medicina na UnB”, contam a história do estudante George, filho de um marceneiro e de uma costureira, moradores de Ceilândia (DF). Na notícia, afirma-se que o jovem mora no Sol Nascente (DF)⁸³, porém isso não corresponde à realidade.

A jornalista começa a notícia 3 ao afirmar que o estudante não tinha condições de arcar com o curso pré-Enem, mas que nunca desistiu de cursar Medicina e contou com o financiamento solidário de um professor. George explica que, com o apoio do curso, conseguiu

⁸² O Programa Bora Vencer surgiu como uma iniciativa da Secretaria de Estado de Políticas para Criança, Adolescentes e Juventude, por intermédio da Subsecretaria de Juventude, que levou em consideração uma demanda eleita na Conferência Distrital de Juventude de 2015, que pedia oportunidades de estudo para o Vestibular, o Enem e concursos públicos. Fonte: <<https://www.df.gov.br/boravencer/>>. (Acesso em: 1º/11/2021.)

⁸³ Sol Nascente era parte da região administrativa de Ceilândia, em Brasília. Referida nos jornais como “a maior favela do Brasil ou da América Latina”, recentemente foi elevada à região administrativa. Fontes: <<https://www.agenciabrasilia.df.gov.br/2020/08/10/a-nova-cara-do-sol-nascente-por-do-sol/>>; <<https://oglobo.globo.com/epoca/sol-nascente-favela-de-brasilia-que-caminha-para-se-tornar-maior-do-brasil-22882335>>; <https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2013/09/28/interna_cidadesdf,390588/maior-favela-da-america-latina-sol-nascente-toma-posto-da-rocinha.shtml>. (Acesso em: 26/07/2021.)

corrigir sua base escolar, pois nunca, em suas palavras, teve acesso a um ensino de qualidade, pois vem de uma região periférica da cidade. Após o depoimento do jovem, a jornalista pondera que ele ganhou a oportunidade e soube aproveitá-la. Nesse momento, aparece na tela a posição de George no SiSU. O curso é Medicina e ele conquistou o terceiro lugar em ampla concorrência, ou seja, não se beneficiou de nenhuma ação afirmativa.

Apesar de ter sido estudante de escola pública e com possibilidade de pleitear uma vaga via cotas também por baixa renda, George escolheu concorrer a uma vaga pela ampla concorrência⁸⁴. Esse fato, quando divulgado da forma como foi, questiona as políticas públicas ao promover, simbolicamente, fatores contrários às ações afirmativas, não só às cotas raciais, mas também às que se destinam a jovens oriundos de escolas públicas e de baixa renda. Os argumentos que questionam as ações afirmativas para esse público afirmam que elas diminuem a qualidade da educação superior e que tais políticas ferem o mérito nos estudos.

Ainda que persistam críticas como essas, diversas investigações, como Velloso (2009) e Moreira Silva *et al.* (2020), concluem que não há diferenças sistemáticas entre cotistas e não cotistas que justifiquem a ideia de que as ações afirmativas diminuam o padrão acadêmico. Saliento a necessidade de ampliação da assistência estudantil e revisão curricular para que a universidade seja inclusiva e socialmente referenciada.

Além disso, há de se reforçar o contexto trabalhado no início da apresentação das matérias: o entendimento do governo de Bolsonaro, baseado no neoliberalismo, sobre políticas públicas. Solano (2018, p. 24) pontua que:

a democratização do acesso ao ensino superior, que os governos do Partido dos Trabalhadores promoveram por meio da expansão da rede de universidades federais, da implantação de cotas sociais e raciais para o ingresso nelas e também por uma enorme ampliação do crédito para estudantes de faculdades privadas, impactou profundamente a classe média. Uma das vantagens comparativas que ela imaginava ligar para seus filhos – o “diploma” – corria o risco de deixar de ser tão exclusiva.

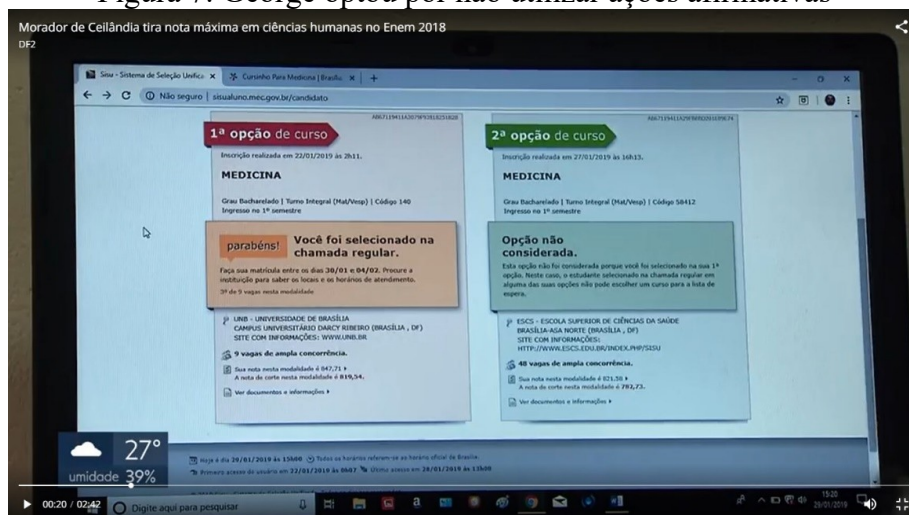
Opiniões contrárias às ações afirmativas também são encontradas em divulgações do Instituto Millenium em especial, mas também no ortodoxo Instituto Mises Brasil,

⁸⁴ Em entrevista complementar, George demonstra as dificuldades pelas quais passou após ingressar na UnB, visto que precisou comprovar demandas financeiras para conseguir auxílios de permanência da instituição, auxílios que seriam automáticos para cotistas de baixa renda, como três refeições gratuitas por dia no Restaurante Universitário.

basicamente empresas criadas com a finalidade de fomentar a alta capilaridade dos discursos neoliberais. Obviamente, essa ação é anterior ao governo Bolsonaro, mas está intrinsicamente relacionada com sua ascensão. Cabe salientar que ideias do Instituto Millenium já foram fontes para duas emissoras que analisei, TV Brasília (Correio Braziliense) e SBT.

Para finalizar essa notícia, a reportagem traz a fala do professor que concedeu ao jovem a bolsa, que revelando que somente em um ano de preparação George saiu da base precária para o domínio do conteúdo, pois, de acordo com ele, não sabia realizar contas de Matemática básica quando passou a frequentar o cursinho fundado pelo professor. É evidente que o elogio a George é uma publicidade de seu próprio negócio. Como lembra Bourdieu (2013), o campo jornalístico adota essa retórica de neutralidade e objetividade, no entanto, o jornalista está inserido nas relações de força simbólicas. A jornalista arremata a narrativa ao afirmar que George é uma inspiração para muitos outros jovens da “mesma condição que a dele”. George deixa um recado para esses jovens: “não desistam de seus sonhos para que consigam a aprovação”.

Figura 7: George optou por não utilizar ações afirmativas



Fonte: Reportagem da TV Globo Brasília divulgada em 29/01/2019

Disponível em: <<https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2019/01/29/universidade-existe-para-a-gente-tambem-diz-aluno-da-rede-publica-apos-3o-lugar-em-medicina-na-unb.ghtml>>

A notícia 4 começa com o apresentador do telejornal destacando que George tirou um “notão” e, assim como na notícia anterior, não entrou na UnB pelas cotas. A jornalista conta que a mãe, ao saber do resultado, chegou a passar mal de emoção. A partir desse momento, mostra os cômodos simples da casa, inclusive a mesa no quarto com um computador

portátil, e fala que George sempre estudou em escolas públicas, sofreu com greves e falta de estrutura. O jovem lembra que também teve de começar a trabalhar cedo para auxiliar no pagamento das contas em casa. George explica que foram inúmeros os percalços na vida estudantil até conhecer o professor que o auxiliou com uma bolsa integral em um curso preparatório.

Após a aprovação, a jornalista dá detalhes sobre os próximos passos de George: doação das apostilas que utilizou e lecionar em cursos gratuitos para ajudar jovens “da mesma situação que ele”. Em certo momento, o jovem acadêmico começa a citar os percalços enfrentados, pois, além de estudar, teve de auxiliar em casa, pegar ônibus tarde na Rodoviária do Plano Piloto e, certa vez, precisou dormir na rodoviária, pois perdeu o ônibus. Nessa notícia, o próprio estudante finaliza ao dizer que “a gente precisa colocar essa galera que está à margem dentro desses espaços, porque tudo que a gente quer é oportunidade, a gente só precisa disso, de oportunidade”.

As notícias 3 e 4 são parecidas, pois reforçam que George ingressou na UnB sem a utilização das ações afirmativas, enaltecem o esforço e o empenho do estudante e romantizam a trajetória de dificuldades de sua família. Além desse enfoque, soma-se outro: não se pondera a importância das políticas públicas no acesso ao ensino superior, inclusive é feito contrário, pois trabalha contra a necessidade de ações afirmativas para jovens periféricos.

Figura 8: George conseguiu bolsa em um preparatório



Fonte: Reportagem da TV Brasília divulgada em 18/02/2019
Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Y90ksHAoLig>>

Figura 9: Estudante de Medicina relata rotina de estudos

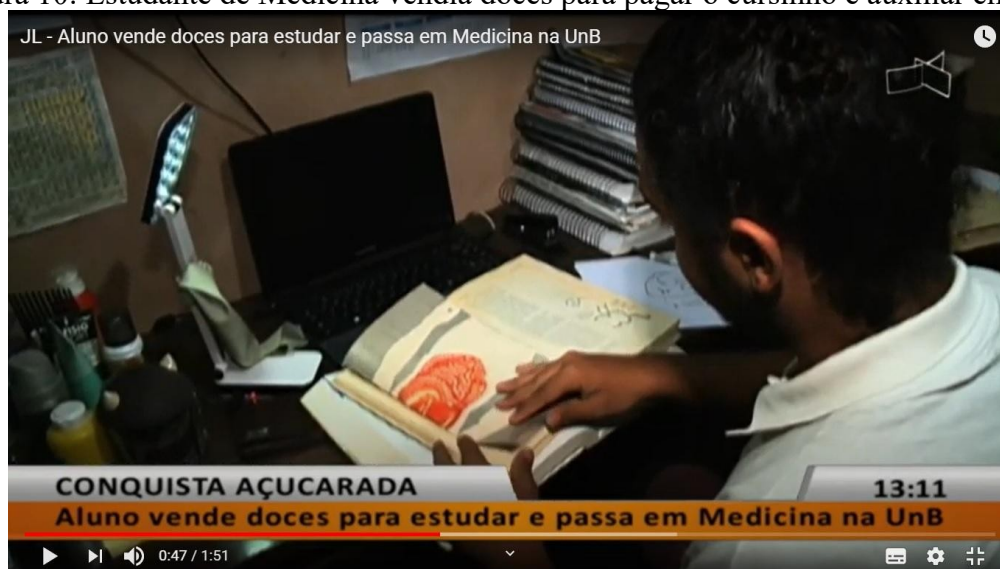


Fonte: Reportagem da DF TV divulgada em 29/01/2019
Disponível em: <<https://acesse.one/R7QTq>>

Dando continuidade à análise, a notícia 5 “Aluno vende doces para estudar e passa em Medicina na UnB” traz à tona a história de Lucas, filho de uma empregada doméstica. O morador de Sol Nascente (DF) vendeu doces, como brigadeiros, para pagar o curso preparatório e auxiliar nas contas de casa. Essa notícia é outro exemplo da abordagem do esforço individual e, também, da romantização das dificuldades. A jornalista, a mesma da notícia 1, está na rua em que Lucas reside. Ela afirma que 61 mil estudantes disputavam uma vaga na UnB, mas o jovem fez a diferença ao conquistar uma vaga em Medicina. A profissional, ao relatar que ele ingressou em segundo lugar no curso de Medicina, não cita que ele fez uso das ações afirmativas.

A matéria mostra a casa simples e sem pintura. Ao entrar no quarto do estudante, a jornalista conta que descobriu o segredo do jovem, pois há muitos livros e apostilas em cima da mesa, além de um computador portátil. Lucas afirma que ter uma longa rotina de estudos, que chegava a 13 horas diárias, foi primordial em sua caminhada. Para finalizar, mostra Lucas fazendo doces para vender, dinheiro que auxiliou na gerência do lar e também, inicialmente, em sua manutenção na UnB. No final da notícia 5, Lucas afirma que a mãe foi sua maior inspiração. Em nenhum momento, a reportagem evidencia que o jovem ingressou na UnB por meio de cotas raciais, de escola pública e como baixa renda, o que de fato ocorreu e foi confirmado durante nossa pesquisa.

Figura 10: Estudante de Medicina vendia doces para pagar o cursinho e auxiliar em casa



Fonte: Reportagem da TV Brasília divulgada em 29/01/2020
Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=4SXCJp0CURg>>

A notícia 6, “Jovem do Sol Nascente é aprovado para Medicina na UnB”, relata o ingresso do mesmo jovem retratado na matéria anterior, porém traz informações que aprofundam a trajetória e o contexto do morador de Sol Nascente (DF). O marcador do território em que Lucas cresceu, o próprio nome da região administrativa em que mora, que já foi considerada a maior favela da América Latina, é apresentado já no título da notícia.

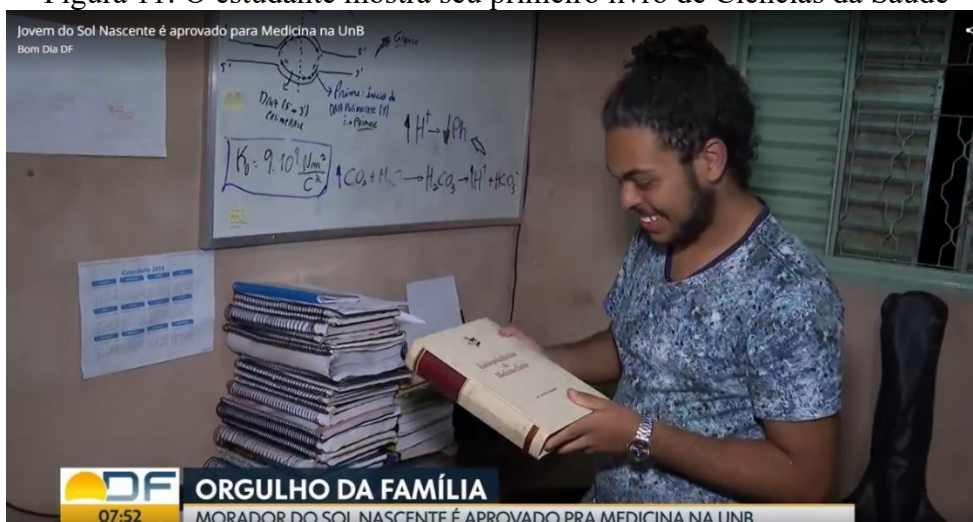
A matéria sobre o ingresso de Lucas em um curso de alta seletividade social começa no estúdio, quando o jornalista, que tem ao fundo o centro de Brasília (DF) em tempo real, afirma que irá aliviar o noticiário, em suas palavras, ao trazer uma história de superação de um jovem do Sol Nascente (DF). De acordo com o dicionário Priberam, alívio é uma sensação agradável ocorrida após um momento de tensão. Após essa informação inicial, o jornalista chama a atenção dos telespectadores ao reforçar as palavras “vejam essa!” e completar que o jovem passou em Medicina na UnB. Finaliza com a afirmação: “vejam o que ele fez”.

Ao analisar criticamente a chamada no estúdio para a matéria, frisei alguns aspectos que demonstram a pretensão da notícia desde seus primeiros segundos. Lucas se tornou notícia porque sua história individual, de esforço nos estudos, apesar das adversidades enfrentadas, pode servir para entreter a manhã dos telespectadores, ao trazer esperança e dar ênfase ao anseio de que, quando queremos de fato, conseguimos o sucesso. Além disso, ao reforçar que prestem atenção no que ele fez, traz à tona a intenção de noticiar o que Lucas, de forma individual, fez de diferente, sem problematizar as condições das trajetórias de diversos outros

jovens que, apesar de seus esforços, não lograram sucesso no ingresso na universidade, e tampouco abordar a desigualdade social e as políticas públicas em nossa sociedade. A ideologia meritocrática é anunciada já nos primeiros segundos da apresentação da notícia, ainda nessa elaboração discursiva realizada no estúdio.

A primeira cena da matéria é a de um simulacro, uma verdadeira dramatização encenada, que propõe a chegada de Lucas em sua casa após receber a notícia de seu ingresso. Sua família e os vizinhos comemoram e o abraçam. Na sequência, o jovem apresenta, visivelmente emocionado, onde estudava, um quarto com pilhas de livros e apostilas, cartolinas com obras artísticas, provavelmente conteúdos de processos de seleção para a UnB, e um quadro branco com exercícios de Biologia e Física. A jornalista narra que o jovem ingressou por cotas na UnB, sem nomear quais ou explicar o que são as ações afirmativas e como outros jovens podem acessá-las. A frase é rápida e facilmente passa despercebida, como concluímos na assistência dessa matéria com as jovens, visto que a maioria nem notou a informação. Em seguida, sua mãe enfatiza que conversava seguidamente sobre a importância dos estudos, mesmo que ela não tenha tido essa oportunidade, pois sua família passava muita dificuldade.

Figura 11: O estudante mostra seu primeiro livro de Ciências da Saúde



Fonte: Reportagem da TV Globo Brasília divulgada em 24/01/2020

Disponível em: <<https://g1.globo.com/df/distrito-federal/bom-dia-df/video/jovem-do-sol-nascente-e-aprovado-para-medicina-na-unb-8262322.ghtml>>

Posteriormente, Lucas explica o motivo de ter escolhido Medicina. Antes, o jovem tocava saxofone e pretendia ser músico, porém, após fraturar o braço e passar longas horas na

fila no hospital público com sua mãe, que ficou em pé, Lucas sentiu na pele a necessidade de um profissional da Saúde que soubesse o que usuários do Sistema Único de Saúde (SUS) enfrentam. “Essas pessoas precisam de um médico que conheça a realidade delas”, pontua.

Para concretizar essa missão, Lucas começou a fazer um cursinho preparatório, mas o investimento extrapolaria a renda familiar de R\$ 1.500,00. Então, no pouco tempo livre que tinha, começou a fazer brigadeiros para vender na frente da escola, nas ruas e nas redes sociais. A jornalista, ao mostrar o jovem enrolando brigadeiros na cozinha de sua casa, diz, em tom de parabenização pelo fato, que ele conseguiu abrir uma empresa.

Há necessidade de analisar a relação de Lucas com o mundo do trabalho a partir da fala da jornalista. Lima e Oliveira (2022) ponderam que houve uma ressignificação da informalidade como empreendedorismo, especialmente a partir da consolidação de reformas neoliberais nos últimos 30 anos. Devido ao discurso de empreendedorismo, Lima e Oliveira (2022, p. 908) refletem que se impõe “sob formas diversas [...], uma tendência geral de individualização e heterogeneização das relações de trabalho, com os trabalhadores convertidos em empreendedores de si mesmos”. Percebe-se que a mídia reforça a ideologia neoliberal, pois, ao refletir sobre a precariedade do trabalho de Lucas, que mantém ínfima seguridade social e nenhuma representação sindical, entendo que o atual discurso de empreendedorismo é aliado ao da meritocracia.

Quando o discurso do empreendedorismo justifica a precariedade do trabalho e positiva dificuldades, acaba salientando o esforço e o mérito nas trajetórias da classe trabalhadora. Lima e Oliveira (2022, p. 927) fazem uma analogia com o trabalho dos camelôs, pois, de acordo com a ressignificação da informalidade, o camelô de rua “não é mais um ‘trabalhador informal’, mas alguém capaz de ‘empreender’ mesmo sob condições adversas, um empreendedor”. Esse discurso, amplamente difundido na mídia, romantiza dificuldades e transforma trajetórias de vida não só entrecruzadas com a pobreza, mas oriundas dela, em discursos motivacionais para consumo rápido e um suposto “alívio” no conteúdo do telejornal, como fica evidente no desfecho desta notícia.

Na continuidade da matéria, na antiga escola de Lucas, CEM Ave Branca, em Taguatinga (DF), a fala da coordenadora enaltece as virtudes de honestidade e compromisso que o jovem tinha com a instituição de ensino e também ao vender os brigadeiros. A jornalista narra, enquanto Lucas sorri com as amigas, que ele precisava pegar dois ônibus para chegar à escola e mais dois ônibus para voltar para casa. A matéria tem seu desfecho com o depoimento

de uma das amigas que reforça que Lucas merece o que conseguiu por meio de seu esforço. De volta ao estúdio, como vemos a seguir, o jornalista repete que o jovem merece a conquista e deseja boa carreira para Lucas. A jornalista finaliza ao dizer que a história é linda, “motivacional para essa sexta, bom demais”.

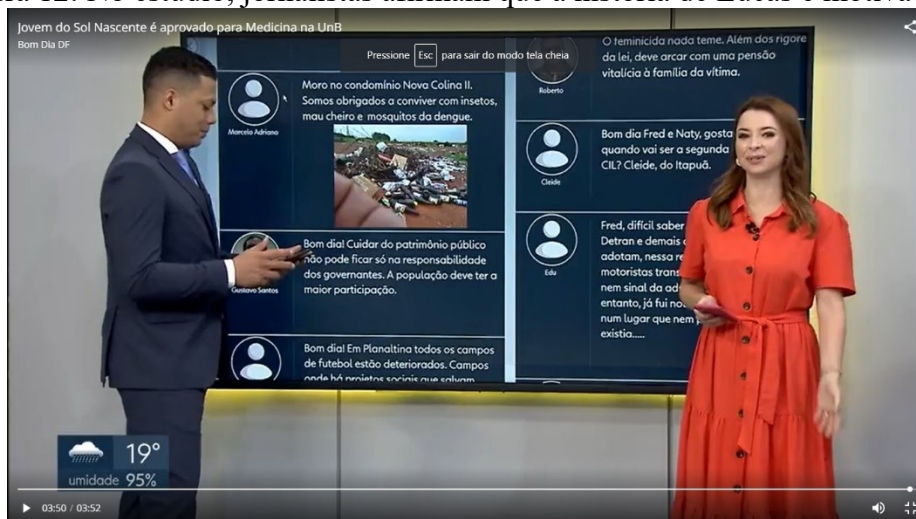
A trajetória de Lucas reverbera na própria dramatização midiática das dificuldades, ao gerar discursos ditos motivacionais para que sirvam de inspiração para outros sujeitos. No entanto, essa função é, também, ideológica, pois entendemos que a desigualdade social é um marco sociocultural da América Latina, existente inclusive por meio de sua naturalização. Como lembram Accorsi *et al.* (2012, p. 537), “a naturalização, por exemplo, tem sido uma estratégia recorrente e eficaz para a perpetuação de situações opressivas”. Naturalizar um fenômeno social oculta privilégios:

a ideologia meritocrática, em última instância, tem por finalidade e efeito a ocultação da origem dos privilégios sociais. Os discursos produzidos pelas elites omitem seus privilégios de classe, em dois sentidos: primeiro, desconsiderando-os como privilégios, visto que seriam consequência do mérito e do esforço individual; e o segundo, omitindo a herança diferencial de capitais – econômico e cultural, notadamente – distribuídos desigualmente em função de distintas posições sociais ocupadas pelas famílias e pelas classes no espaço social. A meritocracia, tomada como um legítimo senso de justiça, atestaria o sucesso e a eficiência de um indivíduo na esfera do mercado, que recompensa os merecedores e os esforçados; no âmbito do Estado, por outro lado, que se constitui como o reino do assistencialismo e do paternalismo, residiam apenas o privilégio e a ineficiência (Voigt; Junior, 2019, p. 245).

Aliada à naturalização, podemos refletir sobre a responsabilização da própria superação da pobreza por meio de esforço próprio. Voigt e Junior (2019, p. 239) afirmam que a pobreza se torna o reflexo da falta de esforço e de mérito, “não se tratando de um fenômeno de ordem social”. Em pesquisa realizada por Bortoluzzi e Nunes (2014, p. 281) sobre a representação da pobreza na mídia, entende-se que a mídia constrói uma narrativa pela qual o sujeito não provoca a pobreza, nem contribui para sua existência, mas que a narrativa midiática espera que esses sujeitos tenham “a responsabilização (por exemplo, a obrigação moral) de terminá-la”. Logo, a meritocracia é um fio condutor de histórias que têm sujeitos periféricos representados. No imaginário social elitista, publicizado também pela mídia hegemônica, a pobreza é representada por meio de narrativas que dramatizam e romantizam as trajetórias de

dificuldades, ao positivarem dificuldades e as transformarem em exemplos de discursos motivacionais.

Figura 12: No estúdio, jornalistas afirmam que a história de Lucas é motivacional

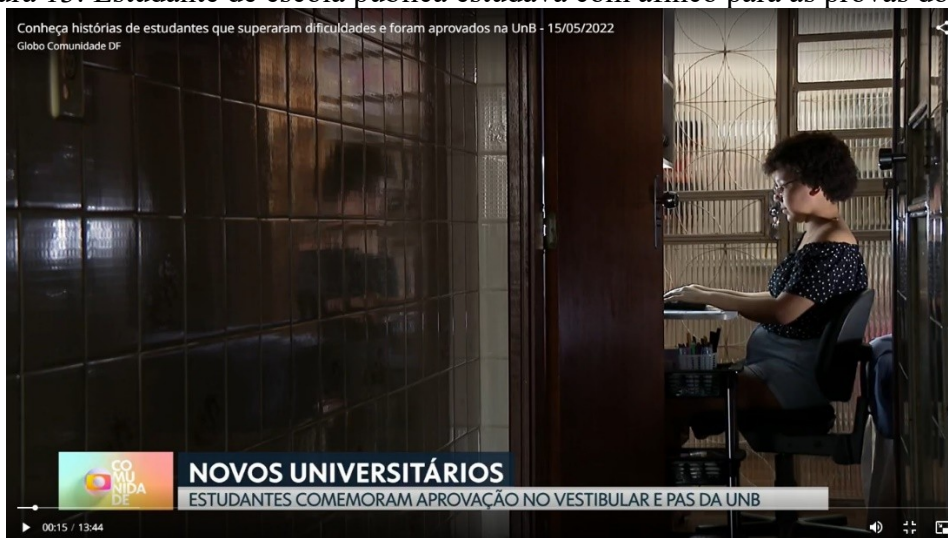


Fonte: Reportagem da TV Globo Brasília divulgada em 24/01/2020

Disponível em: <<https://g1.globo.com/df/distrito-federal/bom-dia-df/video/jovem-do-sol-nascente-e-aprovado-para-medicina-na-unb-8262322.ghtml>>

A notícia 7, “Conheça histórias de estudantes que superaram dificuldades e foram aprovados na UnB”, tem mais de 12 minutos de duração e foi uma das matérias que escolhi para trabalhar com as jovens em 2022. Para otimizar a conversa com as entrevistadas e aprofundar as análises, escolhi assistir junto a elas os primeiros três minutos, que contam a história de duas personagens, Maria Clara e Endrio, ambos calouros no curso de Medicina na UnB.

Figura 13: Estudante de escola pública estudava com afinco para as provas do PAS



Fonte: Reportagem da TV Globo Brasília divulgada em 15/05/2022
Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/10572807/>>

Ainda no estúdio, a apresentadora diz que “para a educação não existem barreiras” e apresenta os jovens calouros como pessoas que superaram várias dificuldades ao ingressarem em cursos disputados na UnB. O jornalista, primeiramente, conta a história de Maria Clara, uma jovem de 17 anos que estudava de nove a 10 horas por dia e passou em terceiro lugar no PAS, e de sua família, em especial a do pai, que trabalha como mecânico e já chegou a passar fome quando esteve em situação de rua e dormia na Rodoviária do Plano Piloto. Maria Clara mora com seus pais no Guará II. Seu pai e sua mãe somente terminaram o Ensino Fundamental e a jovem diz que os dois sempre frisaram que ela só poderia melhorar de vida pelos estudos, o que o jornalista ressalta que é uma lição ensinada pelos pais. Para finalizar, o jornalista afirma que a vida da jovem teve grandes mudanças, “da escola pública para a UnB”.

A matéria conta agora a história de outro jovem, Endrio, morador da Vila Nova, em São Sebastião (DF). As paredes do seu quarto têm resumos das matérias, um cronograma de estudos, a tabela periódica e um bilhete: “só não passa quem desiste, então continue estudando”. O jornalista disse que, assim como Maria Clara, Endrio “não teve condições de pagar por uma escola particular e nem um curso preparatório”, porém “tem um computador e internet”. A partir desse momento, Endrio diz que muita gente o desacreditou, em especial por ser de escola pública, e diziam que era quase impossível passar em Medicina, mas “vai do esforço e dedicação de cada um”. Para finalizar, mostra a mãe e os avós de Endrio no pátio da casa, e frisa que a mãe do rapaz é maquiadora. A mãe fala que tem muito orgulho pelo filho ter

passado na UnB e que chorou muito de alegria. Nessa matéria as ações afirmativas não são citadas em nenhum dos casos.

Figura 14: Endrio ingressou em Medicina na UnB



Fonte: Reportagem da TV Globo Brasília divulgada em 15/05/2022
Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/10572807/>>

A notícia 8 é uma produção do SBT Brasília. Com o título “Alunos da rede pública são destaques na UnB”, versa sobre jovens estudantes de duas escolas públicas, uma no Recanto das Emas (DF) e outra em Santa Maria (DF). No estúdio, a jornalista afirma que as escolas estão comemorando, em especial o CED 104 do Recanto das Emas (DF), que chegou a ser considerada a segunda pior escola do país e que agora tem uma aluna aprovada em Medicina na UnB. Na sequência, a jovem Talita segura um livro e visita uma sala com artefatos de anatomia, como crânio humano, órgãos vitais e cérebro.

Figura 15: Matéria dá enfoque ao desempenho dos estudantes aliado à dedicação da escola



Fonte: Reportagem da TV Globo Brasília divulgada em 09/11/2021
Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=8WpK3iOZbvI>>

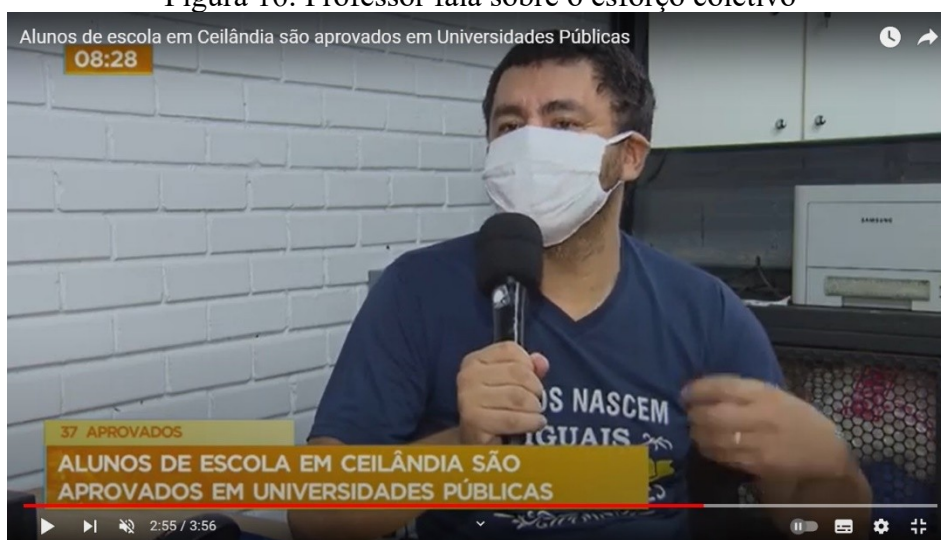
Enquanto circula pela sala, a jornalista afirma que a jovem ingressou em um curso tão disputado devido ao seu esforço e a outros fatores que, combinados, possibilitaram sua aprovação em Medicina: “família, amigos, a minha escola, professores que estavam sempre me apoiando, então não foi só o esforço pessoal, foram muitos fatores que foram me ajudando e que contribuíram para que eu fosse aprovada”. As ações afirmativas que beneficiam escolas públicas por meio da Lei de Cotas, Lei n.º 12.711/2012, não são citadas, nem para contar sua história, nem para falar sobre a trajetória de Samuel, que também estudou no CED 104 e passou para Engenharia Mecatrônica na UnB. Na biblioteca da escola, Samuel simula estudar enquanto a jornalista afirma que “ter estudado em escola pública não diminuiu os conhecimentos para o futuro profissional e acadêmico dele”. Para finalizar a história dessa escola, o gestor e um professor falam sobre o esforço coletivo da comunidade escolar em incentivar que os jovens façam o Pas/UnB, mesmo aqueles “de famílias que não têm muito recurso”.

Findando a notícia 8, a jornalista vai até o CEM 404, em Santa Maria (DF), entrevistar quatro jovens que ingressaram na UnB, como forma de representar os outros estudantes que também lograram sucesso e são calouros da universidade. As jovens, que concluíram o ensino médio durante a pandemia, reforçam que não bastava o professor explicar, ainda mais no ensino remoto, elas tinham de estudar sozinhas. A jornalista frisa que os obstáculos tecnológicos na pandemia não foram impeditivos para que elas “realizassem a missão de ingressar na UnB”. A fala da jornalista reforça a dramaticidade dada à conquista das jovens e oculta as políticas públicas da trajetória de sucesso.

Outra jovem lembra que muitos estudantes não têm como só estudar, precisam começar a trabalhar cedo, fazer estágio para trabalhar em casa, e acabam “se perdendo no meio do caminho”. As novas acadêmicas de Direito na UnB, Julie e Ana Beatriz, relembram o apoio da gestão escolar. Falas das jovens finalizam a matéria e Julie revela um sonho: “eu fui a primeira da minha família a ingressar na universidade federal e sempre foi meu sonho realizar justiça no meio social e periférico”. De volta ao estúdio, a jornalista exclama “que incrível!”, parabeniza os alunos, os professores e essas famílias, e afirma que “foi um lindo trabalho em conjunto”.

As notícias 9 e 10 foram produzidas pela Record DF e mantêm a mesma estrutura, pois têm como enfoque o número de alunos das escolas que ingressaram na UnB no CED 11 e CEM 2, ambas escolas de Ceilândia (DF). A abordagem escolhida é mostrar falas dos novos acadêmicos da UnB ao mesmo tempo em que enfatizam a necessidade do esforço coletivo, desde os próprios jovens e suas famílias, passando pelos vários profissionais da escola, como os da Educação e os da limpeza. O esforço das escolas em manter os alunos motivados, mesmo em tempos de pandemia, também é enfatizado. O jornalista no estúdio é o mesmo das duas matérias e, em uma, parabeniza o coletivo e diz que “é legal mostrar isso [a história] no final do programa de sexta-feira”.

Figura 16: Professor fala sobre o esforço coletivo



Fonte: Reportagem da TV Globo Brasília divulgada em 12/11/2021
Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=iaiPOwF1Nao>>

Figura 17: Estudantes relatam o esforço coletivo



Fonte: Reportagem da TV Globo Brasília divulgada em 14/04/2022
 Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=PABApzh8rCo>>

O merecimento individual é um enredo amplamente utilizado em produtos midiáticos – em matérias noticiosas, reportagens, telenovelas ou livros. Esse discurso, no entanto, ameniza a desigualdade social e escolar, ao colocar o sucesso ou fracasso escolar como responsabilidade do próprio esforço do jovem (Souza, 2012). Esse é o caso de narrativas jornalísticas que contam a história escolar de sucesso de jovens cotistas que, basicamente, evidenciam a meritocracia e negligenciam ou ocultam a importância de políticas públicas como as ações afirmativas.

Moraes (2010, p. 71) lembra que a mídia funciona por meio de uma mediação dos desejos, logo “tenta identificar alternâncias de sentimentos, oscilações de gostos e expectativas que possam gerar predisposições consensuais ao consumo”. Não há como negar que filhos e filhas da classe trabalhadora estão ocupando os bancos de instituições públicas de educação superior. Como consequência, a mídia hegemônica, aqui analisada em 10 matérias, traz essas informações, exatamente porque se tornam realidade social. No entanto, tal mídia aborda a trajetória dos estudantes por meio de uma narrativa própria de interpretação, de forma despolitizada e acrítica. Assim, há o ocultamento de políticas públicas como as ações afirmativas, bem como o reforço na dramatização das dificuldades e na romantização da pobreza.

As notícias analisadas seguem a narrativa de construir a história dos jovens a partir do mérito individual, que Contijo (2021) chama de senso comum ingênuo. Muitas dessas histórias são construídas como autoajuda, nos tradicionais moldes norte-americanos. Essas

histórias contadas pela mídia são, como lembra Setton (2002, p. 7), provenientes de “estratégias empresariais de produção de notícias”, com a intenção de fugir do que muitos sujeitos da nova direita mundial, incluso o Brasil, chamam de vitimismo (Contijo, 2021). Não ser vitimista é reforçar a ação individual, não se resignar e estar longe de auxílios estatais ao alcançar o seu sucesso.

Noto que, quando os jovens ingressam no curso de Medicina por meio das ações afirmativas, como Lucas, Endrio, Maria Clara, Rithiele e Talita, entre outros, isso não está presente nas notícias. No entanto, quando a reportagem mostra um estudante que se enquadra no perfil das ações afirmativas, mas ingressou na concorrência geral, o fato é profundamente reforçado, como exemplifiquei no caso de George.

As notícias dizem mais do que o evidentemente referido, exatamente por serem codificações elaboradas por sujeitos inseridos em empresas. Com a análise das 10 matérias jornalísticas, elaborei a codificação a partir do modelo de Hall (1973), ao colocar as notícias como partícipes das relações de poder da nossa sociedade, inclusive divulgando perspectivas ideológicas. Na sequência, apresentarei a decodificação das matérias realizada pelas jovens que acompanhei ao longo do doutoramento. Como adendo ao modelo de Hall (1973), sugeri e apliquei a reconstrução das mensagens midiáticas por essas mesmas jovens.

4.2 A DECODIFICAÇÃO E A RECONSTRUÇÃO DAS MENSAGENS MIDIÁTICAS

Propor que as jovens pensem sobre as mídias que consomem é realçar suas próprias trajetórias, enquanto se destina um momento, com o mínimo de qualidade e plena atenção, para refletir sobre as percepções que temos em nosso cotidiano. Setton (2002, p. 25) reflete que pensar a recepção é “compreender os mecanismos de apropriação das representações” e que isso “remete para a complexidade de referências, conhecimentos e informações obtidas em outros espaços produtores de cultura pelos sujeitos”. Ao parar a vida automática do cotidiano e pensar sobre as notícias, os sujeitos o fazem a partir da sua vivência, seja na família, na escola, com os amigos ou em experiências de estágio ou trabalho.

As falas sobre leituras multirreferenciais não são poucas. Martín-Barbero e Rey (1999, p. 55) frisam que há diferentes mediações da recepção televisiva, “de onde o público [...] produz e se apropria do significado do sentido do processo comunicativo”. Lage (2006, p. 18) lembra que “a recepção de qualquer mensagem não é um processo passivo, o que deixaria a audiência submetida ao discurso do emissor”. Canclini (1999, p. 54-55) reflete que, “ao consumir também se pensa, se escolhe e se elabora o sentido social”. Consequentemente, precisei analisar como tal apropriação tem relação com as práticas sociais desses jovens.

Superada a ideia da agulha hipodérmica, a que entende que os produtores da notícia obtêm total sucesso na decodificação da mensagem, realizei com as jovens um exercício de reconstrução das mensagens midiáticas. Partimos do princípio de que os sujeitos fazem algo com o que consomem em seus cotidianos. A ideia é tentar mapear a escolha de sentidos e percepções das reconstruções, que provém, principalmente, das trajetórias dessas jovens. Castro (2011, p. 300) questiona o poder de fala das juventudes, pois “têm sido objeto do discurso do outro”. Afinal, o que pontuariam nas notícias se a elas fosse dado o poder de contação midiática de uma história? E se essa história fosse a de jovens cotistas que ingressam no ensino superior público, qual narrativa priorizariam?

Balizo essa prática em preceitos epistemológicos como estranhamento e desnaturalização, ambos provenientes das Ciências Sociais. Desnaturalização é um conceito-chave que auxilia a explicar os fenômenos sociais ao se contrapor a argumentos naturalizadores. Com isso, reafirma-se a importância da historicidade do contexto em que vivemos e as diferentes modificações políticas, sociais, culturais e econômicas que ocorrem, inclusive na vida dos sujeitos. Laraia (1986, p. 19-20) lembra que “o comportamento dos indivíduos depende de um aprendizado, de um processo que chamo de endoculturação”. Logo, a maneira escolhida para narrar e descrever acontecimentos faz parte de um processo histórico que leva em conta aspectos como alteridade e vivências ao longo da vida.

Ao defender essa epistemologia, é imprescindível voltar-se ao trabalho de antropólogos, em especial de Benedict (2000), pois ela entende que o que se apresenta como normal e padronizado na verdade é uma construção cultural. Logo, desnaturalizar o cotidiano nos faz ter um olhar diferenciado, que busca entender aspectos que desmitificam as vivências como algo corriqueiro e banal, provenientes do hábito e do próprio curso da vida. Em outro momento, Benedict (1972, p. 19) lembra que a cultura “são lentes através das quais uma nação olha a vida”. Assim, essas lentes podem ser diferentes entre culturas distintas. Logo, podemos

realizar um exercício de desnaturalização para analisar o cotidiano, pois, mesmo que seja local do senso comum e de utopias, ele também é, como ressalta Heller (1972), espaço de rupturas e resistências.

Afinal, se “toda atividade humana está sujeita ao hábito” (Berger; Luckman, 2011, p. 75), estranhar as ditas coisas normais do cotidiano deriva do pensamento de que, se uma vivência é naturalizada, uma reflexão sobre ela pode ser exercida ao entender que as práticas sociais são frutos de construções sociais. Laraia (1986, p. 45) pondera que o sujeito mantém relações entrecruzadas com o meio cultural vivenciado, logo, “ele é herdeiro de um longo processo acumulativo, que reflete o conhecimento e a experiência adquirida pelas numerosas gerações que o antecederam”. Desnaturalizar o dia a dia e estranhar acontecimentos passa pela ideia genuína de reflexão, de entender essas vivências anteriores e colocá-las mentalmente em análise.

A ideia é relacionar esses preceitos epistemológicos com a própria leitura negociada da mídia, mas especialmente com a resistente. Entender que há uma naturalização do cotidiano e que é possível refletir criticamente sobre ele é, também, revelar as ideologias presentes nos diversos discursos, inclusive os da mídia. Por outro lado, encontrei na reconstrução midiática uma possibilidade de compreensão do que essa jovem pondera sobre a mídia e, em especial, sobre o próprio discurso hegemônico de meritocracia nos estudos, visto que essa é a apresentação e o enquadramento midiático preponderantes sobre o acesso à educação superior por cotistas.

4.2.1 “A vida não pode parar”: notícia sobre os estudos em tempos de pandemia

A partir de agora, refletirei sobre a decodificação e a reconstrução midiática que as jovens fizeram sobre cada uma das três notícias escolhidas para assistência. Em um contexto de pandemia, ainda no primeiro semestre de 2020, cabe salientar que o endereço da notícia 1, “Alunos aproveitam isolamento e se preparam para provas”⁸⁵, foi enviado previamente às jovens e, por mensagem de texto, frisei a importância de assistirem à reportagem antes da

⁸⁵ Para ver a codificação da mensagem, verificar a análise da notícia 1.

entrevista. De fato, as jovens, ao resumirem a notícia durante a entrevista, evidenciaram que a assistiram.

Não obstante, preciso me distanciar da jovem idealizada, revolucionária, resistente e inovadora. O teor das análises realizadas pelas jovens demonstra que, em muitas vezes, a decodificação da mensagem midiática não ocorre sob o viés de um pensamento crítico e emancipatório, mas alinhado ao pensamento neoliberal, logo, dominante e hegemônico. Entender que a mensagem da mídia é uma construção passível de análise crítica e que, como construção, ela é formada por discursos selecionados, é primordial para viver de maneira consciente e sociológica. Contudo, isso pode não ocorrer e daria espaço à análise superficial, acrítica, alienada e que legitima a ideologia dominante.

Para as jovens entrevistadas, a mensagem principal da notícia 1 é que os estudantes podem e devem se reinventar durante a pandemia de covid-19. Nesse enquadramento, a quarentena se torna uma oportunidade para estudar e as jovens sentiram a pressão para se adequarem aos estudos para o Enem. Quando demandadas que resumissem a matéria, as jovens mostram diversos olhares sobre a mídia. A maioria apenas pincela que a reportagem mostra as várias formas de estudar na pandemia, como assistir às aulas na televisão, fazer cursinhos online e aproveitar que agora algumas têm tempo para estudar. Poucas elaboram críticas, mas quando as fazem, elas estão baseadas em suas próprias vivências, influenciadas pelo campo social em que estão inseridas (Bourdieu, 2013).

A notícia 1 caminha na mesma estrutura discursiva que a famigerada propaganda do Enem 2020 que tinha como slogan “A vida não pode parar”, amplamente divulgada nas redes sociais. Das jovens entrevistadas, chama a atenção a elaboração de Dandara que, ao criticar a notícia 1, utiliza ironicamente o slogan da propaganda oficial. Para ela, a notícia assistida lembra essa propaganda: “estude onde for, como for, porque vai ter Enem”, diz. De fato, há bastante similaridade discursiva entre elas.

Essa peça foi criticada por conter discurso meritocrático e gerou diversas reações na internet, com memes⁸⁶ baseados na frase: “você que lute!”. Inclusive foi o desenrolar das críticas à publicidade do Enem durante a pandemia, concentradas nas redes sociais, que gerou reflexões sobre esforço pessoal em algumas entrevistadas, como em Cristina, além da já citada Dandara. Wottrich (2019) analisa exatamente como as respostas rápidas às publicidades atuais, potencializadas pela ação nas redes sociais, formam um consumidor mais atento às mensagens

⁸⁶ Memes são normalmente vídeos e imagens com textos que circulam na internet e têm relação com o contexto nacional ou internacional.

construídas. Esse foi o caso de Cristina. A jovem, em entrevista no ano de 2022, confessa que desconhecia o termo meritocracia até acompanhar a repercussão da propaganda do Enem. A partir dessa reflexão, tornou-se crítica a ele.

Fritoli e Polato (2021), ao analisarem a propaganda do Enem 2020, encontram sinais visuais nos jovens protagonistas da peça que se referem à distinção social e poder aquisitivo distantes da maioria da população brasileira, como os atores que utilizam iPhones e Macbooks. Além disso, a própria redação da propaganda, com frases como “estude, de qualquer lugar, de diferentes formas, pelos livros, internet, com a ajuda a distância de professores” versa sobre meritocracia, sem contextualização social. A propaganda mostra “signos ideológicos vinculados a poder econômico e que ajudam a configurar discursos de igualdade de condições de ensino e estudo remoto, acessibilidade a tecnologias” (Fritoli; Polato, 2021, p. 342), uma falsa realidade brasileira. Ademais, a frase “a vida não pode parar” desconsidera a pandemia, inclusive os milhares de mortos e as consequências psicológicas de vivenciarem a morte cotidianamente, tanto na mídia quanto em seus círculos de sociabilidade.

Figura 18: Frame da propaganda do MEC Educação sobre estudos em tempo de pandemia: “A vida não pode parar”



Fonte: <<https://www.publicitarioscriativos.com/propaganda-do-enem-com-slogan-a-vida-nao-pode-parar-causa-revolta>>. (Acesso em: 25/05/2021.)

Muitas jovens entrevistadas, mesmo cientes de que a estrutura de ensino remoto ainda não estava em funcionamento e que havia uma distância da instituição escolar pública, internalizaram que a pandemia trouxe oportunidades de estudo e que deveriam, mesmo que

individualmente, se reinventar. Isso é perceptível quando analiso a reconstrução da notícia, ou seja, quando as jovens realizam a sua própria elaboração midiática.

Neto e Silva (2020, p. 3) analisam que a propaganda “reverbera [...] a lógica neoliberal, que focaliza o esforço individual como alternativa possível para o êxito, desconsiderando disparidades sociais e econômicas”. De forma geral, a internalização do discurso de que a pandemia foi um momento oportuno para estudar é forte e presente. Assim, as entrevistadas corroboram a visão da notícia 1, pois afirmam que “devem se adequar”, que os “jovens estão correndo atrás”, “que estudar online é uma boa ferramenta”, que “há problemas e soluções”, e que temos de “ter foco e disciplina para conseguir nossos objetivos”. Uma das jovens, Vanessa, chega a dizer que “amou” a matéria e que repassou às amigas para que as incentivassem em seus próprios estudos. No entanto, fica evidente a mea-culpa das estudantes que, ao verem como outros jovens mostrados na matéria estudam – mesmo que em condições relativamente privilegiadas –, também se cobram o mesmo, sem análises comparativas da díspar realidade.

Quando há desacordo com algum ponto dessa notícia, as jovens normalmente recorrem às dificuldades do acesso à tecnologia. “Muitos não têm acesso ao WiFi. Eu não tenho”, lembra Frederico. No entanto, o contrário, que é ter acesso à tecnologia, por si, é suficiente? Algumas jovens fazem essa reflexão e relatam que somente ter internet não basta. Nesse ponto, ressalta-se, na fala das entrevistadas, a importância da figura da professora, a convivência e orientações em sala de aula, mas também sobre esse encontro na construção do conhecimento. O “privilegio da dúvida”, como frisa Augusto, é uma das práticas na escola que são mais citadas e que, com as incertezas do estabelecimento do ensino remoto, foram primordialmente afetadas. Esse privilégio do ensino presencial reforça a importância do diálogo, de entender que, caso tenham dúvida, há alguém disposto a acolhê-las e orientá-las.

No entanto, a falta de ter alguém para remediar as dúvidas na aprendizagem não é a única ausência do contato humano com o professor. Nóvoa e Alvim (2021, p. 11) realizam apontamentos sobre o profissional da Educação e os desafios intensos da pandemia, e salientam a importância da autoria pedagógica e da prática do professor:

a pedagogia é sempre uma relação humana. Temos necessidade dos outros para nos educarmos. Os professores têm um papel fundamental na criação das melhores condições para que essa relação tenha lugar. O digital pode ser útil para manter os laços, mas nunca substituirá o encontro humano. Porque o sonho é um elemento central da educação, e as máquinas talvez possam

pensar, e até sentir, mas nunca poderão sonhar. Mas, também porque a educação implica um vínculo que transforma, ao mesmo tempo, alunos e professores, e, pela Internet ou “a distância”, essa possibilidade fica diminuída.

Para Nóvoa e Alvim (2021), o discurso de que temos uma infinita possibilidade de acesso a conteúdos e nossos smartphones e notebooks, que desconecta o professor da relação com o conhecimento, é um sonho vendido como o futuro da educação, que seria individualizado e permeado pela tecnologia. Nesse cenário, no qual os estudantes se adequariam, “as escolas e os professores seriam dispensáveis” (Nóvoa; Alvim, 2021, p. 12). Esse é um cenário para todos? Nóvoa e Alvim (2021) defendem que os professores são vitais na composição e transformação da educação pública, assim como ao construírem o vínculo, um ato humano, com os estudantes. É justamente esse último ponto, o significado do professor em sala de aula, para além de questões do ensino e aprendizagem, que é acentuado pelas entrevistadas. Elas exprimem a dificuldade em se motivarem para os estudos e de buscarem informações sozinhas, se sentem “perdidas” ao terem de se virar “sem o professor para orientar e motivar”:

na escola, o professor explica de outra forma, e mais de uma vez. A gente tem dificuldade e o professor fala: “quem tem dificuldade me chama”. Ele chega e ajuda. E tem os colegas, também, que explicam (Gioconda).

O contato com o professor, eu sinto falta disso, porque o diálogo auxilia bastante. É também a disponibilidade do professor. Você pode falar com ele quando precisar (Marcio).

Eu sinto muita falta do professor presencial, porque a gente pode levantar a mão, perguntar e questionar. Já em casa a gente fica com dúvida e tem que voltar no vídeo até entender (Martina).

Na escola eu tinha o privilégio da dúvida, porque na escola qualquer dúvida que eu tinha eu recorria ao professor (Augusto).

As jovens esboçam outras críticas, em especial sobre a generalização efetuada pela reportagem que, ao enaltecer a possibilidade de estudar em pandemia, não traz à tona as adversidades encontradas pelos estudantes e citadas pelas entrevistadas, como problemas com a ausência da escola, enfrentamento de dificuldades com a “base online fornecida pelo GDF” e ter de lidar com outras angústias relacionadas a estudar de forma remota, “ter foco enquanto se fica com a família e se cuida da casa”, conforme falou uma garota.

Não é possível continuar a análise sem refletir sobre a diferença entre os gêneros evidenciada pelas entrevistadas. O estudo da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura ([Unesco], 2021, p. 31), *When schools shut (Quando escolas fecham)*, mostra que as estudantes, em especial as de menor grau de instrução e privilégios econômicos, foram as mais afetadas com o distanciamento, o isolamento social e o fechamento do espaço físico das escolas, pois ficaram sobrecarregadas com “cuidados com os mais novos ou familiares mais velhos, com o ato de cozinhar, limpar”. Esse relato, relacionado a uma cidade do continente asiático, assemelha-se à realidade de algumas de nossas entrevistadas em Brasília (DF), capital brasileira:

eu prefiro ensino presencial, porque muita gente não consegue prestar atenção, tem distrações dentro em casa, por exemplo. Eu acordo às 7h30, espero meus pais saírem para trabalhar, eu vejo o telejornal para acompanhar as notícias, basicamente ver o que está passando, eu separo o que vou estudar no dia, faço o almoço e, depois do almoço, eu limpo a casa. Depois que eu estudo, eu passo pano rapidinho na casa para receber meus pais com a casa limpa e lavo a área da minha cachorra (Rafaela, 2020).

Rafaela é uma das que mais cita as dificuldades que encontra em estudar para o Enem em tempos de pandemia de covid-19, pois, na ausência dos pais, limpa a casa e faz o almoço para o irmão mais velho, que também estuda para o Enem. Por isso, precisa realizar um cronograma mais apertado do que ele para realizar as atividades domésticas e, ainda, estudar para a escola e para o Enem. Ter o exemplo do irmão em casa que, também estudante, não realiza as mesmas atividades, é algo citado, mas não problematizado pela jovem. Não há o estranhamento, mas uma naturalização da desigual divisão das tarefas entre os irmãos. Como mostro em outro momento da escrita, com o amadurecimento proporcionado por novas vivências, inclusive na universidade, essa opinião irá mudar.

A maioria das jovens, sete ao total, têm leitura negociada da notícia 1, algo esperado (Hall, 1973), pois reconstróem a mídia a partir de suas próprias vivências, familiar ou escolar, por meio das diversas mediações que os sujeitos têm (Martín-Barbero, 2009) e de suas próprias participações no campo social em que estão inseridas (Bourdieu, 2013). Os discursos das leituras negociadas focam em modificações pontuais na matéria, sem problematizações sociais e construções que vão contra a codificação mostrada previamente.

Exemplo de contestações pontuais é contestar as generalizações e acentuar que nem todos têm internet ou que algumas pessoas não conseguem ter foco em casa. Essas jovens, no

entanto, mantêm questões primordiais da codificação da matéria, alinhadas ao discurso neoliberal dominante, como “concordo que a gente deva se adequar a esse momento da pandemia” (Rafaela), “que a matéria mostra os cursos disponíveis, inclusive gratuitos” (Thaís) e “temos que ter foco, colocar na cabeça que precisamos ter meta” (Carol).

Outra questão emergencial levantada pelas jovens diz sobre o acesso à tecnologia de qualidade. Gatti (2020) reflete sobre as dificuldades que os estudantes têm com as imposições oriundas do distanciamento e isolamento social, em especial sobre ter uma boa internet e um dispositivo de qualidade, e que se modificam de acordo com seus privilégios. Dandara, em específico, tem smartphone e um computador portátil, porém tem acesso restrito a ele, pois também é utilizado pela mãe e pela irmã na casa de dois cômodos:

uma parte de mim pensa que está certo cumprir metas, ter meta depois de meta para não se acomodar, mas eu penso na minha vida. Aqui em casa é pequeno, é uma quitinete. Como que eu faço já que não consigo focar direito e divido o notebook com minha mãe e irmã que também estudam? (Dandara, 2020).

Outras jovens, sempre a partir da análise da sua própria vivência no cotidiano, modificariam algumas questões na notícia. Criticam, em especial, as dificuldades com a tecnologia levantadas por Gatti (2020). Thaís diz que a matéria deveria ter trabalhado os jovens que estudavam antes da pandemia, como ela, mas que, com a quarentena, não conseguiram manter os estudos. Lembro que a maioria das jovens acessa a internet via dados e com o dispositivo móvel. De acordo com a pesquisa TIC Domicílios realizada em 2022 (Ponto BR, 2023), 92 milhões de brasileiros acessam a internet apenas pelo telefone celular, e há 149 milhões de usuários de internet no território nacional. Thaís não tem acesso a WiFi, mora na zona rural de São Sebastião (DF) e não conseguiu implementar uma rotina de estudos. Assim como ela, Frederico, vizinho de Thaís, não tem WiFi, então, em sua opinião, diz que não pode fazer o que a matéria mostra, que é frequentar cursinhos online, mesmo que sejam ofertados de forma gratuita.

Luan, Carol e Ary refletem que os seus colegas talvez não tenham as condições necessárias para se manterem estudando e criticam a generalização da mídia. Embora haja estranhamento de questões apresentadas, ele é pontual. Na leitura negociada, não há, nesses casos, discordâncias estruturais na reconstrução e que vão de encontro à codificação. Lembro que Hall (2003) frisa que a leitura negociada é o que mais fazemos em nosso cotidiano.

Freire nunca escreveu especificamente sobre decodificações, porém era preocupado em inserir no cotidiano o pensamento crítico. Freire (1997) salienta que não é possível simplesmente assistir a mensagens midiáticas sem uma postura crítica, ou seja, epistemologicamente ativa. Ele confessa, no entanto, que isso não é fácil, visto que as mídias são canais de entretenimento e diversão:

o poder dominante, entre muitas, leva mais uma vantagem sobre nós. E que, para enfrentar o ardil ideológico de que se acha envolvida a sua mensagem na mídia, seja nos noticiários, nos comentários aos acontecimentos ou na linha de certos programas, para não falar na propaganda comercial, nossa mente ou nossa curiosidade teria de funcionar epistemologicamente todo o tempo. E isso não é fácil (Freire, 1997, p. 72).

Por isso, Freire (1997) fala sobre a necessidade de não se consumir produtos midiáticos de forma automática, sem refletir sobre as construções ideológicas que a mídia faz. O educador Freire chama de consciência crítica uma assistência comprometida e que entende a televisão e as demais mídias como construções e, como tal, representam interesses. Os três jovens com leituras resistentes (Augusto, Martina e Cristina) demonstram, em vários trechos das entrevistas, o cuidado em explorar as desigualdades sociais e escolares que, como destacam, já existiam no país e que são acentuadas pela pandemia. Essas falas ocorrem em outros momentos, não só quando refletem sobre essa notícia, o que denota a criticidade desenhada por Freire (1997), pois assume uma epistemologia ativa e atenta.

O jovem Augusto reforça que se sentiu incomodado com a ideia central da matéria e como construíram as possibilidades de estudos dos jovens durante a pandemia. Augusto lembra que “tem gente que só tem o aprendizado da escola”, sem contar com cursinhos e apoio familiar. Cristina acredita que nem todo mundo que se esforça consegue seu sucesso. “A meritocracia não existe no Brasil”, lembra. “Não adianta eu ter esforço e querer, sendo que não tenho as ferramentas e as oportunidades de conseguir”, conclui. Martina discorda do tom meritocrático da notícia. Ela pondera que, com esforço, se conquista algo, “mas não é igual a uma pessoa que tem estrutura e dinheiro, com oportunidade”. Ferreira e Barbosa (2020, p. 9) refletem que a pandemia aprofundou ainda mais essas desigualdades sociais, tão evidentes em nosso país:

mais uma vez se testemunha o acirramento das desigualdades no acesso à educação entre crianças e jovens de diferentes condições econômicas e sociais. Além de estarem mais sujeitos a condições domiciliares adversas, como as apontadas anteriormente, os estudantes das escolas públicas, instituições que acolhem predominantemente as crianças e os adolescentes pobres, nem sempre têm acesso a plataformas de educação online mais atuais e versáteis, que contem com amplos recursos.

As jovens com leitura resistente afirmam que a matéria tem um discurso meritocrático, em especial a fala do *coach* sobre perseguir seus sonhos, ter metas, foco e disciplina. Ter empatia e refletir, como faz Augusto, sobre “o que está acontecendo na vida dos outros”, permite entender as adversidades que podem existir, como quem não consegue ter foco, pois precisa cuidar da casa, ou sobre quem, depois da pandemia de covid-19, não conseguiu mais estudar, seja por problemas no acesso ou por distanciamento da cultura escolar. É evidente o desamparo que algumas jovens amargaram em referência à escola, ao sentirem que seus planos de estudo para o Enem, muito dependentes dela, estavam frustrados. Por isso, relatam que trariam essa questão à tona na matéria.

Das 13 jovens entrevistadas, três detêm leitura dominante da matéria (Marcio, Gioconda e Vanessa), pois concordam com a abordagem e o enquadramento da reportagem e não fariam nenhuma alteração. Elas acreditam que não mudariam nada, como lembra Vanessa: “gostei da abordagem, das motivações e da fala de incentivo do coach”. A própria negação da necessidade de modificar a matéria, pois ela contempla seus anseios e o discurso predominante não lhes causam incômodo, é um marco, também, da leitura dominante, a que concorda com a codificação midiática neoliberal.

4.2.2 Jovens cotistas na Medicina da UnB

Agora, trabalharei a decodificação e a reconstrução midiática elaborada pelas jovens das notícias 6 e 7, “Jovem do Sol Nascente é aprovado para Medicina na UnB” e “Conheça histórias de estudantes que superaram dificuldades e foram aprovados na UnB”. Como descrito na codificação, as duas notícias versam sobre jovens de escola pública que

utilizaram ações afirmativas – mesmo que isso tenha sido ocultado nas notícias – para ingresso no curso de Medicina na UnB.

As duas matérias foram assistidas pelas jovens em dois momentos. Primeiro, sozinhas e em casa. A segunda assistência foi acompanhada por mim. Essa última ocorreu de forma presencial, no ano de 2022, em diversos locais: casas das jovens, jardins da UnB, padarias, centros comerciais e, por fim, a Biblioteca Central da universidade. É necessário assumir que foi bastante acertado retornar as entrevistas com as mesmas jovens de 2020, porém houve certa dificuldade de reencontrar algumas delas, que haviam trocado o número do celular ou mesmo que tiveram seus aparelhos furtados. Nesses casos, houve um esforço coletivo para nos colocar em contato, tanto de familiares, como de antigos professores. Durante os dois anos, mantive contato com a maioria das jovens, via rede social, com o objetivo de construir uma relação próxima e que proporcionasse um segundo encontro, esse presencial, em que as jovens estivessem mais à vontade com a minha presença.

Foi um processo interessante e enriquecedor reencontrar essas 13 jovens, pois o contato prévio tornou a entrevista fluída e frutífera. Cabe salientar, também, que houve maior proximidade na nossa relação, não só porque os diálogos ocorreram de forma presencial, mas também porque se deram entre sujeitos que já se conheciam, o que deu à pesquisa e ao nosso envolvimento o caráter de continuidade.

Ao entrevistá-las, pude visualizar modificações em suas trajetórias e a reafirmação ou câmbios em suas perspectivas sobre mérito e acesso à educação superior. Ademais, consegui desenhar de que forma as vivências dos últimos dois anos, seja na academia ou no trabalho, influenciaram suas leituras sobre a mídia. A maior parte das jovens entrevistadas hoje é acadêmica da UnB, cotistas, mas há aquelas que atualmente somente trabalham ou estão tentando se alocar profissionalmente e academicamente. Por fim, há as que pleitearam – e conseguiram – vagas com bolsas em faculdades particulares.

4.2.2.1 “Jovem do Sol Nascente é aprovado para Medicina na UnB”

A notícia analisada versa sobre um jovem que estuda e trabalha, logo, mobiliza seus esforços para construir seu sonho. A notícia emociona, pois fala de um grande querer, apesar das adversidades. Ao responderem se as entrevistadas se esforçaram nos dois últimos anos, algumas rememoram momentos de labuta, já que, de uma forma ou de outra, o mundo do trabalho tem forte presença na vida das estudantes. No entanto, há duas direções nessa elaboração da memória: enquanto um grupo naturaliza o esforço, as jovens com leitura dominante nessa notícia; outro, com jovens de leitura resistente, o problematiza.

Frederico, Carol, Dandara, Martina e Ary mantêm rotinas de trabalho enquanto cursam a universidade. Os dois primeiros não ponderam as dificuldades que enfrentam, apesar de morarem em regiões administrativas distantes de onde fazem faculdade e pegarem, no mínimo, quatro ônibus por dia. Frederico mora na zona rural de São Sebastião (DF), estuda na Asa Sul, trabalha na Asa Norte e acredita que o jovem Lucas, protagonista da matéria, é uma inspiração para sua própria batalha pessoal. Carol mora no Paranoá (DF), estuda na Asa Sul e trabalha no Sudoeste⁸⁷. Carol diz que “dá para levar” o trabalho e estudo, mas ressalta que fica “só” um pouco cansada. Frederico diz que se dedicou de domingo a domingo nesses anos e afirma que, se quiser mais, ou seja, avançar na vida profissional, vai conseguir, basta “ter foco e dedicação”. O jovem afirma que somente se Deus⁸⁸ o levar amanhã, ele não poderá realizar seus sonhos. Esses dois jovens, ao verem suas histórias de esforço espelhadas na vida de Lucas, demonstram internalizar de forma resignada a labuta pela qual ainda passam para trabalhar até seis horas por dia e fazerem faculdade. Entendem, sem críticas, que é assim que é.

Todavia, algumas jovens compartilharam momentos específicos dessa trajetória e elaboraram outro percurso, ao refletirem sobre o porquê de terem uma rotina tão laboriosa. A notícia sobre um jovem que estuda e trabalha tem relação, para elas, com vivências no mundo do trabalho. A própria experiência, que traz mobilização de outros setores de suas vidas, faz com que a leitura da mídia seja crítica sobre a dramatização das dificuldades e a romantização da pobreza, sem ocorrer uma naturalização desse processo:

⁸⁷ Sudoeste/Octogonal é uma região administrativa do Distrito Federal localizada próximo ao Plano Piloto.

⁸⁸ Deus, como referência à crença de religiões monoteístas, é escrito com D maiúsculo, independentemente da ideologia da pesquisadora.

estou cansada de me esforçar, para falar a verdade. Tanta mudança que sofri, trabalhei em tanta coisa, tenho 19 anos e já fui estagiária na Funai, já trabalhei em padaria, mercado, loja de roupa, pamonharia e agora sou estagiária do Superior Tribunal de Justiça. Eu mudei muito de endereço, morei no Itapoã, Lago Norte, Ceilândia e Arniquireiras. Trabalhei em diferentes lugares, morei em diferentes lugares, conheci gente ruim e muita gente boa. Conheci muita gente boa que poderia estar fazendo outra coisa se tivesse tido oportunidade na vida. Me esforcei para ter dinheiro durante a pandemia e também para me manter nos empregos que tive, passar em avaliação, período de teste. Me esforcei para entrar na faculdade e para me manter na faculdade (Martina, 2022).

A fala forte de Martina é acompanhada pela reflexão de que esse esforço foi necessário devido à composição familiar de muitos irmãos, oito ao total, e pela própria desigualdade social que vivencia. No entanto, há mobilização do recorte de raça também. Dandara trabalhou em uma loja de roupas de renome em Brasília (DF) e lá vivenciou violências no meio profissional. As que mais chamam atenção é o fato de a recrutadora dos recursos humanos ter sugerido colocar que ela é branca na admissão, embora ela seja negra, porque, se colocasse sua real autodeclaração, “não seria chamada”. Quando passou na UnB, a dona da loja, que também tinha um filho que estudava para o vestibular, perguntou à Dandara se ela tinha usado cotas. Ela, coagida pela situação com sua empregadora, negou.

Outro jovem, Ary, entende que se esforçou para estar e permanecer na universidade. No entanto, acredita que, se não tivesse se esforçado e fosse rico, também estaria no espaço acadêmico. “Se não fossem as cotas, de escola pública e baixa renda, eu não sei se estaria aqui.” Ary entende que sua vida é diferente do acadêmico que mora na Asa Norte, estudou em escolas particulares e que têm pais que completaram a educação superior.

Essa explanação sobre o esforço é importante para entender a decodificação que as jovens fizeram das notícias. Quando apresentei a reportagem que aborda o ingresso de Lucas, um trabalhador que é estudante, as opiniões se dividem. Percebi que essa matéria causou reações bastante imediatas. As jovens, ao mesmo tempo em que assistiam à história de Lucas, já elaboravam verbalmente suas emoções. Parte disso se explica pela composição da notícia, pois ela apela a clichês de dramaticidade, logo, ou as jovens se identificaram com a motivação proposta pela emissora, ou construíram rapidamente uma apreciação negativa, em especial derivadas de suas vivências. Enquanto umas vislumbram na abordagem midiática da história de Lucas uma inspiração, outras a criticam e citam a dificuldade em ter mais uma

responsabilidade, além de estudar. Salientam, também, o ocultamento das ações afirmativas e a exclusividade em noticiar o ingresso, mas não a permanência das jovens na universidade:

falam do Sol Nascente e dá a entender que ele não vai ter futuro, fica pejorativo, criminalizado. Me incomoda muito essa exposição íntima da vida dele. Eles estão vendendo essa notícia, então mostram essas informações mais cruas para que as pessoas encham os olhos. Expuseram a vida íntima dele e focaram nas dificuldades dele, na classe social (Augusto, 2022).

Eu não quero me inspirar em uma história dramática. Eu discordo de romantizar uma história tão dramática de uma vida que deveria ser de outro jeito, deveria ser simples e esse é um direito de todos. A mídia romantiza a história para gerar conteúdo. Não era para ser assim, ser uma história tão dramática, precisar trabalhar e pagar o cursinho. Isso me incomoda (Ary, 2022).

Achei estranha a forma de abordar a notícia, um caso de superação, abriu uma empresa, virou empreendedor. É uma lógica que está no nosso cotidiano e é problemática. No caso dele foi uma necessidade extrema, sem investimento nenhum, de não ter outra alternativa, talvez tenha até sentido a pressão de ajudar a mãe, porque nem todo mundo tem a oportunidade de só estudar. É uma necessidade, não é um trabalho formal. A palavra empresário me incomoda, porque lembra da galera super *coach*, “se eu consegui você também consegue”, então a palavra tira o foco do que realmente é. Não fala ali que a renda da família era baixa e que ele tinha que ajudar. No Brasil atual, você não vive com 1.500 reais. Acho a lógica perversa, “não importa as suas condições sociais, você consegue, é só se esforçar.” E isso não é uma realidade (Martina, 2022).

Os governantes questionam as cotas, falam publicamente contra elas. Eu cresci ouvindo sobre Fies, Ciências Sem Fronteiras, SiSU e, hoje em dia, vejo as pessoas querendo taxar a universidade pública e falando mal das cotas? A notícia fala que tem minoria entrando em cursos de elite. Eu falaria sobre as cotas, porque, ainda mais agora, é importante falar sobre as cotas, porque elas abriram espaço para a gente. Estão tentando fechar essa oportunidade, acabar com as cotas. Isso é o que o governo Bolsonaro faz, fala publicamente mal das cotas e diz que a universidade está sendo tomada por quem não deveria estar lá. Nesse contexto, entrar na universidade com políticas públicas é um ato de resistência, é estar em um espaço que vocês não querem que eu entre. Quando a repórter fala aquilo no fim da matéria “motivacional para a nossa sexta”, quando ela fala isso dá para perceber que ela é de outra classe social, que ela nunca passou nem perto das coisas que está na notícia. Eu discordo do tom da reportagem, querendo ou não é o discurso da meritocracia (Dandara, 2022).

Eu continuo achando que meritocracia não existe, porque as pessoas são diferentes e existe uma grande desigualdade social. Eu tive todo privilégio de só estudar, me preparar para o vestibular, e comparando com uma pessoa que trabalha oito horas por dia, ela não tem esse privilégio, então a gente vai estar concorrendo em desigualdade. Por isso também vem a questão das cotas, para tentar deixar mais igualitário um sistema que não é (Cristina, 2022).

Nesta segunda rodada de entrevistas, nota-se a importância da vivência das jovens no ambiente universitário, em especial ao frisarem as dificuldades para a permanência do estudante cotista no espaço universitário. São contratempos que elas mesmas passaram e ainda enfrentam. Oriundas dessa experiência, Dandara, Martina, Ary e Augusto, todos estudantes da UnB, se preocupam não só com o acesso de cotistas, mas com a permanência de quem, no ambiente da universidade, precisou além de estudar, trabalhar.

Me incomoda a questão de só mostrar na mídia até passar, depois você que se resolva na universidade (Ary, 2022).

Acho que ele continua vendendo docinho, só que agora na UnB, porque a condição social da família é a mesma. Agora ele tá na UnB e o problema é dele. O problema de permanecer na UnB é dele (Augusto, 2022).

Ele continua passando dificuldade, só que agora ele passa dificuldade fazendo Medicina. E isso é motivacional para quem? (Dandara, 2022).

Eu espero que ele tenha conseguido auxílio socioeconômico. E se deslocar do Sol Nascente para a UnB deve ser um trampo do caramba. Deve dar umas duas horas de transporte, ou mais. Acho que não tem linha direta de Sol Nascente até a UnB (Martina, 2022).

As ações afirmativas não se referem somente ao ingresso dos cotistas, mas também à sua permanência na educação superior. As necessidades levantadas são de auxílios diversos, desde o financeiro ao transporte, passando por moradia e alimentação. Esse cenário foi intensificado pelos efeitos devastadores das condições que a pandemia impôs a diversas famílias, em especial às de baixa renda. No entanto, a expansão desses auxílios ficou atrelada à Emenda Constitucional n.º 95, de 2016, elaborada após o golpe sofrido por Dilma Rousseff (2011-2016). Souza (2016, p. 129) explica que esse golpe foi construído a partir de um grande acordo, um “velho acordão brasileiro” comandado pela elite financeira, mas com atuação da mídia, do parlamento e da politização do Judiciário. Desde a midiaticização das manifestações de junho de 2013 até o golpe em 2016, as elites brasileiras – financeira, intelectual e política – criticaram o governo com a intenção de efetivar o impedimento de Rousseff. Com essa vitória, assumiu o vice-presidente Michel Temer (2016-2018), que começou a dialogar efetivamente com o parlamento e com o mercado neoliberal. A emenda questão foi o resultado dessa relação.

A Emenda Constitucional n.º 95/2016, conhecida como Lei do Teto, limitou os gastos com educação e travancou investimentos na educação pública, como auxílio estudantis,

de 2017 a 2036. A Proposta de Emenda Constitucional, a PEC da Transição, foi aprovada em 2022, permitiu o aumento dos gastos na educação e trouxe, *a priori*, um novo cenário para os investimentos educacionais.

Um desses investimentos é referente à permanência dos cotistas. Entende-se, como Heringuer e Carreira (2022, p. 523) levantam na pesquisa referente aos 10 anos da Lei de Cotas, que se deve:

ampliar a noção de permanência nas políticas voltadas para o ensino superior: tais estudantes demandam bolsas e auxílios financeiros, mas demandam também acolhimento, respeito, escuta ativa, simplificação de procedimentos burocráticos excludentes, informação ampla sobre oportunidades acadêmicas, mudanças curriculares, acesso a cursos de línguas estrangeiras, acessibilidade ampla e integral, diálogo com diferentes instâncias da universidade.

Absolutamente todas as jovens entrevistadas que estudam em universidades federais são cotistas de alguma ação afirmativa. Dessa forma, chama a atenção delas a ausência de explicação ou a simples enunciação na mídia sobre as ações afirmativas no acesso à educação superior, o que daria um caráter também educativo ao noticiário ao explicar o que são as cotas e quem pode acessá-las.

Eu abordaria mais o sistema de cotas, vale a pena trazer isso como informação, eu vejo que minhas irmãs não sabem das cotas para escola pública, minha irmã de 17 anos não sabia que existiam cotas para escola pública e até os professores nas escolas não falam sobre isso (Martina, 2022).

Algumas jovens criticam o contexto de divulgação midiática da conquista de Lucas e questionam o porquê de a mídia não abordar as cotas e a vida de quem já está na universidade e provém de baixa renda. Todavia, outras naturalizam as dificuldades vividas pelo jovem e as romantizam ao mobilizarem construções narrativas amplamente divulgadas desde tenra idade pela comunicação midiática hegemônica, aquela que também alia a simplicidade à completude:

ele foi alguém que conseguiu o que queria muito, passou por dificuldades e trabalhou para pagar o curso preparatório. Visualmente dá para ver que ele não tinha condição muito favorável, a casa dele, os livros empilhados. Eu já vi biblioteca de casas que a minha mãe trabalha e a biblioteca deles é muito,

muito legal. E na notícia não, os livros bagunçados, parece lá em casa também, um livro em cima do outro (Luan, 2022).

Achei a matéria muito legal. Ele é muito dedicado, hoje em dia as pessoas dão desculpa para tudo, né? Ele foi lá, arranjou um jeito e fez cursinho, fez brigadeiro. Quando a gente quer, a gente consegue (Carol, 2022).

Eu amei a história do Lucas, achei linda. A simplicidade dele me chama a atenção (Vanessa, 2022).

Ele teve muita dificuldade, trabalha e não desistiu. Conseguiu e ainda ajudou a família. Eu tenho isso para mim, mesmo trabalhando, me esforçando, eu vou conseguir. Eu me vi nele. A realidade dele é mais parecida com a minha, porque eu trabalho e não tenho muito apoio. Vendo a história do Lucas, isso me dá mais motivação, porque a vida é cheia de dificuldades, mas você vai conseguir (Geovana, 2022).

Eu gostei de tudo na notícia do Lucas, trouxe detalhes, falou sobre o apoio. Toda hora fiquei rindo que nem besta ao ver a notícia. Tudo me chamou a atenção, em especial a felicidade dele que também me emocionou. O que me tocou foi a mãe dele falar que não teve estudo, foi quase a mesma coisa que minha mãe falou para mim (Rafaela, 2022).

Ele teve que empreender para fazer cursinho. Viver de R\$ 1.500? Não dá para viver. É uma história de superação, uma pessoa que não deixou as dificuldades impedirem de chegar onde queria. Ele foi lá e conseguiu! É uma realidade muito comum, a realidade da mãe, de renda baixa, ganha pouco, a mãe não pode propor cursinho para o filho, então ele tem que correr muito atrás (Thaís, 2022).

Deve ter sido muito corrido, ele precisou fazer brigadeiros, correr atrás e trabalhar. E tem também a questão de eu não ter um pai que sairia na matéria, nunca foi presente na minha vida. Essa matéria fala mais comigo, porque tem a mãe dele e tem o fato dele ser trabalhador. Eu fiquei muito feliz quando soube que havia ganhado uma bolsa de 100% para cursar Fisioterapia (Frederico, 2022).

Com as falas, percebe-se que muitas jovens se enxergam na vivência de Lucas, inclusive em suas dificuldades. Esse espelhamento por viverem algo parecido causa admiração e as inspira. Não ter um pai presente, trabalhar e estudar ao mesmo tempo, ter uma mãe batalhadora, que a incentiva, ou viver em uma casa simples, sem uma biblioteca organizada são só algumas das semelhanças que as fazem se identificar com a narrativa. Todavia, essa similaridade não parte do princípio de que é uma realidade injusta, que frisa as desigualdades sociais e também as de gênero, mas é um conteúdo que causa motivação, ao naturalizar as disparidades sociais, as que Lucas e elas vivem.

Essa construção de pensamento dialoga com o “vitimismo”, ideologia amplamente divulgada nas redes sociais, no sentido de que fazer críticas ao socialmente estabelecido, às maneiras como as coisas se apresentam, é, para liberais conservadores, colocar-se no papel de vítima. Rodrigo Constantino é porta-voz da extrema direita brasileira e trabalha na divulgação de ideias neoconservadoras, inclusive sobre o que chama de “vitimismo”. Para Constantino (2021; 2022), um “vitimista” não é agente da própria vida, mas uma “vítima” do governo e da sociedade.

Como exemplo, Constantino (2021; 2022) ridiculariza o desespero que demonstraram os bolsistas em universidades públicas com os cortes na educação e se referiu à ação como “geração mimimi” e “geração floco de neve”. Usualmente, Constantino (2021; 2022) entende que ser usuário de políticas públicas e demandar melhorias é ser “vitimista”, e afirma que esse sujeito quer um Estado que gaste cada vez mais. Em sua opinião, o ambiente capitalista cria um espaço para pessoas mais preparadas, que não são “vitimistas”. Ademais, propaga que os sujeitos podem escolher os rumos de sua vida, um pensamento neoliberal que condiz com a narrativa meritocrática e que é criticada ao longo da tese.

Com ampla circulação durante o governo Bolsonaro, época em que houve o acompanhamento das jovens, essa ideologia foi adotada por diversos setores e seus representantes. Um deles, no que diz respeito às ações afirmativas, foi o então presidente da Fundação Palmares, Sérgio Camargo⁸⁹, que condenou quem “se vitimizava” pela cor da pele, ao chamá-los de “afromimizentos”. Nas redes sociais, Camargo é conhecido por abordar a questão racial como “vitimismo” e é contrário às cotas raciais, pois supostamente criaria cidadãos ressentidos, feriria o princípio de igualdade e rebaixaria o mérito.

Essas afirmações geram estranheza por serem extremamente violentas. Contudo, elas reverberam na vida e em algumas falas das jovens, mesmo sem critério científico e com fundamento somente ideológico. Há extensa literatura, como Heringer e Carreira (2022), sobre a importância da Lei de Cotas no Brasil e os avanços proporcionados por políticas de inclusão na educação superior. Todavia, ideias sobre “vitimismo” circulam livremente nas redes sociais e conformam opiniões, especialmente de jovens.

Vanessa, por exemplo, não nega a importância das ações afirmativas, mas relata que publicizar que Lucas ingressou na UnB por cotas é um erro, pois, de acordo com ela, reduz seu mérito. A jovem, ao analisar a mídia, defende que “discordaria se tivessem frisado em qual

⁸⁹ Sérgio Camargo é um político conservador brasileiro filiado ao Partido Liberal (PL).

cota ele usou. Passou em cotas raciais, ok, não precisa dar detalhes disso. Ele passou pelo esforço dele, não foi só cota que fez”. Um dos argumentos contrários da publicização das cotas é que passa a imagem de que quem usufruiu delas se esforçou menos. No senso comum, essa pode parecer uma preocupação saudável, pois se deseja parabenizar Lucas pelo seu esforço. Não obstante, a construção oculta as ações afirmativas e a influência das políticas públicas na vida dos sujeitos. A estruturação desse pensamento nega as desigualdades sociais e as naturaliza por meio de discussões simplistas e desonestas.

Há o caso de um jovem que não se sente motivado pela notícia, mas por um motivo ímpar se comparado às outras jovens. Ele, de forma assertiva, vai além: questiona o porquê da história de Lucas ser contada. Assim como para Vanessa, Marcio se incomoda por terem nomeado que Lucas ingressou por cotas. O motivo é o mesmo: fere o mérito do novo acadêmico de Medicina. No entanto, ao contrário de Vanessa, Marcio salienta que o fato de Lucas ter usado cotas de fato diminuiu o esforço que o jovem teve: “eu nem contaria a história de Lucas na verdade”. Indagado sobre o motivo, acaba admitindo que é a favor de cotas socioeconômicas, mas não as raciais, o que incide na sua leitura da mídia.

Pesquisadora: Eu lembro que em 2020 você falou que usaria cotas de escola pública. Você acha que as cotas são importantes para o acesso à universidade?

Marcio: Eu sou totalmente contra cotas raciais. Muito contra. Um garoto pobre que morou na Ceilândia e é branco, mas e aquele menino que mora em Águas Claras, tem condição de vida bacana e é negro? Eu não acho que existe injustiça, não acho que é certo. Eu vou ser bem sincero com você, cotas raciais, para mim, é racismo, com todo respeito, você criar uma cota para negro, o que difere ser negro? Ah, é uma compensação histórica? Gente, com todo respeito, não tem como compensar esse garoto da Ceilândia, ele tá prejudicado porque é branco, não teve uma condição de vida tão boa, e ele tá sendo subjugado. E aquele garoto negro, que teve uma condição de vida boa, que mora em Águas Claras, ele vai ter uma cota ali, ele vai ter uma vantagem a mais, mais uma, então é injusto com o rapaz branco.

Pesquisadora: A legislação prevê uma análise das cotas após 10 anos. O que você acha importante que discutam?

Marcio: A revisão das cotas raciais.

Pesquisadora: A história do Lucas não é motivacional para você?

Marcio: Eu acho que todo mundo tem suas dificuldades.

Pesquisadora: Te falo isso porque, em 2020, você disse para mim que gostava de ver canais no YouTube de pessoas que saíram do nada e chegaram lá.

Marcio: Essa superação que te falei em 2020 é diferente. No caso do Flávio Augusto, que é quem admiro hoje, dono da Wise Up⁹⁰, ele pegava um ônibus lotado, acordava às cinco horas da manhã, chegava no trabalho às oito horas, mas ele falava de um parceiro de trabalho dele que morava a 10 minutos do trabalho, que estava lá arrumadinho e cheirosinho. Ele fala que essa

⁹⁰ Curso de inglês reconhecido nacionalmente.

concorrência no trabalho vai existir, não me faz melhor ou pior do que o outro. Ele fala assim: “eu tinha essa dificuldade, mas e aí? Dá nada, bola pra frente!”. Ele não foca nas dificuldades (Marcio, 2022).

Para compreender essa decodificação, pesquisei autores contrários às ações afirmativas para confrontá-los. Para Santos e Silva (2018, p. 8), as cotas criam “o risco de aumento radical do racismo, incitando assim o ódio entre as raças, ou seja, a raça beneficiada, e as outras que não recebem o benefício”. Nesse sentido, os autores defendem que as cotas raciais não são discriminações positivas, pois colocam seus beneficiários em uma posição de “vitimismo”, uma injustiça cometida na igualdade prevista em lei. Marcio questiona as cotas raciais baseado em argumentos construídos por setores que afirmam que essa ação afirmativa distingue e dá preferência entre os brasileiros, o que é inconstitucional.

Todavia, a constitucionalidade das cotas étnico-raciais foi confirmada unanimemente pelo STF. Os argumentos pulverizados por neoconservadores são falácias discursivas. A igualdade prevista em lei é um objetivo, e as cotas raciais são utilizadas para amenizar a desigualdade social, o que se torna uma medida antirracista. Ao analisar o depoimento de Marcio, percebe-se que o jovem admira pessoas que, mesmo com dificuldades, tiveram sucesso profissional. Contudo, esse sucesso só é valorizado por ele se a história de superação não contar com auxílio de políticas públicas, ou seja, uma trajetória incutida pelo neoliberalismo, como ao afirmar que admira o empresário Flávio Augusto, dono de uma grande franquia de cursos de inglês.

Das 13 jovens que acompanhei, seis se identificam com a abordagem midiática, ou seja, com a codificação hegemônica. O número crescente de jovens se identificando com a leitura dominante provém de aspectos sociais que se aprofundam no início do século XXI. É necessário, nesse momento, lembrar o tópico “vitimismo” trabalhado anteriormente, pois ele tem relação com o poder de construção da imagem de si como um sujeito independente de políticas públicas e que pode e deve crescer somente com seu esforço pessoal. Castro (2011, p. 314) afirma que o sucesso do liberalismo está em colonizar a subjetividade, em especial quando o faz “por meio da crença na autonomia individual e da concepção de liberdade pessoal como recusa à inferência externa”. Ao se colocar como únicas responsáveis pelo seu sucesso, as jovens entrevistadas o fazem baseadas em diversos aspectos, entre eles a influência da religião.

É frequente, em determinadas igrejas, em especial pentecostais e neopentecostais, a divulgação massiva da teologia da prosperidade. Esse pensamento, nascido em território

estadunidense, em meados do século XX, defende que a benção financeira do sujeito é um anseio divino, pois ele é merecedor. Assim, ao se esforçar e pagar seus dízimos à igreja, ou seja, ao fornecer dinheiro à instituição, o religioso ganhará mais dinheiro. Isso consolida um sujeito atrelado ao entendimento do poder de agência da individualidade e do esforço pessoal, e que contestações ao socialmente estabelecido seriam consideradas “vitimismo”, logo, contrárias ao objetivo, pois bastaria ter fé e força de vontade.

Como apresentei, esse discurso está na mídia, na religião e, também, na política. A conhecida Bancada da Bíblia no Congresso Nacional é composta por representantes desses interesses e tiveram força reconhecida no governo Bolsonaro. Pastores se encontravam com o ex-presidente quase com livre acesso e ele mesmo se divulgava como alguém que respeitava a fé alheia e era representante dos valores cristãos. Nesse sentido, as próprias universidades federais eram entendidas como locais de doutrinação à esquerda e que não mantinham hábitos cristãos.

De certa forma, essas questões foram levantadas por jovens como Geovana e Marcio, ambos com leituras dominantes, ao explicarem que não consideravam a UnB um lugar para eles e, por terem essa identificação, nem tentaram ingresso na instituição. Há, assim, uma moralização e cristianização das práticas sociais que incidem na percepção das jovens não só sobre a meritocracia, mas também sobre sua interrelação com a vida universitária.

A jovem Rafaela, por exemplo, lutou para modificar a percepção de que a UnB não era para ela. Tradicionalmente, sua família participa da igreja Assembleia de Deus. Ao ingressar no curso de Administração na UnB, ouviu de um tio que ela se tornaria homossexual, usuária de substâncias psicoativas e que seria uma vergonha familiar. Rafaela manteve a certeza da realização dos seus sonhos, com o apoio de outros familiares, inclusive de uma prima que já cursava História na UnB. Atualmente, está envolvida com diversas atividades acadêmicas e, por causa delas e por falta de apoio na igreja, afastou-se temporariamente dos cultos.

Em diversos momentos da história recente brasileira, houve uma campanha de difamação das universidades públicas e das ações afirmativas. Ainda deputado, Bolsonaro afirmou, em 2011, que não entraria em um avião pilotado por um cotista ou seria operado por um médico que tivesse sido cotista⁹¹. O ex-ministro de Educação do governo Bolsonaro,

⁹¹ “Justiça mantém condenação de Bolsonaro a pagar R\$ 150 mil por declarações homofóbicas e racistas.” Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/politica/justica-mantem-condenacao-de-bolsonaro-pagar-150-mil-por-declaracoes-homofobicas-racistas-23654087>>. (Acesso em: 16/10/2023.)

Abraham Weintraub, disse, em 2019, que as universidades públicas são espaços de balbúrdia⁹². Esses discursos descompromissados e irreais formam imaginários com os quais as jovens precisam lidar em suas vidas pessoais.

Rafaela vivenciou os primeiros anos de sua juventude enquanto ideias neoconservadoras como essas se expandiam no Brasil. Por essa razão, alega que era contra cotas raciais, pois familiares que admiravam Bolsonaro a ensinaram que cota era esmola. O que modificou esse pensamento e a fez entrar na UnB por meio de cotas raciais foram seus professores de História e Sociologia, visto que passou a entender, com as aulas, o porquê de existirem cotas e, a partir disso, “passou a bater no peito” e ter orgulho de sua cor de pele. Todavia, nem sempre foi assim e ela passou por momentos difíceis de violência e aceitação:

Pesquisadora: Foi tranquilo para ti escolher usar cotas raciais?

Rafaela: Eu sempre tive vergonha da minha cor, sempre tive. Eu pegava uma borracha e tentava me apagar, eu tenho até hoje uma mancha de queimado [mostra uma cicatriz no antebraço]. O mundo não tá preparado para lidar e é racista, colocaram na minha cabeça que minha cor era feia, eu só fui assumir meu cabelo em 2018, depois do início desse processo. Agora tenho muito orgulho [mostra o cabelo balançando]. Agora, se eu fosse escolher cotas em 2017, eu não usaria a racial. Inclusive eu era contra a UnB, pois acreditava que era lugar de vagabundo, só gente marginal, que eu não ia me adaptar, e que eu iria perder tudo que eu tinha, meus valores, minha fé e minha crença.

Pesquisadora: Qual o teu maior sonho?

Rafaela: Eu sou uma pessoa extremamente sonhadora agora.

Pesquisadora: Agora. Você não era antes?

Rafaela: Não, não era. Eu sonhava baixo. A vida me fez mudar. Passar na UnB aumentou minha possibilidade de sonhar. Hoje o meu sonho é realizar todos os meus sonhos (Rafaela, 2022).

Carvalho Junior (2023) sugere que a política de cotas promove a mobilidade social dos egressos cotistas e pode interromper o ciclo geracional de pobreza em suas famílias. A história pessoal de Rafaela, sua relação com familiares que a desencorajaram e seu próprio amadurecimento em relação às cotas e ao que a UnB poderia significar em sua trajetória mostra a potência da universidade pública e a força das vivências que podem surgir a partir dela. Rafaela entende a vida a partir do discurso meritocrático, em poucos momentos tem uma decodificação que não seja a dominante, por isso, se emociona com histórias como a de Lucas

⁹² “Abraham Weintraub diz que universidades federais ‘têm cracolândia’”. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/educacao/abraham-weintraub-diz-que-universidades-federais-tem-cracolandia/>>. (Acesso em: 16/10/2023.)

sem tecer críticas estruturais. Apesar da decodificação, é evidente a modificação concreta em sua trajetória o papel transformador das ações afirmativas na vida de jovens cotistas.

4.2.2.2 “Conheça histórias de estudantes que superaram dificuldades e foram aprovados na UnB”

Para finalizar a análise das decodificações e reconstruções midiáticas, trago a última notícia. O recorte da segunda matéria que as jovens assistiram em 2022 conta as histórias de Maria Clara e Endrio, ingressantes no curso de Medicina na Universidade de Brasília. Essa matéria foi apontada pelas participantes por ter uma narrativa que enfoca a individualidade e o esforço pessoal, mas também valoriza a trajetória familiar, em especial a do pai de Maria Clara, ao contar a história de sucesso escolar da jovem. As entrevistadas assinalam que os pais de Maria Clara não tiveram oportunidades de estudo, em especial o pai, mas que entendem que a educação é uma forma genuína de modificar as condições de vida. Martina, Augusto, Frederico, Cristina, Marcio, Augusto, Vanessa, Martina e Gioconda salientam que os jovens tiveram apoio familiar, desde aquele voltado aos estudos, mas também outros, como o acolhimento às modificações geracionais:

Nenhum dos dois teve uma vida fácil, mas os pais se dedicaram e auxiliaram. Os dois tiveram algo que eu não tive, que foi apoio. Eu saí de casa porque perdi a virgindade. Minha mãe não falou nada, ela me deixou ir. Eu não deixaria uma filha minha sair de casa por causa disso (Gioconda, 2022).

Os dois não precisavam trabalhar, e isso ajuda a estudar, até porque Maria Clara estudava mais de 10 horas por dia (Martina, 2022).

A Maria Clara não é de classe alta, mas tem um confortozinho, tinha o apoio da mãe, tinha um norte, e o pai também incentivou ela (Marcio, 2022).

Ali mostra que os pais não tiveram condições, mas os filhos tiveram para mudar a vida (Rafaela, 2022).

Eu entendo que a mãe da Maria Clara diz para a filha que a única forma dela melhorar de vida é pelo estudo. Eu vejo sentido nisso (Dandara, 2022).

Acho que a inspiração dos pais, a educação é a única coisa que vai mudar sua vida, a família da Maria Clara falou para ela e os meus avós e pais também falavam isso para mim (Ary, 2022).

Eles escolheram fazer o ensino superior para ter uma condição de vida melhor e tiveram apoio familiar e incentivo para isso (Cristina, 2022).

A questão dos pais terem motivado os filhos a ter sucesso me chama atenção e eu gostei disso. E tem também o fato deles terem começado de baixo, isso me motiva. Por exemplo, minha irmã, nossa família sempre teve condição baixa e ela sempre batalhou muito para conseguir a faculdade (Frederico, 2022).

Ter tempo livre é um grande investimento nos estudos (Souza, 2012; 2017). Não se preocupar com estágio, com as distâncias percorridas para trabalhar e a consequente perda de tempo com as lonjuras de uma metrópole como Brasília (DF), é uma importante questão levantada pelas jovens. Augusto, ao refletir sobre a valorização do estudo, diz que “antes era mais trabalhar e não estudar, mas o mercado de trabalho no Brasil está muito escasso, então é uma chance de ir pro mercado de forma valorizada”. Com influência da normativa burguesa que prioriza o estudo, famílias da classe trabalhadora constroem outras possibilidades para seus filhos, ao fornecerem a moratória da juventude (Margulis, 2001) para que seus filhos se dediquem aos estudos, sem exigir que trabalhem.

Ao analisarem a narrativa, algumas jovens reforçam, sem rodeios, a ideologia meritocrática proposta pela mídia. Vanessa, por exemplo, diz que a reportagem “complementa” o que sempre pensou, “que, com esforço, você consegue qualquer coisa”. Ao refletir sobre a história de Endrio, diz que ele tem internet e computador, mas tem, em especial, esforço: “sem esforço não dá, mas com esforço dá”. Carol lembra que foi “ele por ele mesmo”, sem cursinho.

Pesquisadora: O que mais te tocou na matéria?

Luan: A parte que ele fala que estudou sozinho, porque eu acredito que, se tiver esforço, eu vou conseguir (Luan, 2022).

Pesquisadora: O que te chama a atenção na notícia sobre Maria Clara e Endrio?

Thaís: O fato dos pais não terem concluído os estudos e terem que começar a trabalhar cedo.

Pesquisadora: O que tu mais gostou na matéria?

Thaís: A força de vontade. A gente não tem muito suporte no ensino público e mesmo assim teve esforço e disciplina, então isso me tocou: a pessoa se esforçar e buscar o que ela quer, mesmo tendo ensino público. Eu ouvi muito da minha avó que, desde uma vasilha até uma roupa, ela lutou para conseguir (Thaís, 2022).

Essa decodificação é reforçada pelos jornalistas, que afirmam que, para a educação, não existem barreiras e que Endrio não podia pagar um cursinho preparatório, mas tinha um computador e internet. Inclusive, esse mesmo jovem diz, na entrevista, que foi desacreditado, mas que tudo é possível quando se quer verdadeiramente. Cristina, ao refletir sobre essas falas, diz que “todo mundo dá um jeito”. No entanto, ela utiliza a ironia, pois acredita que as realidades são diferentes e muita gente se esforça e não ingressa no ensino superior, exatamente porque a primeira barreira é o processo seletivo. As jovens com decodificação resistente entendem como problemática a ênfase na ação individual, sem citar as ações afirmativas e sem questionar o motivo das desigualdades que os jovens enfrentam.

Pesquisadora: Quem gosta de ouvir histórias como essa?

Martina: Quem gosta desse tipo de matéria é quem acredita que não precisa ter investimento em políticas públicas na educação. Por exemplo, se eu mostro um argumento de que a educação está ruim, alguém me mostra essa matéria e diz: “tem gente conseguindo!”. Mas as pessoas não entendem que são a exceção da exceção (Martina, 2022).

A forma como a narrativa é construída, em especial na breve aparição da mãe de Endrio, incomoda as jovens que detêm leitura resistente e negociada. Ary, por exemplo, entende que a profissão da mãe de Endrio é mencionada somente porque ela é maquiadora. “Eles citam a profissão para mostrar que ele não tinha condições, que ele não iria passar, mas passou”, argumenta. Augusto pontua que a citação da profissão tem um tom desfavorável. A mídia tradicional, hegemônica e alinhada aos interesses mercadológicos, não contesta a sociedade desigual e prefere abordar a desigualdade unicamente por meio de sua dramatização, como em um enredo que enfoca o sucesso – e o fracasso – unicamente por meio do esforço individual dos jovens.

Além disso, depois de assistir a duas reportagens sobre o acesso de jovens de escola pública, algumas participantes, em especial as de leitura resistente, passam a questionar o motivo da mídia preferir contar o sucesso de filhos da classe trabalhadora somente quando ela se refere a cursos de alta seletividade social, como Medicina. Cristina fala que “só ter gente de Medicina me chama a atenção”. Augusto diz que todos os cursos são dignos. Quando reconstrói a notícia de Endrio e Maria Clara, Ary reflete que deveria abordar as conquistas de outras pessoas, não só as que passam em Medicina, “pois são tão importantes quanto as outras”. O

jovem reflete que é um curso improvável para a classe trabalhadora, mas que deveria ser diferente, que todos deveriam, se desejassem, passar em Medicina. No entanto, ao entender o contexto em que vive, Ary assinala que a desigualdade social é uma grande barreira para que, de fato, esse ingresso ocorra.

Na contramão do sentido argumentativo de Cristina e Ary está Marcio, que defende que não é difícil passar em Medicina, basta ter esforço. Para o jovem de leitura dominante em todas as matérias assistidas, tanto em 2020, como em 2022, a mídia conta como se fosse algo deveras difícil um estudante da rede pública passar em Medicina e isso “tira a meritocracia dele”. Convidado por mim a falar mais sobre o assunto, o jovem, durante a reconstrução midiática, elabora seu pensamento a partir de uma negação das dificuldades, provavelmente impeditivas e talhadoras de sonhos, se não fossem as políticas públicas específicas:

Pesquisadora: O que te incomoda nessa matéria sobre o Endrio e a Maria Clara?

Marcio: Para mim, os dois se esforçaram, se esforçaram muito mesmo. “Ah, é de escola pública, ele não consegue”, tira um pouco da meritocracia deles. Eles estudaram demais, são merecedores, mas conta de uma maneira, como uma superação tão grande, como se fosse algo impossível, eles realmente querem vender a notícia.

Pesquisadora: O que é meritocracia para ti?

Marcio: A meritocracia é quando alguém consegue algo por seu próprio mérito, corre atrás, se envereda e busca, consegue conquistar o que quer, o que almeja.

Pesquisadora: Meritocracia existe? Você acredita?

Marcio: Sim, claro que existe e que acredito.

Pesquisadora: O quão provável que é um estudante de escola pública ingressar na UnB em Medicina e em Direito?

Marcio: É bem provável.

Pesquisadora: O que essas pessoas precisam ter?

Marcio: Eu estudei em escola pública e particular. E boa parte dos meus melhores professores eram de escola pública. Se você se interessar mesmo e correr atrás, eu acho que consegue tranquilamente.

Pesquisadora: Cite algumas coisas que você mudaria na reportagem.

Marcio: Olha, para mim, são duas pessoas guerreiras que passaram na universidade.

Pesquisadora: Não contaria que são de escola pública?

Marcio: Não, são duas pessoas que estudaram mesmo e passaram no curso que elas queriam e se dedicaram (Marcio, 2022).

Falas como a de Marcio dialogam com ideias que são caras ao pensamento liberal, incentivadas por influenciadores da área e mantenedores de *think tanks*⁹³, como Rodrigo Constantino, que, de forma organizada e padronizada, produziu durante anos conteúdos em diferentes plataformas na internet para promover a agenda liberal, muitos antes da ascensão de Bolsonaro à presidência da República. A evidente oposição às cotas, especificamente as raciais, a defesa primordial da meritocracia e a negação da importância de políticas sociais se relacionam à ideologia do mercado. Essa falácia neoliberal entende o sujeito como líder de seu destino e criador das oportunidades que o farão vencer e ter sucesso onde quer que esteja, exatamente a narrativa escolhida pelas mídias selecionadas neste trabalho. Esse discurso nega, em seu cerne, que classe social é um fator explicativo:

mesmo admitindo que o marxismo não dê conta de todas as mudanças ocorridas a partir do século passado, os ataques da filosofia do espetáculo ao marxismo [...] ocultam que: a relação capital/trabalho mantém-se viva no setor econômico mediante o assalariamento de amplos setores da população, a extração da mais-valia se modifica, mas não desaparece, o trabalho eleva-se à esfera da produção de informação etc. [...] A pergunta que fazemos – para tentar questionar as ligações da mídia com essa pergunta – é como classe deixou de ser uma fonte importante de identidade social se ela ainda importa tanto? Talvez por que ela importa é que necessite ser absolutamente negada pelo discurso da mídia? (Ronsini; Silva, 2008, p. 58-59).

A análise crítica dessa matéria mostra a colonização da agenda liberal na formação dos pensamentos das jovens, a maioria universitárias. A história da notícia pode ser resumida assim: jovens de baixa renda estudam sozinhos, com auxílio de tecnologias digitais, e ingressam em Medicina na UnB. Foi a notícia que gerou mais decodificações dominantes e hegemônicas entre as três analisadas, com sete leituras alinhadas à própria codificação.

As vivências proporcionadas pela trajetória familiar, baseadas também nas experiências de classe social em diferentes aspectos da vida, como educação, saúde, cultura e lazer, bem como outras de caráter primordial na vida do ser humano, como acesso à alimentação e nutrição adequadas, são negadas ao entender que as oportunidades são feitas unicamente pelos sujeitos. Além disso, a perversidade desse pensamento isenta o Estado e sua possibilidade de pensar em políticas sociais de combate à desigualdade e de promoção ao

⁹³ *Think tanks* são grupos organizados e financiados para reflexão sobre questões sociais que embasam formadores de opinião pública. Um das *think tanks* construídos pela direita brasileira e fundada por Rodrigo Constantino é o Instituto Liberal do Rio de Janeiro.

acesso universitário, de ser responsabilizado pelas trajetórias, especialmente no que concerne à mudança ascendente delas, ao rompimento do ciclo geracional da pobreza.

4.3 A TRAVESSIA DO PERCURSO: PENSAMENTOS ENTRE 2020 E 2022

Comunista é o pseudônimo que os conservadores, os conformistas e os saudosistas do fascismo inventaram para designar simplisticamente todo sujeito que clama e luta por justiça social (Veríssimo, 1971).

Como demonstrei, a reconstrução do discurso da mídia é uma oportunidade de entender a reflexão que os sujeitos fazem com os diversos discursos que estão presentes em suas vidas. Essa foi uma opção metodológica para se aliar à própria definição da decodificação da notícia. No caso específico, pretendia-se analisar como as jovens participantes dialogam com o discurso hegemônico neoliberal preconizado pela mídia e que enaltece o protagonismo do mérito individual.

Ao propor a reconstrução dos discursos, coloquei essas jovens como autoras. Não acredito na passividade diante da mídia e me interessam, também, brechas de atuação da possível contestação desses discursos. No entanto, não idealizo o sujeito como ativo, muito menos as juventudes como transformadoras. Essa também não seria a realidade da análise das informações levantadas, como trabalhei nas decodificações acima. Os casos de resistência à elaboração midiática são restritos: três em 2020 e quatro na reentrada em campo, em 2022.

Percebe-se que a contestação à mídia é maior de acordo com o curso de graduação frequentado. Jovens graduandas de cursos como História demonstram perceber o mundo de forma epistemologicamente mais ativa e crítica do que uma jovem que cursa Administração ou Medicina Veterinária.

A reconstrução demonstrou ser um método para auxiliar a minha reflexão – e por que não a dos jovens? – sobre a própria decodificação das matérias e a naturalização dos

discursos neoliberais, uma ação ideológica oculta no cotidiano e amplamente difundida nos principais veículos de comunicação. Ao analisar as mídias televisivas sobre o acesso à educação superior, entendi que elas valorizam o protagonismo da agência do sujeito, enquanto silenciam as políticas públicas que reservam vagas para as cotas sociais e raciais. Além de valorizar a ideologia meritocrática, esse enquadramento jornalístico dialoga com uma codificação midiática neoliberal e que busca minimizar a atuação estatal.

Quadro 10: Resumo das decodificações midiáticas

Nome	Instituição de ensino	Curso	Decodificação de notícia sobre estudos na pandemia (2020)	Decodificação da notícia 6 (2022)	Decodificação da notícia 7 (2022)
Dandara	UnB	História	Negociada	Resistente	Resistente
Ary	UnB	Comunicação Organizacional	Negociada	Resistente	Resistente
Vanessa	UDF	Medicina Veterinária	Dominante	Dominante	Dominante
Cristina	UnB	História	Resistente	Resistente	Resistente
Rafaela	UnB	Administração	Negociada	Dominante	Negociada
Augusto	UFJ	Ciências Biológicas	Resistente	Negociada	Negociada
Gioconda	Uniplan	Pedagogia	Dominante	Dominante	Dominante
Martina	UnB	História	Resistente	Resistente	Resistente
Carol	UDF	Letras – Inglês	Negociada	Dominante	Dominante
Luan	IFB	Desenvolvimento de Sistemas	Negociada	Dominante	Dominante
Frederico	UPIS	Fisioterapia	Negociada	Negociada	Dominante
Thaís	UnB	Publicidade e Propaganda	Negociada	Negociada	Dominante
Marcio	Trabalho na padaria	-	Dominante	Dominante	Dominante

Fonte: Autoria própria

Na hipótese da tese, refleti que as estudantes da escola pública entendiam que o esforço individual levava ao sucesso escolar, em uma leitura que potencializava o discurso meritocrático. Se, antes da reconstrução midiática, elas defendiam de forma velada a meritocracia, quando assumem pretensamente o papel jornalístico de contarem histórias de cotistas, a defesa se torna explícita, relacionada à trajetória familiar de trabalho duro, em

especial da figura materna batalhadora. Conclui-se que a maioria das jovens não tem orientação crítica e perspectiva emancipatória⁹⁴ na leitura da mídia, como mostrei no Quadro 10, pois ocorre, em grande parte, a manutenção da lógica hegemônica-dominante.

Ao analisar as modificações relacionadas aos anos de 2020 e 2022, noto a importância da mediação da vivência universitária, o caráter da instituição de ensino e a escolha dos cursos. As jovens que ingressaram via cotas em instituições federais tiveram numericamente mais leituras resistentes ou negociadas que dominantes.

Participar da UnB, em específico, reforçou a resistência na leitura da mídia de jovens como Ary, Dandara, Martina e Cristina. Embora estudantes da UnB, Rafaela e Thaís tiveram leituras dominantes em 2022, possivelmente frutos do ambiente universitário específico e alinhado ao ideário do mercado, como o encontrado em Publicidade e Propaganda e em Administração. Jovens que hoje estudam em escolas particulares de ensino superior, como Vanessa, Gioconda, Carol e Frederico, têm leitura dominante e apresentam pouca ou nenhuma criticidade em relação ao conteúdo e validam a narrativa neoliberal meritocrática escolhida pela mídia.

Entendo, por meio do método escolhido, como a ideologia rege as práticas sociais das jovens (Gramsci, 2017) ao analisar a colonização das subjetividades (Rocha *et al.*, 2021) e constatar que diversos pensamentos das jovens, como a negação das cotas, em especial as raciais, e das próprias desigualdades sociais se alinham a leituras dominantes. Na investigação, a leitura dominante se tornou predominante em diversos momentos, ao entender que o consumo das notícias das jovens ocorria sem o estranhamento, sem a desnaturalização (Benedict, 1972; 2020) das coisas ditas normais em nossa sociedade. Esse fato chama a atenção para a urgência da formação identitária de cotistas entendedores de si como participantes de uma política pública. Assim, poderá haver maior enraizamento da importância do Estado – e não só do indivíduo – em trabalhar as desigualdades sociais e escolares, visto que a promoção da justiça social, ao contrário das estereótipias levantadas por conservadores, é uma luta constitucional em nosso país.

⁹⁴ A orientação crítica-emancipatória ocorre no sentido de visualizar um projeto de sociedade socialmente referenciado e que dialogue com o fortalecimento de políticas públicas em uma sociedade desigual.

CONCLUSÕES

Quando iniciei a tese, a pandemia de covid-19 não existia. Por isso, a investigação acompanhou o fechamento do espaço físico das escolas, o adoecimento mental – em especial de jovens – durante o processo de distanciamento e isolamento social, a labuta de outros tantos – muitas mães solo chefes de família – para pagarem as contas e o pavor de muitos ao vivenciarem um governo direcionado não só pelo neoliberalismo, mas também pelo conservadorismo e negacionismo. Mesmo com grande relutância governamental, o fornecimento das vacinas nos deu esperanças para recomeçar. No fundo, sabíamos que aqueles anos nos marcariam. Foram vidas desnecessariamente perdidas e a saúde mental que se fragilizou enquanto nos revoltamos com as atitudes irresponsáveis de um desgoverno que nos maculou.

Embora tenha tido momentos difíceis, pois há muitos desafios em manter a rotina da pesquisa enquanto se alimenta o contato com jovens – ainda mais em uma pandemia –, hoje entendo que acompanhar, entre 2020 e 2022, a trajetória de 13 vidas juvenis foi um grande privilégio. Além das questões próprias da investigação, esse foi um momento de escuta. As jovens precisavam falar e, possivelmente, eu precisava ouvir. Entender suas angústias, escutar suas labutas, mas também seus sonhos – tantos deles mediados pelas universidades em que agora estudam –, trouxe qualidade e aprofundamento à tese e ampliou minha interpretação.

O estudo tinha como objetivo geral analisar criticamente quais as condições de produção do discurso em uma leitura e releitura da mídia por jovens de escolas públicas quando assistem a reportagens televisivas que abordam o ingresso de cotistas na educação superior pública, levando em consideração a construção do capital cultural midiático. Por meio da elaboração dos objetivos específicos, a tese teve dois percursos paralelos. O primeiro, ao entender como as jovens leem a mídia e o que fazem subjetivamente com as mídias que consomem. O segundo, para pensar em como essas jovens se localizam na luta por capitais simbólicos, em uma sociedade que valoriza determinados códigos culturais e de comportamento desenhados pelas elites dominantes.

Em relação à análise da mídia, o modelo baseado em Hall (1973) evidencia as escolhas dos meios de comunicação dominantes, que optam pela narrativa meritocrática para contar a histórias de ingresso de cotistas em cursos de alta seletividade social. Com isso,

dialogam com a ideologia neoliberal que privilegia discursos individualistas e que se distanciam das políticas públicas, até mesmo silenciando-as.

Ao longo da travessia, pude entender que as jovens têm leituras alinhadas ao discurso midiático que valoriza a narrativa meritocrática. Após ingressarem na universidade, em especial na UnB, algumas refinaram seus discursos resistentes e críticos à meritocracia, permeadas por suas vivências periféricas, mas também pela experiência em uma universidade pública. É inquestionável a importância que debates em sala de aula e demais atividades de uma instituição de educação superior tem na conformação de uma perspectiva crítica em relação ao seu próprio cotidiano e à sua trajetória familiar. De fato, quando há a defesa da meritocracia, mesmo de forma velada, ela é alicerçada em valores morais provenientes da convivência familiar, como trabalho duro e perseverança.

A frase emblemática citada por uma das entrevistadas, “eu quero ser igual a ela”, ao se referir à mãe, reflete a importância de quem é batalhadora e guerreira. É central na vida das entrevistadas a presença feminina, basicamente materna, como influência de perseverança, no sentido de que, apesar das adversidades socioeconômicas, as suas mães se mantiveram presentes, garantiram o sustento financeiro e emocional de seus lares. Por isso, quando dialogo com os resultados que esse acompanhamento me apresentou, não posso deixar de destacar a importância que as mulheres têm – elas são chefes de oito das 13 famílias. Em uma sociedade com práticas culturais e políticas que orientam as mulheres a enfrentarem a maternidade compulsória, mas sobretudo uma maternidade patriarcal, elas se tornam pilares. A figura materna se enche de significados e é referência para as jovens em diversos aspectos, como no exemplo de valores morais, mas também em outros, de orientação e acolhimento, ou, em alguns casos, o contrário, de aridez sentimental.

Quando as jovens confidenciam que suas mães, independentemente da posição que ocupam, são genuínos modelos de batalha, esforço e superação, elas têm o maior exemplo de como devem se portar no mundo do trabalho. Por isso, enquanto estudam, reconhecem que ser esforçadas é a única possibilidade de mudança familiar. Exemplo disso é Thaís, que sabia que passar na seleção para ingressar na UnB era sua única chance, não só de estudar, como de mudar de vida – a sua e a de sua família. Caso não passasse, não teria como realizar cursinho e teria de entrar de vez no mundo do trabalho. Pela pressão, relata ter feito a última prova da seleção com muito nervosismo, suor e até desespero. É batalha, esforço e superação, das jovens, mas primeiramente de suas mães, seus exemplos.

Caracterizar a trajetória familiar e escolar das estudantes me levou a entender que essas jovens se inserem em contextos periféricos, de labutas cotidianas, de pais, em especial mães, que isentam as filhas de intensas atividades domésticas e até mesmo da necessidade de colaborar financeiramente com a manutenção do lar. A condição para tal é que as jovens estudem e aproveitem as oportunidades de irem mais longe do que elas, no sentido de prolongamento de anos de estudo e ascensão financeira. Essa moratória da juventude foi substancial no ensino médio para que a maioria somente estudasse. Com a chegada da maioridade e do ingresso na universidade, as jovens sentem o peso moral de retribuir esse investimento, que é basicamente de tempo, já que ter tempo para se dedicar aos estudos é um privilégio. Na universidade, elas potencializam a relação que mantêm com mídias, ao se apropriarem de possibilidades inventivas, visto que se entendem com outra bagagem e outras vivências, essas distantes de seus colegas.

Ao me defrontar com a necessidade de estudar sobre a ampliação do capital cultural, impulsionada pelas entrevistas com as 13 jovens que conheci durante a pandemia de covid-19, ainda em maio e junho de 2020, comecei a entender que o percurso seria tateado, como ao elaborar um novo mapa de um espaço desconhecido. O motivo principal é que havia diversas formas para se referir a essa ampliação, que trazem ao mesmo tempo uma polissemia e uma complexidade de concepções.

Por vezes, a mesma nomenclatura, como capital informacional, apresenta vários significados. Como consequência, o estado do conhecimento construído para essa tese traz um mapa de conceitos e as principais concepções adotadas pelos autores. Algumas delas, como capital midiático (Setton, 2005), foram minha base para o desenvolvimento teórico e para ajustar os olhares que tive para a análise das entrevistas e das matérias estudadas. Outras, contudo, em especial o capital tecnológico (Ramírez *et al.*, 2014), geraram críticas exatamente por relacionarem a apropriação de um capital cultural com uma medição, ao trazerem resultados em porcentagem e priorizarem uma operação dessa ampliação que não dialoga com a potência das subjetividades dos sujeitos.

De forma geral, a elaboração desse mapa conceitual da ampliação do capital cultural favorece a nossa localização na utilização de um conceito polissêmico e que amplia a ideia de Bourdieu, porém mantém o caráter distintivo. Localizar a operação de conceitos com diversos significados é primordial para que a minha utilização seja consciente e crítica, relacionada primeiramente com a escolha teórica e metodológica.

Gatti (2012) questiona de onde as pesquisadoras em Educação partem e quais referências elas têm. Entendido esse mapa da ampliação conceitual do capital cultural, o movimento foi coser as vivências com as mídias das jovens com esse novo aporte conceitual. Por isso, considero acertada a escolha de alinhamento com a perspectiva de Setton (2005) ao entender que as jovens se apropriam de informações e conhecimentos em distintos locais, muitos deles não aristocráticos e construídos pela mídia. A minha intenção foi pensar em uma reflexão que permitisse aliar essa operação com a profunda desigualdade social em que vivemos e que as jovens, em suas mais diversas vivências, experienciam, muitas com profunda materialidade. Por isso, entender a ampliação de um capital cultural que considera a luta simbólica de sujeitos periféricos me leva como pesquisadora a me apropriar de um movimento específico, que olha para dentro, para a cotidianidade de uma metrópole latino-americana, Brasília (DF), conhecida por sua imensa segregação urbana. É pensar em quais concepções podemos nos basear para construir uma proposta investigativa suleir.

Nesse sentido, é imprescindível pensar a inserção da cultura digital na vida das jovens, pois a vivenciaram por meio do smartphone, como em muitos países latinoamericanos. É por meio primeiramente do dispositivo móvel que as jovens começam a utilizar a internet para seus estudos. Assim, ingressam na universidade possibilita uma nova forma de atuação, pois mantêm contato com a internet banda larga, algo raro de ocorrer previamente.

Em uma sociedade orientada pela imagem, era de se esperar que as visualidades fossem utilizadas pelas jovens. O uso de vídeos ocorre, em especial, para que haja aprofundamento dos estudos, mas, principalmente, fruição de conteúdos não consolidados previamente. Essa necessidade provém da defasagem educacional que sentem em relação aos colegas universitários, mas não só, visto que relatam as diferentes bagagens culturais, leia-se enraizamento do capital cultural e capital informacional, que projetam em alguns colegas e na maioria dos professores. As jovens se deparam com a desigualdade social de forma mais acentuada nos espaços universitários e trazem novas inquietações a elas, como sentimentos angustiantes de não pertencimento, em especial quando comparam suas trajetórias familiares às de seus colegas.

Nessa luta simbólica, traçam suas táticas para operar nesse terreno alheio, não feito para elas e tampouco desenhado para suas vivências periféricas. Após a análise das entrevistas realizadas ao longo do acompanhamento, tenho que o capital midiático reforça os valores de mérito individual construídos não só no centro da família, mas por telenovelas, telejornais,

livros de ficção, além de filmes e outras produções midiáticas. A maior parte das jovens, ao entenderem sem grandes problematizações sociais que devem manter uma postura “batalhadora” para “chegar lá”, alinham-se ao discurso hegemônico que potencializa a tecnologia para trabalhar o mérito e a coloca como protagonista das ações dos sujeitos.

Apesar de se apropriarem de diversas tecnologias e de terem à disposição um infinito de informações, é evidente a importância da figura do professor como um profissional que humaniza a relação na escola ou na universidade, que dá aos estudantes o “privilégio da dúvida”. As estudantes preferem estudar com o apoio de um professor do que com um robô, mesmo que esse esteja disponível 24h por dia. Lima (2015, p. 39), antes da pandemia, frisava que “a educação é comunicação, é diálogo, a medida em que não é transferência de saber, mas encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação do significado”. Por isso, tanto no ensino médio quanto no espaço acadêmico, o professor se torna a referência e o guia em relação aos conteúdos, mas também uma influência na autoestima das jovens e na construção de possibilidades futuras, ao promover informações e a oportunidade de sonhar.

Um aspecto a ser frisado é o de jovens que não consideram a UnB como seu espaço de direito, não por autolimitação – no sentido de não acreditarem que irão ingressar –, mas por entenderem esse espaço em um sentido moralizante, como “balbúrdia”. Por meio da análise das decodificações, entendo que essa identificação se alinha a leituras dominantes da mídia, não só sobre a meritocracia, mas também sobre a influência de igrejas cristãs que vão além de questões religiosas, adentrando em julgamentos como política e educação.

Por isso, algumas jovens interpretam o mundo com mediação de pastores e outros frequentadores que exercem poder simbólico não só sobre escrituras sagradas, mas se alinham a determinadas ideologias e refutam outras. A prática religiosa não está inerente a alinhamentos ideológicos, logo, poder e religião caminham juntos e auxiliam a conformar opiniões e visões de mundo, inclusive sobre a forma que deve ocorrer o prolongamento dos estudos.

Nesse sentido, quando algumas jovens provenientes de famílias religiosas, apesar da contrariedade dessas e também da igreja, ingressam na UnB, elas operam, entre outras questões, o capital midiático. Esse proporciona uma ampliação de mediações culturais e políticas e não as limitam às interpretações moralizantes das práticas sociais cotidianas provenientes do sistema religioso. Assim, a ampliação do capital cultural proporciona outras vivências e pode inserir essas jovens em distintos espaços de formação e mediações interpretativas.

As jovens que têm irmãos ou primos que já frequentam a universidade pública como cotistas tendem a se localizar de forma mais rápida no novo ambiente, fruto de conversas prévias com seus familiares, com dicas e conselhos do que esperar e do que buscar nos primeiros semestres. No entanto, posso entender que se tratam de jovens de uma primeira geração familiar na universidade, que ainda têm como principal fonte de capital informacional – do funcionamento acadêmico – o próprio acolhimento que a instituição fornece. Há pouca internalização sobre as possibilidades de uma universidade – além da obtenção do diploma –, como os pilares de extensão e pesquisa. Por isso, é essencial o caráter informativo que deve ser prioridade para as universidades, bem como a construção de espaços dialogados nas instituições para acolhimento e acompanhamento de jovens cotistas.

Como sugestões para próximas pesquisas, vislumbro a necessidade de realizar estudos longitudinais de acompanhamento com jovens cotistas, com recortes orientados por gênero, raça, pessoas com deficiência e estudos interseccionais, ao analisar como esses jovens utilizam as mídias no novo ambiente universitário em contextos de desigualdades.

Entendo que, apesar de as cotistas terem leituras mais resistentes ao ingressarem na UnB, as jovens não acompanharam as lutas pela implementação da Lei de Cotas que foram implementadas quando eram crianças. Somado a esse recorte temporal, vivem em uma sociedade em que a meritocracia é uma ideologia amplamente internalizada e a escola, em raríssimos casos, trabalhou a historicidade das ações afirmativas. Logo, não se colocam como sujeitos históricos, entendedoras não só do local em que estão inseridas, mas também de que suas vidas – e as de suas famílias – são permeadas por políticas públicas.

Fruto disso é a desconsideração que a maioria tem sobre o papel das cotas no ingresso na UnB ou em outra universidade federal, pois sequer as citam quando relembram sua entrada na universidade. Lembro, ademais, que as jovens que ingressaram na educação privada tampouco entendem o contexto do ProUni e os descontos – parciais ou totais – que conseguem nas instituições de ensino superior. Urge a necessidade de fomentar não só a identidade dos cotistas, mas de construir espaços no percurso da formação básica – e também superior – que reflitam sobre o papel e o impacto de políticas públicas estudantis na vida dos jovens. Quando focamos no poder de atuação dos sujeitos perante a estrutura neoliberal, minorizamos a importância do Estado em elaborar políticas sociais que transformem a vida dos cidadãos. Ao pulverizar ideias de que o indivíduo, por si, modifica sua realidade, silenciemos não só a desigualdade social, mas também o papel do Estado. A quem interessa isso?

Por essa razão, há a necessidade de reforçar a importância da ação do sujeito coletivo, aquele que fala por si, porém rememora as representações de grupos sociais específicos. É primordial dialogarmos sobre historicidade, no sentido de reavivar lutas e conquistas, como apresento na questão da naturalização da existência das ações afirmativas, até mesmo com seu silenciamento. Ao lembrarmos essas ações coletivas, frutos de lutas concretas de sujeitos históricos, estamos trabalhando contra a ideologia do dom e das aptidões, construídos sobremaneira por meio da meritocracia, uma falácia do discurso neoliberal.

Para mim, a investigação reafirma a potência de desnaturalizar o cotidiano ao analisar os sentidos de viver, mas também de elaborar táticas, em uma sociedade desigual. Acompanhar as jovens ao longo de dois anos evidenciou que sonhar não é uma ação simples, pois requer confiança e oportunidade. Como disse Rafaela, a UnB trouxe a possibilidade de sonhar e, hoje, seu sonho é realizar todos os seus sonhos. Estar junto nesse processo de engrandecimento foi um grande privilégio, como professora, pesquisadora e cidadã.

REFERÊNCIAS

ACCORSI, Aline; SCARPARO, Helena; GUARESCHI, Pedrinho. A naturalização da pobreza: reflexões sobre a formação do pensamento social. *Revista Psicologia e Sociedade*, v. 24, n. 3, p. 536-546, 2012.

AGOSTINHO, Kamilla. *O estudante beneficiado por programas de ação afirmativa do curso de Enfermagem da Universidade Federal do Mato Grosso Campus Universitário Sinop: quem sou eu? Quem é ele?* 2015. 132f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2015.

ALMEIDA, Jane. Arte e tecnologia digital. In: SAVAZONI, Rodrigo; COHN, Sergio (Orgs.). *Cultura digital.br*. Rio de Janeiro: Beco do Azogue, 2009. 315p.

ANTUNES, Ricardo. *Capitalismo pandêmico*. São Paulo: Boitempo, 2018. 152p.

BANDEIRA, Nicolau Dela. A produção da crença na escola: o caso da Escola Técnica Federal de São Paulo. In: 33ª REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 33., 2010, Caxambu. 33ª Reunião Anual da ANPED. Educação no Brasil: o balanço de uma década. *Anais [...]*. Caxambu, 2010, v. 1.

BRANDÃO, Zaia. Operando com conceitos: com e para além de Bourdieu. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 36, n. 1, p. 227-241, jan./abr. 2010.

BENEDICT, Ruth. *O crisântemo e a espada: padrões da cultura japonesa*. Rio de Janeiro: Editora Perspectiva, 1972. 208p.

BENEDICT, Ruth. *Padrões de cultura*. Tradução de Alberto Candéias. Lisboa: Livros do Brasil, 2000. 336p.

BOURDIEU, Pierre. Os três estados do capital cultural. In: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio (Orgs.). *Escritos de Educação*. 14. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007a, p. 71-79.

BOURDIEU, Pierre. Futuro de classe e causalidade do provável. In: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio (Orgs.). *Escritos de Educação*. 14. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007b, p. 81-126.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. Tradução de Sergio Miceli, Silvia de Almeida Prado, Sonia Miceli e Wilson Campos Vieira. São Paulo: Editora Perspectiva, 2007c. 214p.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Tradução de Fernando Tomaz. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007d. 311p.

BOURDIEU, Pierre. *A distinção: crítica social do julgamento*. Tradução de Daniela Kern. São Paulo: Editora Zouk/Edusp, 2013. 560p.

BOTTOMORE, Tom. *Dicionário do pensamento marxista*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001. 454p.

CABANAS, Edgar; ILLOUZ, Eva. *Happycracia: fabricando cidadãos felizes*. São Paulo: Ubu Editora, 2022. 288p.

CALVINO, Italo. *As cidades invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. 150p.

CANCLINI, Nestor Garcia. *Consumidores e cidadãos*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1999. 260p.

CANCLINI, Nestor Garcia. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: Edusp, 2008. 385p.

CASILLAS, Miguel A.; RAMÍREZ, Alberto. El habitus digital: una propuesta para su observación. In: CASTRO, Roberto; SUÁREZ, Hugo José (Coords.). *Pierre Bourdieu em la sociología latinoamericana: el uso de campo y habitus en la investigación*. Cuernavaca, Morelos: Universidad Nacional Autónoma de México, Centro Regional de Investigaciones Multidisciplinarias, 2018, p. 317-341.

CASTRO, Lucia Rabello. Os jovens podem falar? Sobre as possibilidades políticas de ser jovem hoje. In: MOREIRA, Maria Ignez C. (Org.). *Juventudes contemporâneas: um mosaico de possibilidades*. Belo Horizonte: PUC Minas, 2011, p. 299-324.

CARNEIRO, Sueli. Mulheres em movimento. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 17, p. 1-16, 2003.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1998. 351p.

CHARTIER, Roger. “Cultura popular”: revisitando um conceito historiográfico. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 16, p. 179-192, 1995.

CHOI, Jaewon; STRAUBHAAR, Joseph; SKOURAS, Maria; STROUVER, Sharon; SANTILLANA, Melissa; PARK, Soyoun. Techno-capital: theorizing media and information literacy through information technology capabilities. *New Media & Society*, v. 23, n. 7, p. 1.989-2.011, 2021.

CONSTANTINO, Rodrigo. O que é vitimismo? *YouTube*, 22 de setembro de 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8kSc-XV_bJY>. (Acesso em: 25/01/2023.)

CONSTANTINO, Rodrigo. Geração vitimista. *YouTube*, 12 de dezembro de 2022. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Brw9OfuoXHk>>. (Acesso em: 26/01/2023.)

CONTIJO, Caio. The ingenuity of neoliberal common sense in Brazil: Álvaro Vieira Pinto and Antonio Gramsci in dialogue. *Revista Práxis e Hegemonia Popular*, v. 6, n. 9, p. 74-89, 2021.

COSTA, Martha; LEIRO, Augusto. Texto televisivo e conhecimento cotidiano na ambiência da Educação Física Infantil. In: 31ª REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 31., 2008, Caxambu. *Anais [...]*. Caxambu, 2008.

COSTA, Nayara. *A democratização nos cursos de elevado prestígio social na UFPB: acesso e permanência dos estudantes cotistas*. 2017. 189f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2017.

CROSARA, Daniela. *A política afirmativa na Educação Superior: contributos e dilemas do sistema de cotas da Lei n.º 12.711/2012*. 2017. 292f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2017.

DRABOWICZ, Tomasz. Social theory of internet use: corroboration or rejection among the digital natives? Correspondence analysis of adolescents in two societies. *Computers & Education*, v. 105, p. 57-67, 2017.

FALERO, José. *Os supridores*. São Paulo: Todavia, 2020. 304p.

FERREIRA, Luciana; BARBOSA, Andreza. Lições de quarentena: limites e possibilidades da atuação docente em época de isolamento social. *Práxis Educativa*, Ponta Grossa, v. 15, e2015483, p. 1-24, 2020.

FREIRE, Paulo. *Extensão ou comunicação?* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1971. 93p.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. São Paulo: Autores Associados; Cortez, 1989. 96p.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1997. 143p.

FREIRE, Paulo. Carta de Paulo Freire aos professores: ensinar, aprender – leitura do mundo, leitura da palavra. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 15, n. 42, p. 259-268, 2001. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/9805/11377>>. (Acesso em: 28/10/2021.)

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005. 218p.

FRITOLI, Silvana; POLATO, Adriana. Enem 2020 em tempos de pandemia: a análise de uma charge em perspectiva dialógica. *Revista Humanidades e Inovação*, v. 8, n. 38, p. 334-348, 2020.

FROSINI, Fabio. Ideologia (verbete). In: LIGUORI, Guido; VOZA, Pasquale (Orgs.). *Dicionário Gramsciano (1926-1937)*. São Paulo: Boitempo, 2017, p. 785-791.

GATTI, Bernardete. A construção metodológica da pesquisa em educação: desafios. *RBP AE*, v. 28, n. 1, p. 13-34, jan./abr. 2012.

GATTI, Bernardete. Possível reconfiguração dos modelos educacionais pós-pandemia. *Revista Estudos Avançados*, v. 34, n. 100, p. 29-42, 2020.

<https://doi.org/10.1590/s0103-4014.2020.34100.003>

GÓMEZ, Calderón. The third digital divide and Bourdieu: bidirectional conversion of economic, cultural, and social capital to (and from) digital capital among young people in Madrid. *New Media & Society*, v. 23, n. 9, p. 2.534-2.553, 2021.
[10.1177/1461444820933252](https://doi.org/10.1177/1461444820933252)

GRACIA, Juan Pecourt. El campo mediático-digital y la diferenciación social. *Política y Sociología*, v. 58, n. 1, p. 1-11, 2020.

GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do cárcere*. v. 1. Introdução ao estudo da filosofia, a filosofia de Benedetto Croce. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017. 500p.

GUIMARÃES, Camila. *TV em tela: um estudo do telejornal DFTV da Rede Globo: da emissão à recepção*. 2006. 229f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade de Brasília, Brasília, 2006.

HALL, Stuart. *Encoding and decoding in the television discourse*. Discussion Paper. University of Birmingham, 1973. Disponível em: <<https://www.birmingham.ac.uk/Documents/college-artslaw/history/cccs/stencilled-occasional-papers/1to8and11to24and38to48/SOP07.pdf>>. (Acesso em: 26/07/2021.)

HALL, Stuart. Encoding / Decoding. In: HALL, Stuart; STUART, Stuart; HOBSON, Dorothy; LOWE, Andrew; WILLIS, Paul (Eds.). *Culture, media, language: working papers in cultural studies, 1972-79*. London: Hutchinson, 1980, p. 128-138.

HALL, Stuart. *Da diáspora: identidade e mediações culturais*. Organização de Liv Sovik. Tradução de Adelaine La Guardia Resende. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003. 223p.

HARVEY, David. *O neoliberalismo: história e definições*. São Paulo: Edições Loyola, 2008. 256p.

HARVEY, David. Política anticapitalista em tempos de coronavírus. *Blog da Boitempo*, 2020. Disponível em: <<https://blogdaboitempo.com.br/2020/03/24/david-harvey-politica-anticapitalista-em-tempos-de-coronavirus/>>. (Acesso em: 23/11/2022.)

HELLER, Agnes. *O cotidiano e a história*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1972. 176p.

HENRINGER, Rosana; CARREIRA, Denise. *10 anos da Lei de Cotas: conquistas e perspectivas*. Rio de Janeiro: Faculdade de Educação UFRJ: Ação Educativa, 2022. 629p.

JERONYMO, Guilherme. *Inclusão ilusória de estudantes das classes populares nos cursos de Direito e nas carreiras jurídicas*. 2020. 177f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, 2020.

LAGE, Nilson. *Estrutura da notícia*. São Paulo: Editora Ática, 2006. 78p.

LARA, Rafael; QUARTIERO, Elisa. Impressões digitais e capital tecnológico: o lugar das TIC na formação inicial de professores. In: 34ª REUNIÃO ANUAL ANPED - Educação e Justiça Social, 34., 2011, Natal. *Anais [...]*. Natal, 2011.

- LESSKY, Franziska; FELDMANN, Klaus; NAIRZ-WIRTH, Erna. Informational capital and the transition to university: first-in-family students' experiences in Austrian higher education. *European Journal of Education*, v. 56, p. 27-40, 2021.
- LIMA, Venício de. Um esquecido nos estudos de mídia no Brasil. *Jornal de Debates*, edição 863. Observatório da Imprensa, 2015. Disponível em: http://www.observatoriodaimprensa.com.br/jornal-de-debates/_ed837_um_esquecido_nos_estudos_de_midia_no_brasil/. (Acesso em: 02/08/2021.)
- LIMA, Larissa; LOPES, Carlos. O acesso do estudante de escola pública em cursos de alta seletividade e a divulgação da mídia. *InterMeio: Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação*, Campo Grande, v. 26, n. 51 e 52, p. 187-218, jan./dez. 2020.
- LIMA, Larissa. *Apropriação do capital cultural midiático no ingresso e estudantes candidatos e cotistas em cursos de graduação de alta seletividade*. 2021. 135f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de Brasília, Brasília, 2021.
- LIMA, Jacob Carlos; OLIVEIRA, Roberto de. O empreendedorismo como discurso justificador do trabalho informal e precário. *Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar*, v. 11, n. 3, p. 905-932, 2022. (Dossiê Alternativas infernais: uma análise sociológica do empreendedorismo)
- MARGULIS, Mario. Juventud: una aproximación conceptual. In: BURAK, Solum (Org.). *Adolescencia y juventud em América Latina*. Costa Rica: Editora Libro Universitario Regional, 2001, p. 41-56.
- MARÍN, Daniel Omar Cobos. Estudiantes mexicanos y el acceso a la tecnológica digital. Un análisis estructural-relacional. *Revista de Ciencias Sociales*, v. 16, n. 1, p. 458-488, 2021.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Ofício de cartógrafo: travessias latino-americanas da comunicação na cultura*. Tradução de Fidelina González. São Paulo: Edições Loyola, 2004. 480p.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Tradução de Ronald Polito. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2009. 357p.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. *A comunicação na educação*. Tradução de Maria Immacolata Vassalo de Lopes. São Paulo: Editora Contexto, 2014. 155p.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús; REY, German. *Los ejercicios del ver: hegemonia audiovisual y ficción televisiva*. Barcelona: Gedisa Editorial, 1999. 157p.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús; REY, German. *Os exercícios do ver*. Tradução de Jacob Gorender. São Paulo: Senac, 2004. 183p.
- MARX, Karl; ENGELS, Friederich. *A ideologia alemã*. São Paulo: Martins Fontes, 1998. 84p.
- MATOS, Daniel; NOGUEIRA, Maria Alice; RESENDE, Tânia de Freitas; NOGUEIRA, Claudio Marques; ALVES, Maria Teresa. Impactos das práticas familiares sobre a proficiência

em Língua Portuguesa e Matemática no Ensino Fundamental. *Revista Pro-Posições*, Campinas, v. 28, n. 1, p. 33-54, abr. 2017.

MILLS, Wright. *A imaginação sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1975. 82p.

MORAES, Dênis de. Comunicação, hegemonia e contra-hegemonia: a contribuição teórica de Gramsci. *Revista Debates*, Porto Alegre, v. 4, n. 1, p. 54-77, jan./jun. 2010.

MORAES, Amaury Cesar; GUIMARÃES, Elisabeth da Fonseca; TOMAZI, Nélon Dácio. Conhecimentos de Sociologia. In: MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Secretaria de Educação Básica. *Ciências humanas e suas tecnologias*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006, p. 101-133. (Orientações curriculares para o ensino médio, v. 3) Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/book_volume_03_internet.pdf>. (Acesso em: 27/07/2021.)

MORAES, Amaury Cesar; GUIMARÃES, Elisabeth da Fonseca. In: MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Secretaria de Educação Básica. *Coleção Explorando o Ensino*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010, v. 15, p. 45-62. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=7843-2011-sociologia-capa-pdf&category_slug=abril-2011-pdf&Itemid=30192>. (Acesso em: 27/07/2021.)

MOREIRA SILVA, Bruna; SILVA, Wesley; MELO, Thiago. Sistema de cotas e desempenho: uma comparação entre estudantes cotistas e não cotistas na Universidade Federal de Viçosa. *Revista Administração Pública e Gestão Social*, v. 12, n. 3, p. 1-21, 2020.

NETO, Alberto; SILVA, Francisco. De “a vida não pode parar” a “você que lute”: discursos oficiais, contradiscursos e a resistência de um cursinho popular na pandemia da Covid-19. *Olhar de Professor*, v. 23, p. 1-6, 20 nov. 2020.

NOGUEIRA, Claudio; NONATO, Bréscia. SiSu e política de reserva de vagas: igualdade de oportunidades no acesso ao ensino superior público? In: 38ª REUNIÃO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO, 38., 2017, São Luis. *Anais [...]*. São Luis: Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, v. 1, p. 1-17, 2017.

NOGUEIRA, Maria Alice. A relação família-escola na contemporaneidade: fenômeno/interrogações sociológicas. *Análise Social*, n. 176, p. 563-578, 2005.

NÓVOA, António; ALVIM, Yara Cristina. Os professores depois da pandemia. *Educ. Soc.*, Campinas, v. 42, p. 1-16, 2021. (Dossiê Democracia, escola e mudança digital: desafios da contemporaneidade)

PENA, Felipe. *Teoria do Jornalismo*. São Paulo: Editora Contexto, 2005. 236p.

Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação nos domicílios brasileiros: TIC Domicílios 2022. Survey on the use of information and communication technologies in Brazilian households: ICT Households, 2022. Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR (Ed.). 1. ed. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2023.

PONCE-TITUAÑA, Lizbeth; LUCIO-PAREDES, Alex. Apropiação del capital tecnológico de los docentes durante la pandemia de Covid-19. *Revista Cátedra*, v. 4, n. 2, p. 18-38, 2021.

RAMÍREZ MARINELL, Alberto; CASILLAS ALVARADO, Miguel Angel; MÉNDEZ, Verónica Ortiz. El capital tecnológico una nueva especie del capital cultural. Una propuesta para su medición. In: RAMÍREZ MARINELL, Alberto; CASILLAS ALVARADO, Miguel Angel (Orgs.). *Háblame de TIC: Tecnología Digital em la Educación Superior*. Córdoba: Brujas, 2014, p. 23-38. Disponível em: <<https://bit.ly/3uZxrpI>>. (Acesso em: 14/04/2021.)

RIBEIRO, Darcy. *A América Latina existe?* Brasília, DF: Editora UnB, 2010. 111p.

RIEDNER, Daiani Damm Tonetto; PISCHETOLA, Magda. Cultura digital, capital cultural e capital tecnológico: uma análise das práticas pedagógicas no ensino superior. *Eccos – Revista Científica*, São Paulo, n. 57, p. 1-20, e15907, abr./jun. 2021.
<https://doi.org/10.5585/eccos.n57.15907>

ROCHA, Camila. *Mais mises, menos Marx*. São Paulo: Todavia, 2021. 240p.

ROCHA, Camila; SOLANO, Esther; MEDEIROS, Jonas. *The Bolsonaro paradox: the public sphere and right-wing counterpublicity in contemporary Brazil*. New York: Springer, 2021. 323p. (Latin American Societies)

ROMANOWSKI, Joana; ENS, Romilda. As pesquisas denominadas do tipo “estado da arte” em Educação. *Revista Diálogo Educacional*, v. 6, n. 19, p. 37-50, 2006.

RONSINI, Veneza; SILVA, Renata. Apropriações da cultura (sem classe) da mídia. *Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, São Paulo, v. 31, n. 2, p. 55-74, jul./dez. 2008.

SALADO, LÍlian; VELÁZQUEZ, Mario; OCHOA, Reyna. El capital tecnológico y el ejercicio docente: el caso de la Universidad Estatal de Sonora. In: CONGRESO IBEROAMERICANO DE CIENCIA, TECNOLOGÍA, INNOVACIÓN Y EDUCACIÓN, 2014, Buenos Aires. *Anais [...]*. Buenos Aires, 2014.

SALES, Sandra. As insustentáveis levezas dos discursos da mídia no Brasil: representações sobre ação afirmativa e universidade (2000-2006). In: 32ª REUNIÃO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO, 32., 2009, Caxambu. *Anais [...]*. Caxambu, 2009.

SAMPAIO, Marina de Oliveira. *Os estudantes e o uso das TIC na preparação aos exames de seleção do ensino superior público: ferramentas, dificuldades e táticas*. 2019. 155f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de Brasília, Brasília, 2019.

SANDLE, Michael. *A tirania do mérito: o que aconteceu com o bem comum?* Rio de Janeiro: Record, 2020. 350p.

SANTOS, Clarissa. Informational capital and sens du jeu: identifying the quality of higher education. *Vibrant, Virtual Braz. Anthr.*, v. 12, n. 2, p. 233-272, dec. 2015. (Dossier Anthropology and Education)

SANTOS, Sérgio Pereira dos. *Os “intrusos” e os “outros” quebrando o aquário e mudando os horizontes: as relações de raça e classe na implementação das cotas sociais no processo seletivo para cursos de graduação da UFES – 2006-2012*. 2014. 390f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2014.

SANTOS, Luana Carla Cunha; SILVA, Josnei Oliveira. O sistema de cotas e sua inconstitucionalidade. *In: 16º ENCONTRO CIENTÍFICO CULTURAL INTERINSTITUCIONAL, 16.*, 2018, Cascavel. *Anais [...]*. Cascavel: Centro Universitário FAG, 2018.

SETTON, Maria. A mídia e o Ensino Superior: é possível a criação de um consenso? *Educação & Realidade*, v. 27, n. 1, p. 1-31, 2002.

SETTON, Maria. Um novo capital cultural: pré-disposições e disposições à cultura informal nos segmentos com baixa escolaridade. *Educação & Sociedade*, v. 26, n. 90, p. 77-105, 2005.

SILVA, Marco Polo Oliveira da. *YouTube, juventude e escola em conexão: a produção da aprendizagem ciborgue*. 2016. 172f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

SOUZA, Jessé. *Os batalhadores brasileiros*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012. 404p.

SOUZA, Jessé. A cegueira do debate brasileiro sobre as classes sociais. *Interesse Nacional*, ano 7, v. 27, p. 35-57, 2014.

SOUZA, Jessé. *A radiografia do golpe*. Rio de Janeiro: Editora LeYa, 2016. 144p.

SOUZA, Jessé. *A elite do atraso: da escravidão à lava jato*. Rio de Janeiro: Editora LeYa, 2017. 240p.

SOTSKYI, O. Information capital in modern society: the conceptualization of the term. *Revista ITPAH*, Ukraine, v. 5, p. 1-6, may 2015.

TORRES GARCÍA, Joaquín. *Universalismo constructivo*. Buenos Aires: Poseidón, 1941.

TRIVIÑOS, Augusto. *Introdução à pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em Educação*. São Paulo: Editora Atlas, 1987. 176p.

UNESCO. *When schools shut: gendered impact s of COVID-19 school closures*. Paris: France, 2021. 102p.

VELOSSO, Jacques. Cotistas e não-cotistas: rendimento de alunos da Universidade de Brasília. *Cadernos de Pesquisa*, v. 39, n. 137, p. 621-644, maio/ago. 2009.

VERÍSSIMO, Érico. *Incidente em Antares*. Porto Alegre: Globo, 1971. 496p.

VOIGT, Lucas; JUNIOR, Volni Luiz Pagani. O “racismo de classe”: representações elitistas sobre os pobres e a pobreza no Brasil. *Mediações: Revista de Ciências Sociais*, v. 24, n. 2, p. 227-249, 2019.

WOTTRICH, Laura. *Publicidade em xeque: práticas de contestação dos anúncios*. Porto Alegre: Sulina, 2019. 301p.

YOUNG, Michael. *The rise of meritocracy: an essay on education and equality*. Harmondsworth, Great Britain: Penguin Books, 1961. 187p.

YOUNG, Michael. Down with meritocracy. *The Guardian*, 2001. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/politics/2001/jun/29/comment>>. (Acesso em: 20/01/2023.)

ZAGO, Nadir. Do acesso à permanência no ensino superior: percursos de estudantes universitários de camadas populares. *Revista Brasileira de Educação*, v. 11, n. 32, p. 226-237, maio/ago. 2006.

ZAGO, Nadir. A relação escola-família nos meios populares: apontamentos de um itinerário de pesquisas. In: DAYRELL, Juarez; NOGUEIRA, Maria Alice; RESENDE, José; VIEIRA, Maria Manuel (Orgs.). *Família, escola e juventude: olhares cruzados Brasil-Portugal*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012, p. 132-150.

APÊNDICES

APÊNDICE A: Quadro de coerência do projeto

<p>Problema de pesquisa: a implementação da Lei de Cotas trouxe um novo panorama no acesso à educação superior pública. Com a reserva de vagas, jovens de escolas da rede pública ingressaram de forma mais substancial na educação superior. Muitos deles foram os primeiros da família a estudar em uma universidade pública. A mídia trabalha frequentemente em suas notícias o ingresso dos cotistas, especialmente os que logram sucesso em cursos de alta seletividade social, como Medicina e Direito. Muitas dessas notícias protagonizam o esforço e o mérito individual dos jovens nos estudos, e não deixam de citar o uso frequente das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) para solucionar possíveis defasagens no conteúdo e na aquisição de códigos relacionados ao capital cultural e à trajetória escolar dos estudantes. A partir desse contexto, perguntei: <i>como os jovens de escolas públicas constroem e reconstróem seus discursos sobre o acesso de cotistas em cursos de alta seletividade social na universidade pública, diante do conteúdo apresentado pela mídia?</i> Além disso, o uso da tecnologia nos estudos também aparece nas mídias, então, queremos saber: <i>como os jovens recepcionam as reportagens sobre a preparação de cotistas por meio do uso das tecnologias para “chegar lá”, visando especialmente ao desenvolvimento do capital midiático?</i></p>		
<p>Hipótese: as jovens têm leitura alinhada ao discurso midiático meritocrático, não como uma defesa explícita, mas velada, que fica evidente ao reconstruírem as notícias. Isso é proveniente, em parte, de valores familiares que reforçam o trabalho duro, a força de vontade e a perseverança. O uso das tecnologias digitais auxilia as jovens a desenvolverem o capital midiático em uma sociedade desigual e esse uso potencializa o discurso meritocrática, ao mesmo tempo em que faz as jovens formularem táticas para lograrem êxito nos estudos.</p>		
<p>Objetivo geral: analisar criticamente quais as condições de produção do discurso em uma leitura e releitura da mídia por jovens de escolas públicas quando assistem a reportagens televisivas que abordam o ingresso de cotistas na educação superior pública, levando em consideração a construção do capital cultural midiático.</p>		
Objetivos específicos	Instrumentos de pesquisa	Quadro teórico-metodológico
1) Caracterizar a trajetória familiar e escolar dos estudantes de ensino médio considerando as suas condições no campo social	Coleta de dados: entrevista semiestruturada (jovens do Plano Piloto, São Sebastião, Brazlândia, Santa Maria, Vicente Pires, Itapoã, Paranoá e Cidade Ocidental-GO)	Triviños: elaboração das entrevistas
2) Analisar mídias televisivas que abordem o ingresso de cotistas em cursos de alto reconhecimento social e a busca de capital cultural midiático para acesso à educação superior, assim como que abordem os estudos durante a pandemia de covid-19	Coleta de dados: mídia televisiva regional, como <i>DFTV</i> , <i>SBT Brasília</i> , <i>G1 Brasília</i> e <i>TV Brasília</i>	Stuart Hall: Codificação/Decodificação
3) Analisar a importância que os jovens dão à utilização das TIC em um cenário de apropriação de capital cultural midiático e também do cenário proposto pela mídia, de suposta defasagem conteudista	Coleta de dados: entrevista semiestruturada (jovens do Plano Piloto, São Sebastião, Brazlândia, Santa Maria, Planaltina, Itapoã e Paranoá)	Triviños: elaboração das entrevistas Michel de Certeau: tática Roger Chartier: apropriação Setton: capital midiático
4) Identificar como são produzidas pelos estudantes a	Coleta de dados: entrevista semiestruturada (jovens do	Pierre Bourdieu: capital cultural Stuart Hall:

construção e reconstrução de discursos sobre o acesso de cotistas à educação superior	Plano Piloto, São Sebastião, Brazlândia, Santa Maria, Planaltina, Itapoã e Paranoá)	Codificação/Decodificação Martín-Barbero: Televisão e mediações
5) Analisar se há uma orientação crítica e perspectiva emancipatória na leitura da mídia ou se ocorre a manutenção da lógica hegemônico-dominante	Coleta de dados: entrevista semiestruturada (jovens do Plano Piloto, São Sebastião, Brazlândia, Santa Maria, Planaltina, Itapoã e Paranoá)	Paulo Freire: Comunicação e cultura Gramsci: Ideologia Jessé Souza: Meritocracia Benedict: Desnaturalização
6) Analisar como os estudantes se relacionam com os estudos em tempo de pandemia, especialmente aquele voltado aos processos seletivos como o Enem, pensando em questões como mérito individual e a aquisição de capital midiático	Coleta de dados: entrevista semiestruturada (jovens do Plano Piloto, São Sebastião, Brazlândia, Santa Maria, Planaltina, Itapoã e Paranoá)	

Nível epistemológico	A visão crítica da sociedade e a desnaturalização e estranhamento dos fatos atravessa toda a pesquisa. A investigação reflete também sobre a orientação crítica, em uma perspectiva emancipatória, na leitura da mídia, ao questionar se esses jovens mantêm a lógica hegemônico-dominante ou se atuam nas brechas da ideologia neoliberal meritocrática. Essa reflexão perpassa outros elementos da pesquisa, quando questiona esses jovens sobre seus discursos, contextualiza e situa a produção midiática e reflete sobre meios que os estudantes de escola pública encontram para disputar o capital cultural ampliado, o capital cultural midiático.
Pressupostos gnosiológicos	Percebemos o contexto como primordial para a construção do objeto, que assume, aqui, uma visão social e histórica. O objeto tem forma diacrônica, e não nos interessa uma análise pontual no quesito temporalidade. Entendemos, também, que é importante relativizar o objeto, que está inserido em vários recortes, como classe social. Essa visão canaliza para uma investigação baseada na sociologia reflexiva de Bourdieu.
Pressupostos ontológicos	A concepção de sujeito é histórica, que entende sua capacidade transformadora da sociedade, que analisa criticamente os diversos textos midiáticos e, assim, mantém uma tendência crítica-emancipatória.
Cosmovisão	Com essa pesquisa, pretendo dar continuidade às reflexões preconizadas pelo Grupo de Pesquisa EducaSociologias, da UnB, bem como contribuir para a construção do conhecimento da área. Além disso, pretendo refletir sobre a formação crítica-emancipatória de jovens. Ao analisar a hipótese e o problema de pesquisa, esperei trazer reflexões, também, sobre o conceito de capital midiático e a luta simbólica das classes populares para disputar espaços, como no contexto do acesso e da permanência na educação superior.

APÊNDICE B: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Você é convidado(a) a participar da pesquisa “*Ela chegou lá*”: *discurso meritocrático e táticas juvenis de apropriação do capital midiático nos estudos*, de responsabilidade da pesquisadora Júlia Mello Schnorr e seu orientador, Prof. Dr. Carlos Alberto Lopes de Sousa, realizada pela Faculdade de Educação da UnB. A finalidade é analisar como os estudantes do 3º ano do Ensino Médio estudam durante a pandemia e entendem a representação sobre a desigualdade social na mídia.

Você tem liberdade de se recusar a participar de qualquer fase da pesquisa, sem qualquer prejuízo. Sempre que quiser, poderá pedir mais informações sobre a pesquisa por meio do telefone da pesquisadora: [suprimido].

A participação nesta pesquisa não traz complicações legais. Nenhum dos procedimentos usados oferece riscos à sua dignidade. As informações coletadas no estudo são anônimas.

Ao participar desta pesquisa, você não terá nenhum benefício direto. Entretanto, espero que o estudo traga informações importantes sobre o tema apresentado. A pesquisadora se compromete a divulgar os resultados obtidos. As informações fornecidas por você serão utilizadas somente para fins de pesquisa e outros trabalhos acadêmicos, inclusive em coautoria ou por outros pesquisadores interessados na temática, com garantia do seu anonimato.

Você não terá nenhum tipo de despesa para participar desta pesquisa, bem como nada será pago por sua participação.

[Citação do nome completo e RG]

Declaro ter sido informado e concordo em participar, como voluntário(a), da pesquisa acima descrita.

Brasília (DF), [data]

APÊNDICE C: Roteiro de entrevista semiestruturada (2020)

Tema: estudar para ser “calouro” em tempos de pandemia: reflexões sobre o mérito individual e o capital midiático

Público-alvo: estudantes matriculados no 3º ano do Ensino Médio na rede pública do governo do Distrito Federal

Objetivo: analisar como os estudantes se relacionam com os estudos em tempo de pandemia, especialmente aquele voltado aos processos seletivos como o Enem, pensando em questões como mérito individual e a aquisição de capital midiático

Reportagem escolhida para assistência prévia à entrevista:

<https://www.youtube.com/watch?v=4GEmW06fajE>

Informações gerais:

- 1) Qual a sua idade?
- 2) Onde e com quem você mora atualmente (quantas pessoas)?
- 3) Qual curso deseja ingressar na UnB?
- 4) Irá tentar cotas? Quais?

Trajectoria escolar, capital cultural e perfil familiar

Você sempre estudou em escola pública?

[**Descritiva**] Quais as coisas que você mais gosta de fazer para descansar durante o distanciamento social?

[**Avaliativa**] De forma geral, você prefere livro ou televisão? Por quê?

[**Descritiva**] Quais livros existem na sua casa? Literatura? Ficção? Religiosos?

[**Descritiva**] Você tem um local de estudo na sua casa? Como ele é?

[**Descritiva**] Qual o seu maior sonho?

[**Avaliativa**] Seus pais querem que você também trabalhe para ajudar nas despesas de sua casa ou em outras necessidades? Por quê?

[**Descritiva/Avaliativa**] A sua família participa ativamente da sua vida escolar? Se sim, de que forma? Se não, por que não participa da sua vida escolar?

[**Descritiva/Avaliativa**] Seus pais fizeram universidade? Se sim, qual curso e instituição? Se não, por que acredita que eles não fizeram universidade?

[**Descritiva/Avaliativa**] Há, entre os seus familiares, alguém que é um exemplo de vida escolar para você? Se sim, qual familiar e por quê?

[**Descritiva/Avaliativa**] Há, entre os seus familiares, alguém que é um exemplo de vida profissional para você? Se sim, qual familiar e por quê?

[**Avaliativa**] Seus familiares e você estão conseguindo realizar o distanciamento social? Como está ocorrendo isso?

[**Descritiva**] Como o covid afetou a sua família, especialmente na questão de renda mensal familiar? Caso tenha afetado, conseguiu o auxílio emergencial? O que você diria que são as principais necessidades da sua família no momento? Essas necessidades já existiam antes da Covid 19? [A ideia de necessidade aqui tem a ver com dinheiro para as despesas de casa e outras que podem aparecer.] O que você apontaria que são as grandes virtudes da sua família? Essas virtudes influenciam você em algo? Se sim, como?

Mérito individual

Você ouve os seus pais falarem que trabalham bastante? Isso exerce alguma influência em sua vida? Se sim, como?

[**Mediata**] Você é de qual classe social? Por que você diz que pertence a essa classe social?

[**Mediata**] Existem outras classes sociais e por que elas existem?

[**Avaliativa**] O que um estudante rico tem que você não tem?

[**Avaliativa**] Isso auxilia ou atrapalha quando se estuda para o vestibular?

[**Consequência**] Você acredita que, com esforço e mérito, uma hora o sucesso vem?

[**Consequência**] O que você acha dessa frase: “se alguém realmente quer correr atrás e lutar, ele pode procurar na internet, estudar em casa, e conquistar uma vaga”?

Capital midiático e estudo para os vestibulares em tempos de covid

[**Descritiva/Avaliativa**] A escola está oferecendo estrutura remota em tempos de pandemia? Quais?

[**Avaliativa**] Você acha essa oferta da escola suficiente para o seu preparo para o Enem e outros concursos? Por quê?

[**Descritiva**] O que mais você sente falta da escola?

[**Avaliativa**] O que você espera da sua escola em tempos de covid?

[**Avaliativa**] O que você tinha na escola que agora, em casa, é difícil ou mais complicado ter acesso?

[**Consequência**] Após a pandemia, você acredita que mais pessoas buscarão o ensino presencial ou o ensino a distância?

[**Descritiva**] Conte mais sobre sua rotina durante a pandemia.

Você tem reservado espaço para estudos?

Você tem assistido às teleaulas do GDF?

Você tem assistido a videoaulas no YouTube, simulados ou sites? Se tem assistido, você assiste e estuda de várias matérias ou tem alguma que você se dedica mais e por quê? Se não tem assistido, por que da sua resposta.

Quais são as condições que mais **favoreceriam** para você **aprender mais** determinado conteúdo escolar?

Quando você faz uso dessas ferramentas e conteúdos que estão na internet para estudar, você sente dificuldades? Se sim, quais são suas dificuldades? Por que essas dificuldades ocorrem?

Para você ter aproveitamento do que está estudando na internet, como você faz para superar sua(s) dificuldade(s)?

De modo geral, o que você estuda pela internet é uma continuidade de um assunto do que estava estudando na escola? Ou é algum conteúdo que você não viu ou que resolveu se antecipar e buscou estudar na internet? Por quê?

Você já sentiu, ao estudar pela internet, que precisava ter aprendido algo antes para poder compreender aquele tema/contéudo que estava na internet? Se sim, dê um exemplo.

Já ocorreu de algum conteúdo que você estava estudando pela internet lhe favorecer a ter um melhor desempenho em alguma avaliação escolar? Se sim, como foi isso?

Como você imagina uma aula, por exemplo pelo YouTube, que atenderia melhor ao jeito que você aprende melhor? Descreva para mim como seria essa aula. Você já encontrou esse jeito que você imagina em algum professor da sua escola?

[**Descritiva**] Você tem condições de pagar um cursinho online? Pensa em fazer isso?

[**Avaliativa/Hipotética**] Muitas escolas privadas estão com o ensino remoto, inclusive para estudantes que estão finalizando o Ensino Médio. Você prevê que esses estudantes terão vantagens no Enem 2020?

Mídia: recepção e reconstrução

Sua família assiste televisão? Você acompanha? O que eles assistem?

Para você, qual a mensagem principal do discurso da mídia nessa reportagem? Você concorda com a mensagem central veiculada pela mídia?

O que você concorda na reportagem? E o que você discorda?

[Consequência] Cite algumas coisas que você mudaria na reportagem assistida. Explique o porquê das modificações.

[Avaliativa] Nessa matéria, um *couch* fala sobre a importância de ter foco e metas nos estudos para o Enem. Como você lida com esses sentimentos durante o período de pandemia? Está conseguindo se concentrar? Se sim, como? Se não, por quê?

[Descritiva] Quando um jovem que estuda em escola pública é retratado na mídia ao estudar para o Enem durante a pandemia, como isso é feito?

[Avaliativa] O mesmo ocorre com o estudante de escola particular? Qual a diferença?

[Mediata] Como você acha que a pandemia pode aumentar a distância entre as oportunidades entre quem está com aulas online e quem estuda na sua escola?

Para finalizar, gostaria de saber se você acredita que o adiamento do Enem trará benefícios para você, em especial. Isso é suficiente, em sua opinião?

APÊNDICE D: Entrevista semiestruturada da reentrada em campo (2022)

- 1) Qual a sua idade hoje?
- 2) Onde e com quem você mora atualmente (quantas pessoas)?
- 3) Qual a sua ocupação atual?
- 4) Se for universitário, usufruiu das cotas? Quais?

Capital cultural e perfil familiar (virtudes)

- 1) [Avaliativa] Você lê livros no formato digital ou impresso? Como você consegue esses livros? Qual dos dois você prefere? Por quê?
- 2) [Avaliativa] Você tem visitado bibliotecas? Você conheceu a biblioteca da sua faculdade?
- 3) [Descritiva] Qual o seu maior sonho?
- 4) [Avaliativa] Sobre trabalho ou estágio: hoje em dia, os seus pais esperam que você tenha uma ocupação assalariada para ajudar nas despesas? Por quê?
- 5) [Avaliativa] O que você diria que são as principais necessidades da sua família no momento?
- 6) [Avaliativa] Essas necessidades já existiam antes da pandemia?
- 7) [Consequência] Virtudes são as qualidades morais de uma pessoa. O que você apontaria que são as grandes virtudes da sua família?
- 8) [Avaliativa] De que forma essas virtudes foram importante durante a pandemia?
- 9) [Consequência] As virtudes da tua família influenciam você em algo? Se sim, como?
- 10) [Avaliativa] Há alguém especial na sua família que te influencie nesse sentido?

Mérito individual

- 1) [Avaliativa] Qual pessoa de sua família é uma grande influência de vida profissional?
- 2) [Mediata] Você convive com pessoas de outras classes sociais? Em qual situação?
- 3) [Consequência] O que você acha dessa frase: “se alguém realmente correr atrás e lutar, ele pode procurar na internet e estudar sozinho”?
- 4) [Consequência] Você acredita que, com esforço e mérito, uma hora o sucesso vem?
- 5) [Avaliativa] Você se esforçou nos últimos dois anos?
- 6) [Avaliativa] Você merece estar onde está?
- 7) [Mediata] Você sente que a universidade é o seu lugar? Você sente que a universidade foi feita para você?
- 8) [Avaliativa] Olhando quem está na universidade, você tem uma vida mais fácil ou mais difícil que seus colegas? Em que pontos?
- 9) [Avaliativa] O que a universidade precisa oferecer para que você consiga permanecer nela? Você já enfrentou alguma dificuldade para continuar estudando?
- 10) [Avaliativa] Quais as principais características dos seus colegas mais próximos na universidade?

Capital midiático

- 1) [Avaliativa] Qual pessoa de sua família é sua principal influência nos estudos?
- 2) [Descritiva] Como está sua vida universitária?
- 3) [Avaliativa] Você tem procurado na internet aulas para complementar o que vê na universidade?
- 4) [Avaliativa] Já aconteceu de você estudar algo pela internet e isso te ajudar a ir bem em algum trabalho ou prova na universidade? Se sim, como foi isso?
- 5) [Avaliativa] Você elabora alguma tática para superar as dificuldades nos estudos?

- 6) **[Descritiva]** Desde que você ingressou na universidade, você mudou sua forma de estudar? Como você estuda hoje?
- 7) **[Avaliativa]** Você tem usado mais ou menos a internet para estudar? Comparando isso com sua vida antes da faculdade, desse tempo pra cá, alguma coisa mudou na forma como você estuda na internet?
- 8) **[Consequência]** Já aconteceu na faculdade de você assistir uma aula, por exemplo, no YouTube, mas que essa aula fosse de conteúdos do ensino médio? Por que você procurou essa aula?
- 9) **[Mediata]** Você sente dificuldade em acompanhar as aulas da universidade?

Mídia: recepção e reconstrução

Reportagens escolhidas para assistência ou leitura prévia à entrevista:







Notícia 1: Lucas <<https://g1.globo.com/df/distrito-federal/bom-dia-df/video/jovem-do-sol-nascente-e-aprovado-para-medicina-na-unb-8262322.ghtml>>

Notícia 2: Maria Clara e Endrio <<https://globoplay.globo.com/v/10572807/>>

- 1) **[Avaliativa]** O que te chama a atenção na notícia sobre o Lucas (notícia 1)? Há algo que você tenha gostado? Algo te incomoda?
- 2) **[Avaliativa]** Na sua opinião, o que levou Lucas a ingressar no ensino superior?
- 3) **[Avaliativa]** Pela notícia, você sabe se Lucas utilizou cotas para ingressar em Medicina?
- 4) **[Descritiva]** Como você resumiria a notícia que conta a história do Lucas?
- 5) **[Avaliativa]** O que você concorda na reportagem? E o que você discorda?
- 6) **[Consequência]** Cite algumas coisas que você mudaria na reportagem assistida. Explique o porquê das modificações.
- 7) **[Avaliativa]** O que te chama a atenção na notícia sobre o Maria Clara e Endrio (notícia 2)? Há algo que você tenha gostado? Algo te incomoda?
- 8) **[Avaliativa]** Na sua opinião, o que levou Maria Clara e Endrio a ingressarem no ensino superior?
- 9) **[Avaliativa]** Pela notícia, você sabe se Maria Clara e Endrio utilizaram cotas para ingressar em Medicina?
- 10) **[Descritiva]** Como você resumiria a notícia que conta a história de Maria Clara e Endrio?
- 11) **[Avaliativa]** O que você concorda na reportagem? E o que você discorda?
- 12) **[Consequência]** Cite algumas coisas que você mudaria na reportagem assistida. Explique o porquê das modificações.

APÊNDICE E: QR Codes das matérias analisadas

A lista a seguir visa facilitar a visualização das matérias analisadas na tese e que estão disponíveis na internet. Para utilizar, basta apontar a câmera fotográfica de seu smartphone e clicar no símbolo quadriculado.

	QR Code
Notícia 1	
Notícia 2	
Notícia 3	
Notícia 4	
Notícia 5	
Notícia 6	

Notícia 7



Notícia 8



Notícia 9



Notícia 10

